

A romantic couple is shown in profile, nearly kissing, with a warm, golden-orange light filter over the scene. The background features a vast field of bright yellow sunflowers in the foreground, leading to rolling green hills under a sky with soft, white clouds. The overall mood is intimate and nostalgic.

Procura-se Pedro

CAMILA ALKIMIM



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Copyright © 2019 Camila Alkimim

1ª edição 2019

Revisão: Expresso das Letras Serviços Editoriais

Capa: Joe Editorial

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Prólogo – \(Des\)Encontro](#)

[Capítulo 1 – Profecia](#)

[Capítulo 2 – Atrasada](#)

[Capítulo 3 – Tempestade](#)

[Capítulo 4 – Atordoada](#)

[Capítulo 5 – Esclarecimentos](#)

[Capítulo 6 – Trabalho em equipe](#)

[Capítulo 7 – Gatinha](#)

[Capítulo 8 – Boa noite](#)

[Capítulo 9 – Mel, canela e girassóis](#)

[Capítulo 10 – Refúgio](#)

[Capítulo 11 – Vida real](#)

[Capítulo 12 – Conselhos](#)

[Capítulo 13 – Ao acaso](#)

[Capítulo 14 – Descoberta](#)

[Capítulo 15 – Equivocada?](#)

[Capítulo 16 – Noivado](#)

[Capítulo 17 – Destino](#)

[Capítulo 18 - Encontro](#)

[Capítulo 19 – Sensações](#)

[Capítulo 20 – Dúvidas](#)

[Capítulo 21 – Identidade revelada](#)

[Capítulo 22 – Respostas](#)

[Capítulo 23 – Jantar a dois](#)

[Capítulo 24 – Doce prazer](#)

[Capítulo 25 – Conhecendo a profecia](#)

[Capítulo 26 – Rotina](#)

[Capítulo 27 – Arrumando a bagunça](#)

[Capítulo 28 – Conhecendo o passado](#)

[Capítulo 29 – Confissões](#)

[Capítulo 30 – Convite](#)

[Capítulo 31 – Visita surpresa](#)

[Capítulo 32 – Em família](#)

[Capítulo 33 – Amanhecer](#)

[Capítulo 34 – Surpresa](#)

[Capítulo 35 – Au revoir](#)

[Capítulo 36 – Escolhas](#)

[Capítulo 37 – Distância](#)

[Capítulo 38 – Dias difíceis](#)

[Capítulo 39 – Recomeço](#)

[Capítulo 40 – Reencontro](#)

[Capítulo 41 – Destino](#)

[Epílogo – Florescer](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outras obras da autora](#)

Sinopse

Mariana não procurava por amor. Ao menos até ouvir uma previsão misteriosa: ela se apaixonaria por Pedro. Mas... que Pedro? Ela não conhece nenhum!

Por causa disso, de garota sem neuras, Mari passa, sem perceber, a ser uma pessoa em busca de um nome. Nessa complicada jornada, ela conhece Bernard. Um cara doce e enigmático que faz seu coração bater acelerado e a deixa encantada. Mariana sabe que a tal previsão pode ser uma grande furada e ela deveria esquecê-la, mas tente dizer isso para alguém que apesar de tudo, ainda acredita no amor.

*Dedico essa história à todos
que acreditam que há um porquê
para cada coisa que acontece
em nossas vidas.*

Prólogo

(Des)Encontro

— Merda, merda, merda — resmunguei após olhar as horas na tela do celular e ver que já estava atrasada.

Saltando da cama imediatamente, segui às pressas para o banheiro. Depois de lavar bem o rosto, escovar os dentes e aliviar a bexiga em tempo recorde, voltei para o quarto e me liberei do confortável pijama que vestia, substituindo-o por um conjunto de academia.

Mesmo depois de guardar em minha mochila tudo que eu precisaria para sobreviver a esse dia que já estava começando todo errado, algumas coisas ainda ficaram de fora, e sem ter outra alternativa devido ao pouco tempo que me restava, empilhei tudo em meus braços e parti.

Agradecendo ao universo pelo simples fato de não estar caindo uma chuva torrencial, embora o sol quente logo nas primeiras horas da manhã também não fosse lá muito convidativo, chequei mais uma vez o relógio em meu pulso e respirei aliviada por ainda estar dentro do tempo limite que eu havia imposto.

Embora meus olhos cor de chocolate não fossem tão sensíveis à luz quanto outros mais claros costumavam ser, coloquei os óculos escuros no rosto, que também me ajudaria a esconder o fato de que acabara de acordar, e segui caminhando rapidamente.

Diferente do que imaginei que encontraria, a estação de metrô estava mais lotada do que o normal para o horário, com pessoas cruzando o caminho das outras às pressas, exatamente como eu fazia. Ao passar as catracas, ouvi um

trem se distanciar da plataforma, então passei a descer com rapidez e agilidade os degraus da escada rolante, que parecia levar uma eternidade para chegar ao andar de baixo.

Após três lances de escada, que já nem me resultava em uma respiração ofegante, parei em um ponto da plataforma, calculando quão próxima eu estaria das escadas de minha estação de desembarque. Esse era apenas um dos muitos instintos de sobrevivência que eu havia desenvolvido ao longo dos anos vivendo na grande metrópole.

Como esperado, o próximo trem não tardou a chegar e assim que encontrei um lugar vago para me sentar, me permiti dar o mínimo de atenção à minha aparência, até então negligenciada. Usando o reflexo da janela à minha esquerda como espelho, pentei com os dedos os fios acobreados de meu cabelo e sem ter muito o que fazer para controlar o volume causado pela umidade do ar, passei a trançar os fios, enquanto o trem seguia seu caminho.

Quando o sinal sonoro soou algumas estações mais adiante, enrosquei as alças da mochila em meus ombros, apanhei as pastas que vinha carregando desajeitadamente em um dos braços e me posicionei próxima a saída. No instante em que as portas se abriram, me adiantei para fora do vagão e tomei o caminho em direção às escadas, que não se encontravam muito longe, mas em meio a uma estação cheia e movimentada, com pessoas que pareciam estar tão apressadas quanto eu naquela manhã, acabei me chocando em alguém e derrubando minhas pastas.

— Me desculpe — falei alto, para que o homem abaixado a alguns passos de distância pudesse ouvir. — Eu saí tão apressada que fui descuidada — esclareci, terminando de recolher minhas coisas.

— Acontece — disse tranquilamente, enquanto um sorriso discreto despontava em seus lábios. — Acho que isso é seu.

Estendeu uma caneta marca texto rosa neon em minha direção.

Tentando alcançá-la em meio aos passantes, me estiquei como pude, ganhando alguns olhares feios por estar atrapalhando. Assim que consegui

segurar o objeto, senti nossos dedos se tocarem. A partir desse mínimo contato que fez a minha pele formigar, uma corrente elétrica subiu por meu braço, e se espalhou por meu corpo, me fazendo encará-lo com surpresa.

Devido à sombra projetada em seu rosto a partir da aba do boné, não pude confirmar em seu rosto se ele também havia sentido aquilo, mas a julgar por seu sorriso simpático, que agora havia se ampliado e me deixava ver seus dentes brancos bem alinhados, apenas eu havia sido afetada por nosso contato.

— Muito obrigada.

Incapaz de desviar o olhar de seus lábios, lhe agradei em um murmúrio ao colocar a caneta dentro de uma das pastas recém recolhidas.

— Tenha um bom dia — desejou com um meneio de cabeça, ainda sustentando o sorriso, enquanto se virava e retomava seu caminho em direção ao vagão, sem esperar por uma resposta. Depois de recomposta, segui para as escadas, desejando silenciosamente o mesmo a ele.

Capítulo 1

Profecia

De olhos fechados, absorvendo o barulho da água que caía sobre as pedras e fluía livremente, bem como os sons da natureza que agora eram acompanhados por uma flauta e uma batida rítmica, eu quase era capaz de acreditar que com um simples estender de mãos eu poderia sentir a água fresca correndo por entre meus dedos, algo que na realidade estava longe de ser possível, visto que eu me encontrava trancada em uma sala, no sexto andar de um prédio, bem no coração da Avenida Paulista.

Após uma longa hora meditando no mais absoluto silêncio, que era quebrado apenas pelos sons naturais provindos do sistema de som, a voz tranquila da professora que liderava o pequeno grupo se fez audível, nos trazendo de volta à realidade. Ao abrir os olhos, me deparei com o sorriso pacífico e o olhar bondoso da mulher sentada a uma curta distância, ainda na posição de lótus, com suas mãos unidas diante de si.

Sentindo-me renovada, algo completamente diferente de como havia chegado ali, levantei-me junto com os demais, fiz uma mesura de agradecimento e me afastei, indo em direção ao pequeno vestiário, onde meus pertences encontravam-se guardados. Depois de substituir as roupas confortáveis por uma calça social preta e uma camisa de seda verde escuro, fiz uma maquiagem rápida apenas para me manter apresentável, apanhei minhas coisas e então retornei ao espaço amplo, onde realizávamos as nossas aulas.

Quando me aproximei da saída, pronta para deixar a tranquilidade e retornar ao caos da cidade, fui interceptada por Glória, a professora, que ainda sustentava um sorriso tranquilo, dessa vez, direcionado exclusivamente a mim.

— Você está saindo daqui radiante, Mariana, porém, para se manter assim, é preciso rever alguns aspectos do universo que lhe rodeia. Você poderia

me dizer quem é Luciana?

Ligeiramente surpresa por sua abordagem, levei alguns segundos para conseguir absorver suas palavras e então lhe responder:

— Uma colega de trabalho. Não somos amigas, mas temos um bom relacionamento. Há algo de errado? — perguntei de repente, espantada, ao me dar conta que jamais havia mencionado tal nome para a mulher diante de mim.

— Ela lhe admira muito por sua competência, tanto que isso se torna ciúmes e inveja, duas coisas que acabam por lhe fazer mal. Tenha cuidado, menina, seu brilho pode incomodar — disse cautelosamente, tomando minhas mãos entre as suas, enquanto voltava a sorrir. — E quanto ao Pedro, poderia me falar sobre ele?

— Ok, serei cuidadosa — garanti. — Bem, quanto a alguém chamado Pedro, essa é uma pergunta que não posso responder. — Sorri com diversão. — Não há nenhum Pedro em minha vida! — Dei de ombros, achando graça da situação.

— Certo, de qualquer maneira, sugiro que mantenha seus olhos e o seu coração abertos, ele surgirá em breve, trazendo para a sua vida a mesma alegria que um dia de sol é capaz de despertar — declarou, sustentando um olhar sábio, antes de me envolver em um abraço reconfortante.

— Muito obrigada por seus cuidados, Glória — admirei seu seu rosto bondoso.

— Ah, mais uma coisa que você precisa saber, Mariana, o universo sempre encontra uma maneira de devolver tudo aquilo que está em sua posse e que nos pertence. Basta saber esperar. — Orientou, antes de se voltar para dentro da sala.

Enquanto corria contra o tempo mais uma vez a caminho do metrô, não houve um único segundo do qual fui capaz de me desligar das palavras ditas ainda a pouco pela senhora. Quando finalmente me acomodei em um canto vazio no interior do vagão, suspirei de alívio por ter conseguido, ao mesmo tempo em que torcia para que as surpresas do longo dia que estava por vir, houvessem

terminado.

Após uma breve viagem de metrô, uma curta caminhada e uma parada muito necessária na padaria da esquina para um café da manhã improvisado, eu finalmente avistei o prédio espelhado no qual trabalhava. Subindo apressada os degraus da entrada, atravessei o saguão a passos rápidos e se não estivesse tão tensa por estar doze minutos atrasada, teria sorrido de alívio ao encontrar o elevador no térreo, quase como se estivesse esperando por mim.

Graças a tecnologia do mundo moderno, a subida até o sétimo andar não demorou mais do que alguns segundos, o que me deixou muito aliviada, uma vez que eu mal estava conseguindo lidar com a bolsa pesada nos ombros, pastas escorregando de um dos meus braços e um copo de café fumegante em uma das mãos.

— Se eu não conseguir voltar para casa no final do dia por conta de alagamentos, saiba que a culpa é toda sua! — acusou Grazi, assim que atravessei a porta da sala que nós dividíamos.

— Bom dia para você também, Graziela, posso saber o motivo disso? — questionei minha amiga, enquanto me livrava de todo peso que vinha carregando.

— Devo me preocupar com uma invasão zumbi? Pra quem nunca se atrasa, treze minutos é um bom tempo.

O arquear de sobrancelhas e o sorrisinho de canto deixavam bem claros a provocação.

— Nem me fale em atraso! — resmunguei, sorvendo um gole de meu café. — Depois que terminei com os contratos que Roberto me pediu para analisar, fiquei revirando na cama por horas até pegar no sono. Além disso, troquei toda a minha programação matinal, então, não me atrasar teria sido um milagre.

— Você anda tão sobrecarregada, espero que Roberto contrate logo um novo analista. Preciso ter minha amiga de volta — lamentou, exagerando no drama.

Depois de concordar com apenas um meneio de cabeça, bebi mais um gole de café e apanhei minha agenda no alto da pilha de coisas que eu passara parte da manhã carregando, mas ao abrir a capa, e ir em busca da página marcada com a data de hoje, parei, pois o que estava diante de mim poderia ser qualquer coisa, menos minha agenda.

— O que foi, Mari?

Graziela esticou o pescoço por cima da tela diante de si.

— Minha agenda — balbuciei, com os olhos arregalados, virando uma página por vez, sem acreditar no que estava vendo.

— O que tem? Derramou café?

Sem esperar por uma resposta, ela se levantou e caminhou até o lado da sala onde eu estava.

— Pior, Grazi, muito pior... — Choraminguei. — Ela sumiu! — declarei em choque, sem desviar os olhos das páginas recobertas por uma letra que definitivamente não era a minha.

— Fica calma, Mari, você deve ter se confundido durante a correria para sair de casa e pego algum caderno antigo.

Respirando fundo enquanto tentava entender como aquele caderno havia se misturado com as minhas coisas, recordei do esbarrão de mais cedo no metrô, onde não apenas meus pertences haviam ido ao chão, como os do desconhecido também, e então entendi que no meio da confusão, nós havíamos trocado os objetos.

— Eu preciso encontrar o cara do metrô! — Folheei as primeiras páginas da agenda em busca de algo a mais.

— Eu não estou entendendo é nada, Mari, do que você está falando? — perguntou, ocupando a cadeira diante de minha mesa.

Sem interromper minha busca por qualquer coisa que pudesse me levar ao proprietário daquele objeto, contei rapidamente a Grazi sobre o incidente na estação de metrô, e quase não contive um grito de felicidade ao encontrar um número de telefone na última página. Afirmar que aquele era o contato do rapaz

em questão, seria um equívoco de minha parte, mas ainda assim, me vi tomada por uma onda de esperança enquanto discava.

Eu precisava recuperar minha agenda.

Capítulo 2

Atrasada

Eu não me atrasava.

Nunca.

Mas pela terceira vez nesse dia eu estava atrasada, e Grazi me mataria por isso.

Caminhando em passos rápidos, como se a minha vida dependesse de estar presente naquele lugar, naquele exato momento, sequer tentei conter o suspiro de alívio que escapou de meus lábios quando finalmente parei diante da elegante fachada do Provence, um restaurante francês, inaugurado há pouco mais de dois anos em um dos bairros mais elegantes da capital.

Depois de fazer uma pausa rápida nas escadas para substituir a sapatilha confortável por meus saltos elegantes, ajeitei meus cabelos acobreados que provavelmente estavam uma bagunça, e segui adiante em direção a entrada, sendo recebida pela hostess logo depois.

Nessa noite em particular o restaurante encontrava-se fechado ao público e disponível apenas para reservas especiais, o que garantiria total exclusividade a Graziela e eu durante a próxima hora, na qual realizaríamos a degustação de um menu diferenciado, proposto pelo chef para ocasiões especiais.

Tendo sido essa a escolha de primeiro encontro que Matheus tivera para levar Grazi quando se conheceram, não era de se estranhar que esse mesmo lugar fosse escolhido por ela para formalizarem seu noivado, dentro de algumas semanas.

— Eu sei, eu sei, não me mate! — pedi, antes mesmo que ela tivesse a chance de dizer algo.

— Caramba, Mari, você está num dia daqueles hein. Por que essa demora? — Me fuzilou com seus olhos castanhos enquanto eu me aproximava mais da mesa.

Ignorando seu semblante que variava entre preocupação e irritação, aproveitei para pegar um dos palitinhos de tomate cereja com queijo Roquefort que já estavam sobre a mesa, prontos para serem petiscados, enquanto me acomodava em frente a ela. Sendo eu a pessoa mais pontual do mundo, e que exigia o mesmo de minha amiga, era até justificável e compreensível sua reação diante de meu deslize.

Como Grazi bem gostava de lembrar, eu era a organizada de nós duas, a que nunca se atrasava, a que tinha absolutamente tudo programado, um dos motivos pelo qual ela havia me escolhido para ser sua madrinha, além é claro dos anos de amizade, que teve início logo em nosso primeiro dia de aula na faculdade, há muito tempo atrás, quando juntas enfrentamos o trote dos veteranos e saímos de lá cobertas de tinta colorida da cabeça aos pés.

— Desculpe, eu já estava com o pé na porta do escritório, mais do que pronta para sair, quando Roberto decidiu que eu precisava revisar a papelada da transação que está em andamento. Sorte sua ter saído da sala a tempo, ou também estaria de castigo.

Sendo minha colega de trabalho e conhecendo a má fama de nosso chefe tão bem quanto eu, Grazi concordou com um aceno enquanto ajeitava uma mecha de seu cabelo claro atrás da orelha.

— Deus me livre, eu inventaria o que fosse para não perder esse jantar — declarou, negando com um aceno. — Hey, você conseguiu falar no número que encontrou anotado na agenda? — perguntou, ao me ver checando o celular.

— Não, nada. Nas poucas vezes que tentei ligar, foi direto para a caixa de mensagem, como se estivesse desligado. Eu preciso da minha agenda, Grazi — lamentei, pegando mais um espetinho de queijo e tomate.

— Eu sei, eu sei... Bem, a única alternativa que consigo pensar é você enviar uma mensagem para esse número.

— Ah meu Deus, Grazi, você é uma gênio! — exclamei, verdadeiramente agradecida por sua ideia.

— Tudo bem, você pode me agradecer depois, com uma caixa de chocolates. — Piscou. — Mas por ora, vamos deixar isso de lado. O chef Lessard já veio até a mesa se apresentar e fazer uma breve introdução do que está por vir. Você perdeu um verdadeiro espetáculo.

Exibiu um sorrisinho insinuante enquanto ajeitava o guardanapo de linho sobre seu colo.

— Para quem está prestes a ter uma aliança no dedo, a senhorita me parece muito assanhadinha — provoquei, enquanto apanhava outro aperitivo disposto sobre a mesa, ganhando como resposta um revirar de olhos e um sorriso travesso.

— Você diz isso porque não viu o conjunto completo de olhar sedutor e sorriso brilhante, embrulhados em uma dólmã impecável, que por sinal lhe cai muito bem. Seria um verdadeiro banquete para você, que é uma moça solteira.

Antes que eu tivesse a chance de dar a ela uma réplica e pudesse repetir mais uma vez o que Glória me dissera pela manhã, sobre eu estar à espera de um “Pedro”, dois garçons perfeitamente alinhados em suas vestes se aproximaram de nossa mesa e enquanto um colocava diante de nós os pratos com as entradas, o outro preencheu metade de nossas taças com vinho.

Mesclando sabores da clássica culinária francesa com técnicas moleculares, o Provence havia conquistado sua primeira estrela Michelin cerca de um ano após a inauguração do espaço.

Eu só havia estado aqui uma única vez, durante um encontro, assim como minha amiga, mas diferente do que aconteceu com ela, o jantar em questão acabou por ser o ponto mais alto daquela noite, uma vez que os únicos orgasmos que consegui na companhia daquele homem que eu sequer lembrava o nome, haviam sido os gastronômicos, proporcionados obviamente pelo chef e não por

meu acompanhante.

— Huuum — murmurei baixinho, tentando não soar deselegante. — Eu deveria me recompensar com comida boa como essa mais vezes.

— Tão bom quanto um orgasmo — completou, como se houvesse lido meus pensamentos.

Sem qualquer necessidade de mantermos uma conversa, Grazi e eu saboreamos em silêncio o belíssimo e delicioso Tartare de Salmão servido como entrada, enquanto meu paladar trabalhava avidamente para descobrir todos os temperos ali presentes. Cerrando os olhos por um instante e apreciando a mistura de sabores e texturas, mal pude conter a minha ansiedade em pensar qual a próxima surpresa o menu nos reservava.

Ao longo da hora seguinte, nós compartilhamos de uma experiência gastronômica incrível, algo único, como eu jamais havia provado em meus vinte e seis anos de vida. Naquele momento a sensação era de que eu havia tocado o céu, após desfrutar um verdadeiro banquete dos deuses.

— Eu poderia facilmente me casar com essa mousse de chocolate com canela — declarei, levando mais uma colherada à boca e murmurando de contentamento.

Escolhendo um momento inoportuno para se manifestar, meu celular passou a tocar dentro da bolsa, interrompendo meu pequeno instante de prazer. Embora nosso jantar já estivesse prestes a terminar, com direito a mais uma visita do chef, como Grazi fez questão de ressaltar para mim, não pude ignorar a ligação.

Me agarrando por um breve segundo à esperança de que fosse o dono da agenda retornando a minha chamada, acabei com um balde de água fria sobre mim quando li o nome de meu superior escrito em letras grandes na tela.

— Roberto — disse ao me levantar, e deixar Graziela para trás, com cara de poucos amigos.

Caminhando a passos rápidos sobre o impecável piso de madeira, que fazia o clique de meus saltos soarem altos demais devido aos poucos sons

presente no ambiente, me afastei da mesa que ocupávamos e segui em direção à saída para ter mais privacidade, uma vez que eu sabia sobre as chances de alterar ligeiramente meu tom de voz durante a chamada.

Eu ainda discutia ao telefone, caminhando de um lado para outro, tentando usar os últimos resquícios de minha paciência para explicar ao meu chefe uma das cláusulas que lhe deixavam dúvida no contrato, quando minha amiga apareceu ao meu lado, trazendo consigo a bolsa que havia sido deixada para trás quando saí às pressas.

— Roberto, desculpe, estou chegando no metrô, como a transação não será realizada essa madrugada, posso esclarecer as dúvidas restantes logo pela manhã. Boa noite. — disse com impaciência, encerrando a ligação logo depois e voltando minha atenção para Grazi. — Sério que já terminou? Eu sequer pude vê-lo! — choringuei, enquanto substituía o sapato elegante pelas sapatilhas e os guardava em minha bolsa.

— Não se preocupe, muito em breve você terá a oportunidade de ver aquele belo homem. Está decidido, eu fechei com ele para o jantar de noivado.

Me direcionando um sorriso brilhante, quase como uma promessa, caminhamos juntas em direção ao metrô, que ficava a poucas quadras de distância.

Diferente dos dias em que chegávamos à estação em pleno horário de pico e tínhamos que nos despedir antes mesmo de alcançar a escadaria, com o horário avançado da noite, já próximo das oito horas, nós avançamos juntas para dentro da estação, enquanto discutíamos sobre o jantar.

Seguindo para diferentes direções da cidade a partir daquele ponto, permanecemos paradas no meio da plataforma enquanto esperávamos pacientemente pela vinda da próxima composição.

— O que você está fazendo, Mari? — disse Graziela em um tom divertido.

Sem que eu percebesse, minha atenção havia se desviado de minha amiga e recaído em um homem parado mais à frente na plataforma. Vestido com

um elegante terno azul escuro, o homem de cabelo e barba bem aparados segurava uma pasta de couro em uma das mãos enquanto encarava pacientemente a escuridão do túnel por onde a composição surgiria. Inconscientemente me perguntei se ele poderia ser o Pedro.

— Desculpe, eu só estava pensando demais.

Me sentindo tímida ao ser flagrada em um devaneio, lhe dei um sorriso discreto enquanto deixava de encarar o homem e voltava minha atenção para ela.

— É por causa do tal Pedro? Ele vai aparecer, você só precisa aprender a esperar o momento certo.

— Sim, Glória disse algo sobre isso — concordei, sabendo que ela estava certa.

Embora Grazi fosse minha melhor amiga, eu havia omitido algumas partes do que a senhora me dissera, então vez ou outra ao longo do dia eu precisei desviar o assunto, quando ela tentou fazer novas perguntas.

— Talvez as coisas não aconteçam de maneira tão óbvia, Mari — ponderou, dando de ombros. — Não perca as esperanças tão rápido, mas não persiga isso como quem busca um pote de ouro no final do arco-íris, deixe as coisas acontecerem em seu curso natural.

— Ah Grazi, se você soubesse o quanto isso é difícil — suspirei, tentando acalmar minha inquietação, causada não apenas pela profecia, como também pela perda de meu objeto estimado.

Sendo ela a portadora dos melhores e mais sábios conselhos, em sua maioria, agradei as palavras otimistas oferecidas por minha amiga no exato instante em que os vagões adentraram na estação. Nós nos despedimos com um abraço rápido e seguimos para lados opostos da plataforma. Quando o sinal sonoro anunciou que o metrô estava prestes a partir, acenei para ela através da janela uma última vez, e então o vagão entrou no túnel escuro.



Após um dia tão intenso quanto esse havia sido, eu poderia jurar que não havia nada melhor do que a sensação de voltar para casa. Tendo como prioridade um bom e merecido banho, atravessei o apartamento imerso na penumbra e segui até meu quarto.

Depois de colocar meus pertences sobre a mesa de trabalho que havia no cômodo, retirei o celular da bolsa e o encarei, na esperança de ter qualquer sinal do homem que eu buscava. Doce ilusão a minha. Dando a ele mais uma chance, tentei uma nova chamada, que assim como as anteriores foi direcionada imediatamente para a caixa de mensagens.

Sentindo-me tão frustrada quanto no momento em que notei a minha perda, salvei em meus contatos o número para o qual havia tentado ligar diversas vezes. Depois, abri o aplicativo de mensagens e busquei por seu contato, nomeado como “Cara do metrô”. Em um ímpeto de raiva e frustração, uma combinação muito perigosa, digitei:

“Se você é o cara em quem esbarrei no metrô, acho que estou com algo que te pertence”.

Impaciente demais para esperar por uma resposta, que talvez nem viesse, me liberei ali mesmo das roupas usadas ao longo do dia com a promessa de que depois as recolheria, segui para o banheiro, e por fim, me coloquei sob o agradável jato do chuveiro, sentindo meu corpo relaxar. Isso era tudo que eu precisava.

Capítulo 3

Tempestade

Depois de conectar o celular sem bateria ao carregador, vesti uma camiseta confortável e uma calcinha limpa, recolhi as roupas sujas, organizei a bagunça que havia deixado quando saí pela manhã e ainda assim, me vi sem sono. Sem ter muito o que fazer enquanto o cansaço não me vencia, me rendi a curiosidade que havia me tentado por todo o dia, e retirei de dentro de minha mochila a agenda do estranho.

Me acomodando de bruços na cama, parei por um instante, considerando se deveria ou não fazer mesmo aquilo, afinal de contas, estaria invadindo a privacidade dele. Quando cheguei à conclusão de que aquele desconhecido possivelmente faria o mesmo com a minha agenda, isso se ela estivesse realmente em sua posse ao invés de perdida pelo metrô, abri a capa preta e comecei a folheá-la.

Sem saber o que encontraria ali, uma vez que estava nervosa demais hoje de manhã para notar o conteúdo, fui surpreendida ao me deparar com anotações que iam além de compromissos comuns, como frases, receitas, reflexões e letras de músicas, que me instigaram a seguir olhando a próxima página.

Em algum momento enquanto verificava a agenda acabei adormecendo, e quando despertei, a claridade da manhã já atravessava a cortina do quarto. Com a respiração superficial, o coração pulsando em um ritmo acelerado e a sensação de vazio no peito, encarei o teto do meu quarto por alguns instantes até que eu fosse capaz de me situar no tempo e espaço em que estava.

Mesmo após sair da cama, me arrastar até o banheiro e lavar o rosto com água fria o suficiente para me fazer despertar, eu ainda podia sentir uma inquietação, uma angústia, era como se me faltasse algo ou alguém. Sem muito tempo a meu dispor para analisar a situação na qual eu me encontrava e tentar compreender aqueles sentimentos confusos, ajeitei meus cabelos em um rabo alto de maneira simples, e segui em direção a cozinha. Eu precisava urgentemente de um café.



Sendo nascida e criada na chamada terra da garoa, era de se esperar que eu já estivesse acostumada ao clima instável da cidade, mas esse era um pensamento muito errado. Entrar em uma estação de metrô logo pela manhã, sob um céu azul e termômetros registrando 23°C, e sair logo mais adiante sob um céu escuro de uma tempestade iminente não é algo que deveria ser considerado normal, e por isso me vi forçada a correr para debaixo da marquise de um prédio qualquer, quando o céu começou a despejar uma forte chuva sobre minha cabeça, acompanhada de um vento nada modesto do qual meu guarda-chuva não seria páreo.

Sem ter muito o que fazer, permaneci ali, parada junto a um estranho que havia se juntado a mim poucos segundos depois, e que vez ou outra eu flagrei me encarando através de minha visão periférica.

— Às vezes tenho a sensação de que São Pedro tem algum problema pessoal comigo — disse o rapaz ao dar de ombros, atraindo minha atenção.

— Ah, é? Ele tem aprontado muitas travessuras desse tipo com você?

Achando graça de seu comentário que parecia ser muito sincero, como se ele realmente acreditasse naquilo, desviei o olhar logo em seguida, tentando conter o sorriso.

— Mais do que eu gostaria. — Revirou os olhos. — Espero que não demore a passar, hoje é um dia importante, não posso me atrasar para o trabalho.

— Vamos torcer, por você e por mim. — Sorri de leve para o belo homem, tentando soar otimista. — Tenho uma reunião marcada para daqui há trinta minutos. Meu chefe não ficaria nada feliz se eu não aparecesse.

— É apenas uma chuva de verão, não deve durar muito, o sol já está querendo aparecer novamente — Ele sinalizou o céu mais adiante, onde os raios do sol escapavam por entre as nuvens.

— Acho que uma vida toda morando aqui, não vai ser o suficiente para que eu me acostume com o tempo maluco.

Notando que estávamos presos ao que eu considerava o maior clichê do universo, uma conversa sobre o clima, não pude evitar sorrir, enquanto acenava em concordância para o que ele dizia.

Ao retirar o celular de minha bolsa para checar as horas, fui surpreendida pela notificação de uma mensagem do “Cara do metrô”. Mais curiosa do que nunca, sequer cogitei a possibilidade de deixar para ler depois que estivesse instalada em minha sala.

“Se tratando de uma gatinha como você, com esses belos olhos azuis hipnotizantes, só posso deduzir que você está falando do meu coração.”

Olhos azuis hipnotizantes? Gatinha? De onde ele havia tirado isso? Incapaz de encontrar qualquer sentido em sua mensagem, reli novamente suas palavras, que mais uma vez me pareceram desconexas, quase como se houvessem sido enviadas por engano. Prestes a lhe responder com centenas de interrogações, fui interrompida pelo homem parado próximo a mim:

— Vai para que lado? — perguntou ele, me fazendo perceber que a chuva finalmente havia cessado e que enfim poderíamos seguir adiante.

— Para lá!

Apontei em direção à rua que se estendia à minha direita após guardar o celular novamente na bolsa. A resposta ao estranho teria que esperar por mais algum tempinho.

— Seria um problema se eu lhe acompanhasse? Estou indo na mesma direção que você.

Vivendo em uma cidade grande, onde os índices de assalto e violência contra mulher eram altíssimos, era de se imaginar que eu declinaria tal oferta vinda de um completo estranho, mas a breve conversa que tivemos sob a marquise me passou confiança o suficiente para aceitar, e por isso passamos a caminhar lado a lado na rua movimentada, enquanto seguíamos falando sobre coisas aleatórias, que não lhe revelavam nada pessoal demais.

Embora o simpático e belo rapaz não tivesse me dado qualquer motivo para desconfiança até o presente momento, passei a cogitar a possibilidade de entrar em um prédio qualquer, apenas para despistá-lo, mas antes que eu de fato conseguisse agir, paramos diante de meu destino, e por um instante fiquei sem saber se havia sido eu ou ele que havia interrompido a caminhada.

— Chegamos a minha parada. — Ele sinalizou o prédio às nossas costas.

Surpresa pela coincidência, não consegui evitar sorrir enquanto lhe dizia que aquela também era a minha parada.

— Então, que sorte a minha — declarou, dando um passo para o lado, e sinalizando a porta de vidro espelhado, para que eu tomasse a frente. Adentrando no prédio comercial, que abrigava o escritório de diversas empresas ao longo de seus doze andares, caminhamos juntos em direção aos elevadores.

Uma nova onda de surpresa nos atingiu quando ambos tentamos pressionar ao mesmo tempo o botão do sétimo andar, no qual apenas a empresa para qual eu trabalhava encontrava-se instalada.

— Quem poderia imaginar — comentei, recostada próxima a porta, achando graça da situação.

— Colegas de trabalho... — negou com um leve aceno sem desviar os olhos de mim — Espero que a política da empresa não seja contra a boa relação entre os colaboradores. — Piscou, um instante antes de as portas se abrirem e revelarem o pequeno lobby, todo em tons claros, com o nome da empresa gravado em letras cursivas pretas na parede diante de nós.

Ligeiramente confusa se aquilo havia sido um flerte ou apenas um comentário divertido, sorri sem jeito, sentindo minhas bochechas corarem

levemente.

Prestes a seguir meu caminho usual pelo longo corredor ladeado de escritórios, me detive por um instante quando notei que ao invés de me acompanhar, ele permanecia parado junto ao balcão da recepção, ocupado por Janaina. Após trocarem algumas palavras, ininteligíveis para mim dada a distância, ele atravessou o espaço que nos separava, e parou diante de mim.

— Nós ficamos presos por conta da chuva, caminhamos juntos alguns quarteirões, subimos de elevador até o mesmo andar e eu ainda não consegui descobrir o seu nome.

Seu tom de voz e o sorriso amplo me mostraram o quanto ele estava se divertindo com toda essa situação.

— Ah, me desculpe, eu apenas não confio tão facilmente para me apresentar a um completo estranho — admiti dando de ombros, tentando não parecer paranoica demais — Prazer, Mariana. — Completei com um sorriso amistoso, enquanto lhe estendia a mão.

Me encarando com o que eu supunha ser curiosidade, ele tomou minha mão entre a sua, e declarou:

— Prazer, Pedro.

Capítulo 4

Atordoadada

Eu nunca havia sido atingida por um raio em minha vida, mas naquele instante, arriscaria dizer que a sensação deveria ser minimamente parecida com o que eu senti após ser apresentada a Pedro.

Trancada dentro do banheiro a fim de me recuperar da travessura que o universo havia aprontado, me sentei sobre a tampa da privada e coloquei em prática os exercícios de respiração ensinados por Glória.

Assim que o nome “Pedro” escapou de seus lábios, senti minhas pernas amolecerem, a garganta fechar e a mente nublar, enquanto minhas mãos tremiam. Aparentemente o encontro havia me deixado em choque, o que dificultou ainda mais a tarefa de chegar ao banheiro sem me espatifar no meio do corredor.

De olhos fechados, tentando ser o mais racional possível, pouco a pouco consegui controlar o meu batimento cardíaco e desanuviar a mente.

“Isso só poderia ser um sonho, afinal de contas, encontros assim só aconteciam em livros de romance, nunca na vida real, certo?”, foi o que eu disse para mim algumas vezes, tentando me convencer. Mas aparentemente eu estava enganada todo esse tempo, porque nós finalmente havíamos nos encontrado.

Sentindo-me totalmente recuperada, ou algo perto disso, lavei minhas mãos na água fria, que aproveitei para espalhar por minha nuca, e então deixei meu esconderijo nada glamouroso para voltar ao mundo real.

— Roberto já veio... Que cara é essa? Parece até que viu um fantasma —

declarou Graziela, parecendo preocupada.

— Pedro.

Incapaz de formar uma frase coerente, apenas repeti o nome que havia se instalado em meu cérebro.

— O que tem ele?

— Eu acho que o encontrei... — disse baixo, deixando a frase morrer enquanto buscava por uma distração.

Atravessando a sala que dividíamos, Grazi puxou a cadeira diante de minha mesa e se sentou. Com os olhos atentos pregados em mim, ela me estudou por todo o minuto seguinte, enquanto eu retirava de dentro de minha bolsa as pastas de documentos que eu precisaria em breve, e ocupava meu lugar na cadeira confortável.

— Ok, vamos começar do começo. Bom dia Mari, como você está? Será que você pode me explicar direito essa história? Hey, não faça careta para mim. — Bufou, antes de cruzar os braços sobre o peito, um sinal de que ela não sairia dali enquanto eu não lhe respondesse tudo que havia me perguntado.

Repetindo um dos exercícios de respiração, fechei os olhos brevemente, inspirei, soltei um pouco do ar pela boca, fiz uma pausa rápida e então soltei o restante do ar em meus pulmões. Após repetir esse processo quatro vezes, eu já sentia meus batimentos cardíacos controlados e minha mente funcionando de maneira mais coerente.

Ao abrir os olhos, encontrei minha amiga exatamente na mesma posição, me encarando com toda paciência do mundo, como se não houvesse uma pilha de relatórios esperando por ela em sua mesa.

— Oi Grazi, bom dia. Estou bem, obrigada, e quanto a você? — Forcei um sorriso. — Eu acabei de conhecer um Pedro, e sinceramente? Ele me parece ter grande potencial para ser O Pedro.

— Deixe de me enrolar e conte tudo de uma vez, Mariana!

Bastou um único olhar em sua direção para concluir que seria apenas impossível me livrar de seu olhar sem colocar tudo para fora, então disse a ela

rapidamente o que havia acontecido no caminho do metrô até o trabalho e quando terminei, seu queixo quase encostava em minha mesa, tamanho seu espanto.

— É ele! — disse animada, um pouco alto demais.

— Talvez seja, talvez não, eu não sei. Nesse momento a minha única certeza é que devo ter parecido uma louca. Depois que ele se apresentou, eu fiquei encarando-o, até cair na real do que estava fazendo, soltar sua mão e fugir pelo corredor, tentando colocar o máximo de distância possível entre nós. Eu achei que estava tendo uma síncope.

— Ele vai superar — declarou, antes de finalmente se levantar — Nada como um pouco de ação para começar bem o dia. — Piscou, indo para sua mesa. — Ah, o Roberto está te esperando na sala dele.

— Merda, você poderia ter dito isso dez minutos atrás, antes do interrogatório.

Praguejando enquanto apanhava uma das pastas de cima da mesa, sai correndo porta afora no instante seguinte.

Roberto encarava o contrato que havíamos discutido no dia anterior quando bati na porta de sua sala. Com cara de quem não estava entendendo uma linha do que estava diante de seus olhos, o tom avermelhado em seu pescoço e em suas bochechas logo pela manhã me davam indícios de que seu humor não era dos melhores no momento.

— Bom dia, procurava por mim? — perguntei, exibindo um sorriso que eu acreditava ser gentil o suficiente para que ele não me desse uma patada, como eu já havia visto acontecer com outras pessoas.

— Sente-se por favor.

Sabendo do que se tratava a minha ida até ali, me acomodei na cadeira diante dele e ouvi pacientemente todas as questões que vinham lhe causando dúvida no contrato que já havíamos estudado, fingi ser complacente com a situação e quando me foi dada a palavra, voltei a repetir tudo que já havia dito em outros momentos. A verdade é que não havia nenhum mistério, tudo estava

muito bem descrito e explicado ao longo das dez páginas do contrato.

Trabalhando em uma *Holding*, empresa que investe em outras menores, possibilitando seu nascimento e crescimento, era de se saber que o risco era algo presente em cada novo investimento realizado por nós, o que só tornava mais patética a coisa toda.

Como analista contábil eu checava pessoalmente cada um dos riscos financeiros antes de passar o projeto adiante. Já havíamos quebrado a cara algumas vezes? Com certeza, mas como se diz por aí, são ossos do ofício, e a minha posição era a de minimizar o máximo possível as perdas e enxergar os diamantes brutos prontos para serem lapidados.

Com muito custo, após quase trinta minutos sentada diante de meu superior, que muitas vezes me fazia questionar como ele havia alcançado tal cargo sendo um completo bundão, eu consegui esclarecer suas dúvidas. Pronta para voltar ao meu posto de trabalho, que estava sobrecarregado com pelo menos mais dez propostas a serem analisadas até o final da semana seguinte, fui impedida de me levantar da cadeira de couro muito confortável quando ele disse:

— Só mais uma coisa, Mariana. — Dando um instante para que eu me reacomodasse no assento macio, ele continuou:

— Com nosso faturamento aumentando gradativamente e o nosso crescimento no mercado atraindo novos olhares, um analista de investimentos foi contratado, de maneira que a partir de agora você ficará menos sobrecarregada e vocês poderão trabalhar juntos.

— Isso é uma excelente notícia, Roberto — declarei, sabendo o quanto ele gostava de ter seu ego massageado, mesmo que tal decisão não tivesse partido dele.

— De fato. Quero que ao longo das próximas semanas você trabalhem juntos, analisando os mesmos projetos. Depois, aos poucos, transferimos as responsabilidades de analisar as novas aquisições para ele, e você ficará responsável única e exclusivamente pela parte financeira posterior à negociação.

— Tudo bem, quando poderei conhecê-lo e iniciar o trabalho?

— Vou pedir que venha até aqui, aguarde só mais um instante — falou, enquanto retirava o telefone do gancho. — Oi, é Roberto, diga ao novo analista para vir até a minha sala. — disse sem qualquer gentileza a quem quer que fosse seu interlocutor.

Não sabendo o que esperar de meu mais novo colega de trabalho, me limitei apenas a torcer para que ele não fosse um babaca malcriado como o homem que estava diante de mim.

A batida na porta soou um instante mais tarde. Roberto o convidou a entrar e quando a porta finalmente se abriu e o rosto por trás dela foi revelado, senti todos os pelos de meu corpo se arrepiarem, porque quem se juntava a nós naquela sala era ninguém menos do que Pedro.

Me forçando a não surtar naquele momento sem a companhia de Graziela, inspirei profundamente a fim de me acalmar, uma vez que ele caminhava em minha direção, mas falhei miseravelmente na missão quando senti o perfume dele me atingir.

Observando-o realmente pela primeira vez, notei os cabelos loiros escuros de corte moderno, com as laterais mais baixas e o topo mais volumoso penteado para o lado, a camisa azul clara perfeitamente alinhada em seus braços e tronco, que a essa distância não pareciam ser malhados demais, além da calça escura e sapatos brilhantes.

Fazendo o caminho de volta para o seu rosto, que eu havia evitado propositalmente, me deparei com seus lábios bonitos e bem desenhados sustentando um sorriso profissional em minha direção, enquanto que seus olhos de um profundo tom de azul me encaravam com diversão.

Nosso encontro de mais cedo havia nos tornado o segredinho um do outro diante do chefe.

— Pedro Carvalho, essa é a Mariana Azevedo, nossa analista contábil. — Apresentou Roberto, em pé do outro lado de sua mesa.

Parando de frente para mim, Pedro estendeu sua mão em minha direção, assim como havia feito mais cedo, e exibindo um sorriso travesso, que só eu

podia ver, devido ao ângulo em que seu rosto se encontrava, declarou:

— É um prazer conhecê-la, Mariana.

— O prazer é meu, Pedro.

Por mais que desejasse me controlar, foi impossível não sentir meu corpo reagir à simples pronúncia de seu nome.

— Bem, agora que já foram devidamente apresentados e já sabem o que preciso de vocês, quero que se sintam à vontade para começarem a trabalhar juntos, o quanto antes. Por ora é isso.

Depois de sermos dispensados por nosso chefe, concordei com um breve aceno, passei diante de Pedro, que gentilmente aguardava a minha saída, antes de se juntar a mim na caminhada para fora da sala do chefe.

— Eu só preciso colocar algumas coisas em ordem agora pela manhã. Se não for um problema, podemos nos reunir após o almoço, assim você também consegue se instalar com calma em sua nova mesa.

Ofereci a ele, tentando afastar para longe o fato de que eu finalmente estava cara a cara com um Pedro, que embora poderia nem ser o meu prometido, era bem bonito.

— Sinta-se à vontade, eu não quero atrapalhá-la. Estarei a sua disposição para quando precisar. — Sorriu, me deixando desconcertada, algo que era pouco comum para mim, mas que ele já havia conseguido pela terceira vez em menos de uma hora.

Eu estava muito fodida.

Capítulo 5

Esclarecimentos

— Você demorou. Já estava imaginando que ele poderia ter feito picadinho de você para comer no almoço.

— Que Deus me livre de um fim trágico como esse.

— Mas você não parece muito melhor do que quando chegou, o que ele disse que te deixou com essa cara de pânico?

— Pedro e eu vamos trabalhar juntos, ele é o novo analista — declarei sem fazer o mínimo suspense, enquanto massageava minhas têmporas.

Ocupando um espaço relativamente grande, na qual nossas mesas encontravam-se de frente uma para outra nas extremidades da sala, pude ver o momento exato em que Grazi congelou no lugar, abaixou os óculos de armação escura e me encarou com a boca aberta.

— Que porra é essa? Glória previu que isso aconteceria e agora ele simplesmente cai no seu colo?

— Acredite amiga, eu também gostaria de entender.

— Ele vai se mudar para cá? — perguntou após um breve silêncio.

— Acredito que temporariamente, só até as coisas se acertarem.

— Isso vai ser interessante — ponderou, sem fazer o mínimo esforço para esconder seu sorrisinho travesso enquanto voltava para seu lugar.

Me deixando cair na cadeira macia, retirei meu celular de dentro da bolsa e notei que o “Cara do metrô” havia enviado uma nova mensagem, além da outra que eu ainda não havia tido tempo de responder.

“Desculpe a piadinha, mas não resisti ao impulso :x ”.

Depois de reler mais uma vez a mensagem anterior, na qual eu havia sido chamada de gatinha e que ele falava sobre meus *“olhos azuis hipnotizantes”*, é que compreendi o que havia acontecido.

Para confirmar minha suspeita, fechei a nossa conversa e fui até o meu perfil para ver a imagem em exibição, que imediatamente me trouxe a lembrança da noite passada, quando por segurança de não saber com quem eu possivelmente estaria conversando, substituí a minha foto por uma da Punk. Com pelos acinzentados e olhos em um tom de azul que me faziam lembrar as grandes geleiras, a gatinha de Grazi era o meu maior xodó.

“Está tudo bem ;) pelo que pude notar do seu objeto perdido, eu poderia mesmo dizer que seu coração está comigo”, confessei a ele, embora não me sentisse orgulhosa de minha atitude de vasculhar a sua agenda. Eu sentia como se houvesse espionado através de uma fechadura um pedacinho de sua alma.

Sentindo o peso do dia sobre meus ombros, quando ele sequer havia começado, finalmente encarei a pilha de papel diante de mim, esperando para ser lida, e comecei a trabalhar.

Em meio a tantas letras, cláusulas e somatórias, vez ou outra meus pensamentos se distanciavam do que deveria ser o meu foco e se fixavam na imagem de Pedro, mais precisamente, no momento em que havíamos nos protegido da chuva.

Me questionando pela centésima vez como eu conseguiria trabalhar com a tentação ao meu lado, deixei os papéis de lado e fui até a cafeteira que havia em um canto da sala. Escolhendo a cápsula com um dos cafés mais fortes, posicionei a xícara no lugar e aguardei pacientemente enquanto o líquido da felicidade era produzido.

Encarando o topo de outros prédios no horizonte, tomei minha bebida em três longos goles enquanto me esforçava para esvaziar a mente, e quando já não restava mais nada na xícara, retornei ao meu lugar.

— Ele nem bem se juntou a mim e já está sendo uma distração —

murmurei, atraindo a atenção de Grazi.

— Quem sabe você também não está sendo uma distração para ele? Mas veja pelo lado positivo, quando estiverem juntos, não poderão ficar parados feito dois imbecis, até porque, eu estarei aqui para presenciar, caso isso aconteça. — Deu de ombros, tentando soar otimista apesar de suas palavras grosseiras.

— Espero que você esteja certa.

Antes de voltar a minha atenção para os papéis, meus olhos foram atraídos para o meu celular, que permanecia com a tela virada para baixo sobre a mesma desde que eu havia respondido a última mensagem enviada pelo desconhecido. Vencida pela curiosidade, desbloqueei a tela do aparelho e lá estava a notificação de nova mensagem.

“Por favor, qual é o seu nome?”

“Mariana”, respondi, sem rodeios. Já prestes a fechar a conversa, notei que no canto superior abaixo de seu nome havia aparecido o *status* “digitando”, então aguardei, sentindo uma inquietação crescente em meu estômago.

“Sabe, Mariana, não é muito educado que a pessoa mexa na agenda dos outros... Mas você está perdoada porque inevitavelmente eu acabei fazendo o mesmo com a sua :x”

“Você está com ela? :O”

Ignorando o fato de que ele também havia xeretado minha agenda, senti um grande alívio ao saber que meu objeto estimado estava com ele e não perdido em algum lugar do metrô, onde eu certamente jamais encontraria.

Notando que ele havia fechado o aplicativo sem me dar uma resposta, bloqueei novamente a tela do celular deixando-o de lado e voltei minha atenção para os papéis diante de mim. Completamente imersa no trabalho, só fui perceber o quanto as horas haviam avançado quando Grazi parou diante de minha mesa, com cara de poucos amigos e a bolsa pendurada em um ombro, pronta para sair para o almoço.

— Deus, eu precisei te chamar três vezes antes de você me enxergar aqui. Nem quero saber aonde sua cabeça estava.

— Acredite ou não, mas agora eu realmente estava presa a esse contrato.



Assim que Grazi e eu entramos em nosso restaurante costumeiro e nos acomodamos na mesa de sempre, retirei o celular da bolsa e chequei as notificações, certa de que não haveria uma resposta para a minha pergunta, mas felizmente eu estava enganada.

“Porque não estaria? Eu não tenho um coração de gelo a ponto de simplesmente me livrar dela. :p”

Achando graça de sua mensagem, rapidamente digitei uma resposta.

“Eu imaginei que talvez minha agenda houvesse se perdido no meio da confusão que eu provoquei. Muito obrigada (hum, me desculpe, mas eu não sei seu nome para agradecer adequadamente).”

— Ok, essa manhã eu vi você com esse celular na mão e um sorriso no rosto mais vezes do que o normal. Será que você e Pedro já estão trocando mensagens? — provocou, com um sugestivo arquear de sobrancelhas.

— Hum, na verdade não. Eu enviei uma mensagem para o dono da agenda como você sugeriu e agora estamos conversando.

— Como assim você não me mandou uma mensagem ontem mesmo me contando isso, Mariana? — Despejou, me encarando com descrença.

— E perder de ver pessoalmente essa sua reação? Não mesmo. — Sorri com deleite, enquanto ela revirava os olhos.

Com seu rosto se iluminando em um sorriso brilhante, muito amplo, ela estendeu a mão por cima da mesa em minha direção, e exigiu:

— Anda, passa esse celular pra cá, agora!

Atendendo ao seu pedido, ou melhor, à sua ordem, entreguei o aparelho a ela e esperei pacientemente, bebendo o meu suco de laranja, enquanto Grazi lia toda a interação. Conforme seus olhos rolavam pela tela, captei algumas reações, mas o sorriso maroto que surgiu em seus lábios antes que seus olhos me

encontrassem não deixou dúvida de que ela finalmente havia chegado ao final da breve conversa.

— Gatinha, hein... — provocou, arqueando as sobrancelhas sugestivamente.

— Não é nada demais, eu troquei a minha foto por uma da Punk antes de enviar uma mensagem a ele, por isso fui chamada de gatinha.

— Por que você fez isso?

— Porque eu não sabia com quem eu estaria conversando. E se ele fosse um maluco?

— Hum, você está certa — ponderou. — E por falar em maluco, você não fica muito atrás com isso de “*acho que estou com algo que te pertence*”.

— Eu estava puta de raiva, foi a melhor maneira que eu encontrei para começar essa conversa! — me defendi.

— Hum, tudo bem... Mas agora vamos voltar para a sua foto de antes, que era muito bonita, por sinal.

Antes que eu sequer pudesse detê-la, seus dedos se moveram rapidamente pela tela do meu celular.

— Ainda não, Grazi — pedi, interrompendo-a. — Deixe como está, por enquanto.

— Por que não? Vocês claramente estavam flertando, e nem tente negar.

— Bem, agora nós temos um possível candidato para ocupar o posto de “escolhido”, você vai querer me empurrar para cima de um outro qualquer? — questionei, pegando o celular de volta apenas para constatar que ela havia respeitado meu pedido.

— Se eu bem me lembro, a Glória disse que você estava livre para curtir enquanto o prometido não chegava. E se esse for o Pedro errado?

Sem ter argumentos contra o seu sorriso blasé, me limitei apenas a dar de ombros, no exato instante em que nossos pratos foram servidos. Toda essa conversa havia me deixando ainda mais faminta.

Capítulo 6

Trabalho em equipe

No decorrer de todo o almoço e durante a caminhada de apenas uma quadra de volta para o prédio comercial no qual trabalhávamos, eu me vi incapaz de checar o celular para saber se a minha mensagem havia sido respondida, mas assim que retornei à sala que dividia com Graziela, me acomodei em minha cadeira e destravei a tela do aparelho.

“Prazer, Bernard”

Bernard. Um nome bonito, forte, imponente, e capaz de fazer um arrepio inesperado percorrer todo meu corpo quando o pronunciei em um sussurro.

— O que foi? — perguntou Grazi, do outro lado da sala.

— Hum, nada não — murmurei, mordiscando meu lábio para controlar minha inquietação enquanto lhe enviava uma resposta.

“Acredite Bernard, depois de saber que minha agenda está segura, o prazer é todo meu. :) ”

Distraída com as mensagens e com o fato de saber que poderia recuperar meu pertence perdido, acabei tomando um pequeno susto quando duas batidas soaram em minha porta. Após Grazi convidar a pessoa a entrar, vi através de minha visão periférica ela arquear uma sobrancelha e analisar Pedro de cima abaixo, em uma rigorosa inspeção, enquanto ele caminhava alguns passos para dentro e fechava a porta atrás de si.

“Talvez seja apenas uma coincidência. Talvez ele seja um completo babaca e eu descubra isso na próxima meia hora trabalhando ao seu lado. Talvez

ele nem seja o cara e eu estou pirando à toa”, repeti como um mantra, observando-o atentamente.

— Boa tarde — sorriu para Graziela, uma vez que ainda não haviam sido apresentados — Está ocupada ou podemos começar? — perguntou, desviando sua atenção para mim.

— Claro, por favor, fique à vontade — pedi, enquanto me levantava. — Estava esperando por você.

Precisei me esforçar para que a voz não vacilasse com essa simples declaração.

Agradecendo com um menear de cabeça, Pedro me direcionou um olhar mais demorado antes de caminhar na direção de Graziela, que como eu bem imaginava, fingia ler algo em seu monitor. Assim que ele parou diante de sua mesa, minha amiga desviou sua atenção do que fazia, e o encarou com um semblante simpático enquanto se levantava.

— Oh, então você é o Pedro!?

— Já ouviu falar de mim?

Apesar do tom de diversão em sua voz, pude vislumbrar a surpresa em seu rosto, quando ele se voltou em minha direção brevemente.

— Uma coisa ou duas.

— Bem, espero que tenha sido coisas boas.

Seguindo a mesma conduta que havia adotado inicialmente comigo, Pedro lhe ofereceu a mão para um cumprimento, enquanto dizia a Grazi o que faria na empresa e sorriu ao repetir o nome dela. Ao se virar para caminhar em minha direção, não fui capaz de ignorar minha amiga, que se aproveitou do fato de ele estar de costas para erguer os dois polegares e exibir um sorriso em aprovação.

Ela não valia nada.

Trazendo uma cadeira vaga para o meu lado da mesa, Pedro a posicionou próxima de mim e se sentou, me envolvendo com seu perfume masculino. Tentando ignorar tal detalhe, preendi meus cabelos em um rabo alto, a

fim de impedir que eles ficassem caindo em meu rosto a todo momento. Eu já tinha distrações demais.

Com os olhos bem azuis cravados em mim, Pedro ouviu atentamente as minhas explicações em relação a maneira como eu conduzia os contratos que chegavam até mim. Vez ou outra sua voz grave e baixa me interrompeu para fazer algumas perguntas e considerações, mas logo se calou para que eu pudesse lhe responder. Mal sabia ele que eu estava encantada por sua voz e poderia passar o restante da tarde apenas ouvindo-o falar.

— Deus, eu preciso de um café. — resmunguei, desviando a atenção do computador e me voltando para ele — Aceita uma xícara?

— Um café seria bem-vindo.

— Pedro, não sei se alguém já teve tempo de te falar, mas às quartas nós fazemos um *happy hour* junto com o pessoal de outro setor, você está convidado a se juntar a nós.

Compartilhando a sala conosco por todo o tempo, ela obviamente sabia que eu não havia lhe convidado, propositalmente. Mas Grazi às vezes tinha o instinto de diabinho, ao invés de anjo protetor, e por isso tratou logo de “reparar o meu erro”.

— Agradeço pelo convite, Graziela, isso é bom, assim tenho a chance de conhecer meus novos colegas.

Embora sua declaração me parecesse algo geral, o seu olhar em minha direção ao proferir tais palavras não passou despercebido.

— Se você tiver uma namorada ou esposa, pode até convidá-la para se juntar a nós. O bar fica a apenas algumas quadras daqui, mas normalmente vamos só nós mesmos.

Manipuladora que só, ela encontrou a maneira perfeita de arrancar informações dele.

— Nada com quem eu precise me preocupar, estou livre de compromissos no momento — declarou Pedro, caindo na armadilha criada por ela. — Você vai? — me perguntou, assim que coloquei a xícara diante dele e

ocupe o lugar ao seu lado.

— Hum, vou sim, é o nosso momento de extravasar depois de dias cheios.

— Ótimo! — Sorriu, sustentando meu olhar enquanto bebia um gole de seu café.

Ingerindo minha bebida rapidamente, de forma que não ficasse parada por tempo demais, logo voltei a afundar a cara em gráficos e projeções, que também eram analisadas pelo belo exemplar masculino sentado próximo a mim, do qual eu estava hiperconsciente.

Ao longo das horas seguintes, ele pareceu se sentir mais à vontade para fazer observações, apontar possíveis melhorias e elogiar o trabalho que eu vinha fazendo, o que não deixou de acariciar o meu ego, visto que eu vinha acumulando afazeres de dois cargos.

— Eu imagino que vocês estejam se divertindo bastante com esses gráficos e tudo mais, porém, o que acham de um chopp gelado?

Trazida para fora da bolha que Pedro e eu nos encontrávamos, olhei no canto inferior da tela para ver as horas e me surpreendi ao constatar que o expediente havia terminado. Esticando os braços acima da cabeça para me alongar, agradei aos céus por esse dia maluco chegar ao fim, embora ainda tivesse que lidar com o rosto perturbadoramente bonito de Pedro por mais um tempo.

— Eu estava tão concentrado que nem vi as horas passarem. Esse foi um bom primeiro dia de trabalho — ele disse à Grazi, enquanto eu desligava o computador e recolhia meus pertences.

— Ah, eu não tenho dúvidas de que tenha sido.

Apesar da falsa inocência nas palavras de minha amiga ao concordar com ele, seu sorriso debochado direcionado a mim não passou despercebido.

Quando chegamos ao saguão do prédio, a turma que sempre se reunia já estava à nossa espera. Fiz as apresentações de Pedro para o restante do grupo, e logo seguimos em direção ao barzinho de ambiente agradável e descontraído no

qual sempre nos reuníamos.

Se durante todo o dia Pedro havia mantido um ar profissional em nossa conversa, fora do ambiente de trabalho ele havia assumido a mesma postura de mais cedo, quando havíamos nos encontrado sob a tempestade. Sentado de frente para mim, com uma caneca de chopp em uma das mãos, ele parecia muito à vontade com seus novos colegas de trabalho.

Embora meu desejo fosse manter os olhos cravados nele por todo o tempo, me limitei a fazer isso apenas nos momentos em que ele dizia alguma coisa, no mais, eu me esforçava para olhar em outra direção. Mas, como era de se imaginar, não tive sucesso em todas as tentativas, especialmente nas vezes em que notei ser alvo de seus olhares e me senti tentada de retribuir, ganhando sempre um sorriso torto como resposta.

Por quase duas horas todos nós tivemos uma conversa leve e animada, que acabou sendo muito bem-vinda para que eu o conhecesse melhor. De certa forma, era quase como um primeiro encontro, porém, sem a pressão social de ter que impressionar o outro. De qualquer maneira, Pedro havia conseguido tal feito, não que ele ficaria sabendo disso, é claro.

— Pessoal, o papo está ótimo, mas vou indo nessa — declarei, me levantando. — Você vem ou fica? — Perguntei a Grazi, que ocupava a cadeira ao lado da minha.

— Vou ficar amiga, o Matheus está aqui perto, vai passar para me buscar. Podemos te deixar no metrô, se quiser.

— Não precisa se preocupar.

Declinei sua oferta com um sorrisinho agradecido.

— Eu também já estava de partida, se não for um problema, podemos ir juntos. Nós sabemos que não é muito seguro uma mulher caminhar desacompanhada. — Ofereceu Pedro, me fazendo ter um déjà vu do que havia acontecido pela manhã.

Incapaz de recusar tal oferta, uma vez que estávamos indo para o mesmo lugar, agradei sua gentileza e depois de nos despedirmos do grupo, seguimos

juntos em direção a estação de metrô, não muito longe de onde estávamos.

— O pessoal parece ter gostado de você. Já fez novos amigos no seu primeiro dia de trabalho.

Sem saber o quanto ele era bom em ler as pessoas, ajeitei o cabelo atrás da orelha e olhei para ambos os lados da rua, evitando-o propositalmente, para não denunciar o quanto eu me incluía na afirmativa.

— Realmente? Fico feliz de saber, começar algo novo nunca é fácil. — Sorrii de leve. — Mas... e quanto a você?

Embora sua pergunta pudesse parecer despreziosa para qualquer outra pessoa, o tom galanteador em sua voz não me deixava dúvidas de que na verdade aquilo se tratava de um teste. Depois de tomar mais tempo do que o necessário para responder uma pergunta tão simples, acabei não resistindo e deixei meu olhar vagar em sua direção. Ao me deparar com seus olhos fixos em mim, esperando por uma resposta, uma pequena fração do que eu havia sentido mais cedo ao descobrir seu nome despertou em meu interior, provocando uma leve inquietação.

Sabendo o peso que minhas próximas palavras poderiam colocar no relacionamento profissional que precisaríamos desenvolver ao longo das próximas semanas, eu lhe respondi também de maneira despreziosa:

— Não é de todo ruim, você pega as coisas rápido, novato. — Pisquei, para aliviar a tensão que poderia vir a surgir.

Dividido entre surpresa e diversão, Pedro riu com sinceridade de minha resposta, me fazendo sorrir também, enquanto seguíamos até a minha plataforma, onde ele permaneceu ao meu lado até a chegada do metrô.

— Boa noite Mariana, nos vemos amanhã.

— Boa noite, Pedro — declarei já há certa distância, apreciando a maneira como seu nome soava em meus lábios.

Capítulo 7

Gatinha

Assim que encontrei um lugar vago no metrô e me acomodei para a viagem de volta para casa, retirei o celular de dentro da bolsa e a primeira coisa que vi foi a notificação de uma nova mensagem. Depois de alterar o nome do contato em questão de “cara do metrô” para “Bernard”, abri a conversa.

“Organizada como você é, imagino que esteja sendo um sofrimento estar longe de sua agenda. Se precisar de alguma anotação, é só pedir, posso te enviar uma foto de seus compromissos, enquanto não nos encontramos para trocar.”

Mal sabia ele que eu era uma completa contradição, tão organizada em certos pontos de minha vida e um verdadeiro tsunami em outros. Meu quarto poderia ser o exemplo perfeito em oposição à minha agenda e o trabalho.

Sabendo que em breve o celular perderia o sinal de rede, aproveitei para digitar uma resposta, já que a sua mensagem havia sido enviada horas atrás.

“Não pense que eu sou maluca, mas tenho tudo sob controle. Por segurança também costumo anotar o mais importante na agenda do celular, quem sabe quando vamos perder a agenda no metrô, não é mesmo? :P”

Me sentindo mais cansada que de costume após um dia com tantas coisas acontecendo, acabei cochilando brevemente no metrô, e isso me deu a ilusão de que o percurso de volta para casa havia sido mais curto. Quando despertei, a composição se encontrava em minha estação, com as portas prestes a se fechar. Reunindo todos os meus pertences o mais rápido possível, saí do

vagão na velocidade de um foguete, um segundo antes do alarme sonoro anunciar a partida do metrô.

Praguejando como um moleque, o que certamente seria motivo de repreensão por parte de minha mãe se ouvisse meu palavreado, troquei a bolsa pesada de ombro e iniciei minha subida, dessa vez, me dando ao luxo de ir de escada rolante, uma vez que o dia já havia sido desgastante o suficiente e eu não queria arriscar um novo incidente com os meus pertences.

Sem qualquer sinal no céu de uma possível pancada de chuva, aproveitei a noite agradável que fazia e caminhei tranquilamente em direção ao meu prédio, que não ficava muito distante da estação. No trajeto, fiz uma rápida parada em um food truck de comida japonesa e tratei logo de comprar dois temakis para o jantar.

— Lar, doce lar! — Cantarolei, ao entrar no apartamento vazio, enquanto colocava a minha refeição sobre o balcão da cozinha.

Ligando as luminárias que haviam no caminho entre a porta de entrada e meu quarto, deixei o ambiente imerso em uma luz fraca, com um clima aconchegante e convidativo, que poderia ficar ainda melhor se eu tivesse uma companhia, o que obviamente não era o caso.

Após colocar meus pertences sobre a mesa de trabalho assim que entrei em meu quarto, retirei os sapatos e os empurrei para um canto fora de meu caminho. Soltei os cabelos, me liberei da camisa de botão e deixei que a calça de tecido leve escorregasse por minhas pernas.

Me questionando se haveria ou não uma mensagem de Bernard esperando por resposta, apanhei o celular no interior da bolsa, e com mais animação do que deveria ser considerado normal, constatei que minhas suspeitas estavam corretas.

“Quer dizer que você anda esbarrando por aí em homens indefesos e se apropriando de seus bens?”

Pega de surpresa por sua mensagem, não fui capaz controlar o sorriso que surgiu em meus lábios. Ele tinha senso de humor.

“Ah sim, esse é sem dúvidas o meu passatempo preferido XD

Deixar a minha agenda com você foi só uma isca, mas você não veio atrás de mim, então acabei tendo que fazer todo o trabalho.”

Deixando o aparelho sobre a cama, andei até o banheiro, almejando mais do que tudo um banho antes de me faltar com o jantar. Depois de ajustar a temperatura do chuveiro, me coloquei sob o jato de água morna e deixei que toda a bagunça do dia escorresse para o ralo junto com a espuma de meu sabonete.

Me dando por satisfeita alguns minutos mais tarde, sequei o corpo apenas o suficiente para não deixar um rastro de água por onde passasse, e depois de me enrolar na toalha felpuda fui até o quarto. Vestindo a mesma camiseta da noite anterior e uma nova calcinha, não consegui manter meus olhos afastados do celular por muito tempo.

“Eu teria tentado algum contato, Mariana, mas você não facilitou as coisas. Nenhum número de telefone ou e-mail? Isso está muito errado. :x”

“Perder a agenda não estava nos meus planos, apenas não fez sentido colocar esse tipo de informações nela :/ Acho que aprendi a lição”, respondi, me sentindo apenas parcialmente culpada.

Embora eu não pretendesse que o incidente se repetisse, assim que a recuperasse faria questão de anotar e-mail, telefone e nome completo, destacados por uma caneta marca texto neon, de forma que minhas informações ficassem evidentes o suficiente.

“Ah senhor Bernard, mas não pense que encontrá-lo foi assim tão fácil. Tentei telefonar para você diversas vezes depois que percebi a troca, e tudo que recebi como resposta foi uma gravação me dizendo que o número estava indisponível. Acho que há algo errado com o seu telefone.”

“Senhor Bernard? Você está me dando uma bronca? :P”

Negando com um aceno enquanto ria de nossa conversa, digitei como resposta um *“talvez :x”* ao mesmo tempo em que caminhava até a cozinha, já com a boca salivando em expectativa do que estava prestes a comer.

Pegando um prato no armário e abastecendo uma taça com um pouco de vinho, retirei o temaki de dentro da embalagem plástica e embora possuísse uma mesa à minha disposição, me acomodei no balcão que dividia os espaços entre a sala e a cozinha.

Enquanto aguardava uma resposta de Bernard, pressionei a barra superior de nossa tela de mensagens e fui direcionada para o seu perfil. A foto em exibição não me deixava saber muito sobre a sua aparência, uma vez que ele se encontrava posicionado de costas para a câmera, com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta que usava, enquanto apreciava a Torre Eiffel em um belo final de tarde, no qual o céu estava pintado em tons de roxo e laranja.

Por um longo minuto permaneci encarando a imagem, que era de uma beleza incrível, mas assim que a notificação de uma nova mensagem chegou, voltei à nossa conversa.

“Hahahahaha tirando o fato que meu celular passou o dia descarregado, eu peguei um voo ontem a noite e certamente você não conseguiria me ligar. A propósito, nunca me senti tão agradecido por ter sido impulsivo como hoje cedo ao gastar uma pequena fortuna com pacote de internet durante o voo, quando deveria tentar dormir.”

De repente, senti como se um balde de água fria houvesse sido despejado sobre minha cabeça, uma vez que eu esperava poder destrocá-las o mais rápido possível nossas agendas. Enquanto esperava minha frustração diminuir e pensava o que lhe responder, uma nova mensagem surgiu na tela.

“Me desculpe, não vou conseguir devolver sua agenda nos próximos dias como você certamente esperava, Mariana, mas volto a dizer, se precisar de algo que possa estar anotado nela, fique à vontade para pedir. :)”

Reconhecendo o quanto ele estava sendo gentil e simpático, o que certamente era algo raro nos dias de hoje, sorvi o último gole do vinho antes de levar a taça e o prato sujo até a pia e digitei:

“Muito obrigada, Bernard, o mesmo vale para você. Bom, só de saber que a minha agenda está segura, dormirei tranquilamente essa noite. :)”

Sentindo o sono se manifestar, graças a ajuda do vinho, apaguei a única luz acesa, parei no banheiro para escovar os dentes e depois me deixei cair na cama espaçosa, já com o celular em mãos para ler à outra mensagem de Bernard.

“Sim, fique tranquila, ela está sendo bem cuidada hahahahaha. Espero que o seu dia tenha sido bom, Mariana :)”

“Um tanto atípico eu diria, mas sim, foi bom :) e o seu, Bernard?”

“Você não faz ideia do quanto :D”

Sabendo que não aguentaria muito mais tempo de olhos abertos, me aninhei sob as cobertas, e sentindo a mesma inquietação que havia se instalado em meu estômago em boa parte do dia, digitei:

“Boa noite, Bernard. ^_^”

“Boa noite, gatinha ;)”

Capítulo 8

Boa noite

Após dias tão bagunçados, eu estava agradecida por naquela manhã tudo estar dentro da normalidade.

Eu não havia me atrasado para sair de casa, consegui fazer a maquiagem no metrô sem borrar o rosto todo, não esbarrei em ninguém, não tomei chuva e nem conheci um possível amor da minha vida. Tudo normal, exatamente como eu precisava que fosse, bem, ao menos até eu chegar ao escritório e me deparar com Pedro a postos, pronto para começar o dia de trabalho.

— Bom dia, Mariana! — Ele saudou com a sua voz grave, assim que sentei ao seu lado.

— Bom dia, Pedro. Sabe, você não precisa ser tão formal o tempo todo, pode me chamar de Mari, como o pessoal costuma fazer.

— Muito bem então, Mari! — Sorriu com simpatia, mantendo os olhos fixos em mim.

Inquieta por estar no centro de sua atenção, desejei poder desviar o olhar, mas acabei me perdendo nos diferentes tons de azul em sua íris. Era como se eu estivesse hipnotizada, sendo atraída para ele, e no instante em que Pedro parecia querer dizer algo, Grazi irrompeu porta a dentro, quebrando nossa conexão. Atordoado com a interrupção, ele pigarreou baixinho enquanto se reacomodava em sua cadeira.

— Bom dia, Grazi — murmuramos em uníssono, evitando nos encarar.

— Bom dia, pessoal.

Seu olhar atento se manteve fixo em mim enquanto avançava até o outro

lado da sala.

Sabendo que qualquer expressão diferente que eu fizesse seria captada pelos olhos de Pedro, evitei olhar para ela e me concentrei no enorme gráfico que havia surgido diante de mim no monitor.

— Eu trouxe algo que talvez você vá gostar — ele disse baixo, provavelmente tentando ficar fora do radar de Graziela. — Ontem, enquanto observava a maneira como você tem trabalhado nas projeções, tive uma ideia que pode facilitar o seu trabalho, e o meu também, já que ambos estão interligados.

Ele retirou do bolso um pen drive e o colocou diante de mim.

— Oh, isso é ótimo, bem, sente-se aqui e me mostre a sua mágica — brinquei, levantando de meu lugar diante do computador e oferecendo o espaço a ele.

Com a manhã sendo preenchida por muito trabalho, tanto de minha parte quanto de Pedro, sequer notei as horas passarem. Mas ao sair para o almoço na companhia de Grazi, e nos acomodarmos na mesa de sempre em nosso restaurante preferido, não consegui conter a ansiedade que havia me atormentado em boa parte da manhã.

Ao retirar o celular da bolsa, me deparei com algumas notificações de mensagens. Destravando a tela no mesmo instante, abri o aplicativo desejando ver quem eram os remetentes, mas para meu desapontamento, nenhum deles era Bernard.

— Que cara é essa de quem comeu e não gostou? — perguntou minha amiga, se esforçando para esticar o pescoço e olhar a tela.

— Não é nada — disse rapidamente, jogando o aparelho de volta na bolsa, na esperança de que ela deixasse o assunto morrer.

— Ninguém faz cara feia por nada, Mari, muito menos você.

Como eu poderia admitir a ela em voz alta a minha frustração por não ter recebido nenhuma mensagem de Bernard, o cara que havia ficado com a minha agenda e havia me feito sorrir com suas mensagens divertidas, quando eu não

queria admitir isso nem mesmo para mim?

— É por que o Pedro ainda não demonstrou nada até o momento?

Distraída como era, Grazi parecia não ter notado a troca de olhares que havia ocorrido mais cedo, interrompida por sua chegada. Não desejando falar sobre o que realmente havia me deixado... descontente, sim, descontente, aproveitei a sua deixa para desviar o foco da conversa.

— Não, nós até trocamos alguns olhares, mas na verdade acho que ainda é cedo para pensar em qualquer coisa, sequer nos conhecemos.

— Ah minha amiga, mas eu já li alguns livros em que quando acontece o encontro de almas, não existe isso de “ainda é cedo”.

— Essa é a vida real, Grazi, nem tudo é como nos livros — disse com diversão. — Aceite que nem todo mundo teve a sorte que você e o Matheus tiveram. — Sorri de leve, verdadeiramente feliz por eles.



Ao longo da tarde de muito trabalho, acabei flagrando e sentindo o olhar de Pedro fixo em mim algumas vezes, mas isso não se tratava de estar prestando atenção a algo que eu dizia relacionado ao trabalho, não, era apenas ele me olhando. Por duas vezes eu me permiti devolver o olhar que recebia, de maneira que ele soubesse que eu podia sentir, mas ele não pareceu ficar desconcertado ao ser pego, já que abriu um sorriso amplo para mim em ambas as vezes.

Quando o expediente chegou ao fim, ele gentilmente se ofereceu para nos acompanhar até a estação de metrô, e como íamos todos para a mesma direção, não havia qualquer motivo para recusa, além do fato é claro de ele ser muito simpático e eu estar curiosa para saber mais a seu respeito.

Assim que chegamos ao andar inferior, o trem de Grazi já se encontrava parado junto a plataforma, então, me dando um beijo rápido e um aceno para Pedro, ela se foi, nos deixando sozinhos. Nosso trem chegou poucos segundos depois, antes mesmo que tivéssemos a chance de iniciar um novo assunto.

Devido ao horário de pico, conseguir entrar dentro do vagão não foi uma tarefa muito fácil, por isso Pedro e eu nos conformamos com um lugar apertado próximo a porta, no qual eu estava com as costas pressionadas contra a parede do vagão e ele em pé, diante de mim.

Seguindo em uma direção diferente da minha, Pedro só permaneceu no mesmo vagão que eu por duas estações, e quando o metrô parou em seu destino, ele esperou até que boa parte dos passageiros que se amontoavam diante da porta saíssem, então, se curvou em minha direção. Automaticamente meu coração passou a pulsar mais rápido diante da expectativa de que algo aconteceria.

Em um piscar de olhos, seus lábios bem desenhados e totalmente beijáveis tocaram a minha bochecha, próximo de minha boca, em um beijo que tinha tudo para ser simples e inocente, mas que demorou alguns segundos a mais do que o normal, me permitindo inalar seu perfume diretamente de sua pele.

— Boa noite, Mari — sussurrou próximo ao meu ouvido, antes de se afastar e sorrir.

— Boa noite, Pedro.

Me despedi, um instante antes dele atravessar as portas e desaparecer entre o mar de pessoas.

Atordoada com nosso contato, olhei ao meu redor sem realmente me fixar em nada, e quando avistei um lugar vago mais adiante, me apressei para ocupá-lo. De repente minhas pernas pareciam serem feitas de gelatina.

Ainda me recuperando do susto que a aproximação de Pedro havia provocado, fui trazida para fora de minha mente errante quando meu celular passou a tocar em minha bolsa.

— *Eu espero que você não tenha se esquecido que tem mãe, Mariana* — ela disse em tom autoritário, assim que atendi ao telefone.

— É claro que não me esqueci, Dona Luiza — devolvi com diversão. — Como a senhora está, mãe?

— *Eu estou bem, meu amor, morrendo de saudades.* — disse com pesar. — *E quanto a você, como está?*

— Tudo bem, mãe. Nada de diferente desde a sua última visita.

— *Ah querida, você sabe que precisa desacelerar um pouco.*

— Eu sei mãe, eu sei... — murmurei sabendo o que estava por vir, enquanto assistia as portas do vagão se fecharem e o mesmo deixar a estação.

— *Você deveria aproveitar um final de semana de sol e vir me visitar aqui na pousada, Mariana. Pensar apenas em trabalho não é saudável, querida. E se tem uma coisa que aprendi, é que devemos aproveitar cada oportunidade que temos, principalmente quando se é jovem como você.*

— Prometo que vou tentar ir logo, tudo bem?

Lá estava eu, mais uma vez arrependida por ter repetido essa mesma promessa tantas outras vezes e não ter cumprido.

— *Sinto sua falta, querida* — confessou, após um breve instante de silêncio.

— Eu também mãe, todos os dias.

Após a morte de papai, há pouco mais de cinco anos, mamãe, que sempre foi uma mulher forte e vivaz, passou a se fechar para o mundo, fazendo com que seu brilho diminuísse um dia após o outro, desde que ela o perdera.

Em seus longos anos de casados, eles haviam sido muito felizes juntos, mas após a partida dele, causada por um infarto fulminante, ela vinha perdendo o amor por sua vida, assim como havia perdido o amor de sua vida.

Antes que a sua situação se tornasse preocupante e ela sucumbisse à depressão, conforme alguns médicos me alertaram que poderia vir a acontecer, uma de suas irmãs também viúva decidiu arriscar parte de seus investimentos e dar um salto no desconhecido, comprando uma velha pousada na praia. Empenhada em ter uma nova ocupação, agora que meus primos já estavam criados e seguiam suas próprias vidas, ela convidou mamãe para passar uma temporada ao seu lado, lhe fazendo companhia enquanto o prédio passava por uma grande reforma antes da inauguração.

Desde então, quatro anos haviam se passado, e agora, Dona Luiza como eu a chamava em sinal de provocação, era uma das sócias na pousada “Duas

irmãs”, situada em uma das mais belas e badaladas praias do litoral paulista.

— *Já está voltando para casa, meu amor?*

— Sim mãe, hoje o dia foi particularmente longo — suspirei, sentindo uma ligeira pressão sobre meu pescoço e ombros. — Mas me conte sobre a pousada, tem estado cheia?

Satisfeita com o trabalho realizado por ela e por minha tia, mamãe aproveitou os poucos minutos que me restavam viajando de metrô para dizer o quanto estavam felizes. Com tantos dias de calor intenso, a pousada vinha ficando mais cheia a cada novo ano, e dessa vez não era diferente.

Eu não poderia estar mais orgulhosa daquela mulher. Mamãe havia encontrado na dor da perda de seu grande amor, um novo sentido em sua vida, e isso me deixava muito feliz. Após anos se dedicando a cuidar de mim e do papai, ela agora caminhava na direção que desejava, sem amarras.

— Mamãe, estou chegando na minha estação, preciso desligar, mas saiba que pode me telefonar sempre que quiser, tá bom? Me desculpe por ser uma filha ausente — pedi, me sentindo culpada por não visitá-la tanto quanto eu gostaria.

— *Fique em paz meu amor, vá para casa com cuidado, se alimente bem e descanse. Amo você, meu raio de sol* — declarou, exatamente como fazia quando eu era uma criança.

— Amo você mãe, boa noite.

Me despedi, assim que vi o metrô chegando a minha estação de destino. Enquanto fazia o caminho para cima, em direção à rua, não pude deixar de sentir o coração leve e apertado ao mesmo tempo, transbordando de saudade da pessoa mais incrível que havia em minha vida.

Ao chegar à saída da estação, fui recebida por um vento frio e uma torrente de água que dava indícios de que não terminaria tão cedo. *Mudança climática repentina!?* Tão típico de São Paulo, pensei, enquanto abria o guarda-chuva e me encolhia debaixo de sua proteção. Agradecendo por estar calçando sapatilhas confortáveis, coloquei o pé para fora da estação e iniciei a caminhada em direção ao meu prédio.

Dizer que eu estava praticamente ensopada quando cheguei em casa seria pouco para descrever o estado no qual eu me encontrava, então, antes de seguir caminhando pelos espaços e molhando tudo, parei na lavanderia e me despi ali mesmo. Depois de levar minha bolsa, *a única coisa seca que havia restado em mim*, até o quarto e me assegurar que a agenda de Bernard não havia sido molhada por culpa de minha teimosia, que fazia questão de mantê-la comigo, apanhei o celular e corri para o banheiro, em busca de uma chuveirada quente.

Capitula 9

Mel, canela e girassóis

Embora viver em um prédio antigo tivesse a desvantagem de um elevador lento e barulhento, os apartamentos eram maiores do que as caixas de fósforo que as imobiliárias vinham oferecendo a preços astronômicos. Além desse detalhe, eles eram mais confortáveis e esse em especial, possuía uma banheira, o que obviamente me fez fechar o negócio no instante em que coloquei os meus pés nele.

Vivendo uma vida agitada em meio a grande metrópole, nada mais justo do que um cantinho que me proporcionasse todo descanso possível e merecido em minhas horas livres.

Após abrir o registro de água e despejar alguns sais de banho no fundo da banheira, acendi algumas velas que já se encontravam no banheiro, borrifei uma fragrância relaxante de mel e canela e enquanto o volume de água na banheira aumentava, segui até a cozinha, enchi uma taça com um vinho tinto qualquer que havia em minha geladeira e voltei para o banheiro, afundando na mistura de água e espuma logo depois.

Estrategicamente colocado sobre uma superfície ao lado da banheira, deixei o celular tocando músicas que me relaxavam, enquanto eu apenas desfrutava da calma daquele momento, tentando não pensar em nada.

Após um breve instante de silêncio mental, o rosto de Pedro muito próximo ao meu surgiu em minha lembrança, mas antes que a cena de nossa despedida no metrô se repetisse, o som de uma notificação afastou tal pensamento.

Embora eu tenha considerado por um instante ignorar a mensagem até que meu banho chegasse ao fim, instintivamente minhas mãos alcançaram a toalha, se secaram em uma beirada e apanharam o aparelho.

"Eu adoro girassóis" , foi a primeira coisa que eu li após destravar a tela do celular.

Por um instante fiquei tentando compreender sua mensagem aleatória, que não me dizia muita coisa, mas então, me lembrei que mais cedo, antes de realizar uma chamada de vídeo com alguns clientes eu havia substituído a foto de Punk por uma minha e imaginei que seu comentário só poderia relacionado a isso.

Fechando rapidamente a nossa conversa e voltando ao menu, confirmei a minha suspeita. A foto em questão era uma de minhas favoritas, na qual eu havia posicionado um girassol sobre metade de meu rosto, enquanto a outra metade exposta sorria para a câmera.

"Ah sim? Mais do que de gatos?"

Depois da conversa que nós havíamos tido na outra noite, conversa essa na qual ele me disse estar fora da cidade, imaginei que só voltaríamos a nos falar quando Bernard regressasse e fôssemos marcar a data para destocar nossas agendas, mas aparentemente ele não pensava da mesma maneira, então, decidi que apenas me deixaria levar.

"Infinitamente mais, pode apostar! ;)"

Embora não fizesse qualquer sentido reagir assim diante de uma mensagem que aparentemente não tinha nada demais, senti um arrepio percorrer todo meu corpo com sua declaração.

"Pobre Punk, vai ficar desapontada quando souber"

"Não conte isso a ela. Eu ainda gostaria de poder conhecê-la"

Me questionando sobre o quanto eu poderia estar interpretando erroneamente suas mensagens, reli novamente sua declaração e cheguei à mesma conclusão. Após um breve instante pensando sobre o que lhe responder, digitei:

"Tudo bem, seu segredo está bem guardado ;) mas ela não é minha :/"

Parecendo não se importar com o jogo estúpido que algumas pessoas se prestavam a fazer, de demorar a responder as mensagens, Bernard passou a digitar algo, que surgiu na tela em poucos segundos.

"Você usou a foto de um gato aleatório e ainda o nomeou de Punk?"

"Não hahahahah eu não seria assim tão maluca, ela é de uma amiga minha ^^"

"Ah entendo. Apesar de morar sozinho, eu também não tenho nenhum amigo pet. Passo tão pouco tempo em casa que qualquer um certamente se sentiria sozinho."

"Você diz isso porque não conhece a Punk. A gata é tão cheia de personalidade que às vezes eu acho que ela promove algumas festas enquanto minha amiga e eu estamos trabalhando hahahahahaha"

"Por que será que com o pouco que eu sei a seu respeito, já imagino que você tenha tanta personalidade quanto essa gata?"

"Eu sou um livro aberto para você, Bernard, literalmente :P"

Embora ele pudesse vasculhar a minha agenda quando lhe desse vontade, uma vez que eu estava longe o suficiente para impedi-lo, lhe conceder o acesso era apenas absurdo, mas ainda assim, eu havia acabado de fazer isso. Eu só podia estar ficando louca.

Aproveitando do tempo que Bernard levaria para ler a minha mensagem, bebi o último gole de vinho restante na taça e deixei a banheira, uma vez que a água já havia perdido grande parte de seu calor. Depois de secar meu corpo na toalha macia, eu a envolvi ao meu redor e segui até o quarto, sem deixar o celular para trás. A resposta dele veio assim que terminei de vestir o pijama.

"Sou da opinião de que dois podem jogar esse jogo, então, sinta-se à vontade. Não tenho nada a esconder :P"

"Oook, não reclame, tudo isso poderá ser usado contra você :P", digitei, enquanto caminhava em direção a cozinha.

Aparentemente beber a taça de vinho após longas horas sem comer não havia sido a minha melhor ideia, já que agora eu estava com a visão ligeiramente desfocada. Retirando duas fatias de pão da embalagem, passei uma fina camada de cream cheese, coloquei algumas fatias de presunto e queijo no meio e então dei a primeira mordida.

Encarando o celular sobre a bancada enquanto aguardava que ele dissesse algo a mais, vi o momento em que seu status “online” desapareceu. Aproveitando a sua pausa em nossa conversa, terminei de comer o lanche, retirei o prato sujo com migalhas de cima do balcão e o lavei. A notificação de uma nova mensagem veio assim que fechei a torneira.

“Veja só, você tem um dia cheio amanhã...”

“Você está realmente fazendo isso? :O”

“Ah Mariana, você deveria me levar mais a sério :)”

Me sentindo desafiada por suas palavras, atravessei o apartamento todo e fui até o quarto, mais precisamente até a minha bolsa, onde sua agenda estava guardada. Sentindo um frio na barriga de antecipação pelo que poderia encontrar ali, abri a capa preta e passei a folhear as páginas até chegar na data do dia seguinte.

“Isso deixa de ser um jogo justo no momento em que as suas páginas estão em branco”, protestei, me sentindo enganada. Talvez sua agenda estivesse apenas parcialmente usada e eu já havia passado por todas as páginas escritas.

“Os próximos dias só estão em branco porque correspondem à minha viagem”

“Você não programou o que fazer durante todo esse tempo? :O”

Tomada pela curiosidade, avancei rapidamente através das folhas em branco, que terminaram em pouco mais de uma semana, onde surgiram novas anotações.

“De certa forma essa é uma viagem a trabalho, não há muito o que planejar. Agora por exemplo, se fosse seguir um cronograma, eu deveria estar dormindo.”

“Ah, me desculpe Bernard, eu não queria atrapalhar :(Só agora vi que horas são”.

Mesmo tendo o hábito de dormir relativamente cedo em dias da semana, constatar que o relógio já marcava pouco depois das dez e meia da noite não me fez querer rastejar para a cama, e eu sabia bem de quem era a culpa.

“Não há nada que se desculpar, Mariana ;) Eu estou sem sono e me divertindo com a nossa conversa, mas se você já quiser ir dormir, podemos conversar em outro momento” .

Embora nós fôssemos dois estranhos que provavelmente jamais teríamos trocado mensagens se não fosse pelo pequeno incidente no metrô, tive que admitir para uma mínima fração de minha consciência, que eu havia desejado que a resposta de Bernard fosse exatamente a que recebi.

“Não, eu também estou sem sono :) E tenho que concordar, está sendo divertido falar com você :P”, disse rapidamente.

“Fico feliz de saber :) Agora, vamos repassar os seus compromissos de amanhã :P”.

Com a familiaridade que a conversa me passava, como se nos conhecêssemos de longa data, só me restou sorrir de sua animação, demonstrada por repetidos emojis sorridentes.

Capítulo 10

Refúgio

A breve conversa que mamãe e eu tivemos alcançou um ponto tão profundo em mim que naquela mesma noite, após me despedir de Bernard, eu me vi arrumando uma mochila com tudo que eu precisaria para passar um final de semana fora, e quando o relógio marcou pontualmente dezoito horas na tarde da sexta-feira, eu me despedir de Grazi e de Pedro, e segui diretamente para a rodoviária do Tietê.

Sem avisar mamãe de meus planos, me acomodei no assento da janela, retirei de minha bolsa um romance, coloquei meus fones de ouvido e quando o ônibus finalmente iniciou sua viagem, o céu já começava a escurecer.

Tendo uma excelente distração para o trajeto, só fui notar o quanto as horas haviam passado quando o ônibus chegou ao nosso destino. Colocando a mochila nas costas, rapidamente desci do veículo e chamei um carro através do aplicativo, para realizar o último trecho da viagem.

Situada no final de uma rua sem saída, com o mar como quintal dos fundos, o gracioso sobrado de aparência clássica, com a fachada em tijolos aparentes, construído após o período de ouro do café, em nada havia mudado desde a última vez em que eu colocara os meus pés ali. Atravessando os limites do portão baixo, caminhei pela trilha de pedras que cortava o jardim, até alcançar o interior da casa.

Não encontrando ninguém a vista, parei junto do balcão e toquei a campainha prateada. No mesmo instante o som de passos apressados se fez

ouvir, e pelo ritmo do caminhar, não me restava dúvidas de quem vinha ao meu encontro.

— Olá querida, boa noite, precisa de um quarto? — perguntou com sua voz melodiosa, enquanto distraidamente rodeava o balcão e assumia o seu posto na recepção.

Assim que seus olhos finalmente encontraram os meus, seu rosto assumiu uma expressão de surpresa, que rapidamente deu lugar a um sorriso alegre.

— Sim, eu gostaria de um quarto, mãe! — declarei com diversão, rodeando o balcão e abrindo os braços para ela.

— Ah minha menina, que surpresa boa!

Transbordando de alegria, ela me apertou em seus braços, fazendo com que a culpa que eu carregava por minhas escassas visitas se esvaíssem, dando lugar a paz e o conforto que somente o seu carinho de mãe era capaz de proporcionar.

— Eu estava morrendo de saudades — admiti, segurando em suas mãos quando o abraço chegou ao fim.

— Eu também, querida. Venha, vou colocá-la no melhor quarto.

— Mamãe, eu me encaixo em qualquer canto, posso até dividir o quarto com a senhora, não precisa se preocupar.

— Até parece.

Revirando os olhos em desdém ao que eu havia dito, ela saiu de trás do balcão, me trazendo junto consigo.

Enquanto subíamos as escadas, ela aproveitou para me perguntar sobre a viagem, me deu uma bronca de leve por não ter lhe avisado que estava chegando, mas também me deixou saber o quanto estava feliz por minha presença.

Depois de atravessar o extenso corredor ladeado de portas, paramos diante daquela que eu sabia pertencer ao melhor quarto.

— Tem certeza, mãe? Eu posso ficar em outro dormitório, deixe esse

livre para algum hóspede.

— Deixe de besteira, Mariana. Esse final de semana você ocupará esse quarto e não se fala mais nisso.

Sabendo que nenhum argumento que eu tentasse usar com Dona Luiza surtiria efeito, acabei aceitando o que me era oferecido. Depois de girar a chave e abaixar a maçaneta, dei um passo à frente e bati a mão no interruptor, ligando as luzes do cômodo.

Parada junto à soleira, por um breve instante me permiti admirar a beleza simples do quarto. Com as paredes pintadas de branco, uma espaçosa e convidativa cama feita de madeira clara, uma cômoda também de madeira onde eu poderia acomodar as poucas peças de roupa que eu havia trazido e uma vista para o mar digna de tirar o fôlego, eu não poderia querer mais nada para os próximos dias.

— Vou deixar você se instalar enquanto preparo o seu jantar.

— A senhora sabe que não precisa fazer nada disso, certo?

— Você não pode me culpar por querer mimá-la.

Me dando por vencida mais uma vez, assisti mamãe se retirar do cômodo enquanto eu avançava até a porta balcão, situada na outra extremidade do quarto. Assim que ela foi aberta e eu coloquei os pés na pequena varanda, inspirei profundamente uma lufada de ar sem desviar os olhos do horizonte, deixando a forte presença do mar me invadir. Após um breve instante desfrutando de seus sons relaxantes, retornei ao interior do quarto.

Enquanto retirava de dentro da mochila meus poucos pertences e os colocava sobre a cama, não pude deixar de notar a notificação de uma nova mensagem. Imaginando se tratar de Bernard, destravei a tela e abri o aplicativo, apenas para ter a minha suspeita confirmada.

“Olá girassol :D”

Abrindo um sorriso motivado por suas palavras, digitei uma saudação em resposta e aguardei por alguns instantes.

“Sobreviveu ao dia cheio? Espero que não tenha sido tão cansativo a

ponto de você não aproveitar a noite livre”

“hahahahaha já sou quase um zumbi, mas está tudo sob controle, minhas baterias estão sendo recarregadas :P”

“Sério? Qual a boa por aí? :)”

“Praia <3”

“Então todos os planos para o final de semana foram alterados? :O”

“hahahaha sim, todos eles! Se não for pedir demais, por favor, rabisque tudo e anote isso para mim”

“Você não faz ideia do quanto te invejo nesse momento :”(“

“Você está em um lugar ruim? O que vai fazer essa noite?”

Achando graça de sua confissão ao mesmo tempo em que lamentava por ele não poder desfrutar do mesmo que eu, retornei até a varanda, fotografei a vista que eu tinha a partir daquele ponto e lhe enviei. A resposta veio um segundo depois:

“Onde eu estou não é de todo ruim, mas eu preferiria estar em outro lugar, nesse momento :x Olha só essa vista! Sério Mariana, nunca imaginei que você poderia ser assim tão cruel”

Antes mesmo que eu terminasse de ler sua mensagem, fui atingida por um pensamento errante, de que eu gostaria que ele estivesse aqui. Sem saber de onde isso havia surgido, optei por ignorar e manter nossa conversa.

“Eu nunca disse que não era :P Agora conte-me, aonde você está aprisionado?”

Deixando o celular sobre a cama, peguei o que precisaria durante o banho e segui para a suíte, ainda rindo da interação com Bernard. Era curioso pensar o quão rapidamente sua presença havia se tornado natural em meus dias.

De volta ao quarto minutos mais tarde, destravei a tela do aparelho esperando por uma resposta e o que encontrei foi uma foto com parte da Torre Eiffel, não vista a partir do jardim que a cercava ou de algum ponto badalado onde a maioria das pessoas costumavam fotografá-la, mas a partir de uma janela, o que me fez concluir que essa era a vista de seu quarto.

“Você acaba de ganhar uma inimiga declarada”.

Quem em sã consciência reclamaria por estar em Paris em uma sexta-feira à noite?

Vestida com um pijama confortável, fiz o caminho para o andar inferior e me juntei a mamãe em sua cozinha privada, onde ela havia servido um pequeno banquete, mesmo eu lhe dizendo que a minha fome não era para tanto.

Após desfrutarmos de uma refeição muito saborosa e agradável, especialmente por tê-la como companhia, acabei sendo vencida pelo sono e o cansaço, que haviam se acumulado ao longo do dia de trabalho e pela breve viagem.

— Durma bem, querida. Amo você, meu raio de sol. — Beijou minha bochecha.

— Também te amo, mãe. Boa noite.

Deixando a área anexa à pousada ocupada por ela e minha tia, subi as escadas. De volta ao quarto, não fui capaz de ignorar a notificação de nova mensagem enquanto me acomodava na cama macia, pronta para dormir.

“Será que eu já fui perdoado?”

“Eu não me tornei realmente sua inimiga, eu só estava jantando com a minha mãe :P”

“Que bom, porque eu espero que você me leve para conhecer esse lugar :)”

“Isso quer dizer que você também vai me levar para conhecer o lugar em que está?”

“Eu adoraria trazê-la aqui, girassol”

Capítulo 11

Vida real

Embora dormir até tarde fosse algo que me desse muito prazer, decidi que nos próximos dias abriria mão disso, então, quando o celular despertou às seis da manhã eu prontamente levantei, não dando qualquer chance para a preguiça se instalar.

Depois de esvaziar minha bexiga e fazer minha higiene matinal, desci até a cozinha da pousada. Como eu imaginei, mamãe já estava desperta, então aceitei a caneca de café oferecida por ela, bem como um punhado de pães de queijo recém assados e voltei ao quarto. Ocupando a cadeira disposta na varanda, fiquei de frente para o mar, encarando o céu parcialmente tingido de laranja, enquanto aguardava o nascer do sol.

Em meio a minha espera, fui surpreendida com a notificação de mensagens, e pensando que de maneira nenhuma seria Grazi me enviando algo a essas horas, logo deduzi que só poderia ser ele.

“Bom dia girassol, aproveite o seu dia de descanso :”*

“Bom dia, Bernard! :) Apesar das suas páginas em branco, desejo que possa aproveitar o dia ;)”

“Oh, você já está desperta, o que te tirou tão cedo da cama?”

Sorrindo para o celular apoiado sobre uma de minhas pernas, coloquei o último pão de queijo na boca e então digitei a resposta:

“O nascer do sol :)”

“Aqui o dia está cinzento, acho que o sol não irá aparecer”

“Hum, está com tempo? Gostaria de assistir comigo?”, perguntei, totalmente impulsiva.

“Você faria isso por mim?”

Sem qualquer aviso, lhe enviei um convite para uma chamada de vídeo. Tomando o cuidado de posicionar a câmera apontada para o céu e o mar diante de mim, vi o momento em que ele aceitou a chamada. Sua imagem permanecia escura, me impossibilitando de ver seu rosto, mas isso não era realmente um problema.

Imersos no mais absoluto silêncio, interrompido apenas pelo som das ondas do mar quebrando na praia, Bernard e eu assistimos o céu antes alaranjado ser tingido de tantas outras cores, como dourado, lilás e azul claro, antes do sol finalmente aparecer. Eu não sei ao certo há quanto tempo estávamos presos ao momento, mas o sol já estava relativamente alto quando fui surpreendida por sua voz rouca:

“Obrigado por compartilhar isso comigo, girassol”.

Com essas simples palavras ele foi capaz de provocar um arrepio que se espalhou por todo meu corpo, quase como se estivesse sussurrando em meu ouvido enquanto me tocava.

Exceto por nosso primeiro contato na estação de metrô, no qual mal trocamos três frases, essa era a primeira vez que eu ouvia sua voz. Depois disso, tive a certeza que conseguiria ouvi-la ressoando em minha mente cada vez que lesse suas mensagens.

“Por nada, Bernard. Foi um prazer”, murmurei, antes que a chamada fosse finalizada.

Tendo pela frente um dia todo, cheio de possibilidade quanto ao que fazer, apanhei o celular e a caneca de café agora vazia, retornei ao interior do quarto, substitui meu pijama por biquíni e uma roupa de exercício, e fui chamar mamãe para uma caminhada à beira mar.



Depois de assistirmos “juntos” o nascer do sol, Bernard se tornou mais ausente, quase não me mandando mensagem ao longo de todo aquele dia e sumindo por completo no seguinte. Sem saber ao certo se ele teria ou não sentido a mesma energia que eu durante aquele momento compartilhado, minha mente paranoica começou a criar mil teorias a respeito, quando na verdade ele provavelmente estava apenas me dando espaço para aproveitar a companhia de minha mãe.

Mais rápido do que eu gostaria, o final de semana terminou, e embora eu estivesse neste momento presa dentro de um ônibus, subindo a serra em um final de tarde de domingo, pronta para voltar à vida real da grande metrópole, eu me sentia feliz e agradecida por ter estado com minha mãe por dois dias incríveis.

— *Não fique sem me visitar por tanto tempo, eu sinto sua falta querida.*

— *Eu prometo voltar logo, mãe, e dessa vez irei cumprir — garanti, beijando sua face antes de me afastar e entrar no carro que já estava a minha espera. Me despedir dela nunca ficava mais fácil.*

Alternando entre breves cochilos e a leitura de algumas páginas do livro que seguia como meu acompanhante, sequer notei a longa distância que havíamos percorrido, até o momento em que o ônibus estacionou em uma das plataformas da rodoviária do Tietê.

Após alongar meu corpo o melhor possível no vão entre os bancos, apanhei a mochila do compartimento de bagagem acima de minha cabeça e desci do ônibus, rumando em direção a área externa, onde poderia conseguir um carro para me levar de volta para casa. Eu só precisava de um pouco de conforto que o metrô, apesar de mais rápido, não oferecia.

Durante o percurso, destravei a tela do celular uma porção de vezes apenas para me certificar se alguma mensagem havia sido recebida sem qualquer notificação, mas isso não aconteceu, e embora eu desejasse mandar uma

mensagem qualquer para Bernard na intenção de criar uma conversa, uma vez que ele se manteve calado todo o dia, acabei desistindo no instante seguinte.

Exausta como estava, tudo que consegui fazer após finalmente colocar os pés em casa, foi colocar a roupa suja no monte a ser lavado, tomar um banho relaxante, comer uma fatia de bolo pronto acompanhado de chá e finalmente cair na cama. Antes de ser totalmente vencida pelo sono, coloquei meu orgulho de lado, apanhei o celular que já estava sobre o criado mudo, e digitei:

“Boa noite, Bernard”.



— Bom dia, Mari! Oh, é impressão minha ou você está com as bochechas queimadas de quem pegou sol?

— Bom dia, Pedro. Sério que está tão evidente? Não foi por falta de protetor solar.

— Está adorável! — Sorriu amplamente, enquanto se demorava por longos segundos admirando meu rosto. — Espero que tenha aproveitado o descanso.

— Foi muito bom, na verdade fui visitar a minha mãe, a questão de ser na praia é um mero bônus. — Dei de ombros enquanto sorria, me recordando dos bons momentos, ao mesmo tempo em que a memória do nascer do sol na companhia de Bernard alcançava a superfície de minhas lembranças.

Inexplicavelmente o “silêncio” de Bernard vinha me causando um certo desconforto e eu queria entender a razão disso me afetar tanto. Era curioso pensar o quanto a nossa conversa despretensiosa havia me cativado, e sendo honesta comigo, eu estava cada dia mais curiosa para conhecê-lo pessoalmente.

— *Eu entendo isso, mas era a data disponível. Esse é um lugar com valor sentimental para nós, as reservas não são assim tão fáceis, eu dei sorte... tudo bem, eu preciso trabalhar agora, até mais* — Grazi dizia ao telefone ao adentrar em nossa sala, parecendo cansada demais embora ainda fossem oito e

dez da manhã de segunda. — Bom dia para vocês! — Saudou, conforme repousava o celular sobre a mesa e deixava seu corpo cair na cadeira.

— Bom dia.

Meu colega e eu respondemos em uníssono, o que nos fez sorrir a seguir.

— Querem saber de uma coisa? Não se casem — alertou, fazendo com que eu e ele trocássemos um olhar assustado, como se ela soubesse de algo que nem mesmo nós compreendíamos. — Ou melhor, se casem, mas não deem ouvidos a quem tentar se intrometer nas suas decisões, isso é uma merda. — Continuou, sem realmente notar nossa reação estática.

Pela visão periférica, pude ver Pedro respirar com alívio, ao se dar conta de que ela estava apenas divagando, e não apontando algo diretamente entre nós.

— Respire, noivinha, ou você vai ter uma síncope. A sua fada madrinha está aqui para ajudá-la. — Pisquei, tentando aliviar a tensão de minha amiga. — Mamãe te mandou um beijo e disse que em minha próxima visita você e Matheus devem ir junto.

— Eu definitivamente preciso de uns dias de descanso.

Antes de adotar sua postura profissional e começar a mexer na pilha de papéis sobre sua mesa, Grazi deu um longo suspiro.

— Ela está bem? — Pedro sussurrou.

— Ela vai ficar.



“Você acredita que eu derrubei meu celular na pia cheia de água, girassol? É no mínimo curioso o quanto um pouco de água no lugar errado pode causar estrago. Se me mandou alguma mensagem desde a manhã de domingo, eu infelizmente não recebi, desculpe :(“

Se ele achava curioso o estrago que um punhado de água pode fazer sobre um aparelho eletrônico, eu nem quero imaginar o que ele diria a respeito do alívio que eu senti ao ler sua mensagem.

Ao longo de todo o dia eu havia remoído o que poderia ter ocasionado seu desaparecimento. Em dado momento durante o almoço, Grazi até chamou minha atenção pelo fato de eu estar “aérea”. Aquilo estava me afetando mais do que deveria ser considerado normal, mas aí estava a resposta para todos meus questionamentos, ele não havia se afastado, eu não havia feito nada errado, tudo não havia passado de um mero contratempo.

“Eu lamento por isso, Bernard, mas que bom que está de volta :)”

“Você não vai se livrar de mim assim tão fácil, Mariana :P”

“Eu realmente conto com isso, você ainda tem algo que me pertence”

Após lhe enviar uma resposta tão espirituosa quanto sua mensagem havia sido, voltei à tarefa de preparar o jantar. Logo uma nova mensagem chegou e no decorrer da próxima hora, enquanto eu comia, tomava banho e me ajeitava para dormir, Bernard e eu trocamos uma série de mensagens, quase como se estivéssemos recuperando o tempo perdido em que ficamos sem nos comunicar no dia anterior. Eu estava me afeiçoando cada vez mais a ele.

Capítulo 12

Conselhos

Com absolutamente tudo parecendo fluir bem no trabalho, Pedro e eu trocando olhares demorados que me faziam acreditar que havia algum interesse em mim, Grazi pirando por conta do jantar de noivado que estava há poucos dias de acontecer e Bernard e eu mantendo a nossa constante troca de mensagens, a semana passou sem que eu me desse conta.

Acostumada a despertar bem cedo todas as manhãs, devido ao tempo que eu levava para ir de casa até o trabalho, meu organismo criou seus próprios horários e mesmo em dias que eu poderia dormir até mais tarde, como era o caso naquela manhã de sábado, eu me vi desperta, encarando o teto do meu quarto, pouco depois das oito da manhã.

A princípio eu desejei ignorar meu relógio biológico e voltar a dormir, mas a claridade que se infiltrava por baixo das cortinas escuras me fez acreditar que havia um bonito dia de sol do lado de fora, então, quando nenhum argumento criado por mim me convenceu a permanecer dormindo, declarei a minha preguiça como perdedora na batalha travada contra a minha razão, e por fim me levantei.

Embora eu houvesse ido dormir mais de duas da manhã, conversando com Bernard, eu me sentia bem-disposta, então, coloquei a cafeteira para trabalhar e fui substituir minhas roupas confortáveis da noite anterior por roupa de ginástica. Em uma mochila, coloquei uma troca de roupa limpa e tudo que eu poderia precisar para o restante do dia, e voltei para a cozinha, pronta para o meu desjejum.

Pouco mais de trinta minutos após deixar meu apartamento, desci em uma estação de metrô na Avenida Paulista e caminhei algumas quadras adiante, até chegar ao prédio onde Glória mantinha seu espaço de meditação. Sem tempo a perder devido a hora avançada, subi de elevador até o sexto andar, e ao adentrar na ampla sala, de paredes pintadas em um tom claro de amarelo, encontrei alguns rostos conhecidos, que me cumprimentaram conforme atravessasse o cômodo, a caminho do vestiário. Pontualmente às dez horas, Glória assumiu seu posto à frente da nossa turma e iniciou a nossa aula.

— Sentem-se de maneira confortável. — Começou. — Mantenham a coluna ereta e suavemente fechem os olhos. — Glória orientou em sua voz doce e melodiosa.

Sendo uma pessoa agitada, acostumada a viver em um ritmo frenético como a grande cidade exigia, nunca pensei que me adaptaria a uma prática tão tranquila e serena como a meditação, que acabou por entrar em minha vida em um momento crucial, no qual meu corpo poderia colapsar a qualquer momento, devido às altas doses diárias de estresse, gerado a partir das exigências de meu emprego e do ritmo de vida que eu vinha levando.

— Inspire lentamente e sinta o ar preenchendo seus pulmões. Ao expirar, esvazie também a mente e absorva tudo que há a sua volta. Se conecte com seu corpo.

Seguindo seus comandos, pouco a pouco a minha mente foi se desligando da onda de pensamentos que me atingiam, e dando lugar a um vazio confortável, bem-vindo, no qual apenas eu existia.

Ao longo da próxima hora, com a ajuda de sons e cheiros suaves que envolviam o ambiente a nossa volta, desfrutei de sentimentos e sensações que apenas a meditação vinha despertando em mim, e quando Glória nos pediu para finalmente abrir os olhos, eu me sentia leve e renovada.

Assim como havia acontecido há algumas semanas, pouco a pouco meus colegas recolheram seus pertences, se despediram dos que ali permaneciam e então seguiram porta a fora, até restar apenas Glória e eu.

— Como você está, Mariana? Vejo que está radiante.

Sentando-se de frente para mim, ela exibiu um sorriso acolhedor antes de fechar os olhos e apenas ouvir o que eu tinha a dizer.

— Oh, realmente, Glória? Eu me sinto muito bem... Hum, há algo que eu gostaria de lhe contar. — Comecei, com as mãos repousando sobre meus joelhos enquanto tentava conter um sorriso. — Um Pedro apareceu em minha vida, claro que é cedo demais para pensar qualquer coisa a respeito, mas estava ansiosa para compartilhar isso. Nós estamos trabalhando juntos por um tempo, ele parece ser um cara legal.

— Bem, se você o considerar uma boa pessoa, alguém agradável de se estar perto, se permita conhecê-lo. Mas volto a lhe aconselhar a não fechar os seus olhos e tampouco seu coração. Eles irão guiá-la na direção correta, não tenha dúvidas.

Com olhos e ouvidos bem abertos, por um instante não pude deixar de comparar seus conselhos um tanto misteriosos aos do Mestre dos Magos, personagem de um desenho muito antigo, mas no instante seguinte repeti em silêncio suas palavras sábias a fim de memorizá-las e agradecer.

— É tão difícil ser apenas uma espectadora de minha própria vida...

— Você está livre para tomar decisões, menina, sempre há uma escolha, não precisa apenas assistir aos acontecimentos.

— Eu entendo, mas... como saberei que estou indo na direção certa? Que fiz as melhores escolhas? — suspirei, tentando me livrar da frustração que tais inquietações me causavam.

— Não tenha pressa, tudo irá acontecer em seu devido tempo. — Piscou, aliviando a seriedade do momento.

Após agradecer suas palavras, sempre muito bem-vindas, usei o vestiário do estúdio para substituir as roupas de exercício por algo mais leve, como um short jeans e uma blusinha de estampa floral. Antes de partir, me despedi de Glória com um abraço apertado, lhe agradecendo mais uma vez por seu cuidado. Com a cabeça fervendo em um milhão de pensamentos, deixei o prédio ainda me

sentindo atordoada.

“Já cumpriu com seus afazeres, girassol? :P”, dizia a mensagem enviada por Bernard, a primeira nesta manhã.

“Com certeza, senhor Bernard. Já me encontro em paz e equilibrada. E quanto a você?”.

Sem pressa para estar em canto algum ao longo das próximas horas, passei a caminhar ao longo da Avenida Paulista despreocupadamente, olhando as vitrines das lojas e apreciando o movimento de pessoas, que assim como eu pareciam se sentirem animadas a aproveitar o dia de sol.

Completamente alheia às horas, só fui me atentar ao fato de que ainda não havia almoçado quando meu estômago protestou por comida. Surpresa por notar que já passava das duas da tarde e tudo que eu havia ingerido até o momento havia sido o café da manhã, olhei a minha volta em busca de algum lugar agradável onde pudesse comer. Avistando o prédio do SESC logo adiante, passei a caminhar até lá com passos decididos.

Por se tratar de um almoço tardio, dei a sorte de não encontrar muitas pessoas por ali naquele momento, embora o mirante estivesse realmente lotado de turistas desfrutando da vista privilegiada que se tinha da grande avenida a partir daquele ponto.

Após realizar o meu pedido e encontrar uma mesa onde pudesse me acomodar, aproveitei o tempo de espera para responder as mensagens de Bernard que haviam se acumulado desde que eu havia deixado o prédio de Glória, algum tempo atrás.

Depois de saciar minha fome com duas deliciosas *bruschettas* e um generoso copo de suco, deixei o prédio e novamente voltei a caminhar ao longo da avenida, dessa vez, em direção à estação de metrô mais próxima.

Me recordando de que os armários e a geladeira de casa muito em breve ficariam desabastecidos, aproveitei também para ir ao mercado. Quando finalmente fiz tudo que precisava e coloquei os pés em casa, o relógio marcava pouco mais de seis da tarde.

Sentindo-me bem-disposta, apesar da extensa distância que havia caminhado ao longo do dia, decidi que não ficaria em casa essa noite, então, após guardar as compras em seus devidos lugares, preparei um lanche rápido, que fui comendo ao mesmo tempo em que mandava mensagens para algumas de minhas amigas.

Pouco a pouco as respostas positivas foram chegando, e após definirmos qual seria o nosso ponto de encontro, me delicieei com um banho refrescante. Escolher uma roupa nunca era uma tarefa fácil, mas dessa vez a decisão havia sido tomada em um piscar de olhos.

Trajando uma calça preta de cintura alta que modelava muito bem minhas curvas, um top de renda preto, recoberto por uma blusa transparente também preta e um par de saltos poderosos nos pés, eu me sentia mais do que pronta para assumir o controle de minhas decisões e ver no que elas resultariam ao final da noite.

Capitula 13

Ao acaso

— Uma cerveja, por favor. — Pedi à mulher posicionada atrás do balcão.

Olhando à minha volta enquanto esperava por minha bebida, não pude deixar de notar o quanto o espaço havia enchido de pessoas desde que havíamos chegado. Situado em um ponto da rua Augusta, o bar de estilo americano retrô escondia um dos melhores lugares da cidade para se divertir num sábado à noite.

À primeira vista, você jamais diria isso, uma vez que o ambiente principal se parecia com uma lanchonete antiga, frequentada principalmente por casais, mas o segredo ficava guardado atrás da porta de uma geladeira vintage, que na verdade era a passagem para um ambiente completamente diferente, muito moderno e com boa música que ia do rock clássico à bandas do cenário atual da música.

— Se você não fosse o tipo de mulher que é preciso dar uma segunda olhada para acreditar que é real, eu sequer teria notado que se tratava de você, Mariana.

Apesar da música alta, a voz masculina me pareceu ligeiramente familiar. Vencida pela curiosidade, desviei os olhos da pista de dança e me virei na direção oposta, me deparando com Pedro parado a menos de um braço de distância.

— Eu não vou cair nessa sua cantada.

Aproveitando do fato de não haver a pressão do escritório nesse momento, me permiti brincar com ele.

— Não é uma cantada, é uma constatação. — Deu de ombros, enquanto eu lhe dediquei apenas um arquear de sobrancelhas e um sorriso contido. — Posso te pagar uma bebida, ou você está acompanhada e a qualquer instante vai aparecer alguém para chutar a minha bunda?

— Uma bebida vai bem — respondi, sentindo-me encorajada a interagir

com ele, após a conversa que havia tido com Glória.

Assim que a garrafa de cerveja foi colocada diante de mim, Pedro aproveitou para fazer seu próprio pedido e mostrou sua comanda ao barman, para que ambas as bebidas fossem cobradas.

— Quem poderia prever que em meio aos doze milhões de pessoas andando por todas as ruas da cidade e frequentando os mais diversos lugares essa noite, nós nos encontraríamos aqui.

— O que você acha, que foi um capricho do destino a gente se encontrar fora do escritório?

Retribui o olhar sedutor antes de beber um gole de minha cerveja, esperando por uma resposta que na realidade eu mesma não sabia a resposta.

Embora as duas cervejas ingeridas até o momento não fossem capazes de me deixar minimamente alterada, tampouco relaxada demais para desativar os filtros de bom senso, agora eu me sentia encorajada a responder seu flerte.

De repente, beijá-lo até o final da noite me pareceu um desafio interessante e eu precisava saber como seria a nossa química — *talvez, a física também.*

Após passear o olhar por meu corpo algumas vezes enquanto esperava por sua bebida, Pedro se aproximou um pouco mais e então a conversa que antes era gritada por cima da música, passou a ser feita ao pé do ouvido, o que me permitiu inalar seu perfume a cada resposta e desejá-lo um pouco mais.

Assim que eu disse a ele que estava acompanhada por algumas amigas solteiras, ele decidiu fazer um arranjo com seus amigos também solteiros e logo nós nos tornamos um grande grupo de oito pessoas, que incluía Graziela e Matheus, os únicos verdadeiramente comprometidos.

Impossibilitada de explicar a minha amiga sobre o encontro inesperado que havia acontecido entre Pedro e eu no bar, apenas dei de ombros e lhe sorri, de forma que ela conseguisse entender minhas intenções.

Ao longo das próximas horas Pedro e eu bebemos, conversamos e dançamos juntos, muito próximos, com nossas bocas quase se tocando por

diversas vezes, em um evidente jogo de sedução, que se tornou ainda mais intenso quando ele se ofereceu para me deixar em casa, após eu declarar que estava cansada.

Saindo à francesa, sem que o restante do grupo percebesse nossa escapada, ele se posicionou às minhas costas e apoiou suas mãos em minha cintura, nos guiando em direção a saída. Quando chegamos ao corredor de paredes escuras, iluminado apenas por luzes negras que não nos deixava enxergar muito além, fui surpreendida ao ser encurralada entre seu corpo e a parede.

Sem me dar tempo para pensar em qualquer coisa, Pedro tomou meus lábios em um beijo exigente, desejoso, avassalador, que me fez suspirar e gemer contra ele, enquanto rodeava seu pescoço com meus braços. Suas mãos que antes permaneciam paradas em minha cintura, agora deslizavam por toda a lateral de meu corpo, fazendo minha pele se arrepiar com o calor de seu toque e meu desejo crescer ainda mais.

Quando o ar se tornou escasso, demos o beijo por encerrado e saímos do estabelecimento às pressas. Me sentindo tão empolgada e aventureira quanto uma adolescente, apesar de já ter os meus vinte e seis anos, me deixei ser levada por ele.

Assim que entramos em seu carro, Pedro disse de maneira nem um pouco despretensiosa que seu apartamento ficava a poucos minutos de onde estávamos. Sorrindo diante de sua sugestão para mudarmos os rumos que eu havia estabelecido para o final dessa noite, eu disse a ele que adoraria conhecer seu esconderijo.

Conforme ele havia mencionado, em poucos minutos chegamos ao seu prédio. Nós atravessamos a garagem às pressas, de mãos dadas e entramos no elevador. Assim que as portas se fecharam, ele voltou a me beijar e só parou quando chegamos ao seu andar, que eu sequer havia prestado atenção qual era.

Com uma de suas mãos ao meu redor e minha boca beijando seu pescoço, a simples tarefa de abrir a fechadura acabou demorando mais do que o

normal, mas assim que fomos engolidos pela escuridão de seu apartamento, todo desejo que vínhamos controlando foi liberto.

Uma a uma as nossas peças de roupa foram sendo removidas às pressas, e quando chegamos ao seu quarto, nós não usávamos nada além de nossas roupas íntimas.

Mantendo seus lábios e suas mãos em mim, Pedro nos conduziu até sua cama e passou a adorar meu corpo sobre ela, até eu não aguentar mais as provocações e pedir que ele me tomasse de uma vez. Assim como havia acontecido com nossos lábios, o encaixe de nossos corpos foi perfeito, e logo passamos a nos mover no mesmo ritmo, buscando o ápice do prazer.

Quando o momento chegou ao fim, permanecemos largados sobre a cama macia, com nossas respirações ofegantes e nossos corpos completamente saciados. Algum tempo depois resolvemos nos aventurar em sua cozinha, onde conversamos sobre coisas aleatórias enquanto descansávamos o suficiente antes de voltar para o quarto, prontos para uma segunda rodada, que acabou não acontecendo por culpa de Grazi, que me ligou toda chorosa.

— Eles discutiram por algo que não entendi o que era, e agora ela precisa de mim — comentei, enquanto recolhia minhas roupas do chão e as vestia.

— Eu também preciso de você.

Exibindo um sorriso torto e direcionando o olhar propositalmente para seu membro, sabendo que eu olharia naquela direção, ele tentava me convencer a mudar de ideia.

— Um banho refrescante e uma mão amiga devem resolver seu problema. — Pisquei, me aproximando da cama em uma tentativa de não ser tão grosseira. — Até mais — falei, antes de me curvar ligeiramente e lhe dar um beijo rápido nos lábios.

— Me deixe pelo menos te levar até em casa — insistiu, enquanto me seguia até a saída, usando nada além de uma boxer preta.

— Relaxa, o carro que chamei já está chegando. Até mais.

O tempo que permaneci presa no interior do veículo, indo de onde estava até o meu apartamento, acabou sendo o suficiente para que Grazi e Matheus se entendessem e fizessem as pazes, e embora eu tivesse todos os motivos para xingá-los por me tirarem da casa de Pedro, eu na verdade me sentia agradecida.

Não que as coisas entre nós tivessem sido ruins, longe disso. Pedro sabia muito bem como agradar uma mulher na cama e eu não poderia estar mais satisfeita, mas apesar de tudo, eu ainda tinha a sensação de que faltava algo. No final das contas, acho que eu havia criado expectativas, principalmente pelo fato dele se chamar Pedro.

Sentindo o cansaço cobrar seu preço após um dia tão longo, as únicas coisas que fui capaz de fazer depois colocar os pés em casa foi tomar um bom banho e cair na cama.

“Online a essas horas?”, dizia a mensagem enviada por Bernard, enquanto eu respondia à mais um pedido de desculpas de Grazi.

“Acabei de chegar em casa...”, pensando por um instante se deveria ou não compartilhar uma informação a mais, completei, *“encontro ruim”*

“Acredite, se fosse comigo você não teria esse problema, girassol ;)”

“Presunçoso”

“Realista!”

“Boa noite, Bernard :P”

Capítulo 14

Descoberta

“Você precisa me contar absolutamente tudo!”, dizia a mensagem de Graziela, responsável por meu despertar, graças a vibração do celular sob meu corpo.

Encarando a tela luminosa do aparelho com apenas um dos olhos abertos, constatei que boa parte de meu domingo de folga já havia se esvaído enquanto eu dormia demais, para compensar a noite de muita dança e sexo bom.

Afundando a cara no travesseiro, me permiti mais alguns instantes imersa na escuridão de meu quarto antes de decidir me levantar.

“Não me ignore”, ela insistiu após alguns instantes, quando não obteve uma resposta de minha parte.

“Eu não estou te ignorando, só preciso de um pouco de café, você me acordou”.

Apertando o botão da cafeteira logo após deixar a cama, aguardei pacientemente enquanto o aroma dos grãos moídos se espalhava pelo ambiente, ao mesmo tempo em que o líquido escuro escorria para dentro de minha caneca.

Ocupando uma das banquetas altas diante do balcão que separava a sala e a cozinha, passei cream cheese em uma fatia de pão e dei uma mordida generosa. Depois, bebi um gole de café, que quase como mágica fez eu me sentir bem instantaneamente.

Após me dar alguns minutos para de fato começar a funcionar, como ela bem sabia que eu precisava, Grazi enviou uma nova mensagem.

“Você passou a noite com ele, ou a minha ligação atrapalhou as

coisas?"

"Hahhahahahaha você atrapalhou as coisas, mas acho que foi melhor assim".

De fato, eu pensava dessa maneira. Pedro e eu mal nos conhecíamos e embora eu já tivesse vivido algumas aventuras de uma noite, ele não se encaixava nessa categoria, não quando eu sabia que segunda-feira estaríamos cara a cara, trabalhando juntos.

"Merda, me desculpe. Você ao menos conseguiu aproveitar um pouco?"

"Aproveitei o suficiente para saber que ele é bom, e que isso pode bagunçar tudo".

Misturar trabalho e prazer poderia me gerar uma dor de cabeça épica, eu sabia disso, especialmente após sentir todas aquelas sensações que ele provocou em mim, quando nós nos apresentamos um para o outro.

Mas, por outro lado, na noite passada não havia nada além de uma pequena fagulha. Quando ele me tocou, quando seu corpo possuiu o meu, esperei que algo intenso fosse acontecer, que eu encontraria algum sinal de que eu não estava errada, de que ele era o cara, mas a verdade é que tudo não passou de uma boa transa.

Olhando as mensagens não lidas, inevitavelmente procurei por seu nome, na esperança de ver se havia algo, um mero “bom dia”, mas até o momento Pedro não havia dado qualquer sinal de vida.

"Não pense que eu vou me contentar só com isso. Escreva um texto, grave um áudio, faça uma chamada. Enfim, encontre uma maneira e me dê detalhes ou você não terá paz, eu juro".

"Eu te conheço o suficiente para saber que você seria capaz de bater na minha porta só para exigir detalhes"

Nos quinze minutos seguintes, contei a Grazi detalhes de meu encontro inesperado com Pedro no balcão do bar, do beijo fervoroso que demos na saída, e do quão intenso e dedicado ele havia sido durante o sexo. Mas confessei a ela também a falta de uma conexão mais poderosa, que acabou por me desapontar.

“Glória é uma pessoa incrível, mas acho que ela realmente errou o palpite.”

“Não seja precipitada, talvez vocês tenham que construir algo, desbloquear esse sentimento...”

“Eu sinceramente não sei o que pensar.”

Ao terminar meu relato, reuni os itens espalhados sobre o balcão e guardei cada coisa em seu lugar. Com o relógio marcando pouco depois das três da tarde, decidi me jogar no sofá e assistir um filme qualquer antes de ter que me preocupar com o jantar.

“Boa tarde, girassol, resolveu dar o ar da graça? :P”

“Bonjour, monsieur Bernard... Sim, achei que o mundo precisava da minha boa influência hahahahaha”

“Quanto ao mundo eu não sei, mas confesso que eu aprecio sua companhia ;)”

Alternando minha atenção entre a nossa troca de mensagens e a TV, que exibia uma comédia romântica muito fofa e divertida, só fui perceber o quanto as horas haviam passado, quando o filme terminou e eu notei que o apartamento estava imerso na penumbra.

Alongando o corpo ao deixar o sofá, segui até o banheiro para aliviar a bexiga, e no meio do processo, algo me veio à mente. Depois de lavar as mãos, fui até o meu quarto, apanhei a agenda de cima do criado mudo e a levei até a cozinha, enquanto uma ideia se formava. Era hora de testar as minhas habilidades.



“Coloque um pouco de caldo e mexa. Faça isso até que o arroz esteja cozido, mas al dente, e cremoso.”

— Como diabos isso é possível, Bernard? Cozido, al dente e cremoso!?

— resmunguei frustrada, parando por um breve instante apenas para beber um

gole de vinho.

Passando os olhos pela página da agenda aberta sobre a bancada enquanto voltava a mexer o conteúdo da panela, constatei que quase não havia processos a serem seguidos a partir daquele ponto, o que me fez deduzir que eu estava prestes a terminar. Parecendo feliz com a notícia, meu estômago escolheu esse momento para emitir um ruído alto.

Apesar das dúvidas que me surgiram ao longo do processo, pedir ajuda a Bernard não era uma opção, isso porque ele havia me dito há algum tempo que estaria ocupado e que talvez só voltaríamos a conversar no dia seguinte.

Embora cozinhar não fosse lá o meu maior dom, eu não era de todo ruim na cozinha. Sabia fazer muito bem a “comida de todo dia”, além de uma coisa ou outra mais elaborada, porém, nada me pareceu tão desafiador quanto aquele Risoto de Funghi, que acabei encontrando em meio às primeiras páginas da agenda, durante a minha inspeção na outra noite.

Escrita em uma caligrafia bonita, a receita do prato em questão me pareceu muito apetitosa, e como aparentemente ela vinha acompanhada da descrição de todos os processos para o preparo, decidi ousar no jantar de domingo. *Ah, se arrependimento matasse!* Pensei enquanto bebia mais um gole do vinho, que de ingrediente da receita havia se tornado meu acompanhante, quando as coisas começaram a dar errado.

De olho no timer que eu havia deixado sobre o balcão e no fundo da panela, constatei que o arroz havia atingido o ponto descrito, então apaguei o fogo, acrescentei manteiga e queijo, conforme indicado na receita, e enquanto mexia o conteúdo da panela apenas mais algumas vezes, para me certificar de que os ingredientes haviam se misturado adequadamente, rabisquei à lápis ao lado desse último processo o tempo exato de cozimento, bem como havia feito em alguns dos tópicos anteriores.

Tudo teria sido muito mais simples se eu tivesse tais informações desde o princípio.

— É melhor que isso preste, senhor Bernard, ou eu juro por Deus que

farei questão de te dizer o quanto o meu jantar foi arruinado. — resmunguei, enquanto servia uma porção em um prato bonito que eu raramente usava e reabastecia a taça.

Olhando com atenção para a garrafa praticamente vazia, constatei que eu havia bebido uma proporção maior do que a usada na receita.

Colocando para tocar no celular “Paper Heart” do Tom Leeb, uma de minhas músicas lentas favoritas, diminui a intensidade da luz sobre o balcão e então me acomodei na banquetta alta, pronta para descobrir se eu teria que recorrer a um delivery.

Meus olhos se fecharam no instante em que a explosão de sabores aconteceu em minha boca, logo após saborear a primeira garfada e gemer de prazer.

— Puta que pariu! — murmurei, antes de colocar uma nova garfada entre meus lábios. — Abençoado seja quem inventou essa receita.

Alcançando a agenda e trazendo-a para perto de mim, deixei minha curiosidade falar mais alto naquele momento, e passei a olhar as páginas anteriores a essa data, xeretando em seu conteúdo.

Em meio a compromissos com horário marcado, vez ou outra surgiam coisas que eu consideraria como aleatórias. Além da receita que agora eu saboreava, havia também frases soltas, reflexões, nomes de músicas e outras coisas que não faziam o menor sentido para mim, mas que certamente eram importantes para Bernard, uma vez que estavam registradas ali.

Quando a comida chegou ao fim, deixei de olhar o conteúdo que me parecia no mínimo curioso. Incapaz de afastar para longe, permaneci encarando a capa preta por algum tempo enquanto deslizava a ponta de meus dedos sobre a textura ligeiramente granulada, pensando em como seria quando finalmente estivéssemos cara a cara para destrocar nossos estimados objetos.

Atingida por um lapso de lucidez instantes mais tarde, finalmente deixei o objeto de lado e iniciei a limpeza e organização do espaço, que nesse momento parecia ter sido visitado por um batalhão de soldados muito famintos.

Quando terminei meus afazeres, fui novamente atraída para o objeto que havia sido deixado sobre o balcão. Depois de avançar algumas páginas até a data atual, que permanecia em branco, segui olhando as páginas seguintes em busca de sua rotina para os próximos dias, que só voltou a ser preenchida com afazeres a partir de quarta-feira, provavelmente o dia de seu retorno.

Nessa data em questão havia alguns rabiscos que me pareciam aleatórios, uma anotação para recordá-lo do almoço com sua mãe, além de “comprar alimentos frescos” e “reunião com fornecedores”, o que deduzi ser algo relacionado com seu trabalho, que até o momento nenhum de nós havíamos comentado a respeito.

Ainda mantendo o olhar curioso sobre sua agenda, assim como ele certamente já havia feito com a minha, fui tomada por um sentimento de sabor amargo quando meus olhos passaram pelo último compromisso registrado para aquela semana, na qual estava anotado em sua letra bonita “noivado”.

Sentindo a saliva descer com dificuldade por minha garganta, que repentinamente parecia ter se estreitado, fechei a agenda, apaguei as poucas luzes acesas naquele cômodo e ainda sem saber o que pensar a respeito, considerando nossos flertes muito evidentes em nossa troca de mensagens, caminhei até o banheiro, sentindo a necessidade de um longo, silencioso e relaxante banho para conseguir lidar com a mais recente descoberta.

Bernard estava prestes a ficar noivo.

Capítulo 15

Equivocada?

Depois de uma noite de sono repleta de sonhos tumultuados, acordei na manhã seguinte me sentindo cansada, com a cabeça tomada por pensamentos confusos e desejando apenas um único contato de Bernard, que me desse brecha para confrontá-lo logo.

Mesmo sabendo que em poucos dias ele estaria de volta, eu queria me livrar logo dessa sensação ruim, chamada culpa. Embora ele fosse o único a estar em um relacionamento e ter um compromisso firmado com outra pessoa, isso não era o que eu desejava para mim, logo, não me deixaria levar por essa situação.

Em algum momento em meio a nossa troca de mensagens, os caminhos haviam se misturado, nós havíamos nos afeiçoado e os flertes começaram. Desde o princípio ele me pareceu ser um cara educado e atencioso, mas agora eu já não conseguia saber, era como se a imagem que havia pintado de si estivesse borrada, não me deixando enxergá-lo com clareza.

Se antes eu desejava encontrá-lo pessoalmente para que pudéssemos destrocarmos nossas agendas, agora eu me sentia muito mais disposta a lhe passar o endereço do trabalho e aguardar uma visita dos correios.

A passos trôpegos e com a cabeça em um espiral de pensamentos, fiz a minha rotina da manhã e segui em direção ao trabalho. Como sempre, eu fui a primeira a chegar, mas não permaneci sozinha por muito tempo. Instantes mais tarde, Pedro atravessou a porta trazendo consigo dois copos de café, um deles foi colocado diante de mim, enquanto ele bebia um gole do que havia no outro.

— Bom dia, Mari.

Parecendo não dar muita importância para o seu gesto, ele me direcionou um sorriso, gesto que me pareceu autêntico, livre de qualquer coisa relacionada à nossa noite de sábado.

— Café, isso é algo que nunca é demais — brinquei, aproximando o copo de meu nariz para que pudesse inalar o aroma da bebida. — Bom dia, Pedro — declarei, retribuindo seu sorriso.

Escolhendo esse momento para entrar, Grazi se demorou por um instante ou dois nos avaliando, antes que ela de fato nos cumprimentasse e seguisse em direção à sua mesa.

Sendo tão profissional quanto eu havia desejado que ele fosse, Pedro e eu mergulhamos de cabeça no trabalho logo depois, fazendo com que meus pensamentos a respeito de Bernard fossem silenciados e não houvesse espaço para mais nada além de gráficos e contratos.



Eu não tive qualquer sinal de Bernard até próximo da hora do almoço. Tendo tanto a lhe dizer, senti meu coração pulsar em um ritmo acelerado e a garganta apertar quando visualizei o emoji de girassol acompanhado da seguinte mensagem:

“Cheguei em São Paulo, girassol, e mal posso esperar para encontrá-la.”

Embora a minha vontade fosse de lhe cortar fora de uma vez, pedindo que não me chamasse de girassol, ou dando a entender que ele deveria querer mais do que tudo encontrar a sua namorada, respirei fundo e procurei por algo que me permitisse ganhar tempo antes de despejar tudo sobre ele.

“Seja bem vindo de volta, Bernard. Muito trabalho por aqui, nos falamos mais tarde :”*

— Ok, agora que o Pedro não está por perto e mais nada pode nos

interromper, você precisa me contar o que está tirando a sua paz.

Fazendo uso da sensatez de minha amiga, contei sobre meu achado na agenda de Bernard, de como eu havia me sentido por estar nessa situação e do quanto havia me decepcionado, embora eu sequer o conhecesse.

— Você está atraída por ele, e nem adianta negar.

— Eu deveria estar atraída por Pedro, é o que Glória havia me dito... Já nem sei mais em que acreditar.

— Mariana, não seja impulsiva ou precipitada, mas se isso está realmente virando sua cabeça, manda a real para ele de uma vez.

— Eu vou fazer isso, Grazi... eu *preciso* fazer isso para ficar bem comigo mesma.

Me sentindo um pouco melhor após desabafar com ela, nós tivemos um almoço tranquilo, no qual pudemos conversar sobre o que motivou sua discussão com Matheus na outra noite. Como eu suspeitei, havia sido um motivo bobo, potencializado por uma ou duas cervejas que ela havia bebido além de seu normal.

Quando voltamos ao escritório, Pedro já havia ocupado seu lugar ao lado do meu. Com o nariz enterrado no celular, ele tomou um pequeno susto com a nossa chegada, mas rapidamente disfarçou com uma piscadinha e um sorriso torto direcionados a mim.

Assim como havia acontecido na primeira metade do dia, a tarde passou em um instante. Juntos, Pedro e eu havíamos analisado um punhado de propostas e dado andamento a coisas que até o momento estavam pendentes devido a minha sobrecarga de trabalho. Roberto vinha fazendo questão de nos deixar saber o quanto ele estava satisfeito com o bom trabalho.

Quando o relógio marcou pontualmente às dezoito horas, Grazi e eu desligamos nossos computadores e descemos de elevador juntamente com Pedro, que dessa vez não nos acompanhou até a estação. Movida pela curiosidade, Grazi se fez de sonsa e tentou arrancar algo dele, mas tudo que obtive como resposta é que ele iria chamar um carro, pois precisaria resolver algumas coisas

antes de ir para casa.

— Amiga, me desculpe, mas eu aposto que tem mulher no meio.

— Não me surpreenderia.

Apesar de desejar sentir algo com essa possibilidade, um mínimo ciuminho que fosse, isso me afetou menos do que o fato de Bernard ter uma namorada e estar prestes a ficar noivo.



“Você teve um bom dia, girassol?”

Lida apenas pela visualização rápida, de forma que não ficasse registrado que eu havia lido, a mensagem enviada por Bernard no início da noite, pouco depois que eu cheguei em casa, permanecia sem resposta.

A decisão de ignorá-lo não era algo fácil, mas muito necessário, e se ele se importava tanto com nossas conversas quanto eu, certamente estava sentindo meu silêncio. Embora parecesse infantil, um daqueles joguinhos que tem por objetivo manipular a pessoa e mexer com seu interesse, a única coisa que eu queria realmente era encontrar um pingo de coragem e uma solução prática para confrontá-lo.

“Bernard, é melhor que você não me chame mais assim. Se eu estivesse na posição em que sua namorada se encontra, certamente me sentiria desrespeitada vendo esse tipo de intimidade entre você e uma outra mulher.”

Em um ímpeto de coragem, motivado pela mensagem pendente e a inquietação que isso estava me causando, digitei rapidamente e enviei, sem de fato lhe responder o que havia sido perguntado, uma vez que não queria deixar a oportunidade esvaír por entre meus dedos.

“Namorada? De onde você tirou isso, girassol?”

“Oh, me desculpe, sua noiva, né?”

“Eu continuo não entendendo nada :/”

“Bernard, eu sei que sua agenda é algo estritamente pessoal e que eu

não deveria ter sido atrevida a ponto de ler o conteúdo, mas está feito. Eu vi a anotação sobre noivado e não me sinto bem em ter tanta intimidade com você, sabendo que é um cara comprometido.”

Caminhando de um lado para o outro da sala, com uma garrafa de cerveja em uma das mãos e o celular na outra, mantive meus olhos fixos na tela do aparelho enquanto via os três pontinhos piscando, um indicativo de que uma mensagem estava sendo digitada.

“Você interpretou errado minhas anotações, Mariana.”

“Você me parecia um cara legal demais para ter esse tipo de postura, não é muito honroso negar o seu compromisso”, devolvi, já irritada.

“Mariana, se de fato eu estivesse comprometido com alguém, eu não teria criado tanta intimidade quanto temos, eu não teria ultrapassado os limites. E saiba que se eu pertenço a algum grupo, não é ao dos traidores”.

Era tão estranho me sentir assim, verdadeiramente confusa, cansada e com sentimentos conflitantes. Se fosse ouvir apenas a voz da razão, eu daria um simples basta nisso tudo, afinal de contas, Bernard era um completo estranho, mas algo dentro de mim realmente levava meus pensamentos em outra direção. E se eu estivesse sendo equivocada? E se de fato eu tivesse interpretado mal suas anotações?

“Por favor, me encontre amanhã, aceite meu convite para jantar, nós podemos destruir as agendas e esclarecer isso”.

Bebendo um longo gole de cerveja diretamente do gargalo, cerrei os olhos e tombei a cabeça para trás, ao mesmo tempo em que colocava tudo em uma balança imaginária, tentando pesar os prós e os contras de lhe dar o benefício da dúvida.

Por mais que eu houvesse desejado lhe encontrar desde as primeiras mensagens que trocamos, a situação agora era outra, eu sentia que poderia haver algo a mais, algo que ainda não havia sido dito e que certamente mudaria todo o rumo do que havíamos desenvolvido até o momento.

Inspirando profundamente mais uma vez, lhe enviei uma simples

resposta positiva, mesmo ainda me sentindo incerta de minha decisão e sabendo que as chances de me decepcionar eram grandes demais. Seu retorno veio meio segundo depois:

“Obrigado por aceitar, girassol. Eu prometo que isso não passa de um mal-entendido que em breve irá se esclarecer”.

“Boa noite, Bernard”.

Dando o assunto por encerrado, embora meu interior permanecesse tão agitado quanto o mar, em um dia de ressaca, deixei a garrafa vazia sobre a pia da cozinha, apaguei as luzes acesas, escovei os dentes, esvaziei a bexiga mais uma vez, e quando deixei que meu corpo relaxasse sobre a cama, desejei que o sono não tardasse a vir me fazer companhia.

Capítulo 16

Noivado

Depois de sua insistência e a promessa de que iríamos esclarecer o que ele insistiu em chamar de mal-entendido, eu havia cedido e aceitado encontrá-lo, claro que, mantendo sempre o pensamento de que seria uma coisa muito prática. Mas então, faltando poucas horas para ficar frente a frente com Bernard, na noite de terça-feira após a sua chegada, recebi uma mensagem enviada por ele se desculpando inúmeras vezes por precisar desmarcar comigo.

Frustrada como já estava por todos os pequenos acontecimentos recentes, apenas ignorei suas palavras, lhe deixando sem resposta. No fundo, eu sentia que as minhas suspeitas estavam certas e que na verdade o que eu não sabia a seu respeito era o fato dele ser um cara comprometido. Bernard não era o primeiro e certamente não seria o último a ter uma atitude ridícula como essa.

“Me desculpe girassol, eu tive um problema no trabalho”; “Eu não queria chateá-la, Mariana, pelo contrário, quero resolver isso logo”; “Girassol, por favor, me responda :”(, eram algumas das mensagens enviadas por ele ao longo dos dias que sucederam nosso desencontro, e mesmo agora, enquanto eu ocupava o banco de trás de um táxi, a caminho do jantar de noivado de Graziela, assim como Bernard deveria estar indo para o seu próprio compromisso, já que aparentemente todos escolhiam uma noite de quinta para tal evento, meu celular insistia em me notificar sobre a chegada de novas mensagens, que só poderiam ser dele.

“Eu não sei mais o que fazer para convencê-la, girassol, seu silêncio está me matando :”(, dizia sua última mensagem.

Com os dedos pairando sobre o teclado e o coração angustiado, pensei em uma possível resposta para dar a ele, mas antes que eu tivesse a chance de escrever, o carro estacionou diante do elegante restaurante.

Respirando fundo, guardei novamente o celular na bolsa, paguei ao motorista pela corrida e desci do carro. Depois de deslizar a mão pelo tecido azul escuro do vestido ajustado que eu usava, apenas para conferir se tudo estava no lugar, dei um passo à frente, seguido de outros, que me levaram até a entrada, onde a *hostess* se encontrava, vestida impecavelmente, com um sorriso no rosto, pronta para me recepcionar.

Diferente da outra noite, onde o espaço todo encontrava-se vazio, dessa vez a casa estava cheia e a julgar pelos rostos que observei enquanto caminhava em direção ao mezanino, todos ali pareciam satisfeitos com suas refeições.

Ao adentrar na área reservada, decorada com belas flores, uma iluminação que criava um ambiente intimista e ao mesmo tempo elegante, com *Make You Feel My Love* da Adele tocando em versão instrumental no sistema de som, me senti envolta por um clima diferente, especial, que não me deixava dúvidas de que o amor realmente estava no ar.

Sorrindo involuntariamente com o pensamento, passei por alguns lugares ainda vagos à espera de seus ocupantes enquanto caminhava em direção à Grazi e Matheus, que pareciam estar imersos em seu próprio universo, enquanto conversavam e sorriam um para o outro.

— Quem é a noiva mais linda?

— Aaah, Mari! — Grazi choramingou, me envolvendo em um abraço apertado. — Gostou do meu vestido? — Alisou a peça de cor clara, que não ultrapassava o limite de seus joelhos e era composta por rendas e alguns brilhos.

— Sim, eu amei a escolha, mas nada é mais bonito do que ver essas carinhas apaixonadas — brinquei, pegando na mão de ambos. — Fico feliz por estar aqui essa noite.

— Nós também estamos felizes por isso, Mari.

Apesar de se mostrar um pouco mais contido do que minha amiga, que

voltou a me esmagar entre seus braços, o sorriso do noivo não deixava dúvidas de que sua afirmação era verdadeira.

— Logo você irá encontrar o homem que vai bagunçar o seu mundo e ainda assim te passar a confiança de que tudo está bem. — Ela sussurrou em meu ouvido, antes de se afastar.

O momento foi interrompido logo depois, com a chegada de outros convidados e mesmo depois de eu cumprimentar os pais de ambos os noivos, e ocupar um lugar vago na mesa ao lado da que Grazi ficaria, suas palavras insistiam em ecoar em minha mente, fazendo meus pensamentos irem na direção de uma única pessoa, Bernard.

Sendo essa uma reunião mais intimista, para poucos convidados, rapidamente os lugares vagos foram ocupados, inclusive o que estava à minha esquerda, no qual Lucas, um primo de Grazi com quem eu faria par durante a cerimônia de casamento, acabou se sentando.

Nós havíamos sido apresentados em um dos churrascos de final de semana realizados pela família de Grazi, que na ocasião, tentou de maneira não tão discreta nos transformar em um casal, mas apesar de seus esforços, Lucas e eu não tínhamos tanto em comum e acabamos por nos tornar apenas bons colegas.

Após Matheus e Grazi agradecerem a presença de todos nós, o jantar teve início. Quando o saboroso Tartare de Salmão foi servido, as conversas praticamente foram silenciadas, exceto por um ou outro murmúrio de prazer, que vinha acompanhado de elogios ao chef.



Após a retirada das entradas, Matheus se levantou e oferecendo uma mão à Grazi, a convidou a fazer o mesmo. De mãos dadas, ele a trouxe até um lugar mais à frente da mesa que ocupavam, onde todos tinham uma visão clara de ambos, e então ele se abaixou, ficando em um de seus joelhos, como a

clássica pose pedia.

A essa altura minha amiga já tinha as bochechas coradas de vergonha por tanta exposição e os olhos marejados. Sentindo meu coração se encher do amor que transbordava a partir deles, acabei fungando uma ou duas vezes para conter a minha própria emoção.

Proporcionando uma linda cena, eles substituíram as alianças prateadas que usavam em sinal de compromisso por um par dourado, que daria início à contagem regressiva para o casamento.

Pouco depois, quando quase todos os convidados já haviam passado pelo casal cumprimentando-os, vi algumas tias de Matheus, senhoras de mais idade, se aproximarem de Grazi e bombardeá-la com um falatório. Conhecendo-a há tempo demais, estava claro o seu desconforto, principalmente por seu sorriso engessado e o constante menear de cabeça. Deixando a minha mesa, atravessei o curto espaço que nos separava pronta para iniciar uma operação de resgate.

— Com licença senhoras, preciso roubá-la por um instante — falei com delicadeza ao mesmo tempo em que a afastava para longe das mulheres, que embora estivessem sorrindo, me encaravam com insatisfação.

Sem dar a Grazi a chance de dizer qualquer coisa, continuei conduzindo-a para longe de seus convidados, em direção ao elegante bar localizado na extremidade oposta da área reservada na qual nos encontrávamos.

— Uma dose de conhaque, por favor. — Pedi ao barman, que me direcionou um arquear de sobrancelha discreto e um sorrisinho de entendimento, ao colocar o copo diante de mim. — Beba — exigi, empurrando a dose na direção de minha amiga.

Após levar o copo até o nariz e inalar o cheiro da bebida, minha amiga reclamou:

— Isso é forte pra porra.

— Exatamente o que você precisa. Confie em mim, vai se sentir melhor depois.

— E se eu vomitar, Mari? — choramingou, encarando o fundo do copo.

— Você estava prestes a fazer isso em cima das suas convidadas, sem beber uma gota sequer. Anda, isso vai te relaxar.

Atendendo à minha ordem, Grazi bebeu de uma única vez o conteúdo do copo, que nem era tanto assim. Eu soube o exato momento em que ela engoliu a bebida, por sua expressão retorcida, que somente eu e o garçom estávamos vendo.

— Ainda não me sinto melhor.

— Espere alguns instantes. Agora me conte, o que te deixou tão nervosa? Foi algo que elas disseram?

— Não, na verdade não — murmurou, encarando os pés enquanto alisava a saia do vestido que lhe caia muito bem. — Mari, e se o Matheus se der conta de que está cometendo o maior erro da vida dele? E se amanhã ou depois ele perceber que não gosta tanto assim de mim? — despejou, completamente aflita, enquanto seus olhos buscavam por seu amado em meio aos convidados.

Sem saber ao certo de onde ela havia tirado todas essas paranoias, respirei fundo sabendo que nesse momento eu precisava ser compreensiva e apoiá-la, ao invés de lhe dar um sermão.

— Grazi, eu suponho que seja normal esse nervosismo, mas você precisa se acalmar, porque nada disso vai acontecer.

— Como você pode ter tanta certeza?

Com sua voz soando trêmula, não me restava dúvidas de que ela estava fazendo um grande esforço para conter o choro que eu sabia estar a caminho.

— Porque ele te ama, minha amiga. — Sorri com a ternura e paciência de quem explica algo a uma criança inocente. — Ou melhor dizendo, vocês se amam e foram feitos um para o outro, não há porque você se sentir insegura dessa maneira.

Me encarando com um misto de determinação e medo, que só ficava evidente graças ao bico infantil que ela fazia, Grazi concordou com um aceno, enquanto deixava os ombros caírem e a tensão do momento se dissipar

gradativamente, conforme a bebida agia em seu sistema. Apesar de sua insegurança repentina, eu sabia que aquilo só havia sido motivado pela situação, em decorrência das emoções a flor da pele, porque no fundo de seu coração não havia realmente dúvidas, o brilho em seu olhar confirmava isso.

— E quanto ao Bernard, não te enviou mais nenhuma mensagem? — perguntou enquanto brincava com o copo vazio que permanecia em suas mãos, após um breve instante encarando Matheus à distância.

Apesar de não me sentir muito feliz em entrar nesse tema, que já havia me causado as mais diversas sensações e despertado os mais contraditórios sentimentos, eu sabia que era uma tentativa de Graziela de desviar o foco de seu próprio “problema”, para conseguir se acalmar.

— Hum, ele mandou sim, enquanto eu estava no caminho para cá e ele provavelmente indo para o próprio jantar de noivado.

Por mais que eu estivesse tentando lidar com isso, fingindo indiferença para ela, o aperto em meu peito insistia em me lembrar do contrário.

— O que você respondeu? — perguntou cautelosa.

— Nada, na verdade eu não planejo voltar a trocar novas mensagens com ele. Tudo me leva a crer que ele omitiu seu compromisso ao longo dessas semanas em que vínhamos conversando — esclareci. — Além do que, a essa altura da noite ele já deve ser oficialmente o noivo de alguém — falei, após engolir várias vezes em seco, em uma tentativa de desfazer o nó que havia se formado em minha garganta.

Para mim, alguém normalmente tão centrada, era muito difícil admitir o quanto Bernard havia conseguido me afetar em tão pouco tempo, mas essa era a mais pura verdade.

— Pois eu discordo, acho que deveria sim encontrar o Bernard. Vocês precisam de uma conversa olho no olho, Mariana, assim você se livra de uma vez das dúvidas que estão rondando sua cabeça, obtém as respostas que você procura e recupera a sua agenda de uma vez.

Antes que eu tivesse a chance de respondê-la, o som de um copo se

quebrando próximo a nós interrompeu a conversa, atraindo nossa atenção. Vestido com uma dólmã branca imaculada e com o *toque blanche* em sua cabeça, o homem que não parecia ser muito mais velho do que eu, e que supus ser o chef Lessard, agora nos encarava, ou melhor, me encarava com uma postura rígida, olhos escuros semicerrados e os lábios bem desenhados e convidativos ligeiramente separados, como se estivesse ofegante.

Após um breve instante presa em seu olhar, finalmente consegui me livrar do magnetismo emanado por ele e então pude admirá-lo. Apesar de sua pele bronzeada, suas bochechas estavam ligeiramente coradas, certamente por conta do calor na cozinha. Seus ombros largos sustentavam muito bem a dólmã, e apesar de sua calça escura não ser tão ajustada às suas pernas, eu podia ver que suas coxas preenchiam muito bem a peça.

— Me desculpem o inconveniente, senhoritas. — Pediu consternado após o que pareceu ser uma eternidade, enquanto um funcionário que parecia ter brotado do chão, recolhia a sujeira.

— Chef Lessard, que prazer encontrá-lo! — Ela o saudou, ignorando suas desculpas com o incidente.

— Espero que até o momento o jantar esteja agradando não apenas as senhoritas, como os demais convidados. — Sorriu, de leve para ela, embora seus olhos me fitassem com intensidade.

— Mais do que isso, chef — garantiu, verdadeiramente satisfeita. — Deixe-me lhe apresentar, essa é Mariana, uma grande amiga, ela esteve comigo na prova do menu especial, mas por motivos de trabalho chegou mais tarde e saiu mais cedo, então não tive a oportunidade de apresentá-los.

Embora ela tenha feito parecer que as apresentações era uma mera formalidade, eu reconheci facilmente as suas intenções de me empurrar para cima do chef.

— É um prazer conhecê-lo, chef Lessard.

Estendendo a mão em sua direção, ainda presa ao magnetismo emanado por ele, deixei que seu nome escapasse de meus lábios de maneira melodiosa e

sedutora.

— O prazer é todo meu, Mariana — declarou com sua voz grave e baixa, aceitando meu cumprimento.

Com os olhos ainda fixos em mim, ele envolveu minha mão na sua, fazendo com que uma onda de calor iniciada no ponto em que estávamos nos tocando se espalhasse por meu braço e logo depois, por todo meu corpo.

Diferente da única vez em que eu havia sentido algo tão forte quanto o que esse toque provocava, e que na ocasião havia me repellido, dessa vez eu me vi avançando um passo em direção ao chef, que acabou fazendo o mesmo, diminuindo a distância que havia entre nós.

Eu ainda tentava entender o que estava acontecendo, o motivo de meu coração pulsar ligeiramente mais acelerado em meu peito, quando um barulho vindo da cozinha, seguindo do som de panelas batendo fez com que nosso contato se rompesse abruptamente.

— Com licença, senhoritas, mas eu preciso voltar para lá — despediu-se com um menear de cabeça, antes de se afastar às pressas sem olhar para trás.

Após um breve instante de silêncio, em que Grazi e eu ficamos nos encarando com a maior cara de confusão do universo, ela finalmente comentou:

— O que diabos acabou de acontecer aqui?

— Eu... Eu também, não sei — declarei, ainda sentindo o calor de sua pele na minha, embora ele já houvesse partido há uns bons minutos.

Capítulo 17

Destino

 Bernard

“Às vezes o destino apronta com a gente, girassol, e mesmo sem saber a razão, ainda há motivos para agradecer...”

Se havia alguém que deveria imaginar que situações como essa poderiam acontecer, esse deveria ser eu, especialmente pela maneira como ela havia entrado em minha vida, afinal de contas, quem poderia prever que um esbarrão no metrô, seguido de tantos outros pequenos acontecimentos nos traria até esse momento.

Em uma cidade grande como São Paulo, as possibilidades de que um reencontro acontecesse de maneira aleatória e casual não jogavam a meu favor, mas ainda assim, Mariana estava aqui, a poucos passos de mim.

Ainda incerto quanto ao que fazer, chequei a tela do celular mais uma vez na esperança de obter uma resposta, mas a janela de nossa conversa seguia da mesma maneira, com várias mensagens enviadas por mim aguardando uma resposta. Sentindo a minha determinação crescer dentro do peito, prometi a mim mesmo que até o final da noite encontraria uma maneira de solucionar o mal-entendido que havia se formado.

Inspirando profundamente em uma tentativa de organizar melhor os pensamentos, senti um leve cheiro de queimado pairando no ar, e isso foi o suficiente para me trazer de volta a realidade

— Pessoal, vamos lá, estou sentindo cheiro de queimado e com certeza

não queremos servir isso aos noivos e seus convidados, certo? Estou contando com vocês para deixá-los felizes — falei em um tom mais alto, para me fazer ouvir por cima de todo o barulho da cozinha.

Caminhando por entre as praças de trabalho, verifiquei pessoalmente o andamento de cada coisa e pouco depois o prato principal passou a ser servido, enquanto que do outro lado, Olavo, o Chef de Partie seguia trabalhando nas sobremesas. Com tudo na mais perfeita ordem e funcionando muito bem, me permiti uma breve escapada da cozinha para observá-la.

De onde eu me encontrava, a visão de Mariana era um tanto limitada, mas ainda assim, boa o suficiente para apreciá-la por um instante, algo que havia se perdido em meio à confusão que eu estava quando a ouvi falar de nós.

Apanhando o celular em meu bolso, destravei o aparelho com o desejo de encontrar uma resposta de sua parte, mas aparentemente, nem abrindo meu coração ela se mostrava disposta a conversar.

Fazendo o caminho de volta para a cozinha, fui surpreendido com uma lembrança de algo que ela havia compartilhado comigo despretensiosamente em uma de nossas conversas. Tendo a estratégia perfeita para chamar sua atenção, apanhei uma panela limpa, alguns poucos ingredientes que precisaria e segui para a bancada onde as sobremesas começavam a serem empratadas. Se Mariana se mantinha firme na decisão de ignorar minhas mensagens, eu ganharia sua atenção de outra maneira, pelo estômago.



— Brigadeiro com biscoito? Você só pode estar brincando, Lessard — resmungou Olavo, meu sócio e Chef de Partie, posicionado na bancada ao lado da que eu ocupava, finalizando as últimas *Opera Gateau* a serem servidas.

— Aposto que para ela vai ser mais saboroso do que o seu Opera.

Apesar de se tratar de algo simples e nada sofisticado, eu estava apostando todas as minhas fichas em sua memória, tanto na afetiva quanto na

recente, para que isso lhe chamasse a atenção e a trouxesse até mim.

— Vamos ver, jovem, vamos ver — devolveu ele, com ar presunçoso, olhando nossos pratos lado a lado sobre a bandeja do garçom que sumia de vista, em direção ao salão.

Assumindo novamente o ponto estratégico de onde eu havia lhe observado pouco tempo atrás, assisti o garçom se aproximar de Mariana e colocar diante dela algo diferente do que os demais haviam recebido. Sua primeira reação foi encarar a taça com a cabeça ligeiramente tombada para o lado esquerdo, depois, um sorriso confuso se desenhou em seus lábios perfeitamente pintados de vermelho, ao mesmo tempo em que seus olhos se desviavam da iguaria e se voltavam para o garçom, que conforme eu havia instruído, permaneceu próximo a ela.

Parecendo notar o que acontecia na mesa ao lado, Graziela, a noiva, se aproximou, fazendo a primeira abordagem ao rapaz, que ainda sustentava um sorriso cordial e até mesmo divertido pela situação que eu havia lhe colocado. Por sua vez, Mariana ainda encarava o doce com curiosidade, quase como se o que havia diante de si fosse uma pintura abstrata.

Sendo relativamente bom em ler as pessoas, não passou despercebido por mim a intenção da noiva de ignorar o garçom, invadir a cozinha e me questionar, bem como não perdi o exato instante em que todas as peças pareceram se encaixar na cabeça de Mariana. De repente seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu formando um pequeno “o” e sua cabeça se moveu de um lado a outro do salão, como se buscasse alguém.

Incapaz de desviar o olhar para sequer tentar saber o que os demais convidados estavam achando da situação, mantive meus olhos fixos na bela mulher, que de alguma maneira havia trazido um pouco de luz e vida para os meus dias tão tumultuados e cinzentos. Mariana emanava coisas boas, exatamente como um girassol.

Detendo a amiga com um simples gesto, Mariana apanhou a colher que até o momento permanecia intocada ao seu lado na mesa, a mergulhou na taça,

apanhando uma porção e então a levou até seus lábios. Uma onda de prazer e alegria se espalhou por meu corpo no exato instante em que seus olhos se fecharam e sua cabeça tombou ligeiramente para trás, enquanto saboreava algumas camadas de brigadeiro com biscoito triturado, seu doce favorito da infância, como ela mesma havia me contado em uma de nossas conversas.

— E o que é que eu sei da vida, não é mesmo, Lessard? — provocou Olavo dando um tapinha em meu ombro, quando um sorriso de deleite voltou a enfeitar os lábios de Mariana.

— Da vida? Provavelmente muitas coisas, dessa mulher? Absolutamente nada!

— Ó Deus, um homem apaixonado, era tudo que eu precisava na cozinha... — resmungou, retornando ao nosso posto de trabalho.

Apaixonado? Seria possível algo assim, sem que nós houvéssemos nos olhado verdadeiramente, sem que eu pudesse ouvir o som da sua voz dizendo mais do que duas ou três palavras, sem termos motivos para rir juntos de algo? Me parecia pouco provável, mas eu tampouco saberia explicar as reações que ela vinha causando em mim, desde que passamos a falar sobre muito mais coisas do que a troca de nossas agendas.

Com a cabeça ainda fervilhando de pensamentos, fiz o caminho de volta para o meu posto e no exato instante em que coloquei os pés na cozinha, o celular vibrou em meu bolso.

“Obrigada pela surpresa, está delicioso ^^”

“Fico feliz que tenha gostado, não queria que você guardasse uma impressão ruim de mim...”

“Acho que fui um tanto precipitada ao te ignorar”.

“Mereço ter uma chance para me explicar?”

Sentindo as batidas de meu coração ressoarem até mesmo em minha garganta, aguardei pacientemente por uma resposta, que chegou após alguns instantes:

“Quando?”

“Hoje, se não for um problema. Sinto falta de nossas conversas, girassol.”, admiti, sentindo uma pequena parte do peso que eu vinha carregando se dissipar.

“Muito bem, o seu desejo será atendido com uma condição...”

“Qualquer uma”, respondi imediatamente, não querendo lhe dar chance de interpretar errado caso eu demorasse.

“Apesar do brigadeiro estar delicioso, eu ainda gostaria de provar um Opera :x”

“Quanto você quiser, girassol :)”

“Estarei te esperando ao final do jantar, Bernard :)”, Ela respondeu, fazendo a ansiedade que esse nosso encontro inesperado havia provocado, se dissipar.

— Olavo, por favor, separe quantos Operas puder.

— Eu sabia que não havia perdido o jeito, nem com os doces e nem com as mulheres — provocou, de sua bancada, antes de se virar e ir atender ao meu pedido.

Capítulo 18

Encontro

Enquanto eu permanecia sentada sozinha na mesa em que ocupei por toda a noite, assistindo à distância Grazi e Matheus se despedirem dos últimos convidados, não pude deixar de notar o quanto minhas mãos estavam frias, minha boca seca e meu coração descompassado, devido a ansiedade que o momento vinha me causando.

Nem em meus sonhos e pensamentos mais confusos eu poderia cogitar que o nosso primeiro encontro aconteceria assim, de maneira tão inesperada quanto havia sido o nosso esbarrão no metrô.

Aparentemente o universo gostava de fazer nossos caminhos se cruzarem assim, sem mais nem menos, apenas para me lembrar o quanto coincidências não existiam, apenas para me provar que ninguém cruza nosso caminho fora de hora.

Inquieta demais para permanecer parada esperando por Bernard, deixei a cadeira que ocupava, atravessei o salão em direção à parede de vidro e ali permaneci, encarando as pessoas no andar de baixo finalizando suas refeições, uma vez que o restaurante estava prestes a fechar.

Completamente alheia à realidade, não sei ao certo quanto tempo permaneci ali parada, com os pensamentos distantes, mas assim que um arrepio percorreu minha coluna de cima a baixo e meus olhos voltaram a focar o reflexo do vidro diante de mim, notei a silhueta masculina próxima à minha.

— Mariana — chamou baixo, fazendo meu corpo reagir, com uma sensação de proximidade ainda maior.

Sabendo que ao me virar eu não encontraria o chef Lessard, mas sim Bernard, o cara por quem eu repentinamente havia me afeiçoado e que com a mesma facilidade havia bagunçado a minha mente com a possibilidade de ser comprometido, precisei reunir toda coragem e autocontrole para finalmente encará-lo de frente.

Bernard já não usava a toque blanche e o avental, porém, a dólmã permanecia em seu corpo, juntamente com uma calça escura que envolvia muito bem suas pernas, e sendo honesta comigo diante de tal visão, ele estava maravilhoso vestido assim.

Seus olhos escuros eram um completo enigma, que não me deixavam saber absolutamente nada do que se passava em sua mente. Diferente de horas atrás quando fomos apresentados, agora seus lábios não estavam pressionados em uma linha fina, ao contrário, eles sustentavam o que eu poderia nomear como insinuação de um sorriso, uma vez que apenas um dos cantos estava ligeiramente arqueado para cima.

— Bernard — murmurei, em uma tentativa de não deixar transparecer o nervosismo que a situação toda provocava em mim.

— Primeiramente, gostaria que me desculpasse.

Tão fácil e sincera quanto as suas palavras vieram, o pequeno sorriso se foi, dando lugar a um vinco formado entre suas sobrancelhas.

— Eu é quem deveria me desculpar, por ser precipitada.

— Não queria ter desmarcado o nosso encontro, mas eu estava voltando de viagem e...

— Bernard, você não precisa se justificar.

Sabendo que eu não tinha direito algum à uma explicação, eu o cortei, não querendo criar uma situação desnecessária ainda maior.

— Mas eu quero me explicar, girassol. Não quero deixar nada mal resolvido entre nós — esclareceu, se aproximando um passo. — Nós começamos tudo errado — negou com um aceno, sem desviar os olhos do meu. — Oi, eu sou o cara quem vem te mandando mensagens há semanas, e que está com a sua

agenda.

Com a mão esticada em minha direção e um sorriso bonito nos lábios, não pude deixar de reconhecer o seu esforço para amenizar a tensão que a minha interpretação equivocada havia causado, por isso, mais uma vez segurei a sua mão em um aperto firme e o cumprimentei:

— Oi, eu sou a dona da agenda que está com você e veja só, curiosamente a sua agenda está comigo.

Parecendo se divertir com a situação e relaxar diante de meu sorriso, ele concordou com um breve aceno ao mesmo tempo em que retirou sua mão da minha, o que novamente despertou em mim o desejo de que nossos dedos pudessem permanecer unidos.

— Bom, agora que fomos devidamente apresentados, eu gostaria de lhe mostrar o restaurante, se você não estiver muito apressada para ir embora.

— Seria um prazer.

Me sentindo curiosa para desvendar o que normalmente estava longe dos olhos de um cliente, prontamente aceitei sua oferta. Porém, antes que ele pudesse me guiar em qualquer direção, Matheus e Grazi se aproximaram de nós, interrompendo momentaneamente os planos de Bernard.

— Chef, nós gostaríamos de lhe agradecer pelo maravilhoso jantar, tudo foi incrível. Obrigada por essa noite especial — disse Grazi, com um sorriso de orelha a orelha.

— Todos elogiaram sua comida, que por sinal estava tão boa quanto na noite em que eu a trouxe aqui pela primeira vez — disse Matheus, desviando o olhar para a sua amada — Estamos muito felizes com a recepção que tivemos.

— Eu é que agradeço vocês pela escolha e confiança, não apenas em meu trabalho como no de minha equipe, é um enorme prazer.

— Mari, nós já estamos indo...

— Tudo bem, Bernard irá me apresentar o restaurante e logo eu devo ir para casa, obrigada.

— Como preferir, se precisar de algo, basta nos ligar — ofereceu

Matheus, em uma típica atitude protetora, para que Bernard soubesse que eles se importavam comigo.

— Fiquem tranquilos, eu me comprometo em levá-la para casa, em segurança.

Mesmo não tendo obrigação nenhuma, apreciei o gesto de Bernard, que me deu um breve olhar de canto para confirmar se eu estava de acordo, antes de apertar a mão de meu amigo e se despedir de Grazi com um pouco mais de delicadeza.

Sem saber como agir diante da situação, nós dois permanecemos parados lado a lado, com nossos braços quase se tocando, enquanto assistimos os noivos descerem a escada, até sumirem completamente do alcance de nossos olhos.

— Pronta para conhecer a cozinha de um restaurante?

— Com toda certeza, chef.

Com a estranheza inicial e as nossas pendências deixadas momentaneamente de lado, o clima entre nós estava mais leve e eu decidi que iria aproveitar isso tanto quanto fosse possível.

Apoiando levemente uma mão na base de minha coluna, Bernard me conduziu através das mesas para o lado oposto do salão, e depois por um curto corredor, onde ultrapassamos uma porta dupla com duas aberturas circulares cobertas por vidro.

Tudo era moderno, em inox reluzente, de grandes proporções e quantidades, nada parecido com a cozinha de meu apartamento, que mal comportava um cooktop, uma geladeira, um forno micro-ondas e um forno elétrico.

— É tudo tão brilhante.

— Você diz isso porque não viu a cozinha duas horas atrás — brincou.
— Venha, tenho algo para você.

Despertando aquela pequena onda de eletricidade a partir de nosso toque, ele tomou minha mão na sua e me conduziu por entre as bancadas de inox, até pararmos diante de uma cloche. Mantendo seus olhos fixos em mim,

ele segurou a pequena alça com a mão livre, e ao notar minha inquietação diante da expectativa, finalmente ergueu a tampa, me revelando três *Opera Gateau* sobre um prato.

— Ah, você guardou para mim!

Dividida entre a surpresa e a gratidão por seu gesto, desviei os olhos do prato e voltei minha atenção para ele, que exibia um sorriso bonito e me estendia uma colher.

— De maneira alguma eu deixaria de atender o seu pedido.

Sentindo minha boca salivar diante da expectativa de saborear algo que parecia tão magnífico, aceitei o talher oferecido por ele e parti uma pequena porção de um dos pedaços. Quando finalmente senti a leveza da massa somada ao chocolate se desmanchando em minha boca, acabei cerrando os olhos e soltando um murmúrio baixo de prazer, aquilo era apenas maravilhoso.

— Devo supor que está aprovado?

— Com toda certeza!

— O chef responsável ficará feliz de saber.

— Não foi feito por você? — questionei, verdadeiramente curiosa, recebendo um aceno negativo como resposta. — E quanto ao brigadeiro?

— Sim, o brigadeiro foi preparado por mim, especialmente para você.

— Obrigada — agradei, ligeiramente desconcertada por seu gesto. Bernard havia sido atencioso ao fazê-lo, criativo também, e isso havia me deixado muito feliz. — Não me deixe comer tudo sozinha — resmunguei, pegando com a colher uma porção maior do que a anterior e oferecendo para ele.

— São todos seus, girassol. Se preferir, posso embalá-los para você levar.

— Você pode fazer isso com os outros dois, mas esse eu gostaria que compartilhasse comigo — insisti, aproximando a colher de sua boca.

Eu não sei ao certo o porquê estava fazendo aquilo, mas talvez meu subconsciente estivesse enxergando o momento como uma trégua para tudo não dito que ainda pairava entre nós.

Olhando profundamente em meus olhos, Bernard não ponderou por mais do que um milésimo de segundo antes de se curvar ligeiramente em direção a colher que eu lhe oferecia e abocanhá-la.

Embora o seu gesto fosse livre de insinuações, a intensidade de seu olhar sobre mim e a nossa proximidade me fez imaginar coisas, como a realização das promessas implícitas nas entrelinhas de nossas conversas. De repente, um novo tipo de tensão nos envolvia.

— Você não faz ideia do quanto desejei que isso acontecesse. — admitiu. — Depois que você deixou de me responder, temi não ser capaz de desfazer toda essa confusão.

— Bernard, eu não deveria ter lido a sua agenda, e muito menos feito suposições, mas eu não sei, nossas conversas estavam mais íntimas, se é que eu posso chamar assim, eu não...

— Entendo o seu ponto, girassol

Ao ouvi-lo se referir a mim de maneira tão íntima, tão particular, não fui capaz de evitar que o meu batimento cardíaco se acelerasse.

— Eu também deveria ter entendido o seu lado, ter lhe deixado explicar.

— Embora haja muitos homens por aí que não honrem seus compromissos, que estão sempre procurando uma aventura, eu gostaria que você soubesse que não sou assim, não faltaria com o respeito com você e nem com uma possível namorada, se eu a tivesse, é claro.

— Bem, agora você já sabe o quanto posso ser impulsiva. — Dei de ombros, tentando aliviar um pouco o peso da conversa enquanto saboreava uma nova porção da sobremesa diante de mim.

— E você já sabe que eu posso fazer um delicioso brigadeiro para você.

— Deixe de ser presunçoso — provoquei, empurrando de leve a lateral de seu corpo com o meu.

— Presunçoso não, girassol. Realista.

Capítulo 19

Sensações

Após a conversa esclarecedora, Bernard e eu caímos em um silêncio confortável enquanto comíamos o segundo pedaço de Opera. Ora eu lhe oferecia uma porção, ora ele fazia o mesmo por mim, e por mais que o gesto pudesse parecer um tanto íntimo, eu me sentia muito à vontade dando comida em sua boca, era algo tão natural quanto nossas trocas de mensagem.

Seu cheiro, seu toque, seus olhares, tudo me parecia familiar, quase como se já houvéssemos feito isso inúmeras vezes. Não havia a estranheza de um primeiro encontro e agora que nossas pendências haviam sido resolvidas, eu estava agradecida de tudo ter acontecido dessa maneira.

— Um brigadeiro por seus pensamentos.

— Não, doce não! — implorei, como se ele estivesse prometendo me infligir um castigo ao invés de me oferecendo comida. — Eu estou prestes a ter uma overdose de açúcar, provavelmente não dormirei esta noite.

— Por mim tudo bem, acho que vou sofrer do mesmo efeito, fazemos companhia um para o outro.

— Ok, acho que posso te aguentar por mais algumas horas.

— Vai encarar um terceiro round?

Apesar de seu tom de voz leve, o desafio implícito em suas palavras não passou despercebido por mim.

— Deus, não. Isso é maravilhoso, mas não cabe mais uma única grama de comida dentro de mim — exclamei, apoiando as mãos sobre meu estômago ligeiramente saliente no vestido justo.

Se divertindo às minhas custas, Bernard não se preocupou em conter a sonora gargalhada que escapou por entre seus lábios, e que conseqüentemente me fez rir também. — Ok, não está mais aqui quem falou, vou colocar uma embalagem para que você possa levar e comer em outro momento. — Piscou, enquanto colocava o doce em uma pequena caixa branca, com o nome do restaurante. — Girassol, você gostaria de conhecer o restante do espaço antes de irmos embora?

Merda, cada vez que ele me chamava de girassol eu me derretia um pouco mais por dentro, na mesma proporção em que eu sentia vontade de esmagá-lo.

— Claro, eu adoraria.

Tentando manter os pensamentos coerentes, acabei impondo uma distância mínima entre nós.

Ao sairmos da cozinha, fui levada até a adega, uma sala com a luz mais baixa e amarelada do que nos demais ambientes, com uma decoração feita em madeira escura. Deixando para trás a variedade de garrafas de vinho que havia ali, Bernard pediu que eu aguardasse no corredor por um instante enquanto ele entrava em uma sala restrita, e quando voltou instantes depois, a dólmã havia sido substituída por uma camisa azul clara, que fazia um belo contraste com sua pele naturalmente bronzeada, além de seus cabelos e olhos escuros.

Parecendo não notar o fato de que eu mal conseguia deixar de admirá-lo através de minha visão periférica, ele seguiu com uma mão espalmada em minhas costas. Após atravessarmos uma porta francesa, me vi em um belo e romântico terraço, com um alpendre feito de madeira e vidro, com algumas plantas decorativas e cortinas esvoaçantes, que nesse momento encontravam-se amarradas às colunas da estrutura, era possível ter uma visão do céu noturno sobre nossas cabeças.

— Eu estou ficando cada vez mais encantada com esse lugar.

Deslizando a mão através do tecido fino de uma das cortinas, me perguntei como seria um jantar a dois ali, e como se lesse meus pensamentos ele

respondeu:

— Hum, acho que posso conseguir uma reserva especial para você.

Agora só restava saber se ele seria meu acompanhante durante essa refeição em especial.

Retornando para o interior do restaurante, Bernard me conduziu em direção às escadas, que nos levaram ao piso inferior. Depois de passarmos pelo bar e atravessarmos o salão principal, fui levada à uma outra área externa, onde havia um belo jardim, com uma delicada fonte. Embora os espaços não fossem exageradamente grandes, eram bem distribuídos, decorado com muito bom gosto, elegância, porém, sem deixar de ser acolhedor.

— Seu restaurante é lindo — declarei, impressionada com o lugar.

— Não é totalmente meu, Olavo e eu somos sócios, mas agradeço o elogio. Sou muito realizado por essa conquista.

Mesmo tendo tudo para ser uma pessoa esnobe, ele não me parecia ser assim, pelo contrário, Bernard me passava a imagem de alguém simples, de bom coração, características verdadeiramente admiráveis nos dias atuais.

— Pronta para irmos?

— Sim, está ficando tarde, mas você não precisa me acompanhar até em casa, eu posso pegar um táxi.

— Eu sei, mas além de ter me comprometido com seus amigos eu não ficaria tranquilo sabendo que você está andando por aí com um desconhecido a essas horas.

— E quanto a você, senhor Bernard, não é um desconhecido? — provoquei, lhe direcionando um arquear de sobrancelhas.

— Me diga você, girassol, eu sou um desconhecido?

Parada de frente para ele, com pouco espaço entre nós, a largura de seus ombros e a sua altura ficavam ainda mais evidentes, mas isso não me assustava, pelo contrário, parecia me atrair ainda mais em sua direção. Lutando para manter a coerência de meus pensamentos e não fazer algo que eu pudesse vir a me arrepender depois, desviei os olhos dos dele e lhe dei as costas, caminhando

para o interior do restaurante sem responder sua pergunta.

Após se despedir dos poucos funcionários que haviam permanecido ali até o momento, apagar as luzes e acionar o alarme do lugar, Bernard me indicou uma saída lateral, que nos levou a um estacionamento privativo, agora ocupado apenas por um carro.

Depois de abrir a porta para mim, em uma atitude cavalheiresca, ele ocupou seu lugar, inseriu meu endereço no GPS e em poucos minutos já estávamos atravessando a cidade em direção ao meu apartamento. Durante todo o trajeto não nos faltou assunto, em partes porque estávamos há alguns dias sem nos falar e também pela curiosidade de conhecermos mais um do outro, especialmente agora, que nossa comunicação havia deixado de ser por mensagens de celular.

— Quando a noite começou, eu jamais imaginei que ela terminaria assim — confessei em dado momento.

— Acho que a minha necessidade de esclarecer o nosso mal-entendido foi tão grande que de alguma forma você foi trazida até mim.

— Provavelmente eu vou passar a vida toda me desculpando com você por isso, e ainda assim não vai ser o suficiente.

— A vida toda, hein. Acho que posso lidar com isso.

Apesar de seus olhos estarem fixos no caminho à nossa frente, seus lábios sustentavam um sorriso torto.

— Você entendeu o que eu quis dizer — disse com impaciência, tentando disfarçar a vergonha que a frase mal colocada havia me causado.

— Eu espero que sim, girassol.

Mais rápido do que eu gostaria, meu prédio surgiu diante de nós, colocando fim à noite mais surpreendentemente imprevisível que eu vivi nos últimos tempos, afinal de contas, você não encontra a todo momento o estranho do metrô que ficou com a sua agenda, em um restaurante, durante o jantar de noivado de sua amiga, no qual ele é o chef responsável.

— Muito bem, chegamos.

— Hum, você gostaria de subir e pegar a sua agenda? — ofereci impulsivamente, desejando poder ficar mais em sua companhia.

— Eu adoraria, mas está tarde e eu nem estou com a sua agenda aqui. O que acha de bebermos algo amanhã à noite? Posso acabar saindo tarde do restaurante e não quero te atrapalhar, caso já tenha planos.

— De maneira alguma, amanhã está perfeito, mesmo que seja mais tarde.

O brilho que vi em seus olhos e o sorriso que despontou em seus lábios me fez ter a certeza de que a minha resposta havia lhe agradado e me confirmou que Bernard desejava estar em minha companhia, tanto quanto eu vinha desejando estar com ele.

— Bem, muito obrigada. Pela comida maravilhosa, a sobremesa especial, além da companhia e a carona.

— Foi um prazer, Mariana. — declarou em um tom mais baixo, com seus olhos fixos nos meus, apesar da pouca luz vinda de fora.

Assim que destravei o cinto, Bernard fez o mesmo e deu a volta no carro, abrindo a porta para mim. Depois, me acompanhou escada acima, até pararmos diante do portão do prédio.

— Boa noite, *ma chérie*.

— Boa noite.

Sem saber ao certo como me despedir depois de um primeiro encontro, especialmente após ouvi-lo falar francês, permaneci estática, tentando considerar algumas opções.

Tomando a iniciativa por nós dois, Bernard se aproximou mais um passo e me rodeou com seus braços, envolvendo-me em um abraço apertado, aconchegante, que parecia ter sido feito especialmente para mim, e que me permitiu inalar ainda mais de seu cheiro e sentir o seu calor.

— Bons sonhos, girassol — sussurrou em meu ouvido, pouco antes de se afastar.

— Para você também, Bernard — murmurei, enquanto ele seguia em

direção ao carro, me deixando com a sensação de que dormir não seria algo tão fácil essa noite.

Capítulo 20

Dúvidas

Eu nunca achei que viveria o suficiente para ver Graziela chegar antes de mim ao trabalho, mas naquela manhã de sexta-feira, eu fui surpreendida por tal acontecimento ao encontrá-la sentada junto à minha mesa.

— Finalmente você chegou, não aguentava mais te esperar!

— Bom dia para a senhorita, que aparentemente caiu da cama.

— Se eu tivesse dormido, até poderia ser o caso. Eu passei a noite ansiosa, esperando por detalhes que você se recusou a me dar — disse aflita —, portanto, deixe de enrolação e me conte tudo logo! — ordenou.

Depois de colocar minha bolsa e mais alguns pertences sobre a mesa, ocupei a minha cadeira e então voltei a encará-la, que já me retribuía o gesto com total impaciência.

— Nós tivemos tempo suficiente para conversar e por fim, esclarecemos toda a confusão que o seu noivado causou.

— Você está tentando me culpar por suas paranoias? — disse ultrajada com a acusação, levando uma mão ao peito enquanto eu apenas conseguia sorrir de sua encenação. — Bem, depois nós duas resolvemos isso, agora vamos ao que interessa, vocês se beijaram? — perguntou, com a expectativa evidente em seu olhar.

Embora eu estivesse disposta a responder isso rapidamente, apenas para me livrar temporariamente da enxurrada de perguntas que eu sabia estar por vir, meus planos foram frustrados com a chegada de Pedro, que inevitavelmente fez a cara de Grazi murchar ao se dar conta de que teria de esperar mais algumas

horas, até obter as respostas que desejava.

— Bom dia, meninas — saudou animado, ao se aproximar de nós duas.
— Parabéns pelo noivado, Grazi — cumprimentou, observando a aliança dourada que reluzia no dedo de minha amiga.

— Bom dia, Pedro, muito obrigada. — Sorriu de leve, enquanto retornava ao seu posto, a contragosto.

Repetindo o gesto que havia se iniciado na manhã de trabalho seguinte à nossa aventura sexual, e que havia se estendido ao longo dos demais dias, Pedro colocou um copo de café diante de mim, deu a volta na mesa e ocupou a cadeira ao lado da minha.

Sem saber ao certo como agir diante de sua gentileza, que deixava evidente o seu interesse em mim, agradei com um sorriso sincero, e passei a saborear a bebida no instante seguinte, enquanto avaliava a situação emocional que começava a se desenrolar ao meu redor.

Embora em um primeiro momento eu tenha acreditado que ele fosse “o” Pedro, o encontro que tivemos no final de semana havia sido morno demais para alguém que supostamente viraria o meu mundo de cabeça para baixo, conforme Glória havia previsto em sua profecia, e isso acabou me desanimando.

Apesar de todas as evidências indicarem que aquela poderia ser uma escolha equivocada, o *happy hour* no meio da semana acabou vindo a calhar. Serviu como uma contraprova para saber se tudo não passava de uma auto sabotagem de minha parte. Eu costumava afastar qualquer um que tentasse entrar em minha vida, afinal, sentia-me bem demais em minha própria companhia.

Em nosso último encontro, Pedro se manteve por perto durante boa parte do tempo. Nós havíamos conversado, dado boas risadas juntos e como tinha acontecido da outra vez, ele me acompanhou até a estação de metrô.

Parados em minha plataforma, permanecemos conversando por mais alguns instantes até a chegada de um novo trem ser anunciada. Quando fomos nos despedir, Pedro acabou me beijando. Pega de surpresa por seu gesto, demorei um segundo ou dois para retribuir, e quando o fiz novamente, não houve

a explosão de sensações que ele havia provocado em mim quando nós nos conhecemos.

Embora o momento tenha sido bom e o beijo gostoso, tudo isso foi esquecido facilmente no minuto seguinte, quando entrei no vagão e ao pegar o celular notei que havia uma mensagem de Bernard esperando para ser lida.

Afastando para longe de minha mente tantos pensamentos confusos que eu não seria capaz de organizar nesse momento, sorri mais uma vez para Pedro em agradecimento pelo café e voltei minha atenção para o monitor diante de mim, onde um complexo gráfico implorava por minha atenção.



Quando se está ansioso, na expectativa para que algo aconteça, normalmente os ponteiros do relógio parecem se mover com mais lentidão, mas para meu total alívio, não foi o caso.

Com os olhos fixos em gráficos e projeções, sequer notei a manhã passar. Quando Grazi acreditou que arrancaria de mim a resposta para todas as suas perguntas, Roberto, o chefe carrasco, convocou Pedro e eu para uma reunião, que acabou tomando boa parte da tarde e causando um desencontro entre os meus horários e o de minha amiga. Mas quando o final do expediente chegou, eu soube que não havia mais nenhuma maneira de escapar de seu interrogatório, então, após mais uma xícara de café, eu a acompanhei na descida de elevador em direção ao térreo e assim que os meus pés tocaram o lado de fora da porta, ela se voltou para mim com toda sua impaciência.

— Por favor, Mari, depois de esperar por uma resposta o dia todo, é melhor que vocês tenham se beijado ou eu não sei o que sou capaz de fazer com você.

— Hey, sou sua madrinha, não deveria ser ameaçada dessa maneira.

— Você precisa aprender a aproveitar melhor as oportunidades que a vida te dá, Mari — resmungou Graziela, fazendo cara feia.

— Nós tínhamos outras preocupações, Grazi, me agarrar com ele não era uma delas, ao menos naquele momento não. Eu precisava reparar a merda que fiz.

— Diga por você, amiga, porque eu bem notei a maneira como ele te encarou. Tudo que você precisava fazer era olhar bem para ele e dizer “quero” — afirmou, me fazendo gargalhar no meio da rua, ganhando alguns olhares curiosos de outros pedestres. — O que? É bem sério isso.

Por mais que desejasse discordar de Graziela, também havia notado os olhares de Bernard, e como se isso não fosse o suficiente, eu sabia muito bem como *eu* havia olhado para ele.

Não me deparar com a estranheza inicial que todo primeiro encontro provoca acabou por bagunçar minha mente, a ponto de eu lhe dar sobremesa na boca, como se fôssemos as pessoas mais íntimas do mundo. Bem, curiosamente eu me sentia exatamente assim perto dele.

— Meu Deus, Mari, quem poderia imaginar que ele e o cara da agenda seriam a mesma pessoa?

— E eu não sei? Já me fiz essa mesma pergunta um milhão de vezes, desde a noite passada — confessei, sentindo um leve pulsar em minhas têmporas, eu ainda tentava digerir a informação.

— Vocês não se beijaram por causa do Pedro?

— Ah, Grazi! Adoraria dizer que sim, mas Pedro sequer passou por minha cabeça enquanto eu estava na companhia de Bernard. Estou começando a me sentir culpada pelos cafés.

— Não termine essa frase — advertiu. — Mari, vocês são adultos e livres de compromisso. Ele está te oferecendo café porque quer, você aceitar não a coloca junto dele em um altar. — Pontuou, tentando me fazer enxergar o óbvio. — Agora me conte mais sobre ontem.

Cedendo ao seu pedido, que no fundo também era uma necessidade para mim, uma vez que precisava ver a coisa toda sob outra perspectiva, compartilhei com Grazi todos os acontecimentos da noite passada. A cada nova informação

que eu dava a ela, mais seus olhos brilhavam em expectativa.

— Você está fodida — disse categoricamente, quando alcançamos a plataforma do metrô.

— Não é para tanto, acho que isso tem muito mais a ver com a maneira como as coisas aconteceram.

— Uhum... — Piscou, sustentando um sorriso pretensioso. — Vocês já fizeram a troca das agenda ontem mesmo?

— Não, vamos sair para beber mais tarde, mas nada vai acontecer. — Tentei soar mais convincente para mim do que para ela.

— Ok, *girassol*, acredite no que quiser — declarou, frisando propositalmente o apelido usado por Bernard. — Só não deixe de me mandar mensagem. — Pediu, antes de me abraçar rapidamente e seguir para sua plataforma, onde o trem acabava de parar, deixando-me ainda mais confusa sobre tudo.

Capítulo 21

Identidade revelada

— Eu jamais cogitei que um lugar como esse pudesse existir.

Fascinada com a surpresa que o lugar havia me proporcionado, olhei ao meu redor como uma criança curiosa.

— Se vale de algo, não existia até o mês passado — informou com diversão, me indicando uma mesa vaga mais à frente.

Quando Bernard apareceu na porta de meu prédio já próximo de onze da noite, eu não fazia a mínima ideia de para onde estávamos indo, mas se tratando de um primeiro encontro, supus que poderia ser um bar ou talvez um restaurante, e por isso optei em usar um vestido verde escuro de alças finas, com uma espécie de renda sobreposta, que ia até pouco abaixo de meus joelhos.

Embora eu houvesse acertado em meu palpite, o lugar não se parecia em nada com algo que eu já houvesse visto. Situado no subsolo de um dos prédios mais icônicos da cidade, o bar não apenas se parecia como um antigo cofre de banco, como de fato era um, e isso estava visível em cada mínimo detalhe, a começar pela parede às minhas costas, coberta por inúmeras portinholas que no passado certamente havia guardado pertences valiosos.

Olhando mais adiante, pude notar os portões de ferro que antes mantinham cada uma das salas isoladas, mas que agora encontravam-se totalmente abertos, servindo de passagem entre os ambientes modernos e bem decorados.

Apesar da pouca luz, ao voltar minha atenção para Bernard, notei seus olhos de um castanho bem escuro fixos em mim e sorri, curiosa para saber o que

se passava em sua cabeça.

— Você é misteriosa, girassol — disse, como se houvesse lido meus pensamentos.

— Por que você acha isso?

— Além de seus compromissos diários e da sua extrema organização, sua agenda não diz muito sobre você, e isso só fez crescer a minha curiosidade. Claro que isso amenizou um pouco com a nossa troca de mensagens, mas você continua sendo uma caixinha de surpresas para mim.

— Diz o homem que deixa inúmeras páginas em branco porque estará viajando e anota uma receita de Risoto de Funghi, ao lado de seus compromissos semanais — provoquei. — Isso não faz de você menos misterioso, Bernard.

— Eu estou mais para desorganizado do que para misterioso.

— Nesse ponto eu preciso concordar, sua receita estava uma bagunça e eu quase estraguei tudo. Passei tanta raiva que quando terminei o cozimento já estava bêbada.

— Você está dizendo que a receita do chef tinha defeitos?

Eu nunca achei que o som de uma gargalhada pudesse mexer tanto comigo, muito menos ser erótica, mas naquele instante Bernard havia me provado o contrário.

— Não seja convencido a ponto de dizer que não comete erros.

— Quem está dizendo isso é você, girassol.

O tom baixo de sua voz e a sobrancelha arqueada eram uma armadilha, um convite para que eu estendesse esse jogo de provocações, mas antes que eu tivesse tempo de me defender, um garçom se aproximou trazendo as bebidas que havíamos pedido minutos atrás, assim que chegamos ao bar.

Quando voltamos a ficar a sós, olhei para Bernard, que agora estava mais sério do que há alguns instantes, criando uma ligeira tensão entre nós.

— Sabe, girassol, eu quase nunca pego metrô. Naquele dia, tinha mil coisas para resolver, especialmente porque a minha viagem estava muito próxima. Meu carro estava na oficina e eu me sentia a pessoa mais azarada do

mundo, até esbarrar em você.

— Eu nunca passo por aquela estação naquele horário. Por conta da degustação que Grazi e eu faríamos à noite no restaurante de um certo chef — provoquei —, acabei indo para a aula de meditação antes do trabalho. Eu estava um pouco atrasada, o que é incomum para mim, e em meio a tantas distrações, esbarrei em você.

— Bem, sorte a minha então — disse baixo, em um tom mais grave e sedutor, enquanto erguia sua bebida me convidando para um brinde.

— A que vamos brindar?

— Às coincidências.

— Não acredito nelas — confessei, ganhando um olhar curioso em resposta. — Ao destino! — Ergui a minha bebida.

— Ao destino — concordou, chocando sua garrafa contra o meu copo, bebendo um gole em seguida. Fiz o mesmo, sem quebrar nosso contato visual.

Embora a conversa tenha se mantido leve e divertida ao longo de toda a noite, a nossa troca de olhares constante e a ingestão de álcool contribuiu para que a tensão entre nós se elevasse a um nível perigoso, no qual eu mal conseguia desviar os olhos de sua boca. De repente, eu precisava saber o gosto de seus lábios.

— A sobremesa chegou — informou com um sorriso torto, quando retornei à mesa após uma breve escapada para o banheiro.

Optando por dividir assim como havíamos feito na noite passada, puxei a cadeira vaga ao lado de Bernard e me sentei ligeiramente virada para ele, que espelhou o meu movimento, de maneira que ficássemos quase de frente um para o outro sem a mesa entre nós.

— Isso está com uma cara boa — comentei, dando uma boa olhada na fatia de cheesecake diante de mim.

— Aposto que faço um melhor.

— Estava demorando por um comentário assim — disse com falso desdém, enquanto o assistia pegar uma pequena porção e trazer aos meus lábios,

que imediatamente se abriram para ele. — Hum, isso é bom — murmurei pouco depois.

Tentando ignorar o calor provocado ao esbarrar nos dedos de Bernard enquanto pegava a colher de sua mão, parti uma porção do doce e levei até os seus lábios, muito tentadores e beijáveis, que pareceram se abrir em câmera lenta antes de abocanhar o que eu lhe oferecia.

— Preciso concordar, é realmente bom — admitiu.

Querendo saborear um pouco mais, não hesitei provar um novo pedaço, e em meio a minha pressa de comer o doce, acabei deixando que escorresse um pouco de calda no canto de minha boca. Antes que eu tivesse a chance de lambê-la, Bernard segurou meu queixo com delicadeza e deslizou o polegar junto ao meu lábio inferior. Completamente afetada por seu toque, permaneci imóvel, alternando minha atenção entre seus olhos, que me encaravam com desejo e seus lábios, que eu ansiava mais do que tudo beijar.

Como dois imãs que se atraem, Bernard foi trazendo meu rosto para perto do dele ao mesmo tempo em que se inclinava ligeiramente para frente, até que a ponta de nossos narizes estivessem se tocando e nossas respirações se misturassem. Por um segundo ou dois ele permaneceu parado, olhando no fundo de meus olhos, provavelmente me dando a chance de recuar, e quando não o fiz, suas pálpebras se fecharam ao mesmo tempo em que boca enfim se juntou a minha.

Diferente do que eu havia imaginado, o beijo não foi leve e delicado, ao contrário, foi intenso e desejoso, com sua língua pedindo passagem por entre meus lábios ao mesmo tempo em que a minha própria ia de encontro à dele.

Em busca de ter um pouco mais de Bernard para mim, apoiei uma mão sobre sua coxa, que agora se encontrava entre as minhas pernas, e a outra em sua nuca. Respondendo aos meus toques, uma de suas mãos se afundou em meus cabelos, enquanto a outra se apoiou em minha cintura, me mantendo próxima a ele.

Sem interromper o contato, ele aprofundou um pouco mais o beijo, com

sua boca exigindo mais de mim, enquanto nossas línguas seguiam se tocando, deslizando uma de encontro a outra, completamente insaciáveis. Incapaz de raciocinar com o mínimo de clareza, apenas me deixei levar, enquanto provava um dos melhores, se não o melhor, beijo da minha vida.

Considerando que simples toques acidentais haviam produzido “faíscas” entre nós, me faltavam palavras para descrever o misto de sensações que ter a boca de Bernard na minha estava provocando, e quando ele ousou morder meu lábio inferior, não fui capaz de conter um gemido. Com ambos já ofegantes e quase sem ar, Bernard diminuiu o ritmo até que se tornasse um simples roçar de lábios e língua.

Mantendo as testas coladas mesmo após o final do beijo, enquanto desejava que o momento durasse um instante a mais, abri os olhos lentamente e o que eu vi refletido na íris escura de Bernard não me deixou dúvidas que ele havia sentindo o poder de nosso beijo tanto quanto eu.

— Ah girassol, você não faz ideia do quanto eu venho resistindo — murmurou, aproveitando para morder meu lábio inferior enquanto ainda estávamos próximos.

— Não pense que estava sendo mais fácil para mim.

Me dando um sorriso torto absurdamente sexy após a minha confissão, Bernard me roubou mais um beijo, dessa vez mais breve, e quando chegou ao fim, ele recuou um pouco mais na cadeira, embora permanecesse me encarando fixamente, ainda sorrindo.

— O que foi? — perguntei, antes de pegar o penúltimo pedaço de torta e levar aos seus lábios, que se abriram prontamente.

— Você é incrível — declarou, me oferecendo o último pedaço.

Com o prato completamente vazio sobre a mesa e a nossa vontade de estar mais próximos crescendo drasticamente, Bernard e eu nos levantamos de nossos lugares dando a noite por encerrada.

Depois de envolver minha cintura com ambas as mãos e me posicionar diante de seu corpo, muito provavelmente para esconder a ereção que eu ajudei a

criar, seguimos caminhando em direção a saída do lugar, onde se encontrava o balcão do caixa.

Durante a breve espera na fila, pressionei o meu corpo contra o dele, apenas para confirmar as minhas suspeitas. Me direcionando um arquear de sobrancelhas, Bernard sabia o que eu estava fazendo, mas não pareceu se importar, porque voltou a segurar meu queixo com uma das mãos e me beijar.

— Deixa que eu pago, girassol — disse com determinação, quando enfim chegou a nossa vez e eu tentei oferecer o cartão bancário à mulher atrás do balcão.

— Vamos ao menos dividir, Bernard.

— Dessa vez é por minha conta — sussurrou junto de meu ouvido, provocando arrepios que me fizeram ceder.

Após o valor ser pago e não restar mais nada que nos impedisse de partir, Bernard e eu nos esprememos entre as pessoas a nossa volta tentando alcançar a saída, mas antes que tivéssemos sucesso em nossa missão, fomos atrapalhados por um homem sorridente que vinha ao nosso encontro.

— Pedro, você veio! — disse com alegria, parando a alguns passos de distância, com os braços abertos.

Tomada pela curiosidade ligada ao nome que vinha criando uma pequena bagunça em minha vida nas últimas semanas, olhei ao nosso redor em busca da pessoa em questão, e quando não encontrei ninguém em potencial respondendo ao chamado, voltei o olhar para Bernard, que nesse exato momento se desvencilhou delicadamente de mim e se aproximou do homem, envolvendo-o em um típico abraço masculino.

Me sentindo ligeiramente confusa com a situação e a troca dos nomes, permaneci imóvel, apenas assistindo a cena diante de mim. Quando ambos se afastam, Bernard voltou a entrelaçar nossos dedos, ainda sorrindo para o homem que não aparentava ser muito mais velho do que ele.

— Desculpe não ter vindo antes, Marcelo.

— Ah, qual é Pedro, somos amigos há tempo suficiente para não se

preocupar com isso. Estou contente que tenham vindo e espero que o atendimento tenha sido de seu agrado. — disse o homem, com um sorriso genuíno.

— Está tudo incrível. Marcelo, essa é a Mariana. Mariana, esse é o Marcelo, proprietário desse lugar.

— Parabéns, é realmente diferente de tudo que já vi — cumprimentei, embora a minha cabeça estivesse há quilômetros de distância com o que estava acontecendo.

Pedro? Por que o tal Marcelo estava chamando Bernard de *Pedro*? — ponderei, me sentindo inquieta com a situação.

Após uma breve conversa entre eles, na qual eu mal captei duas palavras, graças as engrenagens de minha cabeça que agora trabalhavam a todo vapor. Tentei entender o que estava realmente acontecendo, nós nos despedimos do homem e seguimos para a saída.

Ao meu lado, Bernard seguiu falando sobre algo enquanto caminhávamos até o carro, provavelmente algo em relação ao bar ou ao homem que havíamos encontrado. Entretanto, diante da recusa de meu cérebro em captar qualquer nova informação, tudo que consegui fazer foi menear a cabeça e responder com alguns murmúrios.

Pedro?

— Por que ele te chamou de Pedro?

Antes mesmo de ouvir a sua resposta, meu coração já batia descompassado, me deixando alerta.

— Porque esse é o meu nome — disse simplesmente, dando de ombros, parecendo se divertir com a minha pergunta, enquanto abria a porta do carro para mim.

— Bernard é algum pseudônimo?

— Não, na verdade Pedro é meu segundo nome.

— Bernard, Pedro...

— Lessard — completou com um meneio em concordância. — Como

disse, Marcelo e eu fizemos alguns cursos juntos, ficamos amigos e ele se recusava a me chamar de Bernard porque dizia ser “fresco” demais. Ele é um dos poucos que me chamam de...

— Pedro — completei sua fala, com a voz ligeiramente trêmula.

Não poderia ser, verdade, poderia? Depois de esbarrar com ele na estação de metrô e passar semanas conversando através de mensagens, nós finalmente nos encontramos para que através de um capricho do destino eu descobrisse que seu nome era Pedro? Se isso tudo fosse verdade e não um sonho louco, como eu queria acreditar que era, ele esteve mais perto do que eu poderia imaginar por todo esse tempo.

Perdida em meus pensamentos, só me dei conta do quanto estivemos calados durante todo o caminho de volta, quando Bernard, ou Pedro, estacionou diante de meu prédio e desligou o carro. Sem coragem para encará-lo, permaneci mais alguns segundos segurando sua agenda com firmeza, juntamente com a minha bolsa, sobre o meu colo.

— Aconteceu alguma coisa? Eu fiz algo que não te agradou? — disse baixo, como se estivesse com medo de me assustar.

— O que? Não, está tudo bem, você não fez nada é só que... Eu acho que bebi um pouco além da conta.

Embora eu detestasse mentiras, naquele momento me vi contando uma, porque não me sentia no controle de meus pensamentos.

Concordando com um meneio de cabeça, Bernard desceu do carro e veio até o meu lado. Mantendo o cavalheirismo de sempre, ele me ofereceu uma mão para que eu descesse com mais facilidade, e depois me acompanhou até o portão do prédio.

— Obrigado por aceitar meu convite, girassol. Eu realmente adorei o nosso encontro. — disse suavemente, ajeitando uma mecha de cabelo atrás de minha orelha.

— Eu que agradeço.

Apesar do desfecho inesperado de nossa noite, que de um momento para

o outro bagunçou a minha mente e o pouco que eu sabia a seu respeito, eu havia apreciado a companhia de Bernard. Parecendo lamentar o que estava prestes a acontecer, ele pegou de minha mão a agenda que eu lhe oferecia, ao mesmo tempo em que me estendeu a minha. Assim que segurei o objeto, ele se aproximou lentamente, não deixando espaço entre nós.

Incapaz de oferecer qualquer resistência a ele, mais uma vez me rendi ao beijo no instante em que seus lábios se uniram aos meus. Por mais que eu não quisesse admitir, nosso encaixe era perfeito e o beijo tão poderoso e intenso quanto os anteriores haviam sido, a ponto de me fazer vibrar da cabeça aos pés, e ainda reforçar a sensação de que era o melhor beijo que já tive.

— Boa noite, girassol. — Despediu-se, acariciando de leve o meu rosto quando nossas bocas se afastaram.

— Boa noite, Bernard — devolvi, antes de impor certa distância entre nós e atravessar os limites do portão.

Com um sorriso bonito nos lábios e o olhar em chamas, carregado de desejo e algo mais que não fui capaz de decifrar, assisti ele partir, enquanto tudo que minha mente conseguia processar era o fato de que Bernard também se chamava *Pedro*.

Capítulo 22

Respostas

“Você não faz ideia do quanto eu gostei de me encontrar com você”, dizia a mensagem enviada há pouco mais de trinta minutos.

Bernard Pedro Lessard.

Isso era tudo em que eu vinha conseguindo pensar desde a noite passada, quando rolei na cama por mais tempo do que gostaria, até ser vencida pelo sono.

Embora nesse momento a minha vontade fosse de lhe responder que eu havia sentido exatamente o mesmo, o que era muito verdade, considerando tudo que seu beijo havia despertado em mim, por um instante vacilei e antes que eu fosse capaz de digitar uma resposta, o som de passos se aproximando desviou minha atenção do aparelho.

— Você me parece feliz e ao mesmo tempo confusa, menina — disse Glória, juntando-se a mim após a partida dos demais alunos.

— Eu não teria definição melhor do que essa — admiti, deixando os ombros caírem enquanto lhe sorria de leve.

— E qual é a razão desse conflito?

Antes que eu lhe respondesse, ela retirou de minhas mãos o celular que eu segurava pressionado contra o peito e me conduziu de volta ao meio do espaço. Sabia que ela teria algum tempo livre até o início da próxima aula e esse era o momento perfeito para receber seus conselhos.

— Eu conheci outro Pedro — falei, procurando qualquer sinal de surpresa em seu rosto, mas Glória permaneceu com um semblante neutro. — Na verdade estávamos conversando há algumas semanas, nós nos esbarramos no

metrô, trocamos as agendas sem querer e desde então estamos mantendo contato, mas só na noite passada descobri isso a seu respeito.

— Certo, e por que isso te perturba? — perguntou suavemente, me encarando com seu olhar bondoso.

— Porque eu tenho estado atraída por ele, e a fixação com relação ao nome Pedro não vinha me deixando misturar as coisas. O outro Pedro, aquele com quem trabalho, é um cara legal, mas sinceramente!? Não chegou nem perto de causar em mim o que Bernard fez com um beijo.

— Eu não vejo problema algum em nada do que você me disse.

Com o semblante tranquilo e um sorriso leve nos lábios, ela parecia ver algo que eu estava deixando de fora da equação.

Deixando escapar um longo suspiro, ponderei por um instante sobre como dizer a Glória todas as minhas incertezas.

— E se eu estiver sendo precipitada em considerar que o Pedro que trabalha comigo é o “Pedro errado”? E se me sinto assim em relação a Bernard apenas pela troca das agendas e o fato de que conversávamos sem saber verdadeiramente a identidade e a aparência um do outro? Sinto que cheguei a uma bifurcação e que preciso escolher qual caminho seguir.

— Ok, Mariana, e o que você vê de onde se encontra nesse momento?

Fazendo a linha “mestre dos magos” ao responder as minhas perguntas com outra, Glória não havia me deixado muitas alternativas que não fossem pensar, por isso, fechei os olhos por um instante e invoquei mentalmente a imagem de cada um.

De repente eu estava parada sobre uma ponte, e logo mais adiante, a estrada de terra se abria em duas direções. A minha esquerda encontrava-se Bernard, me encarando com uma tranquilidade que eu não possuía nesse momento. Ao seu redor e por toda a extensão que meus olhos podiam alcançar, o caminho era enfeitado por árvores e alguns arbustos floridos.

À minha direita, parado diante de um caminho que também se mostrava ser arborizado e tão belo quanto o outro, Pedro me encarava com seu sorriso

bonito, aquele mesmo que eu via todas as manhãs. Os olhos de um azul cristalino que mais se pareciam um lago não me deixavam ler o que se passava em sua mente.

Com o coração assumindo um ritmo meio descompassado dentro do peito, avancei alguns passos, não muitos, apenas o suficiente para sentir algo me puxando em uma das direções.

Quando meus olhos se abriram e voltam a focar no presente, Glória me deu um de seus sorrisos amorosos, que dispensou o uso de qualquer palavra. A resposta já estava comigo, e tudo que eu precisava fazer para alcançá-la era desligar o meu lado racional por um instante e deixar que meu coração assumisse.

— Você sabe que merece ser feliz, não sabe? — Glória perguntou minutos mais tarde, quando já estava prestes a partir.

— Nós sempre sabemos, Glória, só não aceitamos o que recebemos por medo — declarei, envolvendo-a em um abraço apertado, que tinha um efeito tão reconfortante quanto os abraços de minha mãe.

Caminhando pelo longo corredor em direção aos elevadores, aproveitei para enviar uma mensagem a Bernard, a resposta que inconscientemente adiei.

“Eu também gostei muito de me encontrar com você. Obrigada por ontem :)”

Após deixar o prédio, caminhei por mais algumas quadras até parar em frente ao SESC, localizado mais adiante na própria Avenida Paulista, onde Grazi me encontraria para o almoço, já que segundo sua mensagem *“... esperar até segunda para saber sobre o seu encontro é torturante demais”*.

Enquanto adentrava na construção enviei a ela uma mensagem para informar que já havia chegado. Sem esperar por uma resposta, caminhei em direção aos elevadores e pressionei o botão do décimo sexto andar. Antes que eu chegasse ao café, onde nós iríamos nos encontrar, o celular apitou com a notificação de uma nova mensagem.

“Apesar de não ter mais a desculpa das agendas, eu gostaria muito de

encontrá-la outra vez, girassol :)”, dizia a mensagem, que instantaneamente despertou algumas borboletas em meu estômago.

Sem precisar pensar muito a respeito, digitei a resposta: “*Quando?*”.

Ao deixar o elevador instantes depois, segui pelo hall que me separava da cafeteria, atravessei as portas de vidro e após comprar a minha refeição, ocupei uma mesa localizada em um dos cantos, de forma que tivéssemos um pouco mais de privacidade.

— Ok, você está bebendo uma taça de vinho no almoço, depois de meditar, quanto devo me preocupar? — Graziela perguntou ao parar próxima de minha mesa, cerca de dez minutos após a minha chegada.

— Acho que a melhor resposta para a sua pergunta é, pegue uma para você também.

Diante de minha resposta que não lhe revelou absolutamente nada, ela se afastou com um olhar preocupado, pagou por seu pedido e com a senha em mãos se aproximou do balcão de retirada. Pouco depois ela retornou à mesa segurando uma bandeja de conteúdo semelhante ao meu: bruschetta de tomate seco com muçarela de búfala, e uma taça de vinho tinto.

— Você já pode começar a falar — exigiu, assim que ocupou o lugar diante de mim.

— Bernard e eu saímos ontem a noite. Ele escolheu me levar a um barzinho antes que de finalmente destrocarmos as agendas.

Sendo fisgada pelo início de meu relato, Grazi se deteve a meio caminho de dar a primeira mordida. Achando graça da situação, interrompi a minha fala e lhe direcionei um arquear de sobrancelhas. Percebendo sua distração, ela então me devolveu um sorriso sem graça como resposta e voltou a comer, ao mesmo tempo em que eu recomeçava a minha narrativa.

Depois de descrever a ela o ambiente e prometer que em breve iríamos lá com o nosso grupo de amigas, segui lhe contando sobre a noite, até alcançar um dos pontos altos, o beijo, que ainda me deixava ligeiramente fora do ar apenas com as recordações.

Me detendo por um instante, não para criar nela uma expectativa maior, mas sim porque eu mesma ainda estava digerindo a situação que veio a seguir, bebi um gole do vinho e prossegui, contando a ela toda a situação que se desenrolou depois, terminando com a minha descoberta de que:

— Bernard se chama *Pedro*? — perguntou, demonstrando completo espanto ao enfatizar o tal nome.

— Bernard Pedro Lessard — concordei, repetindo o nome que não havia saído de minha mente desde a noite passada.

— Puta que pariu, Mari, você só pode estar brincando!

Parecendo tão surpresa quanto eu provavelmente havia ficado, ela agora me encarava com olhos arregalados e a boca coberta pelas mãos.

Negando com um aceno, aproveitei o silêncio de minha amiga que se recuperava do choque, para beber o vinho restante em minha taça. Depois disso foram necessários vários minutos até que ela deixasse de me encarar como se estivesse vendo um fantasma e passasse a me bombardear com perguntas que eu mesma ainda não tinha a resposta.

— Eu vou apenas deixar as coisas fluírem, sei que de alguma forma isso vai me levar a melhor decisão, isso se de fato tiver que tomar alguma.

— Não sei se isso se deve ao vinho que você tomou, às aulas de meditação ou qualquer outra coisa, mas estou impressionada com a sua calma.

— De alguma maneira muito louca e improvável dois “Pedros” surgiram na minha vida, sendo que um deles eu sequer sabia ter esse nome até a noite passada. Você acha mesmo que nesse momento eu estou na posição de controlar algo?

Entendendo o meu raciocínio, Grazi então decidiu que precisávamos de brigadeiro de copo, e por isso tratou de buscar duas porções para nós. Enquanto comíamos a sobremesa, que automaticamente me fez pensar em Bernard, ela aproveitou para fazer mais algumas perguntas, falamos sobre outros assuntos, que consequentemente nos levou a uma xícara de café, e quando finalmente olhamos o relógio, a tarde de sábado já chegava ao fim.

Mantendo a nossa rotina habitual, seguimos juntas até a estação de metrô mais próxima e nos despedimos pouco depois, quando as composições que nos levariam para diferentes direções da cidade enfim chegaram à plataforma.

Devidamente acomodada em um dos vagões e com um longo caminho pela frente até chegar em casa, retirei o celular do interior da bolsa, destravei a tela e imediatamente me peguei sorrindo ao ler a mensagem de Bernard:

“Jantar amanhã, preparado por mim ;)”.

“Surpreenda-me, chef Lessard”.

Capítulo 23

Jantar a dois

Atendendo ao meu pedido, a surpresa por parte de Bernard começou logo cedo, na manhã de domingo.

“Alguma oposição de sua parte em jantar em meu apartamento, ao invés de irmos ao meu restaurante?”.

“Contanto que eu possa vê-lo cozinhar, nenhuma”.

“O seu pedido é uma ordem, girassol ;)”, respondeu, alguns segundos depois, fazendo a minha curiosidade aumentar alguns níveis.

Com muitas horas pela frente até o nosso encontro, tentei ocupar a mente de todas as formas possíveis ao longo do dia, de maneira que o relógio pudesse trabalhar mais rápido do que a minha ansiedade. Quando apenas uma hora me separava de poder vê-lo, tratei de tomar banho e me arrumar.

Considerando que ficaríamos em seu apartamento e que a noite estava um pouco mais fresca do que nos últimos dias, parei por alguns minutos diante do armário analisando as possibilidades. Acabei optando por uma blusa preta de alcinhas, um casaquinho e uma saia longa com estampa floral em fundo preto. Com um par de sapatilhas vermelhas envernizadas nos pés e sem ter muito o que inventar, deixei meus cabelos soltos, ligeiramente ondulados, e em meu rosto havia uma maquiagem bem discreta e natural.

Como de costume, Bernard chegou no horário marcado, e quando finalmente coloquei meus olhos sobre ele, não consegui evitar uma inspeção completa. Era surpreendente o quanto ele estava bonito com jeans e uma sobreposição de camisa xadrez e camiseta branca, tanto quanto ficava com uma

roupa mais social ou até mesmo seu dólmã.

— Você está linda, girassol — elogiou baixinho junto de meu ouvido, ao me envolver um abraço gostoso.

— O mesmo vale para você.

Para a minha surpresa, suas bochechas imediatamente adquiriram um tom de vermelho, que dessa vez não tinha qualquer relação com as altas temperaturas da cozinha. Achando graciosa a sua falta de jeito ao receber um elogio por sua aparência, o que certamente era comum por seus deliciosos pratos, não resisti à vontade me aproximar novamente e beijar seu rosto.

— Por Deus, mulher, você definitivamente não torna as coisas mais fáceis para mim — resmungou ainda sorrindo, enquanto me conduzia até o carro parado mais a frente.

Após percorrermos um curto trajeto que não durou sequer vinte minutos entre os nossos prédios, Bernard e eu adentramos no elevador e subimos até o décimo andar. Quando as portas se abriram e eu me vi parada no centro de um pequeno hall, não pude deixar de notar que haviam apenas dois apartamentos naquele andar.

A primeira coisa que observei ao atravessar a porta que Bernard segurava aberta para mim foi a cozinha. Localizada à minha direita, o espaço era separado da sala por um balcão e três banquetas brancas, assim como os armários. Os utensílios à vista e os eletrodomésticos eram em inox e o ambiente todo tinha um aspecto diferente, uma mistura que ia do moderno ao industrial, graças ao acabamento feito em cimento queimado.

— E aqui está o seu paraíso.

— Sim, meu paraíso. — Avançou lentamente alguns passos, com os olhos fixos nos meus e os lábios se desenhando em um sorriso bonito, apesar de discreto. — Você vem comigo, girassol, essa noite você foi escolhida como ajudante do chef. — Estendeu uma mão em minha direção que prontamente segurei.

Depois de dar a volta ao redor do balcão e entrar de fato no espaço

delimitado como sendo da cozinha, preendi os meus cabelos em um coque com um elástico que sempre carregava em meu pulso e lavei as mãos, seguida por Bernard, que a seguir se afastou em direção a um dos armários e retornou com dois aventais brancos.

— Que um milagre aconteça e ele permaneça assim quando terminarmos — brinquei, enquanto retirava meu casaco e colocava o avental, ganhando como resposta de Bernard um sorriso. — Não ria de mim! — resmunguei, lhe dando um empurrão de leve.

— Não estou, *chérie*, eu juro! — Piscou. — Que tal encontrar a receita em minha agenda enquanto eu pego os ingredientes? — ofereceu, me indicando o objeto que estava a menos de um braço de distância.

— Risoto de Funghi? — questionei com um arquear de sobrancelhas.

— Risoto de Funghi, e dessa vez, seguindo a receita do *chef* — afirmou, com um ar provocador, que embora eu não pretendesse admitir, o deixava ainda mais sexy.

 Bernard

— Não queremos cebolas queimadas em nossa receita, não é mesmo, chef? — provocou Mariana, trazendo minha atenção de volta para a panela diante de mim.

— Eu só queria saber o quanto você estava atenta.

Apesar de achar que essa desculpa não convenceria nem mesmo a uma criança, foi o melhor que consegui dizer, em minha defesa.

Com os anos de prática e os desafios enfrentados nesse meio tempo, eu havia aprendido a cozinhar sob pressão, seja para agradar os meus clientes que

mereciam no mínimo um trabalho de excelência, seja com críticos gastronômicos sentados no restaurante esperando para saborearem e avaliarem os meus pratos, ou servindo um chef renomado por quem tinha admiração. Mas nenhuma, definitivamente nenhuma dessas situações havia me preparado para a distração que estava sendo cozinhar e ter Mariana tão próxima de mim.

Conforme ela observou, eu quase havia cometido o erro de deixar as cebolas queimarem, isso sem contar que eu quase havia cortado o dedo enquanto desossava o frango durante o preparo do caldo caseiro, ou estive bem próximo de errar as proporções que eu já tinha memorizado há muito tempo, tudo porque minha atenção se afastava do que eu estava fazendo e ia até ela.

A julgar pelo vinco que havia entre suas sobrancelhas e a maneira como seus dentes mordiscavam o lábio inferior, algo que eu desejava poder fazer por ela, Mariana parecia alheia à minha presença e completamente imersa em sua tarefa, mas isso só durou até nossos olhares se cruzarem.

— Está me analisando enquanto te ajudo? — questionou, trazendo os cogumelos e o vinho até mim, uma vez que em breve eles iriam para a panela.

— Estou te admirando enquanto faz um belo trabalho, girassol. Preciso admitir, você é boa na cozinha, apesar de ter rabiscado toda a minha receita.

— Eu juro que tudo desandou enquanto eu preparava e se não fosse por minhas alterações eu não teria nada além de um arroz empapado como jantar.

— Vou te provar que ela pode funcionar.

— Estou ansiosa por isso, chef Lessard.

Fascinado como estava, eu quase podia jurar que meu nome soava como música em seus lábios.

Sob a mira de belos olhos castanhos que mais se pareciam com chocolate derretido, adicionei na panela todos os ingredientes, respeitando a ordem pedida na receita e mexi tudo. Pouco depois apaguei o fogo, acrescentei a manteiga, o queijo e a salsinha que estavam reservados, mexi mais algumas vezes para que tudo se misturasse de forma homogênea e então servi duas porções.

Após limpar as beiradas dos pratos e retirar o avental, me aproximei do balcão devidamente arrumado, onde Mariana já havia se sentado e estava à minha espera, pronta para degustar o jantar.

— O cheiro disso está maravilhoso — elogiou, inalando a fumaça.

— Espero que o sabor também esteja.

Embora eu conhecesse a receita melhor do que a palma de minha mão, naquele instante me vi inseguro, desejando realmente que tudo estivesse a seu gosto.

Ocupando o lugar ao lado dela após servir nossas taças com vinho, observei Mariana dar a primeira garfada e levar o risoto aos lábios. Completamente hipnotizado, assisti com expectativa ela mastigar a porção e saborear lentamente, antes de engolir. Quando ela finalmente olhou para mim, havia prazer e admiração estampada em seu rosto.

— Nesse momento estou envergonhada pelo que fiz com a sua receita, o meu risoto jamais chegaria aos pés do seu — disse categórica, embora eu tivesse as minhas dúvidas. — Sinto que você se supera a cada prato que cozinha, sorte a minha estar por perto para saborear. Sêrio Bernard, está divino.

— Obrigado girassol, não só pelo elogio, mas por trabalhar junto comigo, você tem méritos nessa receita. — Pisquei, com a intenção de aliviar a seriedade trazida por seus elogios.

Entre uma garfada e outra, Mariana me contou sobre algumas receitas que sabia preparar e imediatamente desejei poder comê-las em breve, embora não tenha admitido isso para ela, com medo de lhe assustar, porque antes mesmo de nos encontrarmos pessoalmente ela já havia despertado algo em mim.

Desde que havia sido traído há alguns anos e meu longo namoro chegou ao fim, eu nunca mais senti algo tão vivo e intenso por alguém como Mariana havia despertado em mim. Inicialmente, acreditei se tratar apenas de curiosidade para descobrir quem era a pessoa certinha e organizada que havia por trás daquelas páginas, porém, quanto mais eu conhecia a mulher deslumbrante sentada ao meu lado, mais eu a queria em minha vida e não dizer isso a ela de

uma vez vinha sendo um desafio.

Capítulo 24

Doce prazer

 Bernard

Assim que o jantar chegou ao fim e metade da garrafa de vinho já havia sido ingerida, retirei os pratos vazios de cima do balcão e os coloquei dentro da pia, logo depois, apanhei no armário dois pratos de sobremesa e duas cumbucas. Sobre o prato coloquei alguns cubinhos de fudges mesclado em chocolate branco e preto, e nas cumbucas, uma porção de sorvete de creme, para o caso dela preferir saboreá-los separadamente. Quando a sobremesa lhe foi servida, seus olhos brilham como os de uma criança.

— Talvez você estivesse esperando algo mais sofisticado, já que da última vez eu te servi brigadeiro, mas...

— Não ouse terminar essa frase — Ela me repreendeu, antes de provar um dos cubinhos. — Olha, Bernard, me desculpe se eu acabar te assustando com o que vou dizer agora, mas quer se casar comigo? — perguntou, me encarando com os olhos arregalados e um sorriso travesso nos lábios.

Pego de surpresa por seu pedido no mínimo inusitado, que eu bem sabia se tratar de uma brincadeira, acabei rindo da situação sem conseguir lhe dar uma resposta.

— Se a sua tática é me conquistar pelo estômago, pode parar — alertou.

— Eu jamais tentaria algo assim!

— Nem tente se fazer de bom moço. Caso nunca tenham lhe dito, você

tem cara de safado — acusou, me fazendo rir um pouco mais, enquanto ela mesma perdia a pose de durona e ria de si mesma. — Falando sério, isso está maravilhoso, obrigada por me alimentar tão bem.

Pobre Mariana, mal sabia ela que eu poderia prontamente aceitar o seu pedido e seguir lhe alimentando por mais tempo do que poderia imaginar. Voltando a minha atenção para o doce como rota de fuga dos pensamentos “bobos” que vinham me ocorrendo, aproveitei para espiá-la vez ou outra pela visão periférica.

Assim que terminamos eu lhe ofereci um café, que de primeiro momento foi recusado, enquanto ela voltava a se servir de um pouco mais de vinho. Ao retirar do balcão a louça usada por Mariana e ir em direção à pia, fui seguido por ela, que trouxe o que eu havia sujado.

— Obrigado, girassol, não precisava se dar ao trabalho. — Agradei.

Ao encarar seu rosto, não pude deixar de notar que havia chocolate em seus lábios, e antes que eu pudesse pensar com clareza e me deter, eu já estava rodeando sua cintura com meus braços, trazendo-a para perto de mim e aproximando nossos rostos. Quando ela rodeou meu pescoço, entendi o gesto como um sinal verde para ir adiante e então percorri os seus lábios com a ponta da língua, degustando não apenas da sobremesa, como de seu próprio sabor.

No segundo seguinte, sua boca se abriu ligeiramente, me convidando a ir adiante e imediatamente eu o fiz, deslizando a língua para dentro em busca da dela, até que ambas estivessem se entrelaçando, se provocando e exigindo mais.

Encurralando-a entre a bancada de mármore, senti ela ondular contra mim, e em resposta intensifiquei mais o beijo. Se agarrando à minha camisa em uma tentativa de me trazer para ainda mais perto, segurei com firmeza ambos os lados de seu corpo e a coloquei sentada sobre a bancada. Automaticamente suas pernas se afastaram e se enrolaram ao redor de meu quadril, me trazendo para mais perto.

Com certa dificuldade de respirar devido ao beijo, mordisquei mais algumas vez seu lábio inferior, enquanto uma de minhas mãos deslizava por toda

a sua lateral, roçando propositalmente em seus seios no caminho, antes de alcançar seus cabelos ainda presos, que eu facilmente libertei do elástico.

— Mariana — ofeguei em seu ouvido, em uma vã tentativa de lhe dar a chance de me deter. Após inspirar profundamente, tentei dizer novamente, mas fui calado por seus lábios e com isso entendi que ela deseja ir adiante tanto quanto eu.

Envolvendo seus cabelos com uma das mãos, eu os puxei para baixo, ganhando um ofego como resposta quando seu pescoço ficou completamente exposto.

Enquanto eu provava de sua pele, sentindo seu batimento cardíaco acelerado na ponta de minha língua, que agora deslizava por seu pescoço, Mariana puxou a saia para cima, deixando as pernas expostas e eliminando uma das barreiras que havia entre nós.

Conforme meus beijos seguiram para baixo em direção ao seu colo, suas mãos se agarraram aos meus cabelos, me mantendo exatamente ali. Quando enfim alcancei o topo de seus seios, a blusa não ofereceu qualquer resistência ao ser puxada para baixo, e para a minha alegria, Mariana estava sem sutiã.

— Provocadora — murmurei contra a sua pele, abocanhando um de seus seios e recebendo como resposta um gemido abafado, carregado de prazer, enquanto massageava o outro com a mão.

Depois de me perder completamente em um de seus peitos, passei a dar atenção para o outro, enquanto suas mãos tateavam a parte baixa de meu abdômen, até encontrarem o botão da calça, que facilmente foi aberto e o zíper abaixado.

— Nós podemos ir... — Tentei dizer, enquanto deslizava minhas mãos por suas coxas.

— Não, Bernard, eu quero... Eu preciso que seja aqui — exigiu, em meio a um suspiro.

Para comprovar se ela estava tão pronta quanto eu, segui adiante com meus dedos e puxei uma das laterais da calcinha, deixando exposto seu centro,

que em um instante confirmei estar molhado e pulsante, pronto para me receber.

Após lhe dar mais um beijo intenso que a deixou ofegante, me ajoelhei diante de suas pernas que pendiam ao meu lado, e antes que Mariana tivesse tempo de questionar sobre o que estava prestes a acontecer, deslizei minha língua por sua fenda, de baixo para cima, até alcançar seu clítoris, que ao mínimo toque lhe fez gemer mais alto e puxar os meus cabelos.

Apesar de sua tentativa de me afastar devido ao intenso prazer que sentia ali, permaneci beijando-a intimamente, lhe sugando e penetrando com meus dedos até que não houvesse mais resistência, até assistir o seu corpo tombar por completo contra a bancada e alcançar o orgasmo.

— Puta que pariu, Bernard! — Deixou escapar em meio a um gemido, enquanto eu seguia lhe chupando e penetrando com os meus dedos. — Por favor, chega, eu preciso de você dentro de mim, agora.

Desejando mais do que tudo atender ao seu pedido, retirei a camisinha de meu bolso traseiro, abaixei a calça e a boxer apenas o necessário para deixar o meu pau livre e depois de deslizar o preservativo por meu comprimento, me posicionei em sua entrada.

Conforme me curvei em sua direção na busca por um beijo, fui penetrando-a pouco a pouco e nesse momento descobri que não havia sensação melhor do que estar dentro dela.

— Porra, Mariana — murmurei contra seus lábios, antes chupá-los.

Ao abrir os olhos e me encarar, pude notar todo o desejo e a necessidade que ela sentia por mim, assim como eu vinha sentindo por ela. Motivado por isso e por seus gemidos de prazer, me agarrei a um de seus seios e me movi com mais força e rapidez para dentro dela, fazendo com que o som de nossos corpos se chocando preenchesse todo o espaço a nossa volta.

Em meio a um gemido de “mais”, ela posicionou seus dedos sobre o clítoris e passou a fazer movimentos circulares. Seu aperto ao meu redor se tornou mais constante e quando percebi, estava completamente enterrado dentro dela, segurando firme em seus quadris, e o rosto apoiado entre seus peitos,

gemendo seu nome enquanto gozava.

Me sentindo perdido em meio ao intenso prazer, soube que ela havia alcançado o clímax pela segunda vez quando seus espasmos ao redor de meu pau se tornaram mais longos e seus murmúrios desconexos. Extasiado pelo sexo mais intenso e gostoso que tive em muito tempo, ergui a cabeça para encará-la e me deparei com um sorriso de deleite em seus lábios, sua respiração ofegante e os olhos vidrados de prazer me olhando de volta.

— Ah Bernard — suspirou, enquanto se agarrava aos meus cabelos e me puxava para mais um beijo.

Capitula 25

Conhecendo a profecia

— Vem, *chérie*, eu te ajudo. — Ofereceu Bernard, já recomposto e com a calça no lugar.

Aceitando sua ajuda, primeiro voltei a me sentar na bancada e aproveitei nossa altura similar para dar uma boa observada em seu rosto, que exibia um sorriso bonito, repuxado em um dos cantos e um arquear de sobrancelhas. Sedenta por ter um pouco mais dele, rodeei seu pescoço com os meus braços e o trouxe para mais perto, até juntar nossos lábios em um beijo lento.

Pousando as mãos sobre minhas pernas ainda desnudas, ele passou a deslizá-las para cima e para baixo em uma carícia suave, enquanto eu ditava o ritmo do beijo, que era lento, sensual e transmitia muita intimidade. Quando enfim nos afastamos, Bernard manteve a testa pressionada contra a minha por alguns instantes, enquanto seus olhos observam os meus atentamente.

— Ah, Mariana, você é um perigo — murmurou antes de me roubar um beijo. — Agora precisamos cuidar de você, consegue ficar em pé?

Depois de concordar com um meneio de cabeça, Bernard segurou em minha cintura e me desceu da bancada com cuidado. Apesar de ainda sentir as pernas amolecidas, consegui me firmar o suficiente antes de ser conduzida por ele para fora da cozinha.

Conforme percorremos o apartamento, aproveitei para observar os detalhes da sala decorada, bem como os outros espaços por onde estávamos passando. Quando adentramos na suíte de Bernard, que se mostrou tão moderna e “clean” como outros ambientes, seu bom gosto estava mais do que óbvio para mim.

— Vou pegar uma toalha limpa para você, sinta-se à vontade para tomar banho.

— Sozinha? — perguntei, fazendo com que ele se detivesse e voltasse a me olhar.

— Quer a minha companhia? — falou, parecendo um pouco surpreso.

— Por que não iria querer?

Concordando com um discreto aceno, Bernard envolveu meu corpo com seus braços, me trazendo para junto de si, e voltou a me beijar, enquanto me conduzia para dentro do banheiro. Conforme o beijo se tornou mais intenso, nossas peças de roupa foram deixando um rastro por onde passamos, e quando enfim alcançamos o box, já estávamos completamente nus. E se por algum momento eu acreditei que a visão de Bernard vestido era de encher os olhos, agora eu havia comprovado que sem roupa era ainda melhor.

Com um abdômen plano, alguns gominhos talhados e dois vincos em suas laterais, que normalmente se perderiam no interior da calça, mas que agora levam o meu olhar diretamente para seu membro, não fui capaz de controlar o suspiro de prazer que escapou de meus lábios. Subindo a minha inspeção por seu corpo, observei uma frase gravada a tinta do lado esquerdo de seu corpo, sobre as costelas, e uma caveira usando uma toque blanche em seu bíceps esquerdo.

Quando meus olhos voltaram a encontrar os dele, não fui capaz de ignorar o desejo que estava estampado ali, e nem mesmo o sorriso sedutor que Bernard sustentava, enquanto se aproxima alguns passos.

— Vem girassol, a água está gostosa — convidou, me rodeando com os seus braços, deixando nossos corpos completamente colados. Nesse momento, a sensação de ter sua pele em contato com a minha me deixou ainda mais acesa do que estava instantes atrás.

Enquanto me posicionava sob o jato de água, Bernard despejou um pouco de sabonete líquido sobre uma esponja, e depois passou a deslizá-la por minhas costas, mesclando cuidado e desejo.

Após percorrer cada centímetro de minha pele, seja com as mãos, a boca ou com a esponja, o meu banho chegou ao fim, então peguei a esponja de suas mãos e após colocar um pouco mais de sabonete, retribuí o gesto, lavando-o de

cima a baixo, cada deliciosa parte de seu corpo, que reagia até mesmo ao meu toque mais sutil.

Quando Bernard finalmente fechou o registro de água, estávamos novamente abraçados, e dessa vez ele sorriu e eu resmunguei, por ter sido encurralada entre ele e o azulejo frio. Depois de um beijo rápido que me silenciou no mesmo instante, ele se afastou de mim e deixou o banheiro ainda estando molhado. Quando voltou, havia uma toalha branca enrolada ao redor de sua cintura e outras duas em suas mãos.

Colocando uma delas aberta sobre as minhas costas, Bernard me estendeu a outra para que eu enrolasse ao redor dos cabelos molhados. Em seguida eu me enxuguei com a que estava sobre as minhas costas e então deixamos o banheiro juntos, nos abaixando vez ou outra para recolher as peças de roupa que estavam por todo o caminho.

— Quer comer ou beber alguma coisa, *chérie*? Água, sorvete, chocolate... — Ofereceu Bernard, me abraçando por trás enquanto nós caminhávamos de volta a área principal de seu apartamento.

— É tão bonitinho ver você fazendo esse biquinho quando me chama de *chérie* — provoquei, virando o rosto de lado para morder seu lábio inferior.

— Bonitinho, é?

Me virando de frente para si, ele pressionou minhas costas contra a parede e permaneceu parado à uma curta distância, me desafiando com o olhar e provocando apenas por estar seminu diante de mim.

— Não mais do que quando você me chama de girassol — confessei, já com a respiração mais superficial, que ficou completamente descompassada quando ele tomou minha boca em um beijo.



Manter meus olhos, minhas mãos, minha boca ou qualquer outra parte de meu corpo longe de Mariana havia se tornado um grande desafio, especialmente depois de ter lhe provado de diferentes maneiras. Se pudesse compará-la a algo, o que não seria muito justo, definitivamente seria a um ingrediente exótico, delicado, daqueles que exigiam cuidado e sabedoria ao ser manuseado. Essa mulher estava mexendo comigo de tantas maneiras que ela sequer poderia imaginar.

Interrompendo o beijo antes que eu inconscientemente a tomasse em meus braços e a levasse para a cama, voltei a conduzi-la para a cozinha, determinado a lhe oferecer qualquer coisa que ela quisesse, apenas para que eu tivesse sua companhia um pouco mais.

— Eu aceito um pouco de água, e mais alguns fudges se ainda tiver. — Sorriu timidamente pela primeira vez na noite, algo que não havia acontecido nem mesmo quando estive completamente nua diante de mim.

Merda, quando pensei que não a conhecia tempo o suficiente para estar apaixonado, me lembrei de nossas nossas conversas ao longo das últimas semanas e me vi sem argumentos diante de meus próprios questionamentos.

Atendendo ao seu pedido, enchi dois copos com água e coloquei um deles diante dela, em seguida, trouxe para o balcão o refratário com os doces.

— Ah, se você me olhasse da maneira como olha para esse fudge, girassol — lamentei, exagerando no drama enquanto pegava um pedaço para mim.

O som de sua risada rapidamente preencheu o ambiente e eu acabei sorrindo junto, ao ver o quanto ela parecia relaxada ocupando a banquetta de minha cozinha, usando nada além de toalhas de banho.

— Deixe de ser dramático, se eu te olhasse dessa maneira, não sobraria

nada de você, o que seria um completo desperdício. No seu caso, prefiro saborear aos pouquinhos.

Como se quisesse exemplificar, ela mordiscou de leve o pedaço que havia entre seus dedos, e quando voltou a me encarar, deu uma piscadinha. Lhe roubando um beijo rápido, que a fez sorrir, deixei a banqueta que vinha ocupando ao seu lado e caminhei até a pia, pronto lavar a louça suja e organizar a bagunça que havíamos feito, como forma de distração para os pensamentos que ela vinha plantando inconscientemente em mim.

— Você acredita em destino? — perguntou de repente, atraindo minha atenção.

— Pode-se dizer que sim... Por que?

— Não me considere muito maluca, ok? — alertou, parecendo ligeiramente nervosa apesar de estar sorrindo. — Há algumas semanas fizeram uma espécie de profecia para mim. Eu não busquei por nada disso, a coisa toda apenas caiu sobre minha cabeça...

— Certo, e do que se tratava essa profecia? — perguntei cuidadosamente sem interromper meu afazer, embora mal estivesse prestando atenção no que fazia.

— Sobre encontrar alguém chamado Pedro.

Pego de surpresa com a revelação, derrubei dentro da pia o copo de vidro que vinha ensaboando, o que lhe assustou. Quando finalmente voltei a encará-la, havia arrependimento em seu olhar.

— Desculpe te assustar, girassol, eu me distraí — garanti, enquanto fechava a torneira e me aproximava novamente. Pegando em suas mãos, a conduzi até o espaçoso sofá, onde me sentei e a trouxe para junto de mim. — Me conte mais.

— Nós vamos molhar o seu sofá.

— Não tem problema, conte-me sobre essa profecia. — pedi, enquanto removia a toalha de seus cabelos e começava a pentear os fios com os meus dedos.

— Pouco depois de esbarrar em você no metrô, fui para a aula de meditação. Ao final da aula, Glória, a professora, me chamou de canto e me fez algumas perguntas genéricas, depois me questionou sobre um tal Pedro. Quando disse a ela que não conhecia nenhum, ela me disse para estar atenta, que ele me traria a mesma alegria que um dia de sol é capaz de provocar.

Sem saber aonde tudo isso iria nos levar, aguardei pacientemente que Mariana continuasse me contando.

— Na manhã seguinte a caminho do trabalho, fiquei presa juntamente com um estranho sob a marquise de um prédio enquanto um temporal despencava dos céus, acabou que descobrimos que ele era um novo funcionário da empresa em que trabalho e mais do que isso, ele se chamava Pedro.

Tentando não demonstrar o quanto a informação não me deixou muito feliz, continuei acariciando seus cabelos, até ser atrapalhado por ela, que tombou a cabeça para trás, e inspecionou o meu rosto.

— Não vou mentir para você, Bernard, em um primeiro momento até fiquei animada com a possibilidade de que a profecia estivesse se concretizando, mas então nós começamos a conversar e bem, embora você não fosse um Pedro, ao menos não que eu soubesse, eu me sentia muito atraída por você, e o mais louco nisso tudo é que eu sequer tinha visto o seu rosto.

Por mais que eu não quisesse admitir, saber que ela havia se sentido atraída por mim antes mesmo de nos encontrarmos era muito reconfortante, não era apenas uma atração motivada por atração física.

— Quando descobri isso a seu respeito na outra noite, confesso que quase pirei. Pense o quanto isso é improvável, surreal. Dois Pedros surgindo em minha vida após a profecia!? — Deu de ombros, parecendo confusa. Ainda disposto a apenas ouvir, deposei um beijo em seu pescoço, que a fez relaxar em meus braços. — O toque das nossas mãos no restaurante? O abraço, o beijo... Tenho certeza que você também sentiu a eletricidade — apontou, ganhando apenas um aceno de minha parte como resposta. — É único.

Interrompendo a carícia em seus cabelos, eu cobri suas mãos com as

minhas, e quando ela fez menção de entrelaçar nossos dedos, deslizei minhas mãos por seus braços, ombros e pescoço apenas para testar algo, mesmo sabendo que ela estava certa, a eletricidade que havia entre nós é inegável.

— Eu não quero ser precipitada, Bernard, nem quero exigir algo de sua parte, até porque não sei o quanto disso você sente, mas eu não gostaria de desperdiçar essa conexão que temos — disse baixo, em um tom de voz contido, enquanto seu olhar se fixou ao meu.

— Está me pedindo em namoro, girassol? — provoquei, sabendo que isso iria lhe deixar desconcertada.

— Na verdade eu estava propondo que pudéssemos desfrutar disso juntos, enquanto estiver nos fazendo bem.

— Eu e você? — perguntei ao distribuir beijos por seu pescoço, apenas para me certificar que não havia entendido nada errado.

— E mais ninguém — confirmou, se remexendo em meu colo, conforme o corpo reagia a minha carícia.

— Minha girassol — sussurrei em seu ouvido, mordiscando de leve a área, enquanto desfazia o nó de sua toalha.

Capítulo 26

Rotina

Se existia algo mais relativo do que o tempo, eu desconhecia. Era curioso pensar o quanto a mesma quantidade de segundos, minutos, horas, dias, meses e anos poderiam ser vistos e sentidos de maneiras diferentes, de acordo com a perspectiva de cada indivíduo.

Certa vez, estive em um relacionamento longo, com anos de duração, que quando chegou ao seu fim, me deixou apenas um questionamento: Quem era a pessoa que esteve comigo por todos esses anos?

Por outro lado, em nenhum momento desde aquela primeira noite em que Bernard me trouxera para o seu apartamento e que jantamos juntos, duas semanas atrás, isso passou por minha mente.

O que a princípio havia sido uma entrega de corpo, rapidamente se tornou de almas, bem, ao menos essa era a única justificativa que eu conseguia encontrar para descrever como pouco a pouco, de maneira natural e espontânea nós fomos nos encaixamos na vida um do outro.

Desviando os olhos do teto branco e encarando o lugar vago ao meu lado na cama, que ainda carregava o seu cheiro tão delicioso e tão particular, me perguntei o que poderia tê-lo tirado tão cedo da cama. Apurando os ouvidos por um instante, identifiquei os sons de panelas e logo entendi a razão de seu sumiço.

— Bê? Bernard? — insisti, elevando um pouco a voz quando ele não respondeu em um primeiro momento.

— Não ouse sair dessa cama, girassol, eu já estou indo!

Acatando ao seu pedido, rolei para o lado que até pouco tempo era ocupado por ele, fechei os olhos e afundei o rosto em seu travesseiro. Naquele instante, eu me senti como uma adolescente, uma boba apaixonada ao fazer isso, mas rapidamente afastei essa pequena repreensão e apenas me permiti desfrutar do momento.

— Um beijo por seus pensamentos. — Bernard ofereceu, ao entrar no quarto trazendo consigo uma bandeja cheia de comidas.

— Estava pensando no tempo, e no quanto você é cheiroso — provoquei, sabendo o quanto elogios o deixavam sem graça.

Depois de colocar a bandeja em um canto do colchão, ele rastejou com cuidado para junto de mim. Apesar de estar faminta, permaneci imóvel, fazendo manha.

— Está sol, *chérie* — murmurou com a voz grave, afundando o rosto na curva de meu pescoço, algo que ele adorava fazer, enquanto distribuía alguns beijos em minha pele.

— Não era bem sobre esse tipo de tempo que eu estava pensando. — Sorri, achando graça de seu resmungo em resposta. — Era sobre o quanto o tempo pode ser relativo, mas isso já não importa. Qual a programação do dia?

— Primeiramente, te alimentar. Sente-se aqui comigo, girassol.

Incapaz de resistir à carícia que ele iniciou em meus cabelos, ao seu pedido e ao cheiro da comida, acabei cedendo. Quando ambos finalmente estávamos acomodados contra a cabeceira da cama, Bernard trouxe a bandeja para perto de nós. Ao abrir a boca para lhe fazer uma nova pergunta, ele aproveitou para me servir um pedaço de pão. Lhe dando um falso olhar de repreensão, ganhei um lindo sorriso e um beijo em minha têmpora esquerda como resposta.

Preocupados demais em matar a nossa fome, mal trocamos meia dúzia de palavras durante o café enquanto servimos um ao outro. Quando finalmente nos demos por saciados, Bernard retirou a bandeja praticamente vazia de cima da cama, a colocou no chão fora de nosso alcance e voltou a se aninhar junto de

mim, que já estava deitada novamente.

— Certo e agora, o que faremos?

Impondo uma curta distância entre nós, Bernard enfiou duas mãos por baixo de meu corpo que estava estendido sobre a cama e me virou de lado, de maneira que eu ficasse de costas para ele. Ainda sem entender, porém achando graça da situação, esperei para ver o que viria a seguir, e quando ele voltou a se enroscar em mim, não fui realmente surpreendida.

— Respondendo à sua pergunta — sussurrou, com os lábios roçando de leve a minha nuca. — Por mim, a programação perfeita para hoje seria essa, ficarmos na cama o dia todo. Poderíamos assistir filme — beijou —, conversar — lambeu — e poderíamos fazer o tempo, como você bem dizia, ser muito proveitoso. — Mordiscou, enviando arrepios por todo meu corpo.

Me movendo ligeiramente entre seus braços, fui capaz de criar um atrito gostoso entre nossos corpos, que por um instante me fez vacilar e considerar a sua proposta indecente. Retribuindo às carícias iniciadas por ele, não foi preciso muito tempo para que Bernard me cobrisse de beijos e em seguida tomasse meu corpo para si.

Depois de me fazer sua mais uma vez, permanecemos largados sobre sua cama espaçosa, ainda em um emaranhado de braços e pernas, tentando cadenciar as respirações e acalmar os corações que ainda estavam em ritmo acelerado.

Quando enfim me senti capaz de caminhar sem cair de cara no chão, lhe roubei um beijo lento e demorado e então me levantei. A caminho do banheiro, observei que mal passava das nove e agora que Bernard já havia recebido o seu agrado matinal, que por sinal muito me agradou também, era hora de aproveitar o dia de outras maneiras.

— Tem lugar para dois — anunciei, prestes a ligar o chuveiro.

Mais do que depressa ouvi ele se levantar e em questão de segundos eu estava sendo pressionada contra o azulejo frio do banheiro, apenas porque ele gostava de me torturar e me ver brava por essa sua brincadeira boba.

— Tão linda — sussurrou contra os meus lábios, antes de me acalmar

com um beijo.



A mensagem de Grazi avisando que faria um piquenique no Ibirapuera chegou pouco depois que saímos do banho, e como Bernard e eu ainda não tínhamos ideia do que fazer, uma vez que eu não desejava passar o dia todo na cama, decidimos nos juntar a ela e Matheus.

À caminho do parque, fizemos uma rápida parada em um supermercado, para comprarmos bebidas e algumas frutas, já que dessa vez minha amiga havia se encarregado do preparo dos lanches salgados.

De mãos dadas, Bernard e eu caminhamos tranquilamente por uma das trilhas, vendo outras pessoas fazendo piquenique, crianças correndo em diferentes direções e alguns cães animados demais em persegui-las. Mais adiante, sob a sombra de uma árvore frondosa, nossos amigos já esperavam por nós, com direito a uma cesta abarrotada de comida e uma toalha vermelha quadriculada estendida no gramado.

Desde o noivado de Grazi e Matheus, nós quatro não havíamos voltado a nos encontrar e somente naquele momento, quando ficamos na presença deles me perguntei se Bernard seria aprovado por meus amigos. Porém, antes que eu tivesse tempo de começar a pirar, ele e Matheus já se cumprimentavam daquele típico jeito masculino, com aperto de mãos e palmadas no meio das costas.

Depois de Grazi me esmagar em um abraço apertado, como se não nos víssemos há anos, o que estava longe de ser verdade, ela se aproximou de Bernard.

— Você vai me desculpar, mas eu ainda estou no processo de desconstruir a imagem que eu tenho de você como chef, para vê-lo agora como namo... como parte da turma. — Grazi se corrigiu rapidamente, assim que encontrou o meu olhar de repreensão.

Parecendo captar a mensagem censurada, Bernard sorriu com diversão

do que ela quase deixou escapar, e embora ele não tenha feito nenhum comentário a respeito, pude ver o brilho de curiosidade estampado em seus olhos.

Sem que nenhum outro deslize acontecesse por parte de Grazi, passamos boa parte da tarde ali, sentados em meio a umas das raras áreas verde da cidade, bebendo e comendo lanches saborosos feitos por minha amiga, que acabou compartilhando com Bernard a receita do molho especial de sua avó.

Quando o cansaço nos atingiu e decidimos partir, me despedi de Grazi e Matheus sentindo o coração leve, por terem recebido Bernard tão bem.

— Obrigada por esse dia, Bê — agradei, assim que ficamos a sós.

— Por nada, namo... — Ele começou a dizer em sinal de provocação, antes de ter sua frase interrompida por um beijo.

Talvez ele não entendesse os meus motivo para repelir esse título, mas na verdade, o que vinha sentindo por ele dispensava qualquer rótulo.

Capitula 27

Arrumando a bagunça



Três noites desde que eu a tive por completo em meus braços pela última vez.

Três semanas desde que Mariana havia me bombardeado com uma informação que poderia mudar tudo.

“...ele me traria a mesma alegria que um dia de sol é capaz de provocar.”

Como ela poderia estar tão certa disso? Tão certa que eu poderia ser esse alguém?

— Ok, Lessard, hoje é o dia que você vai me contar o porquê dessa cara, ou ainda vou ter que esperar sabe-se lá quanto tempo? Aposto que tem algo a ver com a garota...

Ao ser confrontado por meu amigo, eu interrompi a limpeza da carne, deixando a faca sobre a tábua de corte enquanto encarava meus pés por um instante, consciente demais que qualquer deslizamento poderia me causar sérios ferimentos.

Sendo um cara cético, Olavo não era lá a pessoa mais indicada para discutir ou me aconselhar nessa situação, provavelmente não entenderia o motivo de as palavras de Mariana me afetarem tanto e me deixarem tão pensativo à longo prazo como ele mesmo havia observado, mas talvez, só talvez, os seus anos a mais de vivência o tornaram preparado para isso.

— Desligue um pouco o seu lado racional e apenas me ouça, tudo bem?

Depois de um simples meneio em sinal de concordância, deixei a coluna ereta, encontrei o olhar curioso de Olavo e pouco a pouco contei a ele sobre meu

segundo encontro com Mariana, aquele em que lhe preparei um jantar em minha casa e tivemos a conversa sobre a tal profecia.

Durante todo momento ele permaneceu calado, com o rosto neutro, vez ou outra com o olhar perdido na parede branca, mas eu sabia que continuava me acompanhando. Quando terminei, ele permanece uns bons minutos em silêncio ainda sem me encarar.

— Você está apaixonado — observou.

— Esse não é o ponto. — Tentei me esquivar, embora eu mesmo já houvesse me questionado a respeito de tais sentimentos.

Ao final de um relacionamento duradouro onde tinha sido o único a sair machucado, eu sentia que não havia sobrado nada dentro de mim, tudo estava frio e dormente. Com o passar do tempo isso foi mudando, e quando as feridas se fecharam, descobri que por mais dano que a experiência tivesse causado, ainda havia espaço para alguém. Bem, eu só não contava que Mariana o ocuparia assim tão de repente, sem me dar tempo para assimilar sua chegada à minha vida.

Mas apesar de todas as sensações que vinha sentindo desde a nossa primeira troca de mensagens, e que se tornaram ainda mais intensas após todos esses dias em sua convivência, a nuvem de incerteza ainda estava pairando sobre a minha cabeça.

— Eu sei, mas o primeiro passo nisso tudo é admitir que está apaixonado. — Deu de ombros, como se fosse algo simples. — O próximo é aceitar que isso o está te deixando assim, assustado.

— Como não ficar? E se amanhã ou depois...

— Você não deveria se preocupar tanto com o amanhã, muito menos com o depois. Cara, você fez planos para boa parte de sua vida ao lado de outra, algo disso se concretizou? — disse incisivo. — Ela não falou que sente que é você? A garota se abriu no segundo encontro, Lessard, quem faria isso nos dias de hoje? Vai viver, porra! Deixa para se preocupar com o depois, se der merda.

Após todo seu sermão, eu sabia que Olavo estava certo, sabia que

precisava me arriscar se quisesse que algo desse certo, especialmente com ela, que apesar de demonstrar delicadeza, parecia se jogar de cabeça.

— O que você ainda está esperando que não foi atrás dela? É quarta-feira Lessard, eu posso muito bem cuidar do movimento sem você aqui, deixe que eu dou um jeito nisso — afirmou de cara fechada, apontando para a carne esquecida.

— Tá certo, porra. Só não vou reclamar de você falar comigo desse jeito porque eu te dei liberdade pra isso.

— Você não vai reclamar, porque sabe que estou certo — devolveu presunçoso.

Depois de cobrir a peça de carne na qual eu vinha trabalhando e a guardar na geladeira, lavei as mãos, deixei a cozinha e segui até o escritório. Sobre a mesa, observei o singelo presente que havia comprado para ela, então, depois de checar o relógio e ver que Mariana possivelmente já havia deixado o trabalho, apanhei o celular no bolso e digitei uma mensagem:

“Estou com saudades, girassol, quero te encontrar :(”

“Você lê mentes? :P Estava pensando justamente nisso. Estou saindo de um happy hour e indo para casa, quer me encontrar lá?”

“Bem, eu estou saindo do restaurante agora, se não for um problema, eu posso buscá-la, assim passo mais tempo com você ;)”, ofereci, tentando não ser invasivo demais.

“Tudo bem, espero por você, mon chéri :”*, dizia a mensagem que me faz sorrir feito besta, acompanhada de sua localização.



Depois de um dia cheio de trabalho, com a mudança de Pedro para outro setor anunciada e a inquietação motivada pela culpa de não dizer a ele que estava saindo com outro, o *happy hour* com os colegas de trabalho no final do dia acabou por ser um alívio.

Sentado ao meu lado, Pedro parecia relaxado, rindo de algo que disseram, com um braço apoiado no encosto de minha cadeira, o que criava entre nós uma falsa intimidade. Sentada em frente a mim do outro lado da mesa, Grazi aproveitou o momento em que nossos olhares se encontram para franzir o cenho em repreensão enquanto falava “se livre dele logo”, sem emitir qualquer som.

Embora na manhã seguinte aos meus primeiros encontros com Bernard eu soubesse que precisaria impor certa distância entre Pedro e eu, especialmente por ele continuar me trazendo um copo de café após eu ter lhe dispensado na noite de sábado, quando me convidou para “assistir um filme”, eu parecia não encontrar a oportunidade perfeita para jogar às claras com ele, e isso vinha me consumindo.

Em algumas das vezes que cogitei ter a tal conversa, ele foi chamado para uma reunião, em outro momento, eu participei de uma vídeo conferência e reuniões presenciais, depois ele só parecia feliz demais e eu não sabia ao certo como reagiria ao meu corte. Dessa forma os dias foram se passando, até chegarmos aqui, em uma noite de quarta, algumas semanas mais tarde ao início de toda essa bagunça.

Sentindo-me ligeiramente desconfortável, talvez não pela situação, mas pelas duas generosas canecas de chopp que ingeri, pedi licença e deixei a mesa, caminhando apressadamente em direção ao banheiro, torcendo para que Grazi não decidisse me acompanhar com o intuito de me dar uma bronca.

Depois de esvaziar a bexiga e umedecer a nuca com um pouco de água fresca, na esperança de que esse simples gesto me ajudasse de alguma forma, deixei o banheiro pronta para voltar à mesa, mas antes que eu alcançasse a metade do caminho fui interceptada por Pedro, que se colocou diante de mim com um sorriso travesso.

— Você está fugindo de mim.

Parecendo se divertir com a sua afirmação, ele permaneceu a uma curta me encarando.

— Desculpe. — Franzi o cenho, entortando ligeiramente a cabeça para o lado, em uma tentativa de raciocinar com clareza.

— Você está aérea e um pouco distante há alguns dias. Está fugindo de mim. — Deu de ombros, ainda sorrindo.

Entendendo que se não aproveitasse aquela oportunidade as coisas poderiam se estender por ainda mais tempo e criar uma situação desnecessária, troquei o peso do corpo de um pé para o outro enquanto buscava a melhor maneira de começar.

— Eu não sei muito bem como fazer isso, principalmente depois de duas canecas de chopp, então, na verdade eu não estou fugindo de você, só estou me sentindo culpada porque conheci outra pessoa e você segue me trazendo café todas as manhãs — Despejei, franzindo os lábios ao perceber que não havia sido nada gentil com as palavras.

Inicialmente sustentando um sorriso, que em poucos segundos se transformou em uma risada, Pedro me encarou com diversão enquanto negava com um aceno.

— Se eu fosse um cuzão, poderia me ofender por você achar que meu coração não aceitaria sua rejeição, mas entendo sua preocupação, Mari. — Sorriu de leve, alisando minha bochecha com o polegar. — Quanto ao café, é um agradecimento pela paciência que teve comigo nesse processo de adaptação, não estava tentando te subornar para ganhar um beijo — garantiu com uma piscadinha, embora seu olhar não me transmitisse tanta confiança assim.

— Ah merda, era isso que eu queria evitar, um constrangimento.

— Sem constrangimentos por aqui — declarou, encarando os meus lábios um pouco mais de tempo que o normal.

Sem saber ao certo como escapar de seu olhar que parecia me manter presa ali com ele, fui trazida de volta ao presente com o alerta de notificação de

mensagens. Apanhando o celular no interior da bolsa, confirmei que se tratava de Bernard, avisando que está à minha espera do lado de fora, então ajeitei a postura e voltei a encará-lo enquanto guardava o aparelho.

— Bem, eu preciso ir. Até amanhã, Pedro. — Sorri, tentando ser minimamente gentil após despejar tantas coisas sobre ele.

— Até, Mari. — Ele se despediu, me dando um abraço antes de eu me afastar.

Passando pela mesa onde meus colegas se encontravam, me despedi de todos com um aceno, enquanto prometia a Grazi com um simples olhar que depois nós iríamos conversar a respeito. Assim que coloquei os pés do lado de fora do estabelecimento, avistei Bernard no interior de seu carro. Conforme fui me aproximando, notei que ele não olha em minha direção e sim para dentro do bar. Acompanhando seu olhar, pude ver o momento exato em que Pedro saiu do banheiro e nesse instante só fui capaz de pensar o quanto ele havia presenciado de nossa conversa.

Eu só esperava não ter estragado as coisas assim tão rápido.

Capitula 28

Conhecendo o passado

Embora eu sentisse como se Bernard e eu nos conhecêssemos por toda uma vida, isso não era uma verdade, por isso, quando parei ao lado do carro e segurei a maçaneta, pronta para abrir a porta, me senti temerosa por não saber que tipo de reação esperar de sua parte, caso ele houvesse presenciado a carícia de Pedro e a proximidade com a qual conversávamos.

— Senti sua falta, girassol.

Exibindo um sorriso bonito enquanto eu me acomodava no banco do passageiro, Bernard permaneceu parado, me observando, até eu me inclinar ligeiramente em sua direção e lhe roubar um beijo rápido.

— Também senti a sua falta.

Assim que voltei ao meu lugar e afivelei o cinto, ele colocou o carro em movimento. Em silêncio, com os olhos fixos no trânsito a nossa frente, o único som que havia no interior do carro era Birds, do Imagine Dragons, que começou a tocar baixinho no sistema de som. Sentindo uma pequena tensão se formando entre nós, mas sem qualquer ideia de como desfazê-la, quase soltei um suspiro aliviado quando seu olhar se desviaram brevemente em minha direção e ele quebrou o silêncio.

— Aquele com quem você conversava é o outro Pedro? — perguntou em um tom de voz tranquilo, sem traços de acusação.

— Sim, às quartas costumamos sair todos juntos para beber depois do expediente.

Ainda incerta sobre os rumos que a conversa tomaria, olhei brevemente em sua direção, tentando analisá-lo.

— Hum, você sabe que ele está interessado em você, não sabe? — questionou, mantendo o tom de voz calmo.

— Talvez, mas de qualquer forma, Pedro foi avisado que conheci uma pessoa e que *eu* não tenho interesse nele. — Dei de ombros, olhando o trânsito lento que se estendia a nossa frente.

— Hum, uma pessoa — ponderou — E se não há interesse nele, quer dizer que há em mim?

— Ah, pode apostar que sim, *chéri*! — disse categórica, com a cabeça ainda apoiada no encosto do banco, virando o rosto em sua direção.

Apesar do interior do carro ser iluminado apenas pelas luzes vindas da rua, pude ver o exato instante em que ele relaxou com a minha afirmação. O fato de Bernard não ter feito uma cena de ciúme desnecessária e ter lidado de maneira tranquila com a situação, sendo direto sobre o assunto, me fez pensar se ele já havia sido ferido por alguém, e só então me dei conta do pouco que sabia sobre seu histórico de relacionamentos.

— Fiquei me perguntando se você faria uma cena de ciúmes, não que eu quisesse, obviamente, só não sabia o que esperar.

— Não vou dizer que nunca tive uma crise de ciúmes, porque já tive sim, e a verdade é que muitas vezes isso acontece sem que a gente sequer tenha consciência, mas com o tempo aprendi que isso de nada adiantaria.

— Em que sentido?

— Não torna a relação mais saudável, não faz o outro gostar mais de você e muito menos impede uma traição.

Analisando em silêncio suas colocações, acabei concordando com todas elas, mas o fato dele mencionar uma traição não me passou despercebido, e como Bernard já havia afirmado não pertencer ao grupo traidor, só consegui supor que já havia sido traído.

— Quando? — disse simplesmente.

— Pouco mais de um ano. Você? — devolveu, quase como se estivéssemos conversando em código, evitando a palavra amarga.

— Não, apenas nos tornamos pessoas com gostos e ambições diferentes de quem éramos no início — declarei, enquanto ele concordava com um simples

meneio de cabeça.

No curto trecho que ainda nos separava de minha casa, Bernard e eu falamos de maneira descomplicada sobre relacionamentos, fizemos alguns apontamentos de coisas que não gostávamos e do que seria inaceitável, quando ele finalmente estacionou em frente ao prédio, admiti para mim mesma que naquele momento gostava dele um pouco mais do que há uma hora atrás.

Apesar de nosso breve convívio, não foi preciso muito tempo até que eu tivesse a chance de ver que Bernard era o tipo de pessoa que a beleza estava além do que os olhos conseguiam ver.

Livrando-o de seu gesto cavalheiresco, abri a minha porta antes que ele tivesse tempo de dar a volta no carro e quando me encontrou em pé ao lado de veículo, Bernard me encarou com os olhos semicerrados e um sorrisinho nos lábios em repreensão. Enquanto ele se voltava para a parte traseira do automóvel, destravei o portão, e quando se juntou a mim, carregava consigo duas sacolas grandes.

— Não espere algo tão moderno e espaçoso quanto o seu apartamento.

Mesmo sabendo que ele não dava importância a bens materiais, achei melhor avisá-lo, após a lenta subida de elevador.

— A única coisa que espero nesse momento, é matar a vontade de te beijar direito, girassol — disse baixo, em um tom rouco que me desconcertou a ponto de ter dificuldades para colocar a chave na fechadura.

Somente quando a porta se fechou às costas de Bernard e eu vi nós dois parados próximo ao balcão de minha cozinha, nos encarando com uma fome que comida nenhuma saciaria, foi que percebi já fazer um longo tempo desde a última vez em que trouxera alguém para a minha casa.

Se livrando das sacolas que carregava, Bernard encurtou a distância que nos separava, me envolveu em um abraço apertado e enquanto eu ainda assimilava a sensação de ter nossos corpos pressionados, ele tomou minha boca em um beijo exigente, apaixonado, sem reservas, onde língua, lábios e dentes trabalhavam juntos; mordendo, chupando e me empurrando um pouco mais na

direção do precipício que era me perder em seus braços.

Quando as respirações estavam ofegantes demais para continuarmos nos beijando, ele afastou nossas bocas, mas manteve a testa ainda colada à minha. Enquanto compartilhamos do mesmo ar e seus olhos se perdiam nos meus, ele disse em uma voz carregada de desejo:

— Senti sua falta pra caralho, girassol.

E esse foi o momento em que ele conseguiu arrancar um gemido abafado de minha garganta, enquanto eu me derretia, quase que literalmente, por ele. Bernard usando palavrões para demonstrar intensidade era extremamente sexy.

Incapaz de estar junto dele sem tocá-lo, voltei a aproximar nossos rostos e tomar seus lábios nos meus. Quando o beijo chegou ao fim, contra a minha vontade, achei por bem me afastar antes que perdesse o controle.

— Você se importa de ficar sozinho por alguns minutos? Preciso de um banho.

— Está com fome? — perguntou, enquanto ajeitava meus cabelos atrás da orelha e me fazia um carinho de leve.

— Se você disser que tem comida na sacola, a resposta é sim.

Se havia algo que eu jamais recusaria nessa vida, essa coisa era comida, ainda mais a preparada por ele.

— Ok, então já para o banho enquanto eu assumo a cozinha — disse animado, dando um tapa em minha bunda como incentivo, enquanto eu dava meia volta e caminhava para longe dele.

Por estar o dia todo fora de casa e com cansaço acumulado, preferi evitar convidá-lo para o banho nesse primeiro momento, até porque, depois dos beijos que Bernard havia me dado, não me restava dúvidas de que acabaríamos sob o jato d'água até o final da noite.

Ao sair do banheiro minutos mais tarde e caminhar alguns passos em direção ao quarto ainda enrolada na toalha, fui atingida pelo cheiro magnífico de seja lá o que Bernard estivesse preparando e mais do que depressa desejei me juntar a ele.

Usando nada além de uma calcinha preta confortável e zero sensual, uma blusinha de alças e um short curto de ficar em casa, deixei o quarto me sentindo revigorada e segui até a cozinha.

— O que vai sair de bom daí? — perguntei, dando a volta no balcão e me encostando contra a bancada próxima a ele.

Me dando uma boa olhada de cima a baixo, e se demorando alguns segundos a mais em minhas pernas à mostra, Bernard finalmente voltou a me encarar e disse:

— Frango com curry. Desculpe, girassol, esqueci de perguntar se você gosta.

— Bê, entenda de uma vez por todas, se você preparar sopa de pedras temperadas e me servir em um prato bonitinho, eu vou comer e repetir, simples assim.

— Onde você esteve escondida esse tempo todo? — questionou, me roubando um beijo rápido após apagar o fogo.

Abrindo o armário acima de minha cabeça, apanhei dois pratos, e uma travessa de vidro para a salada já picada sobre a tábua de corte em cima da pia. Assim que dispus as louças ao seu lado, Bernard serviu porções iguais nos pratos, enquanto eu temperava as verduras. Minutos depois estávamos sentados lado a lado no meu balcão, assim como normalmente fazíamos em seu apartamento, prestes a saborear uma boa comida.

— Isso está cheirando tão bem.

De olhos fechados, com os meus sentidos bombardeados pelo aroma delicioso da comida, me vi incapaz de conter o elogio, muito merecido por sinal.

— Não mais do que você — devolveu, enterrando o nariz em meu pescoço, que involuntariamente enviou um arrepio por todo o meu corpo. — Você cheira a baunilha, leite, mel e canela — concluiu, depositando um beijo quente em um ponto sensível de minha pele.

No instante em que seus lábios encontram os meus, o jantar me pareceu desinteressante comparado à sua proximidade. Mas como nem tudo poderia ser

perfeito, os sons de meu estômago denunciaram a minha real fome e Bernard logo cortou o nosso momento, dizendo que eu precisava ser alimentada.

Perdida nos castanhos de seus olhos, que me observavam com carinho e cuidado, tive a mais absoluta certeza de que era uma mulher de sorte por ter encontrado alguém tão incrível para estar ao meu lado.

Capítulo 29

Confissões

Após um jantar delicioso preparado por Bernard, decidi cuidar da louça suja, mas eu sequer havia ensaboado o primeiro prato quando ele começou com as provocações, primeiro distribuindo beijos por meu pescoço e depois, pressionando o meu corpo entre o dele e a pia. Incapaz de resistir, a louça deixou de ser uma prioridade, e em poucos minutos já estávamos nos agarrando em meu sofá.

Embora eu desejasse resistir um pouco mais por puro charme, Bernard sabia manipular o meu corpo com maestria e a prova disso era o fato de não ser necessário mais do que beijos apaixonados e carícias ousadas, para que eu me entregasse completamente.

— Eu imaginei que seu apartamento seria mais organizado, girassol — comentou Bernard em um tom divertido, enquanto brincava com meu cabelo.

— Como?

Erguendo o rosto que até o momento seguia pressionado contra seu peitoral, busquei por seu olhar.

— É, girassol. — Sorriu, depositando um beijo no canto de minha boca —, sua agenda é extremamente organizada, você é um tanto metódica e sabe disso, no fundo, imaginei que seu espaço seria imaculado e que você surtaria por eu invadir a sua cozinha.

— Se tem uma coisa que nunca vou fazer, é surtar por essa razão, você tem passe livre. Quanto ao restante, só posso dizer em minha defesa que é uma pequena bagunça organizada.

— Essa é a pior desculpa que já ouvi — afirmou, em meio a uma gargalhada. — Mas até que esse lugar combina com você, combina mais do que a sua agenda toda perfeitinha. — Piscou, antes de me roubar um beijo.

Recostando a cabeça novamente contra seu peito e afundando o nariz em sua pele, que cheirava a madeira e algo cítrico, passei um longo minuto tentando encontrar uma maneira de desacelerar como tudo vinha acontecendo entre nós. Eu gostaria de ir mais devagar, assim como eu costumava saborear o último bombom da caixa, mas quando nada me veio à mente, concluí que era impossível, que não havia como refrear a nossa intensidade.

— Ah, girassol, nunca imaginei que poderia me apaixonar tão rápido por alguém, como foi com você — ele declarou sem interromper sua carícia aos meus cabelos, pegando-me de surpresa com seu tom de voz tranquilo.

Sem saber se ele tinha algo mais a dizer, permaneci imóvel por um segundo ou dois, mas quando nenhuma outra palavra foi proferida, ergui lentamente o meu rosto, em busca de seu olhar, e o que vi ali, imediatamente fez meu peito se aquecer.

— Eu também me apaixonei por você, Bernard. Isso provavelmente deve ter acontecido entre a primeira e a décima mensagem, mas quem se importa, não é mesmo? — brinquei, tentando aliviar parte da tensão que todas essas confissões estavam provocando.

Com o olhar preso ao meu por um longo minuto, muita coisa foi transmitida sem a necessidade de palavras. Havia promessas, juras e declarações, em meio às sensações que o seu sorriso, as suas carícias e o toque das nossas peles em contato provocavam.

— Tenho algo para você — anunciou de repente, segurando em minha cintura e me elevando.

Depois de sair de cima dele, o assisti caminhar tranquilamente por minha sala, completamente despido, em direção à entrada, onde uma das sacolas trazidas por ele permanecia sobre o aparador.

Vestindo a calcinha e a blusa que estavam caídas aos meus pés, me

acomodei em uma ponta do sofá, deixando espaço livre para que ele se juntasse a mim. Após parar no caminho de volta para vestir a cueca, Bernard se sentou ao meu lado.

Por um instante sua expressão permaneceu indecifrável para mim, por isso, permaneci calada, completamente ansiosa, apenas observando-o, esperando por alguma explicação.

— Eu parei o carro próximo a esse lugar quando fui fazer algumas compras para o restaurante. Na vitrine não havia nada de diferente, nada que me fizesse entrar ali, mas ainda assim eu fui atraído para dentro e bem, quando vi isso, só consegui pensar em você.

— Você está me deixando nervosa, Bê — confessei em meio a um sorriso, sentindo as mãos gelarem.

Com toda a minha atenção voltada para ele, assisti quase que em câmera lenta Bernard mergulhar a mão no interior da sacola e retirar de dentro dela uma redoma de vidro, que não deveria ter mais do que vinte centímetros.

Aprumando melhor a visão após a surpresa de receber um presente, me atentei em observar o que havia sob ela, e foi nesse instante que meu coração falhou uma batida. Com as pétalas bem amarelas, o miolo de um marrom escuro e as folhas e o caule bem verdinhos, o que estava diante de mim era um lindo girassol.

Incapaz de proferir uma única palavra, especialmente agora que meus olhos estavam marejados e prestes a transbordar, aceitei o objeto que Bernard colocou sobre minhas pernas e permaneci imóvel, apenas encarando a minha versão da flor de A Bela e a Fera.

— Girassol? — chamou minha atenção com uma nota de preocupação na voz, me fazendo desviar os olhos do presente.

— É... É lindo, Bê, meu Deus, eu nem sei como agradecer — declarei fascinada, enquanto lutava para controlar as lágrimas de alegria, prestes a rolares por meu rosto.

Sorrindo em resposta, Bernard se aproximou um pouco mais, tomou meu

rosto entre suas mãos, enquanto eu permanecia segurando a redoma com todo cuidado, e selou nossos lábios em um beijo calmo e terno, que terminou inesperadamente como havia começado.

— Ele só não é mais lindo do que você, girassol — disse Bernard, acariciando as maçãs de meu rosto com os polegares antes de voltar a unir nossos lábios.

— Você sabe quem tem grandes chances de que ele morra em poucos dias, né?

Embora eu desejasse conseguir manter a planta viva tanto quanto fosse possível, achei por bem lhe avisar logo, enquanto já aproveitava para me desculpar, caso algo não saísse conforme o esperado por ele.

— Para a sua sorte essa é uma flor especial, ela sobrevive por dois anos e não requer tantos cuidados quanto às outras. Essa redoma a protege.

Parecendo orgulhoso por ter encontrado o presente perfeito para alguém um tanto desastrada quanto eu conseguia ser, Bernard voltou a sorrir para mim. Ainda encantada pelo presente, coloquei a flor sobre a mesinha de centro e voltei a beijá-lo, tentando demonstrar através de meus gestos o quanto ele vinha me fazendo feliz.

Envoltos em um clima diferente, mais leve e romântico, nós permanecemos abraçados no sofá, trocando carícias e aproveitando a presença um do outro. Quando os ponteiros do relógio marcaram onze horas da noite, ele decidiu partir, já que ambos iríamos acordar cedo no dia seguinte.

Mesmo desejando pedir a ele que ficasse comigo a noite toda, assim como já havíamos feito em seu apartamento nas últimas semanas, eu o deixei partir. A verdade é que estar em sua companhia ainda me fazia acreditar que tudo isso era um sonho, e após todas as confissões e declarações que havíamos feito um para o outro essa noite, eu apenas precisava de um tempo sozinha, um tempo para entender que tudo isso era real.



— Ou a noite passada terminou muito bem, ou ela foi extremamente desastrosa, mas a julgar pela sua cara, fico com a primeira opção. — Despejou Grazi na manhã seguinte, assim que coloquei os pés para dentro do escritório.

— Bom dia para você também, Graziela.

Ignorando suas palavras propositalmente, apenas por diversão, esperei para ver qual seria a resposta geniosa encontrada por ela.

— Somos íntimas demais para termos que lidar com essas formalidades — disse simplesmente, dispensando a minha saudação.

Atravessando a ampla sala compartilhada por nós duas, minha amiga se sentou na cadeira vaga à minha frente e passou a me encarar como se possuísse todo tempo do mundo a sua disposição. Sabendo que ela não me deixaria em paz enquanto não obtivesse as respostas que queria, suspirei audivelmente me dando por vencida.

— Bernard é mais maduro do que eu provavelmente teria sido se estivéssemos em posições inversas.

— Ele viu você e Pedro conversando? — perguntou assustada, com os olhos arregalados.

— Sim, Grazi, ele viu. E quando achei que rolaria uma cena de ciúmes, ele apenas ficou quieto por uns instantes e depois disse tranquilamente que Pedro gosta de mim.

— Puta que pariu, quem poderia imaginar que Bernard seria o certo e o Pedro na verdade seria o cara errado!?

— Pois é, tão improvável... — Me calei por um instante, pensando nas reviravoltas que essa profecia havia causado em minha vida.

— E que mais?

Apesar de permanecer sentada na cadeira, eu sabia que por dentro ela quicava de expectativas.

— Ai, Grazi, eu tô muito fodida — admiti, cobrindo o rosto com as mãos. — Saindo de lá nós fomos para casa, *ele* preparou o jantar e depois as

coisas esquentaram. Enquanto nós dois estávamos descansando, colocamos os sentimentos na mesa e de certa forma nos declaramos um para o outro.

— Quem é você, e o que fez com a minha amiga controladora, coração de gelo?

— Eu? Provavelmente sou a sua velha amiga em uma versão apaixonada, uma versão que esteve adormecida por tempo demais — confessei, curiosamente me sentindo leve.

“...ele surgirá em breve, trazendo para a sua vida a mesma alegria que um dia de sol é capaz de despertar”, embora há algumas semanas eu sequer pudesse imaginar isso, eu precisava admitir, Glória definitivamente estava certa em sua previsão.

Capítulo 30

Convite

Nos dias que se seguiram ao encontro não planejado com Bernard no meio da semana, uma ideia permaneceu martelando em minha cabeça. Talvez fosse precipitado, talvez fosse assustá-lo, mas a verdade é que ele emanava alguma coisa que me passava segurança, que me permitia ser eu mesma com toda loucura e impulsividade, por isso, enquanto assistia sozinha a um filme na noite de sexta, lhe enviei a mensagem aparentemente mais desconexa que ele poderia receber.

“Qual a possibilidade de fugirmos esse final de semana?”

Supondo que o restaurante estaria cheio e Bernard muito atarefado, deixei o aparelho de lado e voltei a olhar para a TV, até que minutos mais tarde a notificação de mensagens desviou minha atenção do filme.

“Hum, isso me parece interessante, girassol :P Posso saber o destino?”

“Ainda não, chéri, por ora, tudo que você pode fazer é ter certeza que não será um problema para o Olavo”

“Pois então fique tranquila quanto a isso, a nossa aventura vai acontecer, seja ela qual for ;)”, respondeu imediatamente.

“Ótimo, te espero amanhã às 07:00 ^^”

Eu estava animada de tantas maneiras que isso iria acontecer que mal conseguia me conter de ansiedade.

*“Nada disso, arrume o que irá precisar e espere por mim, aviso quando estiver deixando o restaurante. Não quero dormir mais uma noite longe de você
.*”*

“Seu desejo é uma ordem, estarei te esperando :”*

Sentindo uma onda de calor me percorrer de cima a baixo, ignorei completamente o filme que seguia falando sozinho na TV e corri para o quarto. Por se tratar de apenas um final de semana fora de casa, eu não precisaria de tantas coisas assim, então depois de reunir sobre a cama algumas trocas de roupa e um vestido mais bonito para usar na noite de sábado, guardei tudo que havia separado na mochila.

No tempo que me restava até a vinda de Bernard, aproveitei para voltar o filme até a última parte que havia assistido e então dei continuidade. Quando horas mais tarde a campainha finalmente tocou anunciando sua chegada, os créditos começaram a subir na tela.

— Oi, girassol, estou aqui em baixo — disse Bernard através do interfone.

— Quer subir um pouquinho ou prefere que eu já desça?

— Se já estiver pronta e puder descer, acho melhor, caso contrário corremos sérios riscos dos seus planos não darem certo.

— Estou descendo — anunciei rapidamente, não confiando em mim mesma quanto a ter um tempo com ele e manter meu auto controle.

Depois de pendurar a mochila nos ombros e calçar meus chinelos, apaguei as luzes que restavam acesas, desliguei a TV e então segui ao seu encontro.

 *Bernard*

Short jeans, camiseta básica, cabelo solto e chinelo nos pés se tornou a minha visão do paraíso, ao menos quando tudo isso era usado por ela. Com um

sorriso tímido nos lábios, que contrastava com toda a intensidade de sua personalidade, Mariana se aproximou de mim e num piscar de olhos já se enroscava em meu pescoço, me presenteando com o melhor abraço que eu já havia recebido.

— Senti saudades.

— Não mais do que eu — provoquei, lhe roubando um beijo rápido, antes de abrir a porta do carro.

Fazendo uma careta que só a deixava ainda mais bonita, Mariana colocou no banco de trás a mochila estufada que vinha carregando e depois se acomodou no banco do passageiro.

— Por quanto tempo esse mistério todo vai durar? — questionei enquanto colocava o carro em movimento, tomado pela curiosidade.

— Se eu pudesse, vendaria os seus olhos e só lhe deixaria saber o destino quando já estivéssemos lá, mas como alguém precisa dirigir e no caso não serei eu, por falta de habilidades — admitiu, me fazendo rir. — Você será informado amanhã cedo.

— Ok, acho que posso lidar com isso, contanto que você me ajude a encontrar maneiras de me distrair.

Embora eu estivesse exausto por todo esforço físico e atenção que a cozinha exigia, eu jamais estaria cansado demais para estar com ela, e lhe instigar com provocações definitivamente era um bom passatempo para compensar a ansiedade que a viagem surpresa havia despertado em mim.

Apoiando uma mão sobre a minha coxa e me direcionando um sorriso que de inocente não tinha absolutamente nada, Mariana me deixou saber no minuto seguinte, quando seus dedos começaram a se aproximar de minha virilha, o quanto ela estava disposta a ocupar a minha mente com outras coisas.

Quando chegamos ao meu prédio temi encontrar alguém nos elevadores, isso porque eu tinha uma ereção nada discreta nas calças e vinha lutando para não agarrá-la a qualquer momento, mas para a minha sorte já passava da meia noite e boa parte dos moradores haviam se recolhido, deixando o caminho livre

para nós.

— Você não deveria me provocar tanto assim, não quando ainda tenho adrenalina demais circulando no corpo — sussurrei, abraçando-a por trás, enquanto sua mochila ficava caída aos nossos pés.

Fazendo um movimento discreto com os quadris, mas que deixava meu pau pressionado contra sua bunda, Mariana soltou um longo suspiro antes de recostar a cabeça contra o meu peito e me encarar por entre os cílios, com seus grandes e expressivos olhos.

— Quem disse que eu estou te provocando?

A falsa inocência de sua voz só serviu para me instigar ainda mais, porém, antes que eu pudesse lhe responder qualquer coisa, as portas do elevador se abriram, anunciando que havíamos chegado ao meu andar. Ainda mantendo um braço ao redor de seu corpo, apanhei a mochila que estava no chão e a conduzi para fora, em direção ao pequeno hall.

Enquanto Mariana tentava destrancar a porta com a chave que eu havia lhe entregue, aproveitei para provocá-la, distribuindo beijos por seu pescoço e pressionando meu corpo contra o dela, o que dificultou ainda mais a sua tarefa. Quando enfim conseguimos avançar para o interior do apartamento escuro, meus lábios se uniram aos dela, arrancando um gemido de nós dois. Ela definitivamente havia sido feita para ser minha.

— Toma banho comigo? — pedi em meio a uma respiração, com nossas bocas ainda unidas.

— Sim.

Sem que ela precisasse dizer qualquer outra coisa, deixei sua bolsa ali mesmo ao lado da porta, deslizei as mãos pela lateral de seu corpo até chegar a cintura e então a suspendi. Assim que suas pernas rodearam meu quadril, atravessamos o espaço ainda imersos na penumbra e seguimos até o banheiro de meu quarto.

Graças à ideia de Mariana de me dar banho, já que segundo ela, eu estava cansado demais para cuidar de mim mesmo, e a minha necessidade de

retribuir o gesto, porque de maneira alguma eu perderia tal oportunidade, o que era para ser algo rápido acabou levando mais tempo do que o previsto.

Quando finalmente deixamos o banheiro, Mariana foi até o meu armário, abriu a sessão onde as minhas camisetas estavam guardadas e depois de deixar a toalha cair aos seus pés, me proporcionando uma visão mais do que privilegiada de seu corpo nu, apanhou uma peça de dentro das gavetas e a vestiu.

Precisando de todo autocontrole do mundo, a deixei sozinha no quarto, enquanto o som de sua gargalhada preenchia todo o ambiente, se divertindo às minhas custas, e recolhi sua mochila que havia ficado na sala. De volta ao quarto, eu a encontrei deitada em minha cama, esperando por mim com um olhar inocente, que definitivamente não combinava com ela nesse momento.

Ajeitando seus pertences em um canto, apanhei uma cueca no armário, vesti e então me juntei a ela, que no instante seguinte se aninhou contra o meu peito.

— Boa noite, Bernard — murmurou.

Como um tolo apaixonado, eu adorava ouvi-la dizer o meu nome, seja com carinho, em meio a um gemido durante o sexo ou com a voz carregada de sono, enquanto seus olhos se fecham lentamente.

— Boa noite, girassol — devolvi antes de beijar sua testa, me sentindo verdadeiramente em casa apenas por tê-la em meus braços.

Capítulo 31

Visita surpresa

— Eu realmente gostei da surpresa, girassol — Bernard parecia animado ao adentrarmos nos limites da cidade litorânea.

Quando despertamos essa manhã em um emaranhado de braços e pernas, pedi a Bernard que preparasse o nosso café enquanto eu arrumava minhas coisas, como forma de manter o suspense a respeito do destino por mais algum tempo. Por razões óbvias, isso só durou até alcançarmos a descida da Serra, mas a experiência de mantê-lo às cegas por algo que eu havia planejado foi divertida, ao menos, até o momento.

Atento ao trânsito e às instruções do GPS, Bernard parecia alheio a minha inquietação, que aumentava a cada segundo. Conforme nos aproximávamos do destino, mais vezes eu me questionei sobre como pude achar que isso seria uma boa ideia, e por mais que eu me forçasse a pensar, nenhuma resposta boa o suficiente me veio à mente.

Sendo tarde demais para desistir do planejado, deixei escapar um suspiro temeroso por meus lábios no exato instante em que ele estacionou diante da elegante pousada que eu conhecia tão bem.

Com um sorriso iluminando seu rosto e sem qualquer questionamento, Bernard se aproveitou de minha lerdeza para descer do carro e vir em minha ajuda. Temendo que alguém nos flagrasse, apanhei rapidamente a bolsa na parte traseira do carro enquanto ele fazia o mesmo. Quando Bernard estava prestes a avançar em direção ao portão com a mão unida à minha, eu o detive.

— Bê, me desculpa, tem algo que eu não te contei.

Tomada por uma onda de ansiedade que estava ligada ao fato de lhe omitir certas coisas a respeito dessa viagem, tentei tomar coragem para resolver isso de uma vez.

— Por um acaso você planejava me pedir em casamento e desistiu?

Parado de frente para mim, Bernard parecia se divertir com a situação.

— Ai, meu Deus! Não pensei que poderia parecer isso — disse aflita, recobrando a boca com as mãos, enquanto olhava em direção à entrada. — Ok, Bernard, primeiro, não entenda isso errado, eu só achei que seria uma boa ideia unir as duas coisas, mas agora que cá na real já não sei se é tão boa assim. Eu deveria ter conversado com você primeiro, as coisas estão indo rápido e...

— Girassol, você está divagando — falou em um tom de voz tranquilizador, segurando meu rosto com cuidado entre as suas mãos. — O que houve?

Após um suspiro, onde tentei buscar uma alternativa para tornar isso menos assustador para ele, acabei me dando por vencida.

— Amanhã é aniversário da minha mãe, eu tinha planejado vir sozinha e surpreendê-la, mas não sei o que me deu ontem que decidi te trazer junto sem avisá-lo do que se tratava. Nenhum de vocês estavam esperando por isso, mas se quiser, ainda podemos fugir para outro lugar e amanhã eu a visito, ou nós podemos... — falei apressadamente, tentando amenizar a situação antes de ser silenciada por seu polegar deslizando por meu lábio inferior e seu olhar fixo ao meu.

Incapaz de prever a reação de Bernard, apenas esperei por um longo segundo até que algo acontecesse. Prestes a arrastá-lo de volta para o carro, a ponto de fugir e dizer que havia me precipitado, fui presenteada com um novo sorriso amplo.

Parecendo compreender e se divertir com meu pequeno surto, Bernard colou seus lábios nos meus em um beijo rápido, que não durou mais do que um batimento cardíaco, depois voltou a tomar minha mão na sua e nos conduzir para dentro da construção, enquanto eu fazia uma prece silenciosa para não me

arrepender dessa ideia maluca.

Após atravessarmos o pequeno jardim, abri a porta da frente e esperei que Bernard entrasse primeiro antes de fechá-la. Por ser meio da manhã, a recepção estava vazia e tudo à nossa volta calmo. Logo supus que boa parte dos hóspedes já deveriam ter saído para aproveitar a bela manhã ensolarada à beira mar.

Antes de tocar a sineta que havia sobre o balcão, olhei na direção de Bernard para confirmar se tudo bem irmos adiante e quando ele concordou com um aceno, bati duas vezes, deixando que o som agudo quebrasse o silêncio do ambiente. Imediatamente ouvi o som de passos vindo em nossa direção e prendi a respiração enquanto aguardava.

— Oh, meu amor! — Mamãe disse ligeiramente surpresa, antes de abrir os braços e caminhar mais rapidamente em minha direção.

— Eu senti sua falta, Dona Luiza — declarei, enquanto era esmagada entre seus braços.

— E eu a sua — sorriu animada, antes de se afastar de mim e voltar o seu olhar para Bernard. — Desculpe meu rapaz, essa mocinha passa muito tempo sem visitar a mãe e quando vem, não consigo me conter. Você precisa de um quarto? — perguntou a ele.

— Mamãe, então...

— Espere que eu acomode o rapaz e já lhe dou atenção, querida.

Me dispensando com delicadeza, ela se voltou na direção de Bernard, que exibia para ela o seu sorriso encantador.

— Mãe... — Chamei novamente, ganhando um olhar torto em repreensão pelo que ela julgava ser maus modos. — Esse é o Bernard — continuei —, ele é meu... namorado!? — disse por fim, embora a frase tenha soado mais como uma pergunta do que afirmação.

Parecendo não se abalar com meu pequeno vacilo ao anunciá-lo, Bernard avançou um passo para perto dela e lhe estendeu a mão. Antes que ele pudesse se apresentar por si só, ela o envolveu em um abraço apertado, assim como

fizera comigo, e isso nos faz gargalhar.

— Aparentemente, Deus decidiu ouvir minhas preces! — ela declarou antes de soltá-lo, sem se importar com a cena que estava fazendo. — É um prazer te conhecer, Bernard — sorriu animada, voltando o olhar repreensivo novamente em minha direção.

— O prazer é meu, Dona Luiza. — disse todo galante, recuando um passo para perto de mim.

Após me recriminar mais uma vez com um olhar, certamente por eu não ter contado a ela que viria e por omitir que estava com alguém, ou melhor, namorando, conforme eu mesma havia declarado, ela uniu as mãos próximas do coração e exibiu um sorriso genuíno, como a muito tempo eu não via.

— Estou muito feliz de ter vocês aqui, não há presente de aniversário melhor do que esse — declarou, nos envolvendo em um abraço desajustado.

Passado o susto inicial de ter que apresentá-los e lidar com as consequências da surpresa que eu mesma havia preparado, mamãe pediu licença, foi para trás do balcão e após verificar alguma coisa no computador, apanhou uma chave e muito sorridente nos acompanhou até o segundo andar.

— Ah, não, mamãe, não tem necessidade.

Quando ela parou diante de um dos melhores quartos da hospedagem, aquele mesmo que eu havia ficado em minha última visita, tentei recusar, mesmo sabendo o tamanho de sua teimosia.

— O outro quarto com varanda estava vago, eu só fiz a transferência da reserva dessa suíte para a outra, não há nenhum problema.

— Não queremos dar trabalho, Dona Luiza.

— De maneira alguma, não é nenhum trabalho. Agora fiquem à vontade e se acomodem, enquanto apronto a mesa para comerem um lanche.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa que a contrariasse, mamãe caminhou apressadamente para a saída do quarto, obviamente não sem antes nos dar mais uma olhada.

Ao ficarmos sós, o silêncio recaiu no ambiente.

Embora não fosse um daqueles momentos incômodos ou constrangedores, eu ainda estava nervosa pelo que acabara de acontecer e por isso permaneci calada, assistindo Bernard se aproximar da porta balcão e avançar até a sacada. Ao recostar contra o gradil, seu rosto se voltou em minha direção e ao ver que eu continuava parada no mesmo lugar, me estendeu a mão, em um convite para que eu me aproximasse.

Sentindo o peso sobre meus ombros um pouquinho mais leve, parei diante dele e o encarei. Após analisar meu rosto por um longo instante, Bernard disse:

— Sim.

— Como? — questionei, confusa por não me recordar de ter feito nenhuma pergunta a ele.

— Apesar de não ter sido um pedido formal, a minha resposta é sim, girassol, eu aceito ser seu namorado — disse tranquilamente, exibindo um sorriso que variava entre divertido e sedutor, enquanto acariciava as maçãs de meu rosto com os polegares.

Completamente perdida em seu olhar e incapaz de formular uma frase coerente, me limitei a rodear o seu pescoço com meus braços e lhe beijar com total entrega. Aparentemente Bernard ainda não havia se cansado de fazer com que eu me apaixonasse por ele mais e mais.

Capítulo 32

Em família

Após retiramos nossos pertences de dentro das mochilas e guardarmos as roupas no armário, Bernard e eu deixamos o quarto. Embora faltasse pouco tempo para o almoço, ao adentrarmos na cozinha do anexo, onde eu sabia que mamãe estaria, nos deparamos com uma farta mesa de café da manhã à nossa espera.

— Comam à vontade, meus amores.

— Não viemos para lhe dar trabalho, mãe. E fique a senhora sabendo que mais tarde iremos sair para jantar, todos juntos. Precisamos comemorar o seu dia — informei, sabendo que se a surpreendesse mais uma vez em tão pouco tempo, ela surtaria.

— Nós podemos almoçar juntos amanhã, querida. Saiam só vocês dois essa noite, namorem um pouco.

Parecendo notar que a discussão poderia se estender por toda tarde devido à nossa teimosia, Bernard pigarreou levemente, chamando a nossa atenção antes de dizer:

— Se me permite, Dona Luiza, será um prazer ter a sua companhia

— Acho que eu já estou apaixonada por ele, querida. — Mamãe cochichou, me fazendo sorrir abertamente.

— Acredite, eu sei bem como a senhora se sente — resmunguei, não fazendo qualquer esforço para omitir meus sentimentos.

Tentando disfarçar a timidez que em raros momentos decidia aparecer, Bernard sorriu para nós com um dos cantos do lábio repuxado para cima, o que

só provava o quanto estava se divertindo com a situação toda.

— Querido, por favor não se assuste com o tanto que Mariana come — pediu mamãe, analisando o prato diante de mim, abastecido com uma fatia de bolo, um pão, alguns frios, além de uma xícara de café.

— Ah, não se preocupe Dona Luiza, eu sei bem o quanto ela gosta de comer.

Aproveitando a oportunidade, ele contou a mamãe que era um chef de cozinha, eu completei dizendo o quão boas eram as suas comidas, mas antes que pudéssemos contar a ela como nos conhecemos, novos hóspedes chegaram e ela precisou se ausentar.

— Ela está apaixonada por você — declarei, antes de morder um pedaço do pão.

— Aparentemente, eu causo esse efeito nas mulheres da família Azevedo — gracejou, depositando um beijo em meu pescoço, logo abaixo da orelha.

— Convencido. — O repreendi de brincadeira.

Assim que terminamos o café, passei a recolher os alimentos da mesa e fui guardando-os em seu devido lugar, enquanto Bernard, contra a minha vontade, lavava o que havíamos sujado. Quando terminei, fui até a pia, o abracei por trás e distribuí alguns beijos no meio de suas costas antes de recostar a cabeça ali

— Obrigada — agradei, sabendo o quanto era afortunada por ter alguém tão parceiro quanto Bernard vinha se mostrando.

Ao sair da cozinha, nos deparamos com a minha tia, a quem apresentei Bernard. Imediatamente a senhora com pouco mais de meia idade também estava caindo de amores por ele, o que reforçou a sua teoria de que as mulheres de minha família eram incapazes de resistir ao seu charme e simpatia.

Bem alimentados e com a tarde toda livre à nossa disposição, substituímos as roupas que usávamos por trajes de banho e deixamos a pousada, prontos para explorar a cidade.

Após um passeio de bondinho e uma visita ao aquário, fui surpreendida ao checar o relógio, que me mostrou o quão rápido o dia estava chegando ao fim. Retornando à praia particular que estava à nossa disposição nos fundos da pousada, Bernard e eu aproveitamos o pouco tempo que nos restava antes do anoitecer para tomarmos banho de mar.



— Você está linda, girassol.

Com um vestido longo de estampa floral, uma sandália rasteira, os cabelos úmidos caindo livres por minhas costas e quase nada de maquiagem, não era como se eu estivesse prestes a desfilas sobre o tapete vermelho, mas de qualquer maneira, o elogio feito por Bernard assim que retornei ao quarto, serviu para aumentar um pouco mais a minha auto estima.

— Você também está muito bonito, namorado. — Retribuí o gesto, realmente adorando a combinação que a bermuda clara e a camisa polo escura faziam. — Quer agradar a sogra? — provoquei, me aproximando lentamente.

— Não acho que seja necessário, como você mesma disse, ela já está apaixonada por mim, assim como a filha dela — declarou com confiança, antes de colar nossos lábios. Quando tentei aprofundar um pouco mais o beijo, ele se afastou. — Mais tarde, *chérie*.

Simples assim, a promessa feita em um sussurro rouco, disparou arrepios por todo meu corpo.

Deixando o quarto às pressas antes que eu o atacasse e estragasse os planos para a noite, nos reunimos com as duas senhoras que já nos aguardavam no piso inferior, adentramos no carro de Bernard e seguimos através das ruas da cidade, em direção ao restaurante favorito de mamãe.

Nas horas seguintes, desfrutamos de boa comida e muitas risadas. Com o avançar da noite e duas taças de vinho, mamãe aproveitou a presença de Bernard para relembrar algumas de minhas travessuras, que fizeram todos rirem. Quando

enfim teve a oportunidade, ela questionou Bernard sobre como havíamos nos conhecido. Curiosa para ver a história através de seu ponto de vista, me acomodei melhor na cadeira e passei a ouvir atentamente meu namorado narrar nossos encontros e desencontros.

Embora não tenhamos deixado de nos falar um só dia desde que o destino caprichosamente nos colocou frente a frente naquele jantar de noivado, e depois disso passamos a conviver intensamente como um casal, ainda me soava estranho o peso que o rótulo de “namorados” colocava sobre nós. Não por medo de me comprometer, não por arrependimento, apenas porque atribuía um nome ao que vinha acontecendo entre nós.

Sequer notando que estava perdida em pensamentos, fui trazida de volta ao presente quando as risadas de mamãe e titia soaram altas e meus olhos encontraram os de Bernard, que transbordavam promessas e desejo, apesar de sua expressão tranquila.

Quando as taças de vinho ingeridas e a idade das senhoras acostumadas a dormirem cedo começaram a pesar no final do jantar, nós demos a noite por encerrada. Depois de contrariar Bernard e pagar sozinha a conta, fizemos o caminho de volta para a pousada.

Ao entrarmos na construção, fomos recepcionados por uma moça simpática que eu conhecera em minha outra visita e que ocupava o lugar atrás do balcão. Após nos despedirmos ali mesmo das duas senhoras e desejarmos a elas uma boa noite, Bernard e eu decidimos ir até à praia, uma vez que ainda estávamos sem sono.

Carregando o par de sandálias em uma das mãos enquanto a outra permanecia unida à de Bernard, caminhamos pela areia fofa no mais absoluto silêncio, quebrado apenas pelo barulho das ondas, que nos convidavam a uma aproximação.

— A foto que você me enviou algum tempo atrás com essa mesma vista não se compara ao que meus olhos estão vendo — comentou Bernard, depois de muito tempo calado.

Deixando os sapatos sobre a areia, próximos de uma grande rocha, recolhi a barra do vestido de maneira desajustada para que não molhasse e voltei a acompanhá-lo em direção à água.

— Sim, esse lugar é lindo — concordei, sendo abraçada de lado por ele, que me pressionou contra o calor de seu corpo, enquanto a água alcançava nossos pés.

Com o olhar perdido no horizonte e a mente vagando para longe mais uma vez, pensando nos rumos que nossas vidas poderiam ter tomado a partir daquele encontro no metrô, fui surpreendida pelos lábios de Bernard se unindo aos meus.

O beijo começou calmo e sensual. Primeiro ele mordiscou meu lábio inferior, depois, chupou o superior e quando já estava entregue, com a boca ligeiramente aberta esperando por mais, sua língua invadiu o espaço e deslizou junto a minha, me permitindo provar o seu sabor, ao mesmo tempo em que meu corpo reagia ao seu toque.

Enquanto uma de suas mãos passeava pela lateral de meu corpo, a outra se perdeu entre os meus cabelos, ajustando a posição de minha cabeça para que o encaixe de nosso beijo se tornasse ainda melhor. Em resposta, me agarrei à frente de sua camisa, trazendo-o para mais perto de mim.

Em questão de segundos o beijo se tornou ousado, voraz. Lábios, línguas e dentes participavam, exigindo mais e mais, deixando meu corpo todo desperto e implorando por ele, especialmente no ponto entre minhas pernas, que parecia pulsar no mesmo ritmo acelerado de meu coração.

Descendo os beijos para o meu pescoço, Bernard passou pela região sensível abaixo de minha orelha, e seguiu lambendo a minha pele enquanto descia, até encontrar a minha clavícula, região onde ele voltou a morder, além de arranhar com a barba rala que recobria sua mandíbula.

Pouco me importando se alguém poderia nos ouvir, não reprimi nenhum dos gemidos que ele arrancou de mim, enquanto fazia a minha excitação crescer.

— Porra, Mariana. — Ofegou, espalmando as mãos em minha bunda

quando puxei seus cabelos, trazendo seu rosto na altura do meu.

— Preciso de você — murmurei, pressionando meu baixo ventre de encontro à sua frente, em busca de mais contato.

— Aqui? — perguntou aturdido, olhando ao nosso redor.

— Sim, Bernard, agora!

Ainda incerta de que ele iria atender à minha exigência, fui surpreendida quando Bernard me conduziu adiante, até estarmos ocultos nas sombras da rocha, que se projetavam sobre a areia.

Tateando o espaço às minhas costas, ele se deteve ao encontrar uma parte mais lisa na pedra, onde me encurralou entre ela e seu corpo. A essas alturas, a adrenalina de sermos flagrados a qualquer momento se tornou ainda mais excitante.

Rodeando o pescoço de Bernard com os braços, travei minhas pernas ao redor de seu quadril quando ele me suspendeu e logo o senti pressionar entre minhas pernas, no ponto que clamava por seu toque.

— Por favor! — supliquei em meio a um gemido.

Enfiando a mão entre nossos corpos, Bernard desabotoou sua bermuda e desceu apenas o suficiente para expor seu membro. Devido a posição em que me encontrava, o vestido estava todo amontoado ao redor de minha cintura, e por isso o único trabalho que ele teve antes de deslizar por minha entrada e me preencher por completo foi o de afastar minha calcinha para o lado.

— Porra! — Ofegou, com o rosto afundado na curva de meu pescoço.

— Bernard. — Chamei seu nome me agarrando aos seus cabelos, já com a respiração descompassada.

Com as mãos espalmadas em minha bunda, ele iniciou com movimentos curtos e vigorosos, fazendo nossos corpos se chocarem com a intensidade certa, criando o atrito perfeito para estimular meu clitóris enquanto me penetrava.

Tomando sua boca na minha em uma tentativa de abafar parte de nossos gemidos, senti Bernard aumentar a intensidade de suas investidas contra mim quando chupei sua língua, assim como meu corpo fazia com seu membro.

Envoltos em uma névoa de tesão, adrenalina e desejo, além dos movimentos certos, rapidamente alcancei o orgasmo, que serviu de estimulante para que Bernard me acompanhasse poucos segundos depois, se derramando em meu interior.

— Atingimos um novo nível de loucura — brincou Bernard, distribuindo beijos por meu pescoço, enquanto deslizava para fora de mim.

— Isso foi bom — admiti, ainda extasiada.

— Deixe-me ver suas costas, girassol, não consegui ser cuidadoso.

Atendendo ao seu pedido, me virei enquanto ajeitava as roupas no lugar. Bernard então apoiou as mãos em minha cintura enquanto fazia a sua inspeção, que chegou ao fim segundos depois, quando ele beijou meu ombro, a curva de meu pescoço, minha nuca e por fim sugou o lóbulo de minha orelha direita, arrancando um novo gemido de meus lábios.

— Pronta para um segundo round, girassol?

— Com você? Sempre! — afirmei, desejando me perder novamente em seus braços.

Capítulo 33

Amanhecer

 Bernard

Por termos adormecido com a porta balcão aberta, acabei despertando tão logo o céu começou a clarear, antes mesmo que os primeiros raios de sol surgissem.

Movido pela curiosidade e por lembranças de não muito tempo atrás, ajeitei o lençol sobre as pernas desnudas de Mariana e deixei a cama. Após uma rápida passagem pelo banheiro, vesti uma bermuda e saí para a varanda, apreciando o ar frio da manhã vindo do mar.

Apoiado contra o parapeito encarando a paisagem diante de mim, me recordei da chamada de vídeo feita a partir dessa mesma vista, pela linda mulher com quem eu dividia a cama ainda a pouco. Mal sabia eu que naquele momento já estava completamente ligado a ela, mesmo conhecendo tão pouco a seu respeito.

Naquela manhã em especial, desejei mais do que tudo poder estar aqui junto dela e se alguém me dissesse que tal coisa iria se cumprir em tão pouco tempo, eu jamais acreditaria. Mas por tudo que ela havia me contado sobre a profecia, aparentemente nossos caminhos estavam destinados a se cruzarem uma e outra vez.

Absorto em lembranças, só notei a presença da dona de meus

pensamentos quando Mariana enlaçou meu corpo com seus braços e distribuiu alguns beijos carinhoso em minhas costas. Segurando em seus braços, eu a girei ao meu redor, até que ela estivesse cara a cara comigo.

— Obrigado por realizar o meu desejo, girassol.

— Qual? — questionou ainda sonolenta, se aninhando em meu peito.

— Da outra vez em que estive aqui e me mandou uma foto da praia, eu disse “espero que você me leve para conhecer esse lugar”, pois bem, aqui estamos nós.

— Aqui estamos nós — concordou com um sorrisinho, me beijando lentamente antes de me dar as costas e olhar para a praia.

Com a cabeça apoiada contra o meu ombro e meus braços ao redor de seu corpo em uma tentativa de mantê-la aquecida, apesar das pernas estarem expostas, Mariana e eu permanecemos em silêncio, com os olhos voltados em direção ao horizonte, onde um pequeno traço laranja logo acima da linha do mar indicava que o sol estava prestes a iniciar sua subida.

Assim como naquela manhã, o céu passou a mudar de cor, adquirindo tons alaranjados, dourados, lilases e azuis, que ao se misturarem, formaram uma obra de arte divina, pronta para compor o cenário perfeito que iria receber o grande astro, que pouco depois surgiu incandescente no horizonte e foi ganhando o céu.

Imersos no momento e em todo espetáculo natural que acontecia diante de nós, só percebi quanto tempo havia se passado desde que havíamos nos instalado na varanda, quando o sol já estava mais alto.

Grato por viver essa experiência ao lado dela, estreitei um pouco mais o aperto ao redor de seu corpo, que se aconchegou melhor a mim. Sentindo meu peito tomado por uma inquietação, me inclinei ligeiramente em sua direção e deixei um rastro de beijos da base de seu pescoço até a orelha direita.

— Je t’aime — sussurrei, vendo sua pele se arrepiar.

Me afastando ligeiramente, apenas o suficiente para alcançar o outro lado, repeti o gesto de lhe beijar o pescoço e quando cheguei à sua orelha

esquerda, sussurrei:

— Eu te amo, girassol.

Assim que as palavras deixam a minha boca, seu corpo se tencionou entre meus braços e senti sua respiração se tornar um pouco mais rápida. Pensando que talvez Mariana não estivesse pronta para ouvir tais palavras, afrouxei o aperto ao seu redor, lhe deixando livre para ir caso sentisse tal necessidade, mas para minha surpresa ela se aproveitou desse gesto para se virar de frente para mim.

A primeira coisa que notei foram seus os lábios trêmulos enquanto mordiscava nervosamente um cantinho de seu polegar, depois foi o nariz vermelho e por fim, seus olhos, brilhantes demais por lágrimas não derramadas.

Sem saber ao certo o que fazer diante de sua reação, acariciei as maçãs de seu rosto com o polegar, tentando dizer silenciosamente a ela que estava tudo bem, que não era necessário me dizer o mesmo. Prestes a me desculpar por atropelar as coisas, seus lábios se uniram aos meus em um beijo terno e delicado.

— Eu te amo, Bernard.

Embora a sua declaração não tenha passado de um sussurro, o olhar fixo ao meu, não me deixou dúvidas quanto a verdade de suas palavras, assim como o medo que a acompanhava.

Em meio a um abraço apertado, senti como se o tempo houvesse parado e naquele momento só existisse nós dois, além de todo o amor que sentíamos.

Após aproveitarmos um pouco mais a companhia um do outro, Mariana me conduziu de volta para dentro do quarto. Completamente à sua mercê e sem saber o que esperar do restante do dia, me sentei na beirada da cama assistindo-a caminhar de um lado a outro do quarto e perguntei:

— O que faremos agora? Vai voltar a dormir, girassol?

Parada em frente a cômoda onde nossos poucos pertences estavam guardados, Mariana vestiu um short jeans, deu um nó na lateral de minha camiseta, de maneira que ela ficasse mais curta e ajustada ao seu tamanho e então se aproximou, parando entre minhas pernas afastadas, com as mãos

apoiadas em meus ombros.

— Vou preparar o bolo favorito da minha mãe — disse animada.

— Coitada da minha sogra... Há quanto tempo você a tortura com isso?

Sabendo o quanto ela não gostava de ter seus poucos dotes culinários questionados, aproveitei para lhe provocar, enquanto deslizava as mãos por suas coxas desnudas até sua cintura. Me manter afastado ou tentar evitar tocá-la vinha se tornando uma tarefa cada vez mais difícil.

— Heey, eu sei cozinhar! — protestou, recuando um passo. — Não é porque o seu repertório culinário é mais vasto que o meu, que eu não sei cozinhar.

Achando graça de sua colocação, não consegui evitar a gargalhada que escapou de minha garganta, e que a fez entender tudo errado.

— Eu vou te provar isso, *chéri*! — afirmou, antes de segurar minhas mãos e me impulsionar em sua direção, para que eu me levantasse.

Depois de apanhar uma camiseta limpa e a vestir, passei as mãos pelos cabelos ainda bagunçados pelo sono e a acompanhei para fora do quarto. Quando chegamos ao pé da escada, fomos recepcionados por uma moça diferente da que ocupava o posto na noite anterior. Após cumprimentá-la com um sorriso simpático, Mariana me guiou até a casa anexa ao restante da pousada.

— Mamãe? Estamos entrando — anunciou da porta.

— Venham, estou na cozinha.

Não foi preciso caminhar mais do que alguns passos para lhe encontrarmos sentada junto à mesa tão bem servida quanto a dos hóspedes, comendo um pão e bebendo café enquanto lia um jornal impresso, que prontamente foi esquecido assim que adentramos no espaço.

— Fiquem à vontade para comer e beber o que quiserem.

Antes de qualquer outra coisa, Mariana se aproximou, envolveu a mãe em um abraço apertado e a encheu de beijos enquanto lhe dava os parabéns. Assim que ela se afastou em direção à mesa, pronta para abastecer o prato vazio que carregava, eu me aproximei da mulher responsável por gerar a criatura por

quem eu estava perdidamente apaixonado e a parabenizei com um abraço e os melhores desejos.

Durante a breve refeição, Mariana e a mãe aproveitaram para falar sobre a vida dela na capital, do ritmo de trabalho e assim como a minha própria mãe gostava de fazer, deu alguns puxões de orelha. Quando terminamos, fomos orientados por minha namorada a permanecermos sentados e como um polvo com seus vários tentáculos, ela passou a revirar o espaço, apanhando os ingredientes que iria precisar para a receita, bem como os utensílios.

Curioso para vê-la trabalhar com algo que definia a minha vida e quem eu era, me perdi em seus movimentos, vendo-a concentrada ao quebrar os ovos, ou medir a quantidade de farinha utilizada no preparo do bolo. Depois de juntar tudo no bowl da batedeira, ela então se virou em nossa direção. Um sorriso bonito iluminou seu rosto ao mesmo tempo em que suas bochechas coram de vergonha, ao perceber que vinha lhe observando.

— O que te inspirou a se tornar um chef, querido?

— Essa é uma boa história, mamãe — provocou Mariana, voltando sua atenção para a receita, que como bem observei era preparada sem que ela precisasse olhar em um livro ou qualquer outra coisa.

— Eu era uma criança com energia de sobra, que gostava de comer e adorava ajudar a minha avó no preparo dos almoços de domingo. Pouco a pouco fui aprendendo suas receitas e pegando gosto. — Sorri com a lembrança. — Em uma determinada fase, me tornei um garoto gordinho e vovó adoeceu, então minha mãe achou que conhecer mais sobre os alimentos me traria um pouco de consciência e ajudaria a preencher o vazio que não cozinhar com a vovó tinha deixado, foi assim que entrei em um curso de culinária para crianças e desde então eu nunca mais me imaginei fora da cozinha.

— É uma bonita história, Bernard, tenho certeza que as duas têm muito orgulho de você — disse Dona Luiza, tocando a minha mão com carinho.

— Vovó já não está mais entre nós, morreu há alguns anos, mas teve tempo de me ver trilhar esse caminho ensinado, já a minha mãe, de fato

transborda de orgulho. Eu não poderia ser mais grato a elas.

— Pois eu faço questão de dizer à minha sogra quando a conhecer o quanto sou grata a ela e a sua avó. Tenho passado muito bem nos últimos tempos viu, mãe? — Mariana, nos fez rir enquanto despejava a mistura de bolo na assadeira já untada e a levava ao forno pré aquecido.

Ao longo dos quarenta e cinco minutos seguintes, permanecemos na cozinha conversando, enquanto aguardávamos o tempo do bolo. Assim que o forno foi desligado, Mariana se aproximou do fogão e preparou uma mistura doce que serviria como cobertura. Com o bolo mais frio, ela o tirou da forma com facilidade e então despejou a saborosa mistura sobre ele, em seguida, ela adicionou algumas raspinhas de limão sobre o creme.

— Mal posso esperar para comer — afirmei, sentindo minha boca salivar em expectativa.

— Pois fique sabendo que terá de esperar até o almoço.

Por ainda ser muito cedo e nos restar bastante tempo livre até o almoço, Mariana e eu aproveitamos para passar boa parte da manhã na praia. Quando retornamos ao anexo onde Dona Luiza vivia, fomos recepcionados por ela e sua irmã com uma saborosa macarronada.

Assim como na noite passada, tivemos um bom momento durante a refeição, permeado por muitas risadas e algumas outras histórias de Mariana, que no instante que percebeu nossos pratos vazios, dispos o bolo sobre a mesa e começou a entoar o “parabéns à você”, para a mãe.

— Eu acabei de descobrir a minha segunda sobremesa favorita — declarei após a primeira garfada, tendo como resposta um arquear de sobrancelhas. — A primeira ainda é o brigadeiro com biscoito — completei, ganhando um beijo rápido logo depois.



A nossa despedida às duas senhoras aconteceu mais para o final da tarde,

quando o sol já começava a se pôr no horizonte. Abraçando Dona Luiza mais uma vez e dando uma boa olhada na paisagem que se estendia mais ao fundo, não consegui me sentir de outra maneira que não fosse feliz, por ter vivido um final de semana incrível com a mulher por quem estava apaixonado, em um lugar tão lindo e cheio de significado para ela.

Capítulo 34

Surpresa

Depois de aproveitar ao lado de Bernard um final de semana digno de filme da Sessão da Tarde, vivemos momentos insanos em nossos respectivos trabalhos, que para a minha tristeza nos mantiveram fisicamente afastados. Em alguns dias eu trabalhei até mais tarde, em outros, ele começou cedo e não deixou o restaurante até que fosse início da madrugada, e em meio a tantos desencontros, a saída para aplacar a saudade acabou sendo a nossa boa e velha troca de mensagens.

“Eu mal posso esperar por hoje a noite”, digitei rapidamente, antes de descer do metrô.

Após dias tão turbulentos e inconstantes, manter a rotina de meditação nas manhãs de sábado me colocava de volta em meu eixo, por isso prezava tanto por ela. Ao deixar a estação e me ver em meio à grande movimentação da Avenida Paulista, guardei o celular no bolso e segui a passos rápidos em direção ao prédio conhecido, onde o estúdio de Glória estava instalado.

“O que vai acontecer de tão especial hoje à noite, girassol?”

“Desculpe chéri, você vai ter que esperar até lá para descobrir”, respondi enquanto esperava a chegada do elevador.

Como de costume, assim que atravessei a porta do estúdio fui recebida por Glória, que mantinha um bonito sorriso no rosto e as mãos unidas em frente ao peito, em sinal de agradecimento. No ar, pairava o odor de folhas verdes e algo cítrico, e a partir do sistema de som, uma música calma, com sons de água corrente e flauta contribuíam para que o ambiente se tornasse ainda mais

acolhedor.

Minutos mais tarde, quando todos haviam guardado seus pertences e ocupado seus lugares de costume, Glória iniciou o nosso encontro, passando alguns comandos simples de respiração em sua voz melodiosa. Imersa no que acontecia, sentindo meu corpo relaxado e entregue à prática, inspirei profundamente e logo depois esvaziei meus pulmões.

— Lembrem-se que a energia é um fluxo variável, assim como as ondas do mar, ora ela vem, ora ela vai, e novamente ela torna a vir. Nada é permanente, tudo muda o tempo todo — falou em um tom de voz sereno, apesar de transbordar sabedoria.

Dominada pela paz proporcionada pelo momento, sequer notei o tempo passar, até que a voz de Glória voltou a soar, pedindo para que pouco a pouco tomássemos consciência de nosso corpo. Assim que abri os olhos e a aula foi dada por encerrada, a vi diante da turma com o sorriso gentil e bondoso de sempre, fazendo uma mesura em agradecimento.

Tomada pela ansiedade de contar a ela sobre os últimos acontecimentos de minha vida, fui até o vestiário anexo à sala que estávamos, calcei os meus tênis, apanhei a bolsa e retornei para a sala anterior, mas para a minha frustração os alunos da turma seguinte já estavam chegando, uma vez que essa aula havia se estendido um pouco mais do que o normal, nos impedindo de conversar como sempre fazíamos.

— Gratidão por sua presença, querida! — sorriu docemente. — Tenha resiliência para lidar com as adversidades — disse Glória, em seu tom sábio, antes de fazer uma nova mesura e se despedir.

Me sentindo renovada, deixei a quietude daquele pequeno espaço de paz em meio à uma avenida tão movimentada e retornei ao caos da cidade, que nunca parecia desacelerar. Com toda a tarde livre pela frente para arquitetar e executar os meus planos, segui até a estação de metrô que ficava logo adiante com o pensamento fixo em qual seria a minha próxima parada, era hora de ir às compras.



A campanha tocou pouco depois da meia noite, fazendo meu coração acelerar muito mais pela expectativa de finalmente encontrá-lo após tantos dias, do que pelo susto de sua chegada. Devido ao horário avançado, parte da receita já estava sendo preparada, como o frango em processo de cozimento e o molho de laranja sendo reduzido em uma outra panela.

Ajeitando o cabelo e alisando a roupa para deixar tudo no lugar, fui até o interfone e liberei sua entrada. As batidas soaram na porta poucos minutos depois, e mais do que depressa fui ao seu encontro. Apesar do rosto cansado por tantas horas de trabalho, Bernard continuava lindo aos meus olhos.

— Senti saudades, amor. — Saudei, rodeando seu pescoço com meus braços e unindo nossos lábios assim que ele atravessou a soleira da porta.

Retribuindo o meu gesto à altura, Bernard estreitou os braços ao redor de minha cintura, me mantendo pressionada contra ele e correspondeu ao beijo com mais intensidade. Se alguém nos visse nesse momento, certamente pensaria que um ano havia se passado desde a última vez que havíamos nos encontrado, quando na verdade eram apenas cinco dias.

— Eu também senti saudades girassol, você não faz ideia do quanto — declarou, deixando seu olhar se demorar um pouco mais em mim.

— Venha Bê, acomode-se aí, estou quase terminando.

— Mais um pouquinho e o nosso jantar se tornaria um café da manhã — disse em um tom divertido, enquanto ocupava um lugar no balcão, de onde poderia me supervisionar atentamente.

Não me deixando afetar por sua presença, peguei os cogumelos limpos que eu já havia deixado separado e passei a fatiá-los. A seguir, os coloquei em uma frigideira, juntamente com alho poró, cebola e vinho branco e os deixei reduzindo. Com a garrafa ainda em mãos, aproveitei para servir uma taça à Bernard, que agradeceu com um sorriso.

Nesse meio tempo de redução do molho com cogumelos, retirei da panela os rolinhos de frango recheados com queijo brie e espinafre que estava em processo de cozimento e os coloquei de lado para esfriarem por um instante, antes de remover o papel laminado que os envolvia e passar a fatiá-los cuidadosamente ao meio.

Desviando por um instante a atenção dedicada às panelas, notei que apesar de Bernard acompanhar meus movimentos, seu olhar parecia estar distante, o que fez com que eu me sentisse uma tola por inventar um jantar essas horas da noite, quando tudo que ele certamente desejava era descansar.

— Espero não estar fazendo nada muito abominável, chef — brinquei, tentando animar um pouco o clima.

— Por enquanto você está se saindo bem, vamos ver no quesito sabor.

Tendo novamente sua atenção em mim, apressar ao máximo para que pudéssemos comer e então dormir. Após provar os molhos que seguiam reduzindo e me dar por satisfeita, desliguei o fogo de ambos e apanhei os pratos limpos que havia deixado separados.

— Agora é a parte em que o senhor deve ser surpreendido, chef Lessard, por favor, queira se acomodar na mesa.

— Oh Deus, se ela pediu que eu me sentasse à mesa, é porque está realmente levando isso a sério — provocou enquanto encarava o teto, como se conversasse com a divindade.

Deixando o lugar que ocupava, ele seguiu as minhas instruções e se acomodou em um dos lugares. Longe de seus olhos, aproveitei para fazer o trabalho minucioso com mais calma.

Depois de cobrir o fundo do prato com uma cama de cogumelos e um pouco do molho que o acompanhava, dispus os rolinhos de frango que foram cortados, despejei um pouco do molho de laranja por cima, para garantir a umidade ao frango e adicionei mais algumas folhinhas de espinafre para dar o toque final. Quando me dei por satisfeita com a montagem, deixei o espaço da cozinha e fui ao seu encontro.

— Qual o menu surpresa? — Ele perguntou, fazendo um leve biquinho ao pronunciar a palavra “menu”.

Colocando o outro prato no lugar oposto ao que ele ocupava, de maneira que nos sentássemos frente a frente, anunciei:

— Frango recheado com brie e espinafre, regado ao molho de laranja.

Após observar o prato com exímia atenção, como muitas vezes eu vi os chefs fazerem em programas de TV, Bernard deu a primeira garfada, tomando o cuidado de pegar desde os cogumelos até o molho de laranja, e levar até os lábios.

Apesar de faminta, aguardei por alguns segundos, analisando atentamente sua expressão em busca de alguma reação. Quando seus olhos se fecharam, um vinco surgiu entre suas sobrancelhas e seus lábios formam um discreto sorriso, tive a certeza que havia lhe surpreendido, e só então me permiti degustar.

— Isso é incrível, amor. Eu diria até que a sua receita está melhor que a de alguns chefs amadores que já conheci.

Ouvir um elogio vindo de alguém que cozinhava tão bem como ele, automaticamente fez o meu interior se aquecer de alegria e orgulho de mim mesma por ter conseguido.

— Pois saiba que essa receita e toda a experiência demonstrada se deve às longas horas diante da TV, assistindo aos mais variados programas de culinária — informei, ganhando um sorriso e mais alguns elogios como resposta.

Quando o jantar chegou ao fim, pedi que Bernard permanecesse sentado e fui até a geladeira, de onde retirei duas taças de vidro com nossas sobremesas.

— Mousse de limão com chocolate.

Apesar de ser algo simples, a escolha da sobremesa foi um misto de nossos gostos pessoais, uma vez que ele preferia o cítrico e eu o sabor adocicado do chocolate. Com o olhar fixo no doce, ele saboreou em silêncio, com a testa discretamente franzida, mas a julgar por sua expressão, Bernard não estava realmente analisando o que comia.

Parecendo estar a quilômetros de distância, perdido em pensamentos, senti vontade de trazê-lo para o presente, mas rapidamente deixei isso passar. Respeitando o seu espaço, acabei comendo em silêncio, enquanto desejava que ele se sentisse confortável em compartilhar comigo o que estivesse lhe afligindo.

Quando me aproximei da pia com a intenção de lavar a louça suja, Bernard se juntou a mim, e embora eu tenha lhe dispensado por duas vezes dizendo não ser necessário, ele permaneceu ao meu lado, secando um a um os itens que fui colocando sobre o escorredor e os guardando nos armários, que conforme percebi, ele já estava familiarizado.

— Obrigado por esse jantar especial amor, eu senti muito a sua falta, você não faz ideia do quanto! — declarou Bernard em meio a um abraço, após um longo silêncio.

— Se a sua saudade alcançou um terço do que eu senti, eu tenho ideia sim.

Desejando aproveitar ao máximo a sua presença, uni nossos lábios em um beijo lento, que mais do que tudo transmitia saudade. Assim que o momento chegou ao fim, Bernard não me soltou de imediato, e eu permaneci imersa na profundidade de seu olhar, que parecia atormentado enquanto analisava o meu rosto e acariciava as minhas bochechas, como se quisesse memorizar cada mínimo detalhe.

Prestes a perguntar o que havia lhe deixado tão perturbado, fui surpreendida por seu rosto se enterrando na curva de meu pescoço. Seu nariz deslizou lentamente por minha pele, inalando o meu cheiro enquanto seus lábios beijavam delicadamente a região.

Apesar de estar me rendendo pouco a pouco ao seu toque, eu sentia em meu íntimo que algo estava errado, que esse seu olhar perdido não era em vão, por isso precisei de toda força de vontade do mundo para impor uma curta distância entre nós, antes de lhe perguntar em um sussurro:

— O que foi, *chéri*? Aconteceu alguma coisa, há algo errado?

— Tem algo que preciso te contar, girassol — disse após alguns

segundos. — Eu recebi uma proposta para trabalhar com um chef renomado.

— Meu amor, isso é maravilhoso.

Embora Bernard fosse extremamente competente e possuísse seu próprio restaurante, eu tinha consciência de que aprender com alguém mais experiente seria bom para seu crescimento profissional.

— É uma proposta realmente boa, do tipo irrecusável — concordou, impondo distância entre nós. Coçando a nuca, um sinal de que estava aflito por algo, assisti Bernard dar alguns passos no pequeno espaço da cozinha antes de se virar e completar. — É na França.

Em um primeiro momento, pensei não ter compreendido o que ele havia dito, então repeti sua fala em minha mente e as coisas aparentemente clarearam. Buscando o seu olhar, que transbordava medo e insegurança, assim como na noite em que nos encontramos em seu restaurante quando eu ainda acreditava que ele tinha uma noiva, não me restou dúvidas de que aquelas três últimas palavras proferidas por ele estavam corretas.

Capítulo 35

Au revoir

— Girassol! — Ele chamou, segurando novamente meu rosto entre suas mãos. — Hey, amor, eu sei que parece assustador, que parece uma despedida, mas não precisa ser — falou, tentando conter o nervosismo e me passar confiança.

— Quando você viaja? — questionei, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Se eu realmente aceitar a proposta, viajo no final da semana — disse com pesar, deixando os ombros caírem.

— Por que se você aceitar? Ainda há dúvidas?

— Não é lá uma decisão muito fácil... Há muita coisa envolvida.

Embora isso não tenha ficado explícito em suas palavras, eu tinha certeza que o nosso relacionamento era uma dessas coisas a que ele se referia. Com isso em mente, mesmo temendo sua resposta, perguntei:

— Quanto tempo, Bernard?

— Quatro meses, talvez um pouco mais — murmurou a última parte. — De qualquer forma, nós podemos fazer isso. Vai ser como no início, quando começamos a trocar mensagens e eu me apaixonei por você sem nem mesmo te conhecer.

Perdida em seu olhar aflito, não conseguia pensar com clareza, uma vez que a única coisa que meu cérebro conseguia fazer era repetir “*quatro meses, talvez um pouco mais*”, e sendo honesta comigo mesma esse “*um pouco mais*” era o mais assustador.

— Isso foi algo que você sempre batalhou e desejou?

Sendo um relacionamento recente, nós ainda não havíamos conversado a fundo sobre esses aspectos, por isso me vi tentando entender o grau de importância que essa proposta teria em sua vida. Após Bernard responder com um simples aceno, provavelmente temendo verbalizar qualquer coisa, continuei:

— Não há muito o que decidir, *chéri*. — Dei de ombros, lhe dando um sorriso que apesar de meus esforços para disfarçar, acredito que tenha deixado visível minha tristeza. — Chegou o momento de colher os frutos do trabalho que você vem fazendo.

Ainda sustentando meu olhar e deixando que o silêncio se instalasse a nossa volta, me senti muito grata quando ele rodeou o meu corpo com os seus braços e me trouxe para perto.

Incapaz de expressar em palavras o que se passava em meu coração, que no momento estava carregado de medo pelo que seria de nós e orgulho por sua conquista, aproveitei para afundar a lateral de meu rosto em seu peito. Deslizando a mãos por minhas costas enquanto seu coração batia ligeiramente mais acelerado, Bernard me manteve colada a ele por mais algum tempo, enquanto seus lábios tocavam a minha têmpora esquerda e eu me perdia na perfeição de nosso encaixe.

— Não precisa ser uma despedida, amor. — Ele repetiu. Sentindo um nó em minha garganta, concordei com um leve aceno. — Se pudesse, te levaria comigo, girassol. Mas não posso te pedir isso, você tem o seu emprego, a sua mãe, enfim, a sua vida toda aqui... — acariciou o meu rosto ao se desvencilhar.

Me sentindo meio fora de órbita, assisti ele apagar as luzes de meu apartamento antes de entrelaçar nossos dedos e me conduzir até o quarto. Nesse meio tempo, considerei sua sugestão, afinal de contas, estávamos falando da França e eu sempre havia desejado a experiência de morar fora do país. Eu poderia tentar um emprego ou até mesmo aproveitar para estudar algo em minha área. Mas tão rápido quanto a ideia veio, ela se foi, desfeita por todos os pontos ressaltados por ele, que só mostravam o quanto considerar isso seria um ato

impulsivo.

Seria irresponsável de minha parte simplesmente jogar tudo para o alto em busca de viver um amor e uma aventura. Havia muita coisa envolvida.

Parada a alguns passos de distância, observei Bernard segurar na gola de sua camiseta, pronto para arrancá-la, mas antes que ele começasse a se despir, o interrompi. Quando a confusão surgiu em seu semblante, eu mesma segurei na barra da peça e a removi. Com a mesma atenção que Bernard havia analisado os meus pratos, eu me vi memorizando a textura da sua pele, que se arrepiou ao meu mais singelo toque.

Quando me aproximei um pouco mais e passei a beijar a região de sua clavícula esquerda, escorreguei meus dedos até o botão de sua calça, que rapidamente foi aberto, enquanto ele chutava os sapatos e as meias para longe. Me afastando um passo, aproveitei para gravar mais essa cena em minha memória. Sem camisa, descalço, com a calça aberta e uma beirada da cueca aparecendo, Bernard era a representação de meus sonhos quentes.

Antes que eu tivesse a chance de despi-lo por completo, ele apagou a luz do teto, deixando o quarto à meia luz pelo abajur aceso.

Encurtando a distância entre nós, seus lábios se juntaram aos meus em um beijo delicado, carinhoso, que não deixava dúvidas do amor que sentíamos um pelo outros. Suas mãos que até o momento seguravam meu rosto deslizaram para o meu pescoço, meus ombros e braços, levando consigo as alças do vestido soltinho que usei por toda a noite, e que em questão de segundos se tornou um amontoado de tecido ao redor de meus pés.

— Tão perfeita.

— Eu te amo, Bernard — sussurrei.

Estando em desvantagem no número de peças de roupa que usávamos, deslizei a calça por suas pernas, trazendo junto no processo sua cueca. Usando apenas os pés, ele facilmente se livrou da vestimenta e permaneceu parado diante de mim, completamente despido, em toda a sua glória, com seu rosto bonito e másculo, a sua paixão demonstrada no breve tempo que estivemos

juntos e o seu coração partido, porque embora ele não houvesse dito com todas as letras, eu sabia que ele estava dessa maneira, assim como o meu.

Colando nossos corpos em um movimento rápido, Bernard segurou na parte de trás de minhas coxas, me deixando suspensa em seus braços, avançou mais alguns passos e me deitou com cuidado sobre a cama. A seguir, passou a me venerar com beijos e carícias, se esforçando para me fazer esquecer ao menos por um instante sua partida iminente. Sem forças para lutar, acabei me rendendo, me permitindo esquecer, me deixando aproveitar esse momento, sendo amada e amando-o de volta com toda a intensidade de meu ser.

Quando Bernard finalmente deslizou seu membro para dentro de mim e nos uniu por completo, a sensação que eu tinha era a de estar cheia e vazia ao mesmo tempo.

Mantendo o olhar fixo no dele para ter a certeza de que estávamos vivendo o agora, engoli seus gemidos de prazer em meio ao beijo, calei os meus próprios sons contra a sua pele e me perdi em seu calor, que me deixou em chamas desde aquele primeiro e sutil toque, quando se esforçou para me devolver uma simples caneta em meio a uma estação lotada.

O orgasmo veio forte, poderoso, fazendo-me chamar o seu nome repetidas vezes enquanto o formigamento que começou na ponta de meus pés se espalhava por todo o corpo. Um segundo depois, Bernard foi atingido pela mesma energia poderosa e entre um gemido gutural, o meu nome seguido da palavra amor escapou de seus lábios.



Enquanto eu permanecia com os olhos bem abertos encarando o teto de meu quarto, vendo de tempos em tempos os ponteiros do relógio avançarem, tentei encontrar uma solução para nossa situação, ao mesmo tempo em que a angústia que havia em meu peito aumentava.

“É na França”; “Quatro meses, talvez um pouco mais”; “Eu te amo,

girassol” eram as palavras dele que se repetiam incessantemente em minha cabeça, fazendo escorrer lágrimas silenciosas de meus olhos enquanto o sono se afastava cada vez mais.

“E se nesse curto período ele conhecesse alguém mais interessante, uma francesa que viraria sua cabeça?”, me questionei, ao mesmo tempo em que sentia raiva de meus pensamentos por tomarem esse rumo. Eu precisava deixar a auto sabotagem de lado ao menos por um instante e confiar nele, afinal de contas, sem isso o relacionamento jamais daria certo, estando perto ou longe.

Olhando para trás, para o meu pequeno histórico de relacionamentos duradouros, eu não conseguia me recordar de uma única vez que senti algo perto disso. Eu os amei, tenho certeza que sim, mas não como agora.

A verdade é que eu nunca havia me entregado desta maneira a um relacionamento, com tão pouco tempo de envolvimento, vivendo tão intensamente ao lado de alguém como acontecia com Bernard, sendo tão autêntica a mim e aos meus sentimentos. Por esses e outros motivos eu só conseguia pensar que isso era... amor, em sua mais pura forma.

Preso em um espiral de pensamentos, além da angústia que me fazia querer sair da cama e caminhar sozinha pela casa enquanto buscava por uma solução para nós, porque ficar entre seus sonhos e realizações jamais seria considerado uma opção, me aninhei melhor contra seu corpo, aproveitando de seu calor aconchegante que em pouco tempo não teria mais.

Ouvindo as batidas ritmadas de seu coração, pouco a pouco fui relaxando, silenciando os pensamentos errantes e me concentrando no presente, até que não houvesse em minha mente nada além de nós dois, nada além desse pequeno momento. Vencida pelo cansaço, me deixei ser dominada pelo sono quando o relógio marcava mais de quatro da manhã.



Despertei após poucas horas de sono. Ainda atordoada e sentindo os

braços de Bernard me envolvendo, levei apenas um segundo ou dois para me lembrar da noite passada. Incapaz de me manter quieta dessa vez, beijei suavemente seu peito, exatamente na altura de seu coração e então deslizei para fora da cama, com cuidado para não acordá-lo. Depois de uma ida rápida ao banheiro, corri para a cozinha.

Concentrada demais na cafeteira que agora preenchia a minha xícara, só percebi a chegada de Bernard quando seus braços envolveram cuidadosamente a minha cintura e me fizeram esquecer de tudo com um simples toque.

— Amor, não chora — pediu baixinho com a voz triste, fazendo meu coração se partir em um milhão de pedaços ao ser flagrada.

— Desculpa Bê, eu ainda não assimilei muito bem — murmurei, me virando de frente para ele — E apesar de não ter dito isso antes, eu estou orgulhosa de você, amor. — Sorri verdadeiramente em meio às lágrimas.

— Eu não queria que as coisas acontecessem dessa maneira, girassol, não ao mesmo tempo. Eu desejei tanto alguém como você, desejei tanto que essa oportunidade de trabalho viesse até mim. Da noite para o dia conquistei ambos, e ainda assim não me sinto completamente feliz. Como algo tão certo pode parecer tão errado?

— Você também chegou de repente em minha vida, Bernard e em um piscar de olhos virou meu mundo do avesso. — Mordi o lábio inferior, tentando conter o choro que fazia meu nariz pinicar. — Eu tive medo de te perder quando eu sequer tinha você para mim — neguei com um aceno, em meio à lembrança. — Você fez com que eu me sentisse amada, querida, protegida e eu espero ter conseguido retribuir tudo isso... — declarei, antes de inspirar profundamente para tomar fôlego.

— Girassol...

Em partes iguais, era reconfortante e ao mesmo tempo doloroso ouvi-lo me chamar com o apelido carinhoso.

— Eu não quero desistir de você, Bê. Não quero desistir de nós.

Tendo isso como a única coisa certa em meio a um mar de dúvidas que

se abria diante de nossos olhos, coleí meus lábios nos dele, selando o meu desejo para nós.

Capítulo 36

Escolhas

— Nem o melhor roteirista da Netflix seria capaz de fazer uma trama com tantas reviravoltas quanto as da sua vida! — Grazi disse com humor, tentando melhorar meu estado de espírito na manhã seguinte, quando nos reencontramos no trabalho.

— Nesse momento me sinto mais sofredora que a Maria do Bairro.

Sem muito o que fazer na situação, só me restava tentar rir de minha própria desgraça.

Depois que Bernard havia se despedido na noite passada, com a promessa de que nos veríamos antes de sua partida, minha primeira reação foi a de ligar para Grazi.

Apesar de apreciá-la constantemente por seu bom humor, ela também tinha o dom de saber ouvir e ter bons conselhos, geralmente livres de julgamentos. Com o coração apertado e o nó na garganta que queria se transformar em choro, contei a ela sobre como eu sentia que o chão sob meus pés de repente havia se tornado instável, além de minha decisão a respeito de nós dois.

— Mas eu ainda acho que você fez a escolha mais sábia, Mari. — Repetiu o conselho da noite anterior. Concordando com um discreto aceno, recostei a cabeça contra a cadeira de couro e inspirei lenta e profundamente.

Sendo minha amiga há tanto tempo e me conhecendo como poucos conseguiam, ela sabia que nesse momento eu não precisava apenas que passe a mão sobre minha cabeça e me consolasse. Não, Grazi sabia que eu precisava da

verdade e era exatamente isso que ela estava me oferecendo através de seus conselhos.

Antes de Bernard aparecer eu havia passado tempo demais sem sentir nada, sem nutrir sentimentos ou me ver fazendo parte da vida de alguém, mas a sua chegada mudou tudo. Me fez ver o quanto eu estava negligenciando uma pequena parte de minha vida que precisava de atenção como todas as outras, e exatamente por isso, pelo sentimento de me sentir amada e poder amar de volta, é que não havia espaço para arrependimento em minha decisão de tentar fazer o nosso relacionamento sobreviver à distância.

Com a sua partida iminente, nós passaríamos mais meses separados do que de fato estivemos juntos, lidar com a distância não seria fácil, especialmente por conta do fuso horário de cinco horas de diferença, mas mesmo com todas as adversidades em nosso caminho, eu precisava acreditar que daria certo.

Quatro meses.

“Bom dia, girassol, tenha um ótimo dia. Não se esqueça que eu amo você”, dizia a mensagem responsável por interromper meus pensamentos e fazer meu coração pulsar descompassado.

— Sim, eu tenho certeza que fiz a escolha correta — respondi à Graziela com um sorriso, relendo mais uma vez a mensagem de Bernard.

 Bernard

“Boa viagem, amor. Mande notícias quando chegar”

Parecendo estar em completa sintonia comigo, a mensagem enviada por Mariana chegou no exato instante em que atravessassei a passagem para dentro da aeronave.

Por mais que eu desejasse lhe dar mais um beijo e um abraço antes de sumir de sua vista pelos próximos quatro meses, eu sabia o quanto isso seria doloroso para nós dois, por essa razão, sequer cogitei pedir tal coisa a ela. Entendendo o seu silêncio a respeito da situação como uma recusa para uma despedida típica de filme água com açúcar, decidimos em um acordo silencioso que o melhor seria assim.

Depois de cumprimentar a comissária, avancei pelo corredor estreito até o meio da aeronave em direção ao meu assento, e só depois de estar devidamente acomodado na poltrona da janela, foi que consegui apanhar novamente o aparelho em meu bolso. Por alguns instantes permaneci imóvel, pensando no que lhe dizer. Eu não queria quebrá-la mais do que eu já havia feito.

“Obrigado girassol, eu avisarei, não se preocupe. Amo você! :”.*

Desligando o aparelho logo depois, recostei a cabeça contra a pequena janela enquanto aguardava que todos estivessem a bordo, e deixei que minha mente vagasse pelas lembranças da noite passada.

Como em todas as vezes que eu havia lhe visto, inclusive nas manhãs em que seu cabelo estava uma bagunça por minha culpa e seu rosto livre de qualquer maquiagem, Mariana estava linda.

Mesmo usando um vestido colorido e exibindo um sorriso nos lábios quando bateu à minha porta, estava muito evidente para mim que dessa vez não havia o brilho característico em seus olhos e eu sabia muito bem o motivo. Tentando fazer com que a nossa última noite — até o meu retorno — fosse especial, preparei a ela um delicioso jantar, que acabamos degustando na varanda, à luz de velas.

Apesar de tentar esconder e disfarçar a tristeza que a rondava, era notável que a minha partida estava doendo nela tanto quanto doía em mim, e vendo Mariana me direcionar olhares apaixonados do outro lado da mesa, me questionei se havia realmente tomado a decisão certa. Deixá-la para trás em busca de uma realização profissional realmente me faria feliz?

Eu havia desejado tanto ambas as coisas, uma pessoa para amar e um

novo desafio em minha carreira, que jamais imaginei que teria tudo de uma só vez, fazendo de mim um maldito sortudo.

Escolhendo justo esse momento de incerteza para bagunçar minha cabeça, as memórias recentes deram lugar há de tempos atrás, passando através da noite em que ela esteve em minha casa, de quando a tive em meus braços pela primeira vez e posteriormente nós dois enroscados no sofá, enquanto ela me contava a respeito da profecia.

Naquele momento me parecia tão impossível e tão certo ao mesmo tempo, mas agora as tais palavras me causavam insegurança. E se em minha ausência um novo Pedro surgisse em seu caminho, apenas para que ela descobrisse que esteve com a pessoa errada por todo esse tempo? E se o antigo Pedro, seu colega de trabalho, de repente se mostrasse ser a pessoa certa em sua vida? Eu estaria longe, privando-a do amor que merecia, do carinho que precisava e de...

Inspirando profundamente, afastei o pensamento amargo no exato instante em que a aeronave começou a taxiar pela pista. Com os olhos focados em um ponto fixo qualquer como distração, esperei pacientemente até que o tranco inicial acontecesse e logo depois observei que havíamos deixado o chão. Engolindo em seco, fiz uma prece silenciosa para que a viagem fosse tranquila e para que eu não me arrependesse de minhas decisões.

Só me restava torcer para que os próximos meses passassem rápido.

Capítulo 37

Distância

 Bernard

— Essa é a praça que disse a você, dias atrás.

Dando um lento giro ao meu redor, de maneira que ela pudesse ter uma boa visão do lugar, tentei compartilhar com Mariana, ainda que através da câmera de um celular, a beleza que me rodeava.

— É linda, amor! — comentou animada. — Esse lugar parece ter parado no tempo, poderia facilmente ser um cenário de filme. — Sorriu docemente, fazendo meu coração se apertar no peito.

Espelhando o seu sorriso, feliz por estar vendo-a após uma longa semana, avancei em direção à uma das mesas disposta na parte externa de um dos diversos restaurantes, e ali me acomodei, pronto para jantar em sua companhia.

Embora ela acreditasse estar disfarçando bem seus sentimentos, eu tinha absoluta certeza de que parte dos motivos que a levaram a se refugiar junto de sua mãe na pousada da praia quando completamos um mês afastados, era o fato de se sentir solitária após a minha partida, e isso me matava por dentro, especialmente por saber que o único culpado por isso era eu, que havia lhe deixado da noite para o dia em busca de um sonho.

— Eu sinto saudade de cada pedacinho seu, girassol.

Incapaz de conter o impulso e a saudade ao vê-la de biquíni, com o sol

acariciando sua pele como eu gostaria de fazer, acabei dando voz aos meus pensamentos.

Com cinco horas de diferença entre nós além do trabalho, as constantes trocas de mensagem, assim como havia sido no início, quando eu pouco sabia a seu respeito, acabou sendo a melhor solução para que nos mantivéssemos presentes na vida um do outro.

Para compensar o distanciamento imposto por tantos fatores, as tardes nos finais de semana facilmente se tornaram os nossos momentos de “encontros”, já que ambos estávamos livres. E assim como havia acontecido nos anteriores, aqui estávamos nós, em mais uma chamada de vídeo.

— Você não deveria me provocar assim, ao menos não quando estamos em público — devolveu, se remexendo inquieta. — Olha onde estou — disse com a voz ligeiramente mais rouca, enquanto apontava a câmera para o lado, mais precisamente para a rocha que havia nos dado abrigo em uma aventura sexual.

— Isso é uma promessa, *amour*?

Encarando-a através da câmera com uma sobrancelha arqueada em desafio, eu tinha como único desejo para esse momento lhe deitar na areia e cobrir seu corpo com o meu.

— Pode apostar! — garantiu com uma piscadinha.

— Eu irei cobrar.

— Estarei contando com isso, *chéri* — sussurrou de maneira sedutora, fazendo com que eu me ajeitasse na cadeira quando uma ereção começou a se formar em minhas calças.

Antes que a conversa e as provocações se tornassem mais intensas, à ponto de eu precisar sair correndo para qualquer lugar, fomos interrompidos com a chegada do garçom. E depois dessa pequena pausa forçada, minha girassol fez o favor de manter a conversa mais leve, certamente para evitar frustrações de sua parte e constrangimento em público para mim.



Vinda de uma semana de trabalho realmente estressante, onde Grazi, Pedro e eu havíamos feito horas extras e jantado algo pronto no escritório repetidamente, apenas para sermos capazes atender a demanda de serviço exigida por nosso chefe, a primeira coisa que fiz ao chegar em casa na noite daquela quinta-feira foi me despir, servir-me de uma generosa taça de vinho e colocar a banheira para encher.

Com a ajuda de uma música tranquila tocando no celular, consegui fazer com que a mente se acalmasse de tantos pensamentos tumultuados, mas a minha paz não durou muito tempo, uma vez que a música seguinte era uma balada romântica, e me fez desejar mais do que tudo ter Bernard comigo, massageando meus ombros, me dando beijos apaixonados e me fazendo esquecer do mundo.

Como se estivéssemos em uma conexão direta, a canção foi interrompida no mesmo instante e o alerta de chamada preencheu a quietude do banheiro. Secando rapidamente a mão na toalha, apanhei o celular de cima da superfície ao lado da banheira e atendi a ligação por vídeo de Bernard.

— *Wow, amor! Essa é uma visão e tanto* — disse animado, assim que minha imagem apareceu. — *Ah, girassol! Você não sabe o que eu daria para estar aí nesse momento.*

— Provavelmente você daria o mesmo que eu, para ter você aqui — devolvi, vendo-o largado sobre a cama, com seu peitoral exposto.

Ao final desse segundo mês longe dele, eu só conseguia me questionar como tantas pessoas no passado haviam feito isso, se mantendo distantes de quem amavam, sem qualquer recurso tecnológico para as aproximar minimamente como Bernard e eu vínhamos tentando. Essa situação era uma

verdadeira tortura.

— Eu estava com saudades — murmurei em seguida fazendo manha, embora isso estivesse longe de ajudar a resolver nosso problema.

— *Vendo você assim, eu só consigo pensar na falta que faz ter você se enroscando em mim, girassol. Seu cheiro, seu calor, seus beijos... Eu não vejo a hora de voltar, amor.*

Em meio à declaração, sua respiração se tornou ligeiramente acelerada, me deixando saber que a visão que ele tinha de mim estava lhe excitando.

Com o aumento de sua carga de trabalho, rapidamente a rotina que nos ajudou a superar o primeiro mês foi desfeita e embora o fluxo de mensagens houvesse se mantido quase inalterado ao longo dos dias, as nossas escassas chamadas de vídeo aos finais de semana se tornaram mais breves, em dias e momentos aleatórios como esse, e que mal contribuía para aplacar a saudade crescente.

— Isso é tudo que eu precisava nesse momento — declarei, antes de um suspiro frustrado escapar de meus lábios, por fantasiar com tudo que ele poderia fazer comigo.

Perdida em pensamentos e lembranças das noites que havíamos compartilhado, da aventura que havíamos vivido na praia e tantos outros momentos que me entreguei a ele, fui trazida de volta ao presente quando sua voz soou mais rouca e sensual através do aparelho.

— *Encontre um apoio para o celular e fique com as mãos livres, amour* — pediu, se acomodando melhor contra a cama.

Sentindo uma ansiedade crescente, provocada pela proposta implícita em suas palavras e fato de nunca ter me aventurado a fazer sexo virtual dessa maneira, decidi que não era hora para questionamentos ou incerteza e fiz o que foi pedido por ele.

De onde o aparelho estava, era possível que ele visse tudo acima do limite da água, e embora até o momento meus seios estivessem submersos, tudo que eu precisei fazer para lhe dar uma boa visão dessa parte de meu corpo foi me

sentar, ao invés de permanecer meio deitada como estava até então.

— *Ah amor, que vontade de apertá-los...* — Ofegou. — *Faz isso por mim?*

Sem oferecer qualquer resistência, fiz o que me foi pedido. Mantendo a atenção na tela do aparelho, de onde Bernard me devorava com os olhos, deixei que minhas mãos ganhassem vida própria e percorressem o meu corpo, exatamente como ele já havia feito tantas vezes antes. Ora acariciando, ora apertando, beliscando, provocando, fazendo meu prazer crescente se tornar evidente para ele em meio aos meus gemidos de prazer.

— *Porra, amor* — disse com a respiração descompassada. — *Olha o que você faz comigo* — declarou, antes de mudar o foco da câmera para o membro já rígido, que recebia a atenção de sua mão livre.

Sentindo meu corpo se acender por completo para ele, enquanto eu me desligava do mundo, dos problemas, e da distância que havia entre nós apenas para viver aquele momento, novamente entreguei um pouco mais de mim a Bernard, de uma maneira diferente, mas não menos intensa ou íntima do que havia sido em todas as outras, e eu sabia que isso só havia sido possível por uma razão. Nós nos amávamos.



Após mais um mês longe de Bernard, algo verdadeiramente bom havia acontecido. Todo trabalho e horas extras do mês anterior haviam rendido uma excelente promoção para mim e para Grazi.

Sentindo como se estivéssemos caminhando sobre um punhado de nuvens, nós deixamos o escritório de nosso chefe às pressas, no melhor estilo “parceiras de crime”, e seguimos para a nossa sala. Sendo final de expediente, não foi preciso mais do que uma troca de olhares entre nós para que decidíssemos comemorar nosso feito.

Com o celular em mãos, Grazi enviou uma mensagem para o nosso

grupo que costumava sair às quartas-feiras, enquanto que eu, apanhei meu aparelho com a intenção de compartilhar a boa notícia com Bernard, que de algumas semanas para cá havia se tornado mais distante.

Como se a minha alegria não pudesse durar por muito tempo, o que aparentemente havia se tornado recorrente em minha vida, fui tomada por uma onda de frustração ao abrir a nossa conversa e notar que ele ainda não tinha visualizado minha mensagem enviada pela manhã.

Ponderando por um instante, com os dedos pairando sobre o teclado digital, considerei lhe contar assim mesmo a boa nova, mas tão rápido quanto a vontade veio, ela se foi, e quando Grazi parou ao meu lado perguntando se eu estava pronta, apenas desliguei a tela do aparelho, o joguei de volta dentro da bolsa e me deixei ser conduzida por ela em direção aos elevadores.

— Problemas com Bernard?

— Mais uma mensagem ignorada... Já foram tantas nas últimas semanas que nem sei porque ainda me abalo. — Dei de ombros, tentando tirar a importância daquilo.

— Aguenta firme amiga, três meses já se foram.

Graziela acariciou o meu ombro ao tentar ser otimista.

Assim que as portas metálicas se abriram e me deparei com rostos conhecidos à nossa espera, prontos para comemorarem a nossa conquista, me proibi de ficar remoendo ao longo das horas seguintes todas as coisas que vinham me desagradando ultimamente.

Como acontecia nas noites de quarta, deixamos o elegante prédio espelhado e seguimos caminhando em um pequeno grupo até o nosso ponto de encontro oficial. Depois de nos instalarmos e tomarmos a primeira rodada de chopp, ficou mais fácil colocar os problemas de lado e me divertir na companhia deles. Imersos em uma conversa animada, só vimos que estava ficando tarde quando uma das meninas do grupo decidiu partir.

Se na companhia de meus amigos e algumas canecas de chopp eu havia conseguido me esquecer da bagunça que minha vida amorosa havia se tornado,

bastou que eu colocasse os pés dentro de casa e pegasse o celular na mão para voltar à realidade.

“*Dia insano, girassol. Nos falamos amanhã, boa noite :**”, era tudo que dizia a mensagem enviada por Bernard há aproximadamente uma hora.

Sentindo-me derrotada, quando na verdade deveria estar exultante por minha conquista, tentei me livrar de tal sentimento sob o chuveiro, mas percebi que havia sido em vão assim que caí na cama e admiti para mim mesma que essa não havia sido a primeira e provavelmente não teria sido a última vez a ter que lidar com essa situação.

— Boa noite, Bernard — murmurei para o quarto escuro, desejando que o sono viesse logo.

Capítulo 38

Dias difíceis

“Quatro meses longe de você, amor. Mal posso esperar por seu retorno. Já tem a data de volta? Estou com saudades <3”, foi a mensagem que enviei assim que despertei.

Apesar de não nos falarmos há um dia e meio, eu me sentia em êxtase, uma vez que agora faltava pouco para o seu retorno e eu não poderia estar mais ansiosa. Nós havíamos enfrentado dias difíceis desde a sua partida.

Embora eu não fosse admitir para Bernard, eu havia chorado algumas vezes nesse meio tempo enquanto me questionava se conseguiríamos. Ao longo dos meses tive meus momentos de dúvidas e insegurança, mas ainda assim, me agarrei à esperança de que os sentimentos que ele havia despertado em mim se renovassem.

Supondo que ele não me responderia nos próximos minutos devido ao horário, saí da cama, passei pelo banheiro e então segui para a cozinha. Como costumava acontecer em minhas manhãs de sábado, tomei um café reforçado, vesti minha roupa confortável de exercícios e segui para a aula de Glória, que havia sido a grande responsável por eu não enlouquecer após tantas mudanças.

Assim que deixei o metrô, ouvi a notificação de uma nova mensagem soar de dentro de minha bolsa e mesmo sem saber se era uma resposta de Bernard, senti as borboletas em meu estômago fazerem uma revoada. Ansiosa para descobrir do que se tratava, apanhei o celular no instante em que cruzei a entrada do prédio.

“Também estou com saudades, nos falamos mais tarde”.

Sentindo-me frustrada em tantos níveis que sequer conseguia mensurar, algo que na verdade havia se tornado bem comum em minha vida, especialmente por seu distanciamento que foi se intensificando com o passar das últimas semanas, joguei o celular de volta na bolsa e avancei pelo corredor em direção ao estúdio de Glória, que já estava à espera de seus alunos parada junto à porta.

Depois de fazer uma mesura e cumprimentá-la, segui até o pequeno vestiário onde deixei os meus pertences e retornei para junto dos demais, que já haviam se instalado em seus lugares habituais. Com tantos pensamentos tumultuados rondando a minha mente e a inquietação trazida pela mensagem de Bernard, relaxar e me desligar de tudo se tornou uma tarefa praticamente impossível, por isso não me surpreendi quando Glória pediu que eu esperasse por um instante ao final da aula.

Quando o estúdio se esvaziou, a mulher que eu tinha como confidente se aproximou com uma expressão serena e se juntou a mim, após me dar uma boa olhada, falou:

— Sua confusão interna é quase palpável para mim, Mariana. O que tanto lhe atormenta?

— Mais do que ver a minha relação com Bernard se desmanchar à poucos dias de sua volta sem poder fazer nada a respeito? Acho que o fato de saber que isso poderia acontecer e ter ignorado essa pequena parte.

— Você se sente culpada de ter tentado?

Apesar de tudo que vinha enfrentando há algum tempo, eu só conseguia pensar em uma resposta para essa pergunta.

— Não, apesar de tudo, não. Eu o amo, Glória... — Sorri com tristeza.
— Eu não fiz isso só por ele, mas eu esperava que a felicidade fosse um pouco mais duradoura.

— Nada é permanente ou eterno, querida — ela disse após um breve silêncio, com a voz carregada de carinho, tomando minhas mãos entre as suas.
— Mas isso não precisa ser algo ruim. Quando você chegou aqui pela primeira vez, seu brilho interior mal era visível. Desde então, você cresceu, se

transformou e amadureceu. A velha Mariana não durou para sempre, assim como essa sua nova versão não irá durar. Tudo muda o tempo todo.

Sem saber se eu me sentia melhor ou pior depois de suas palavras, que praticamente acabava com todas as minhas expectativas de que eu pudesse ter entendido ou estivesse supondo algo equivocado a respeito da mensagem enviada por Bernard, aceitei o abraço que Glória me ofereceu, reuni meus pertences e parti, deixando que o caos da cidade me engolisse novamente.

Faltando aproximadamente três meses para o acontecimento do ano, ao menos na vida de Graziela, entrei novamente no metrô e segui ao seu encontro, pronta para encarar toda uma tarde com degustação de bolos de casamento.

Com o humor ainda oscilando, desejei que todo o açúcar ingerido nas próximas horas ajudasse a acalmar minha angústia, afinal de contas, o “...*nos falamos mais tarde*” não me deixava muito espaço para ser otimista quanto a conversa que estava por vir, isso se ela acontecesse.



Embora fosse apenas o início da noite em São Paulo, já era madrugada em Aix-en-Provence quando a mensagem de Bernard chegou até mim.

“Está por aí, girassol?”

“Sim, Bê. Estou bem aqui”, respondi, embora o meu desejo fosse de completar a frase dizendo “bem aqui, onde você me deixou”.

Bebendo o que restava do vinho em minha taça, aguardei pacientemente até que uma nova mensagem chegasse.

“Eu sinto sua falta”.

“Eu também, quando você volta?”.

Cansada demais de remoer a mensagem enviada por ele mais cedo, despejei de uma vez a pergunta que vinha me consumindo.

“Precisamos conversar sobre isso... Os planos mudaram”.

Após respirar fundo algumas vezes e tentar acalmar toda a bagunça de

sentimentos, lhe enviei o convite para uma chamada por vídeo antes mesmo de me dar ao trabalho de responder sua mensagem.

— *Você está linda, girassol.*

Apesar de seu tom de voz carinhoso, nesse momento, usando um moletom velho, com o cabelo sujo preso de qualquer maneira e acompanhada de uma taça de vinho eu me sentia tudo, menos bonita.

— Obrigada, acho que o verão europeu também te fez muito bem — devolvi com um sorriso discreto, embora não me sentisse tão bem-humorada. — O que mudou, Bê?

Coçando a nuca ao mesmo tempo em que evitava me encarar através da câmera, um claro sinal de nervosismo ou desconforto, Bernard suspirou enquanto se movia pelo quarto que ocupava, até se instalar no sofá.

— *O chef me convidou para estender a permanência. Nós sabíamos que essa possibilidade existia, eu te disse...*

— Sim, eu me lembro bem de você ter dito que seriam quatro meses, e talvez um pouco mais. — Interrompi, sentindo a impaciência e a amargura crescendo rápido dentro de mim. — Quanto tempo a mais, Bernard?

Após uma pausa breve, seu tom era contido e receoso quando voltou a falar.

— *Eu não sei ao certo, talvez mais oito meses, mas é tudo muito incerto. Eu sei que parece muito tempo, girassol, mas...*

— Espere, você tem noção que mais oito meses aí, seria um ano desde a sua partida, certo? — questionei, incapaz de controlar a irritação em minha voz.

— *Amor... Sei que não está sendo fácil para você, assim como não está sendo para mim, mas essa oportunidade é...*

Embora Bernard continuasse falando e eu pudesse ver seus lábios se movendo na imagem da câmera, meu cérebro havia momentaneamente bloqueado sua voz e agora tudo que eu conseguia ouvir e recordar eram as coisas vividas ao longo do tempo em que convivemos fisicamente juntos. Nossos momentos felizes a cada reencontro, as preguiçosas manhãs de domingo, os

jantares divertidos quando decidíamos cozinhar juntos e os momentos de paixão, em que nos entregamos de corpo e alma.

Eram tantas lembranças apesar do breve período que tivemos, tantos bons momentos que vinham sendo deixados de lado e substituídos por novas memórias amargas, que pouco a pouco estavam manchando a parte bonita de nosso relacionamento.

— *...Eu não sei o que fazer. Não quero te perder, girassol, mas agora que já estou aqui também não quero abrir mão da oportunidade.* — O ouvi dizer, assim que saí de meu devaneio.

Antes mesmo que as palavras deixassem sua boca, eu sabia o que ele estava prestes a dizer. Em meu coração eu sabia o que ele poderia me pedir e inconscientemente eu já havia pesado tudo isso em uma balança ao longo dos últimos quatro meses.

Engolindo algumas vezes o nó que se instalou em minha garganta, precisei fazer um grande esforço para manter meu semblante neutro quando declarei:

— Bernard, levar o nosso namoro à distância só foi possível porque eu tinha motivos para acreditar que você voltaria para mim. Eu queria que desse certo, eu estava feliz ao seu lado e não queria que isso acabasse, mas agora...

— *Girassol...* — Bernard disse em tom de alerta, voltando a caminhar de um lado para o outro.

— Eu não me sinto da mesma maneira. — Continuei a dizer, sentindo meu coração se partir a cada palavra proferida. — Nós estamos nos afastando dia após dia. E assim como antes não era uma opção pedir que você desistisse de seu sonho, isso continua valendo. Eu tentei, Bernard, juro que tentei, mas para uma relação funcionar é necessário comprometimento dos dois...

— *Mariana, eu estou aqui, nada mudou, eu te amo...*

Mesmo sabendo que suas palavras e seus sentimentos eram ser verdadeiros, neguei discretamente, enquanto o assistia coçar a nuca, interromper a caminhada, para então recomeçar.

— *Não faz isso, girassol, não desista de nós, por favor.*

— Você sabe que tudo mudou. — Dei de ombros, sentindo-me derrotada.

— Eu... eu também te amo Bernard, muito, mas não posso mais fazer isso, eu não consigo — confessei, enquanto as lágrimas começavam a nublar minha visão de seu rosto.

Assim que as últimas palavras foram ditas, nós permanecemos em silêncio, apenas nos encarando.

Memorizando seu rosto bonito, que agora havia se transformado em uma máscara de tristeza, me questionei silenciosamente se estava sendo precipitada, se tal decisão era a correta. Depois de olhar a minha volta mais uma vez e me ver sozinha em meio a um monte de lembranças, que seriam as minhas únicas companheiras pelos próximos meses se eu aceitasse o que ele estava me pedindo, se eu aceitasse a sua ausência, repeti:

— Eu não consigo mais, Bernard. Me desculpe.

 *Bernard*

— Eu não tenho a vida toda, Lessard! — o chef gritou no exato instante em que eu descartava no lixo mais uma porção de cebolas que deveriam ser caramelizadas, mas que estavam completamente queimadas.

— Sim, chef.

Sem tempo para respirar e clarear as ideias em meio a uma cozinha agitada, bloqueei toda e qualquer distração, e me concentrei em manter todos os meus sentidos na panela diante de mim, me esforçando ao máximo para fazer certo dessa vez.

Aparentemente eu vinha cometendo erros demais, dentro e fora da

cozinha.

Sem que novos incidentes acontecessem e eu precisasse me sentir um estúpido por isso, me despedi de meus colegas ao final de mais uma jornada insana na cozinha de um dos restaurantes mais tradicionais da pequena cidade, e segui caminhando de volta para meu apartamento alugado, no piso superior de uma lojinha.

Com a mente vagando sem rumo, só percebi que estava atravessando a praça onde Mari e eu havíamos nos “encontrado” nos finais de semana do primeiro mês após a minha mudança, quando senti meu coração falhar uma batida.

Observando alguns casais que caminhavam tranquilamente por ali, trocando sorrisos e olhares apaixonados, não consegui evitar alguns questionamentos sobre minhas últimas decisões, por mais que elas tivessem me parecido corretas em um primeiro momento.

Sentindo o corpo cansado após um longo dia de trabalho, que deveria ter me deixado feliz e realizado por estar fazendo o que tanto amava na companhia de um grande chef, lá estava eu mais uma vez largado em minha cama, sem conseguir dormir, encarando o celular à espera de uma mensagem que como eu bem sabia, não viria. Havia sido assim nos últimos dois meses, um completo silêncio de sua parte, que não me dava um motivo sequer para pensar que mudaria agora.

Embora Mariana tivesse dado sua palavra final, parte de mim ainda nutria esperanças de que ela fosse voltar atrás cedo ou tarde. Eu ainda queria acreditar que ela se arrependeria de sua decisão, e não por ego, mas pela alegria que era tê-la em minha vida.

Apesar de meus deslizes e de negligenciar inconscientemente nossa relação no decorrer dos primeiros meses longe, os meus sentimentos não haviam mudado, eu a amava e mais do que isso, desejava que fosse recíproco.

Ainda me apoiando na desculpa do término recente, abri suas redes sociais em busca de qualquer coisa que me desse indícios de como ela estava, mesmo

sabendo o quanto Mariana era reservada demais nesse quesito.

Depois de olhar suas últimas publicações e não encontrar nada de novo, além de uma foto de sua silhueta encarando o mar, deixei que a curiosidade me conduzisse até seu álbum de fotos e o que encontrei ali, ou melhor, o que não encontrei, fez com que parte das minhas esperanças desaparecessem, juntamente com as nossas fotos, que haviam sido removidas como se nunca houvesse existido um “nós”.

Com a mente e o coração processando o que estava diante de meus olhos, me questionei novamente se havia felicidade sem sacrifícios, uma vez que precisei abrir mão de um amor, para viver o meu sonho.

Capítulo 39

Recomeço

Embora ser uma das primeiras pessoas a embarcar tivesse lá as suas vantagens, como a de não correr o risco de perder o voo, por outro lado havia a desvantagem de ter que aguardar até que todos os passageiros estivessem à bordo, então, sem ter muito o que fazer naquele meio tempo de espera, apanhei o celular no bolso frontal da mochila acomodada aos meus pés e decidi checar minhas redes sociais antes da decolagem.

A primeira imagem exibida assim que o aplicativo carregou foi uma de Grazi e Matheus, exatamente um ano atrás, no dia mais feliz de suas vidas, em seu casamento. Apesar de se tratar de uma simples foto, que de simples não tinha muita coisa a julgar pelos trajes que ambos usavam, o que realmente chamava atenção no registro era a alegria e o amor explícito na maneira como se olhavam, quase como se estivessem envoltos em uma bolha de paixão, que como eu bem sabia perdurava até o momento, quando celebravam as suas bodas papel.

— É hora da noiva jogar o buquê! — a cerimonialista avisou ao parar junto de mim e de Grazi.

— Junte-se às outras! — ordenou minha amiga, assim que a mulher se afastou.

— Grazi...

— Sem desculpas, apenas vá — insistiu, virando-se de costas para o pequeno aglomerado de mulheres solteiras que se formava no gramado.

Sabendo que de nada adiantaria debater com ela, cumpri mais uma vez o meu papel de madrinha e amiga e caminhei para junto das outras, porém, me

posicionei mais ao fundo, ligeiramente afastada das que estavam prontas para disputarem o buquê. Mantendo os olhos na noiva, que por sinal se via deslumbrante, tive a certeza de que ela não havia se virado para trás uma única vez antes de a contagem regressiva começar.

— Um, dois, três e... já — gritou animada, arremessando por cima de sua cabeça o pequeno arranjo de flores.

Enquanto algumas se empurravam e avançavam alguns passos, com as cabeças voltadas para cima tentando calcular aonde o buquê cairia, eu apenas permaneci ali, parada, assistindo a trajetória das flores, e quando o arranjo veio em minha direção à ponto de eu só precisar estender o braço para apanhá-lo, quase não acreditei.

Como o esperado, algumas torceram a cara por meu feito, outras sorriram com diversão e me parabenizaram, por sua vez, Grazi veio até mim e depois de me envolver em um abraço apertado sussurrou:

— O amor já veio até você uma vez, amiga, ele sabe como te reencontrar. — Sem me dar a chance de rebater suas palavras, ela se afastou no instante seguinte, com um sorriso bonito nos lábios e seguiu para junto de seu noivo, que estava tão radiante quanto ela.

Apesar de jamais admitir isso em voz alta, eu havia desejado nos meses seguintes que as palavras de Grazi se tornassem reais, que Bernard me procurasse dentro do prazo estipulado por ele, e quando isso não aconteceu, entendi que tudo realmente não havia passado de um desejo e a nossa história havia chegado ao fim, tão inesperadamente quanto havia começado.

Por algum tempo após o nosso término eu ainda havia acompanhado a sua trajetória nas redes sociais, mas quando isso se tornou doloroso demais para eu aguentar, fiz o que era esperado desde o rompimento, eu o deixei ir de uma vez por todas.

Sentindo a cabeça pesar com a lembrança, exalei com um suspiro a respiração que inconscientemente estava presa em meu peito. Depois de erguer o rosto e constatar que boa parte das poltronas ainda estavam sendo ocupadas e

que ninguém realmente prestava atenção em mim, que havia me emocionado por todas as memórias que uma simples publicação desencadeou, sequei a lágrima solitária que escorreu por minha bochecha e voltei a rolar a tela.

Logo mais abaixo me deparei com a minha própria publicação feita na noite passada, uma porção de foto de meus últimos dias de férias pela Itália. Sentindo saudades daquele lugar quando sequer havia partido, passei a observar cada uma das imagens, que jamais me deixariam esquecer de dias tão incríveis.

— Bom dia, senhores passageiros, o comandante De Luca e sua tripulação lhes dão as boas-vindas a bordo. — Saudou através do sistema de som da aeronave, atraindo minha atenção. — Este voo partirá em breve de Roma com destino a São Paulo, Brasil e dentro de instantes iniciaremos o procedimento de emergência e decolagem. À todos uma boa viagem.

Assim que a voz do comandante deixou de soar no sistema de som, voltei minha atenção para o aparelho em minhas mãos. Depois de ativar o “modo avião”, continuei apreciando minha coleção de registros na galeria do aparelho e não mais na rede social, que exigia uma conexão com a internet.

Em meio a tantas fotos reunidas, uma delas, que não havia sido compartilhada em canto algum chamou minha atenção. À primeira vista, a imagem em questão não parecia ter significado algum, já que se tratava da foto de uma refeição qualquer, mas eu sabia que a única coisa que me fez pedir um prato de Risoto de Funghi na noite em que o registro foi feito, tinha sido a lembrança de Bernard, que vez ou outra me assombrava, mesmo após um ano e meio desde que havíamos nos falado pela última vez.

Desviando os olhos do celular e me concentrando no céu azul, visível através da janelinha, engoli o nó que estava em minha garganta, que justifiquei para mim mesma ser culpa da decolagem e não do fato de novamente pensar no homem que havia roubado meu coração, e assisti o chão se distanciar mais e mais, conforme o avião começava a ganhar os céus.

Com a aeronave ligeiramente estabilizada, embora ainda estivesse com a parte frontal apontada para cima, voltei minha atenção para o aparelho que

seguia em minhas mãos. Deixando para trás a foto que havia causado um certo alvoroço dentro de mim, apreciei meu retrato em frente às águas muito azuis da *Fontana di Trevi*, sorri para imagem de um punhado de gôndolas navegando pelas águas de Veneza, e novamente senti meu coração adquirir um ritmo errático ao chegar em uma foto específica.

Quando decidi incluir Verona como um dos destinos de minha viagem, sabia que no fundo estava brincando com meus sentimentos, afinal de contas, Julieta também não havia tido um final feliz com seu amado, mas ainda assim, ignorei os sinais de alerta com a desculpa de ser o cenário de um de meus filmes de romance preferido.

Embora os meus planos de conhecer a *Casa de Julieta* inicialmente se limitassem a uma breve visita, me vi tocada pela energia emanada naquele lugar e quando dei por mim, já havia escrito em um pedaço de papel e colocado entre os tijolos a “profecia” feita por Glória, que havia me levado até Bernard.

Secando outra lágrima que escorria sem a minha permissão, me dei conta de que o melhor exemplo para tudo que eu havia vivido no último ano certamente seria essa situação de decolagens, pousos e algumas turbulências no meio do trajeto. Em meio a momentos que me proporcionaram alegria, diversão, e outros que me causaram medo e mágoa, eu havia ido do céu ao inferno em um piscar de olhos.

Romper com Bernard não foi a decisão mais fácil de se tomar, e a julgar pelas vezes que chorei depois disso, pelo vazio que sentia em meu peito juntamente com a angústia e incerteza se havia feito a coisa certa, eu tampouco diria que foi indolor, mas no fim entendi que era necessário, mesmo tendo me machucado no processo.

Ajudar Grazi com os detalhes do casamento, que por sinal havia sido lindo, e planejar uma viagem de férias me ajudaram a acelerar o processo de cura. Com o passar dos meses em que Bernard e eu já não formávamos um “nós”, precisei aprender a guardar meus sentimentos por ele em um cantinho dentro de mim e voltar a seguir em frente, exatamente como vinha fazendo antes

de nossos caminhos se cruzarem.

Tomada por um misto de emoções que se alternavam entre coração apertado e a sensação de leveza, guardei o celular, me acomodei melhor na poltrona, ajeitei minha postura e mantive o olhar no horizonte.

Apesar de tudo que havia vivido até o momento, agora eu me sentia pronta para voltar para casa.

Capítulo 40

Reencontro

Assistir o avião aterrissar após apenas uma hora de voo devido a medidas de segurança por falha técnica na aeronave não estava em meus planos, mas considerando que sofrer um acidente aéreo também não era uma opção, acabei me dando por satisfeita e me sentindo aliviada de poder pisar novamente em terra firme, bem, exceto por um pequeno detalhe envolvendo nosso destino temporário: Paris.

Embora conscientemente eu soubesse que a França não tinha nada a ver com o fato de Bernard e eu termos rompido, e que os únicos culpados éramos nós, que não soubemos lidar com a situação toda, inconscientemente era mais fácil me isentar da culpa e descontar a minha raiva neste lugar, por isso, saber que ficaria presa até o dia seguinte nesta cidade até ser remanejada para um novo voo não me agradou tanto quanto a outros passageiros.

Acomodada em um hotel à encargo da companhia aérea e com tempo livre o suficiente para explorar os pontos principais da cidade luz, decidi fazer valer a pena a parada não programada. Ao longo das vinte e quatro horas que sucederam a minha chegada à Paris optei por dormir pouco e visitar o máximo de lugares possíveis, e quando chegou a hora de ir embora, eu havia me libertado de todos os sentimentos ruins que envolviam a cidade, e prometi a mim mesma que num futuro próximo voltaria com mais tempo para aproveitar aquele lugar espetacular.

Por conta dos imprevistos causados no dia anterior, eu estava recebendo um tratamento diferenciado da companhia aérea, sendo um deles o serviço de

transfer que me buscou no hotel e se dispôs a me levar à um dos quatro aeroportos da cidade, me poupando de enfrentar uma viagem de metrô e de trem com uma bagagem pesada para um lugar tão remoto.

Devido ao trânsito intenso e algumas manifestações acontecendo na cidade, que muito me lembravam o lugar onde eu morava, a viagem de carro começou a se estender por mais tempo do que o previsto, desencadeando em mim uma onda de ansiedade a cada vez que eu olhava no relógio e via a proximidade com a hora em que deveria estar no aeroporto.

Depois de muito pedir ao universo que colaborasse comigo, de fato os caminhos se abriram, mas nem por isso tive tempo de respirar aliviada. Assim que o carro parou diante de uma das entradas do aeroporto, eu saltei para fora do veículo, apanhei a minha bagagem no compartimento traseiro e me despedi do homem com um “*merci*”, antes de começar a caminhar apressadamente pelo saguão do aeroporto em busca do balcão da companhia aérea.

Andando de um lado para o outro sem encontrar o lugar onde precisava realmente ir, senti meu nervosismo aumentar quando o sistema de som anunciou que o *check in* e o despacho de bagagens para o meu voo estava prestes a terminar.

— Merda, com emoção mais uma vez — resmunguei baixo, olhando ao redor. Como se surgisse diante de meus olhos sob uma luz divina, avistei o logotipo da empresa aérea à uns bons metros de distância, e sem muitas opções naquele momento, fiz o impensado e menos educado possível, comecei a correr.

Focada demais em chegar viva ao balcão, o que se tornou quase impossível com a mala se enroscando nos vinhos do chão e se desestabilizando pela velocidade que minhas pernas se moviam, sequer me dei ao trabalho de olhar à minha volta para ver se mais alguém fazia o mesmo que eu, ou se de repente a polícia me achava suspeita por correr daquela maneira.

— *Bonjour, mademoiselle.* — Saudou a atendente, com um sorriso

simpático e uma maquiagem impecável, enquanto que eu me sentia um verdadeiro desastre após a corrida.

— *Bonjour*.

Apesar de me esforçar para lhe retribuir o sorriso enquanto apanhava meus documentos dentro da mochila, supus que inevitavelmente minha expressão tivesse se parecido com uma careta, dado ao meu desespero.

Depois de lhe entregar a passagem e o passaporte, assisti pacientemente ela verificar as informações enquanto meu batimento cardíaco se regularizava, colar uma etiqueta em minha bagagem e a despachar por uma esteira às suas costas.

— *Bon voyage* — disse educadamente minutos mais tarde, me dispensando com um sorriso.

Ainda atordoada com toda a correria e o pavor de quase perder o *check in*, peguei os documentos entregues por ela, agradei com um meneio de cabeça e comecei a caminhar, enquanto tentava abrir um dos bolsos da mochila para guardar meus pertences.

Distraída com o zíper que havia escolhido justo aquele momento para ficar enroscado, não percebi que caminhava de encontro a outra pessoa até que a lateral de meu corpo se chocou contra ela e meus pertences foram ao chão.

— *Pardon* — declarei, antes que a pessoa resolvesse me xingar.

Abaixando-me rapidamente com medo de que algo importante se perdesse, como certa vez já havia acontecido, estiquei a mão para recolher meu passaporte no mesmo instante em que a outra pessoa o fez. Segurando cada um em uma extremidade do objeto, ergui meu rosto para lhe agradecer e assegurar que estava tudo bem, mas assim que meus olhos se fixaram em quem estava diante de mim, senti meu corpo amolecer, ao mesmo tempo em que o mundo a nossa volta deixou de existir.

— Girassol!?

Parecendo tão surpreso quanto eu, Bernard me encarou com curiosidade

por um longo minuto antes de sua expressão se transformar e um sorriso bonito surgir em seus lábios.

— Bernard — murmurei em meio a um ofego.

Confusa por estar frente a frente com ele e ainda supondo que aquilo poderia ser apenas um delírio de minha mente, permaneci parada, sentindo meu coração pulsar em um ritmo descompassado, pelo simples fato de estar na presença dele depois de tanto tempo.

Soltando o passaporte e desviando sua atenção de meu rosto por uma fração de segundos, ele recolheu a passagem que havia deslizado para debaixo de seus tênis quando tudo foi ao chão, e escorando uma mão em meu cotovelo, ajudou para que eu me levantasse, uma vez que permanecia imóvel, encarando-o como se o que eu visse não fosse real.

— Você se machucou?

Me segurando pelos ombros enquanto seu olhar me percorria de cima a baixo, provavelmente para checar se de fato estava tudo bem, não fui capaz de controlar o arrepio que percorreu o meu corpo em resposta à sua presença.

Sentindo a garganta seca, completamente incapaz de proferir uma única palavra, me limitei a apenas negar com um aceno. Parecendo satisfeito com a minha resposta, Bernard então apoiou uma mão na base de minhas costas e me guiou mais adiante, para longe do caminho de outros passantes, me deixando hiper consciente de sua proximidade e de seu inconfundível cheiro masculino, ligeiramente amadeirado, que eu tanto amava, além do calor de seu toque que irradiava por todo meu corpo através das camadas de roupa que eu usava.

— Ah, Mariana!

Mantendo o olhar incrédulo sobre mim, ele estendeu o braço, me devolvendo a passagem que quase se perdeu.

Tentando agir com a razão ao menos por um instante, enquanto que as minhas emoções me impulsionavam em sua direção, dei um passo para trás, me afastando de seu toque que por mais rápido e singelo que havia sido, provocou o inesperado em mim.

— Como você descobriu que eu estaria aqui? — questionei, guardando apressadamente as coisas em minha bolsa.

Sentindo-me ridícula no minuto seguinte pelo que havia acabado de falar, afinal de contas não tinha como ele saber onde eu estaria, voltei a me calar enquanto o encarava, esperando por uma resposta.

Olhando brevemente para os lados, e coçando a nuca em sinal de nervosismo ou inquietação, de repente me questionei se Bernard estava sozinho ou se buscava por alguém em meio à multidão.

“Bernard e eu não temos mais nada”, repeti para mim, enquanto sentia o meu estômago revirar com a simples possibilidade de vê-lo na companhia de outra.

— Será que podemos nos sentar e conversar por um instante?

Apesar do tom de voz calmo e controlado, eu podia ver a tempestade em seus olhos e antes que conseguisse me manter racionalmente no controle da situação, meu corpo já respondia por mim, concordando com um discreto aceno e caminhando junto dele em direção a um café mais à frente, uma vez que não havia muito o que fazer ao longo das próximas três horas, enquanto aguardava o meu voo para casa.

A verdade era que eu havia esperado por algo assim, pela oportunidade de conversar com Bernard há aproximadamente um ano atrás, e quando isso não aconteceu, acreditei que ele havia saído por completo de minha vida, mas agora, contra todas as possibilidades estávamos novamente frente a frente.

Eu só desejava não me ferir uma vez mais.

Capítulo 41

Destino

 Bernard

Quando comprei uma passagem só de ida para o Brasil, pensei que estava pronto para deixar o último ano de aprendizado para trás e voltar ao mundo real, acreditei estar muito certo de minha decisão e de tudo que faria assim colocasse os meus pés em São Paulo, como procurar por Mariana. Mas ao ficar cara a cara com ela, de maneira tão inesperada, vi toda a minha confiança ruir e me senti como um garoto inseguro.

Os olhos cor de chocolate ainda me pareciam hipnotizantes em seu rosto delicado, apesar de assustados, os lábios bem vermelhos ainda me faziam querer beijá-la como se não houvesse um amanhã e seu cheiro característico, de canela e algo mais, me transportava diretamente para as melhores lembranças que eu tinha de nós dois.

Observando suas mãos repousadas sobre a mesa, com os dedos entrelaçados à sua frente, livres de qualquer anel, me permiti respirar aliviado por um breve instante em meio a um pensamento egoísta ao supor que ela não havia deixado mais ninguém entrar em sua vida. O que, na verdade, poderia ser um completo equívoco de minha parte.

— Acredite, Mariana, encontrá-la aqui foi tão surpreendente para mim como provavelmente foi para você. E de certa forma me sinto sortudo por isso — declarei suavemente, observando um pequeno vinco se formar entre suas

sobrancelhas quando a chamei por seu nome.

Sem saber se minha resposta iria ou não lhe agradar, permaneci admirando-a, até ver a tensão de seus ombros diminuírem e ela relaxar um pouco mais contra a cadeira. Depois de concordar com um discreto aceno, ela então bebeu um gole do café que havia sido colocado à sua frente.

Devido a maneira como tudo havia acontecido e por sua decisão de colocar um fim em nosso relacionamento, eu não sabia se ainda tinha o direito de lhe perguntar algo a seu respeito, de lhe chamar por um apelido carinhoso ou qualquer outra coisa desse tipo, mas ainda assim decidi me arriscar, eu precisava deixar tudo às claras, precisava saber tudo sobre ela.

— Você está bem?

— Por que não estaria? Pela maneira como você me deixou?

Embora as suas palavras tivessem soado duras e me atingido como um soco no peito, eu sabia que elas não eram de todo mentira. Apesar de esse ser apenas o seu modo defensivo, não havia como lhe tirar a razão, eu realmente havia pedido que ela aceitasse menos do que merecia para que eu pudesse viver um sonho, o meu sonho de trabalhar com um grande chef e alavancar a minha carreira.

— Quem colocou um fim em nosso relacionamento foi você, gi... Mariana.

— Não venha me culpar, Bernard — advertiu, apesar do tom de voz inalterado. — Considerando como foram aqueles primeiros quatros meses, você acha que teria dado certo? O primeiro mês pode até ter funcionado, nós ainda estávamos empenhados em fazer dar certo, mas e depois, você ainda diria que era um relacionamento? Você acredita que com o abismo que foi se formando entre nós seria possível chegar até esse momento estando felizes?

Por mais que eu desejasse argumentar e dizer que ela estava errada, eu sabia que não era o caso. Com o passar do tempo a nossa distância foi se tornando muito maior do que os oito mil quilômetros que nos separava fisicamente. Era como se da mesma maneira inesperada que a vida havia nos

unido, ela estivesse nos levando pouco a pouco para longe um do outro.

— Eu aprendi muitas coisas ao longo desse último ano e uma delas foi que eu errei, Mariana. Não uma, mas várias vezes. Eu havia sonhado com isso por tanto tempo que não conseguia ver sob outra perspectiva, finalmente estava me realizando, porém, ao mesmo tempo estava pagando um preço alto. Errei ao depositar todas as minhas expectativas nessa vivência, ao deixar para trás o restaurante, a minha família e principalmente você.

— Você se arrepende das suas decisões?

Sob seu olhar atento, eu queria dizer as palavras certas que fossem me levar para mais perto dela, se é que isso ainda seria possível, por outro lado, fazer isso iria contra os meus aprendizados, então optei pela sinceridade, mesmo que ela não tivesse um sabor tão doce.

— De ter decidido vir? Não exatamente, mas me arrependo de não ter tentado conduzir as coisas de outra forma, me arrependo por apenas me deixar levar, quando na verdade poderia ter feito muito mais, especialmente por nós dois. Não me sinto nada orgulhoso das vezes que não mandei mensagem e dos “eu te amo” que deixei de dizer por pressa ou cansaço, não deveria ter sido assim.

Desviando os olhos dos meus, eu a vi engolir com um pouco de dificuldade, como se houvesse um nó em sua garganta e imediatamente adicionei mais isso à minha extensa lista de culpa, entretanto, não havia outra maneira, nós já havíamos adiado demais essa conversa e por mais insano que pudesse parecer, esse nosso reencontro não poderia ser em vão, eu queria acreditar que havia um motivo para isso.

— Não foi fácil para mim colocar um ponto final em nossa história, Bernard. Eu te amava, estava completamente apaixonada, você vinha me fazendo feliz como eu nunca havia sido, mas sentir isso tudo em meio ao que estávamos vivendo passou a me causar mais tristeza do que alegria.

Embora as palavras a respeito de seus sentimentos por mim tivessem sido ditas no passado e eu pudesse sentir a dor que acompanhava de cada uma

delas, vi algo brilhar em seus olhos quando Mariana deu voz a isso e por mais inseguro que estivesse até o momento, senti uma pontinha de esperança surgir em mim.

Desejando acabar de uma vez por todas com a angústia causada por tê-la diante de mim sem poder tocá-la, beijá-la ou expor os meus sentimentos, inspirei profundamente tomando um último sopro de coragem e declarei:

— Eu estou voltando definitivamente para o Brasil, a minha passagem só de ida está bem aqui. — Empurrei o pedaço de papel em sua direção. — Embora eu não saiba o que me espera a partir de agora, sei exatamente o que quero e preciso para ser tão feliz quanto já fui uma vez. Apesar dos meus erros, você pode me dar uma segunda chance?



No instante em que me sentei diante de Bernard, passei a travar uma batalha interna. Eram tantos pensamentos rondando a minha mente de uma só vez, tantas lembranças, boas e ruins se misturando, que eu não conseguia pensar com clareza.

Seu rosto permanecia tão bonito quanto me lembrava, com a barba de alguns dias recobrando seu queixo anguloso e os lábios cheios prontos para serem beijados, mas os seus olhos, esses sim tinham algo diferente. Eu podia ver a sinceridade de suas palavras através do brilho de seu olhar, que de tempestuoso foi passando gradativamente a esperançoso.

De alguma forma, os sentimentos adormecidos, reprimidos por mais de um ano e meio agora despertavam, eu podia ver isso claramente.

Encarando o papel que ele havia colocado diante de mim com todas as suas informações, não pude deixar de notar que era semelhante ao meu. Nós

estávamos no mesmo voo.

“Por que aqui? Por que agora? Eu nem deveria estar nessa cidade”, disse a mim mesma, ainda digerindo suas palavras enquanto tentava entender a magnitude disso tudo.

Erguendo o olhar do papel para voltar a admirar seu rosto, que vez ou outra ainda povoava os meus sonhos, fui surpreendida com a lembrança de um dos ensinamentos de Glória *“...o universo sempre encontra uma maneira de devolver tudo aquilo que está em sua posse e que nos pertence. Basta saber esperar”*.

— Bernard...

Comecei a dizer, mas parei logo a seguir, sem saber realmente o que dizer. Eram tantas incertezas, tantas possibilidades, tanta vontade de me lançar nos braços que um dia já haviam sido meu porto seguro e pedir que ele me protegesse de tudo.

“...você pode me dar uma segunda chance?” ele havia perguntado, mas eu seria capaz de deixar o passado para trás e lhe entregar novamente o meu coração, depois de toda tristeza que a nossa separação havia me causado? Seria capaz de lhe dizer não e seguir em frente com a minha vida como acreditava ter feito desde a sua partida?

Antes que qualquer pensamento racional pudesse se sobrepor ao ritmo errático de meu coração, que parecia pulsar pela primeira vez depois de muito tempo congelado, outra lembrança de Glória me alcançou, *“... tudo irá acontecer em seu devido tempo”*.

Impossibilitada de falar por um grande nó que havia se formado em minha garganta, juntamente com a sensação de ter meu nariz pinicando e os olhos se enchendo de lágrimas não derramadas, descruzei os meus dedos que a essa altura já estavam trêmulos, estendi a mão por cima da mesa e pousei sobre a dele.

Assim como da primeira vez em que havíamos nos tocado, e em tantas outras que vieram depois daquele esbarrão no metrô, uma corrente elétrica vinda

dele percorreu o meu corpo, aquecendo cada parte de mim.

— Girassol? — Ele chamou, fazendo as borboletas alçarem voo em meu estômago, enquanto nossos olhares voltavam a se encontrar. — Você precisa saber que nem por um segundo enquanto estive longe de você, deixei de te amar.

Incapaz de refrear a emoção provocada por suas palavras, permiti que as lágrimas escorressem livremente por meu rosto. Em uma fração de segundos senti nossas mãos se soltarem, para logo depois ter seus braços ao meu redor e meu rosto pressionado contra seu pescoço, me proporcionando uma sensação de paz.

— Eu te amo, Bernard *Pedro* Lessard.

Epílogo

Florescer

Com a lateral do rosto pressionada contra seu peito ouvindo seu coração descompassado e seus braços ao meu redor, traçando desenhos imaginários em minha pele que se arrepiava ao seu toque, finalmente eu sentia como se após uma longa busca eu finalmente tivesse encontrado meu lugar no mundo, Bernard era meu encaixe perfeito, e apesar do período que passamos separados eu nunca havia duvidado disso.

— Girassol, essa situação... eu não sei, isso não está mais funcionando.

Quebrando o silêncio do quarto com uma fala aleatória que provavelmente fazia algum sentido em sua mente, em um piscar de olhos me vi alarmada com o que estava por vir. Sem conseguir pensar em qualquer resposta, ainda que para incentivá-lo a continuar com o pensamento, me limitei a mover o rosto o suficiente para encontrar seu olhar, que estava fixo no teto.

— Eu tentei pensar em mil maneiras de te falar isso, mas simplesmente não tem um jeito fácil. — Continuou, me deixando tensa sob seu toque enquanto acompanhava o rumo que seu discurso estava tomando. — Eu não estou feliz assim, eu te amo, mas dessa maneira não dá para continuar.

— Bernard... — Ofeguei, pega de surpresa.

Me levantando um pouco mais para que pudesse encará-lo, ele finalmente deixou de me evitar e seu olhar finalmente encontrou o meu.

— Nós já passamos tempo demais separados e isso não faz sentido, girassol. Você não sabe o quanto eu adoraria voltar para a casa todas as noites, após uma jornada no restaurante, apenas para te encontrar aqui.

Sentindo como se um peso esmagador tivesse sido removido de meu peito, deixei que meus braços trêmulos relaxassem e voltei a me deitar sobre seu peitoral.

— Eu poderia te matar, depois do que você acaba de fazer — disse ameaçadora, sentindo meu coração bater acelerado por motivos errados.

— Me matar de amor? — brincou, não me levando a sério. — Venha morar comigo, amour.

Em um primeiro momento, era simplesmente assustador pensar em abrir mão do meu espaço, da independência que eu tanto batalhei para ter, afinal de contas, eram as minhas coisas, a minha rotina e uma porção de manias que eu havia adquirido morando sozinha. Mas ao mesmo tempo era bom estar com ele e apesar de nosso reencontro ter acontecido há pouco tempo, parecia que isso estava em um passado muito distante.

Estar com ele trazia mais cor e mais vida para os meus dias, fazia os meus sorrisos serem maiores, os meus suspiros mais apaixonados e a minha vontade de cantar no chuveiro músicas melosas, ainda que de maneira desafinada, tivessem um propósito. Eu sabia que havia vida sem Bernard, mas sabia também que ao lado dele tudo seria mais especial, por isso, sem precisar de mais do que esses poucos segundos para pensar, voltei a encará-lo antes de responder:

— Acho que aquele girassol sob a redoma que você me deu vai ficar perfeito nessa mesinha de cabeceira, mas saiba que vamos precisar de um novo armário para as minhas roupas.

Foi somente quando uma gargalhada leve e divertida explodiu de sua boca, soando como música para os meus ouvidos, é que eu me dei conta o quanto ele estava aflito esperando por minha resposta.

— Eu te amo, minha girassol.

— Eu te amo, meu amor.



Quanto a vida de uma pessoa pode mudar em um intervalo de dois anos? Bem, desde que Mariana havia esbarrado em mim pela segunda vez, do outro lado do mundo quando sequer havia planos de nos encontrarmos, muita coisa mudou.

Apesar de declararmos o nosso amor um para o outro no saguão do aeroporto, tanto ela quanto eu sabíamos que apenas o sentimento não poderia nos manter juntos, afinal de contas, além de termos amadurecido neste período, nós havíamos passado mais tempo separados do que juntos, havíamos desgastado uma relação quando ela ainda estava começando, e ignorar isso tudo não era uma opção. Não quando a presença de Mariana em minha vida havia sido diferente de tudo e nenhuma relação que eu já houvesse experimentado pudesse se comparar. Agora, olhando para trás, era fácil entender a razão.

Acreditando ou não em almas gêmeas, coincidências ou destino, não me restava dúvidas de que havíamos sido feitos para estarmos juntos, e por isso eu me sentia mais do que pronto para dar um passo adiante, que na verdade viria apenas para oficializar nosso relacionamento, uma vez que já vivíamos sob o mesmo teto desde que poucas semanas haviam se passado após o nosso reencontro.

Sobrecarregada com o trabalho como a minha girassol estava, precisei recorrer à Graziela para tirá-la de casa por um período que me permitisse preparar uma surpresa. Após dias conturbados e estressantes que vinham lhe deixando ora pilhada ora aérea, eu só queria lhe proporcionar uma noite especial.

Depois de deixar tudo encaminhado na cozinha, tomei um banho rápido, me vesti um pouco melhor do que faria para um jantar rotineiro e voltei para a cozinha. No horário previsto ouvi a chave ser colocada na fechadura e instantes

depois a porta se abriu.

— O cheiro está maravilhoso.

— E quando não está? — provoquei, sabendo que isso iria atraí-la até mim.

Embora eu não soubesse qual desculpa Grazi havia usado para entreter Mariana por toda a tarde, eu precisaria lhe agradecer em breve. Com o que parecia ser uma roupa nova e uma maquiagem delicada, minha namorada estava ainda mais bonita que o habitual.

— Quando eu tento cozinhar e erro a receita, deixando tudo queimar — devolveu, me fazendo rir ao dizer isso como se não fosse nada demais.

— Mas você sempre pode me ajudar, chegou na hora certa.

Concordando com um aceno, ela então se aproximou da pia onde lavou as mãos e depois veio até mim, me dando um beijo rápido antes de se recostar contra a bancada a espera de instruções.

Atento ao processo de finalização da receita, pedi:

— Amor, minha agenda está logo ali — indiquei a direção com o olhar.
— Por favor, abra para mim na página marcada e leia a anotação?

Afastando-se alguns passos no exato instante em que desliguei o fogão e me dediquei apenas a admirá-la, Mariana apanhou o objeto. Concentrada na tarefa simples, seus dedos deslizaram através das bordas externas das páginas e então abriu no lugar indicado.

Encarando em silêncio a agenda em suas mãos, ela permaneceu parada, completamente imóvel, com os lábios ligeiramente afastados formando um “O”, e quando ela enfim decidiu me encarar, não pude deixar de notar seus olhos marejados.

— Isso é sério? — perguntou com a voz trêmula.

— O que diz aí, amor?

— Pedir Mariana em casamento. — Leu com a voz vacilante. — Jantar de noivado, se ela aceitar. — Completou, desviando os olhos do papel de volta para mim.

Depois de encurtar a distância que havia entre nós e parar frente a frente com ela, que seguia me encarando através das lágrimas que inundavam seus grandes olhos expressivos, apanhei a agenda, removi a fita adesiva que mantinha o anel preso a uma das páginas e depois de colocar o objeto de lado, peguei uma de suas mãos que seguiam imóveis e voltei a encará-la.

— Girassol, certa vez nós precisamos ficar afastados e ambos sabemos o quanto não foi fácil, mas de alguma maneira nossos caminhos voltaram a se cruzar. Desde então, tenho vivido os meus melhores dias em sua companhia, e gostaria que fosse assim por toda a minha vida, por isso hoje eu te pergunto, você aceita se casar comigo?

Atento a toda e qualquer reação que ela poderia esboçar, vi o exato instante em que um tímido aceno de cabeça se tornou um punhado de lágrimas silenciosas e um sorriso de lábios trêmulos, que apesar de tudo, foi capaz de proferir com determinação as palavras que tanto desejei ouvir:

— Eu aceito.

Sentindo-me aliviado e extremamente feliz, baixei o olhar para o anel posicionado na ponta de seu dedo e o deslizei por toda extensão, até que se acomodasse em seu devido lugar. Quando nossos olhares voltaram a se encontrar, ela ainda sustentava o sorriso amplo.

Deslizando o dorso de minha mão por suas bochechas, sequei as lágrimas que escorriam por sua pele delicada e mantendo seu rosto entre as minhas mãos, eu a beijei, a princípio com um suave roçar de lábios e mordiscadas, a seguir, com nossas línguas se enroscando e exigindo mais. Quando nossas respirações se tornaram ofegantes demais, colocamos um fim ao beijo.

Antes que eu pudesse dizer ou demonstrar um pouco mais de meu amor por ela, Mariana deu um passo atrás.

— Você acredita em destino, Bê?

— Depois de tudo que vivemos, por que não acreditaria?

Apesar de não saber se havia de fato uma resposta certa para essa

pergunta, o sorriso que se espalhou por seus lábios me fez acreditar que sim.

— Feche os olhos e não se mova.

— Quer dizer que hoje eu não sou o único a fazer surpresas? — perguntei, atendendo ao seu pedido.

— Ao que parece, estamos em sincronia.

Atento à sua voz e aos sons do ambiente, constatei que ela mal havia se afastado, quando seus passos voltaram a soar em minha direção.

— Abra os olhos, amor.

Sentindo sua presença, imediatamente fiz o que me foi pedido. Diante de mim, Mariana segurava um vaso de flor simples, que continha um único girassol, um pouco menor dos que eu costumava ver por aí. Sem entender do que se tratava, arqueei uma sobrancelha em questionamento e sorri, esperando por uma explicação.

— Assim como as flores necessitam de condições favoráveis para que possam florescer, um relacionamento também precisa. Nesse tempo que estamos juntos você me fez feliz, me respeitou, cuidou de mim e mais do que tudo, me amou... Amou tanto que agora nós florescemos e ao invés de dois, nos tornamos três. — Sorrii docemente, deixando que novas lágrimas deslizassem por seu rosto enquanto eu assimilava suas palavras.

— Nós... nós vamos ser pais? — perguntei, ainda incerto se havia compreendido suas palavras.

— Parabéns, meu amor — disse suavemente, em meio a um aceno positivo.

Com Mariana ainda segurando o pequeno girassol em suas mãos, envolvi meus braços ao redor de seu corpo e suspendendo-a minimamente, girei a nós dois, enquanto o delicioso som de sua gargalhada preenchia o ambiente. Não querendo deixá-la zonza, interrompi o movimento logo depois e com ela ainda presa entre meus braços, sussurrei:

— Eu amo vocês, meus girassóis.

Agradecimentos

Procura-se Pedro surgiu de maneira inesperada, em um momento turbulento, onde eu precisava mais do que tudo me agarrar em algo e enxergar um novo rumo. A responsável por isso? Claudenis Marcolino, ou apenas Clau, por quem tenho muito carinho e uma enorme gratidão. Obrigada por tudo que você já fez e certamente ainda irá fazer por mim.

Eu me sinto muito afortunada de poder dizer que tenho amigas sensacionais, como Aretha V. Guedes, Dani Smith, Carol Moura, Manu Sousa, Maya Almeida e Kika Andrade, que me apoiaram, me estimularam e não me deixaram desistir de seguir em frente com essa história, nas vezes em que tropecei. Meninas, as nossas incessantes conversas no Whatsapp fazem os meus dias mais divertidos e eu sou feliz por ter vocês comigo.

Gostaria de agradecer também ao Joe Editorial, responsável por essa capa maravilhosa e a equipe do Expresso das Letras, que tiveram um cuidado ímpar com essa história, prezando sempre pela melhor revisão. Vocês foram sensacionais, muito obrigada!

Por fim, agradeço à minha família, que sempre me apoia e vibra a cada nova conquista, e a você, que leu esse livro. Espero que a história de Mariana e Bernard tenha lhe trazido um pouco de leveza e alguns sorrisos durante a leitura.

Conheça outras obras da autora

O Amor não tem Regras



Sinopse

Após partir do Brasil deixando um coração quebrado para trás, um leque de novas possibilidades se abre diante dos olhos de Valentina ao aterrissar em terras espanholas.

Desejando apenas fazer sua residência ao lado de um renomado cardiologista europeu e desfrutar da companhia de sua melhor amiga para todas as horas, Tina vê as coisas saírem de controle quando seu caminho cruza com o de grandes astros do futebol.

Rodeada de uma realidade a qual não pertence e com medo de se entregar novamente ao amor, Valentina precisará aprender que não se pode escolher por quem se apaixona, ainda mais quando há uma marcação cerrada ao seu redor, e o que está em jogo é o seu coração.

Uma Bela Jogada
Um conto de “O Amor não tem Regras”



Sinopse

Casada com um astro do futebol há três anos, Valentina acredita que as finais de campeonato ao lado de seu marido lhe prepararam o suficiente para enfrentar as emoções que uma copa do mundo pode lhe reservar. Mas o que ela e seu charmoso espanhol não imaginam, é que o destino possui um plano para eles, e que às vezes, uma bela jogada também pode acontecer fora dos gramados.

Doce Rendição
Spin Off de “O Amor não tem Regras”



Sinopse

Acostumada a estar no controle de sua vida, a jovem neurocirurgiã Daniela Gutierrez vê seu mundo sair do eixo quando sonhos *calientes* envolvendo seu chefe, o renomado cirurgião cardíaco Marco Serrato, passam a lhe tirar o sono.

Acreditando se tratar de uma simples atração passageira, Daniela fica dividida entre a razão e o desejo quando passa a ser correspondida por ele.

Por muito tempo Marco deixou que um fantasma do passado lhe impedisse de seguir adiante e ser feliz, mas agora que ele provou dos lábios de Daniela, está determinado a deixar isso para trás e viver um novo amor. Só lhe resta fazê-la enxergar a verdade: juntos eles são melhores do que separados.

Em Busca de mim



Sinopse

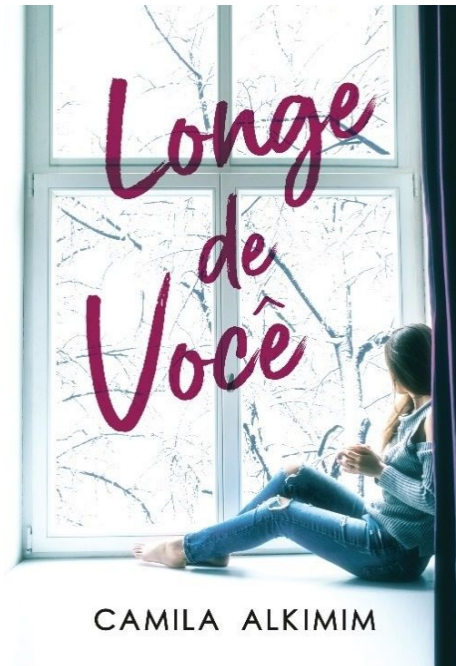
Após ser traída por seu namorado, Sophie só tem um desejo em mente: aproveitar o verão na praia.

Mas o destino não pode ser controlado, e após uma fatídica noite, Sophie vê todos os seus planos mudarem. Decidida a assumir o controle de sua vida, ela pega as chaves do carro e cai na estrada.

Ao entrar em um restaurante de beira de estrada, a última coisa que procurava era se meter em problemas, mas quando seus olhos pousaram no moreno misterioso, ela soube que ele não seria esquecido tão facilmente.

A bordo de seu Mustang, em meio a encontros inesperados, belas paisagens e o que promete ser a viagem de sua vida, quem poderá prever quais outras surpresas Sophie encontrará em seu caminho?

Longe de Você



Sinopse

Quando ele partiu sem qualquer explicação, Elizabeth acreditou que nunca mais o veria, e por isso seguiu em frente com a sua vida, exatamente como deveria ser.

Mas agora, anos depois, Arthur está de volta e Elizabeth se vê em uma situação da qual não havia imaginado, tendo que lidar com sentimentos até então adormecidos.

Possuindo diante de si uma nova chance de amar, tudo que Liz precisa fazer é decidir o quanto vale a pena esquecer os erros do passado e mergulhar de cabeça no que o destino lhe reserva.

Além da meia noite



Sinopse

Ao subir a bordo de um navio de luxo, Julia percebe que alguns dias de diversão e drinks à beira da piscina é tudo o que ela e sua melhor amiga precisam para começarem o novo ano com o pé direito.

Convencida de que o azar no amor é um sinal de sorte no jogo, ela decide apostar uma alta quantia no cassino do navio. O que Julia não esperava é que pudesse perder tanto dinheiro. Agora, só um moreno misterioso e sua proposta indecente poderá salvá-la de um réveillon desastroso.